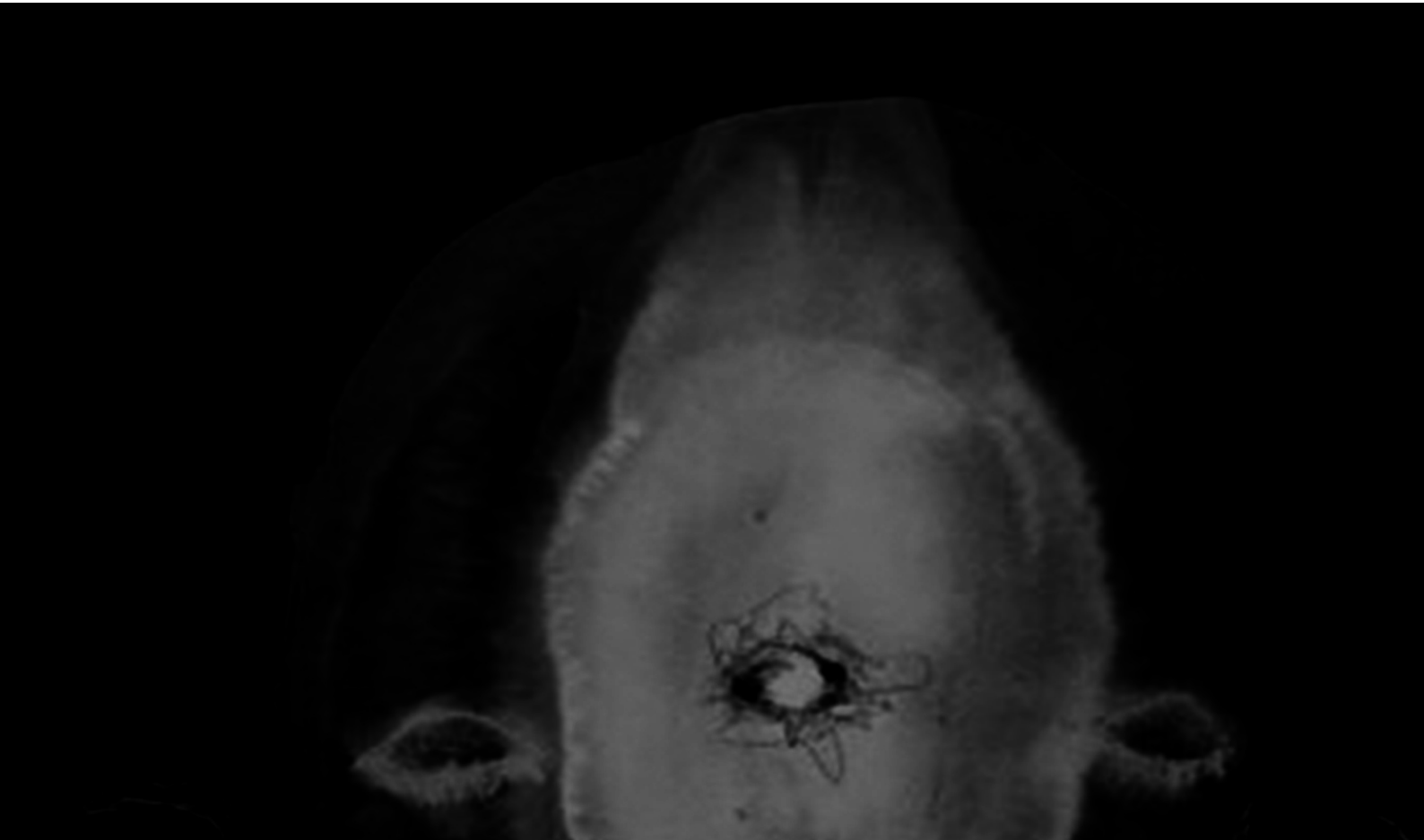


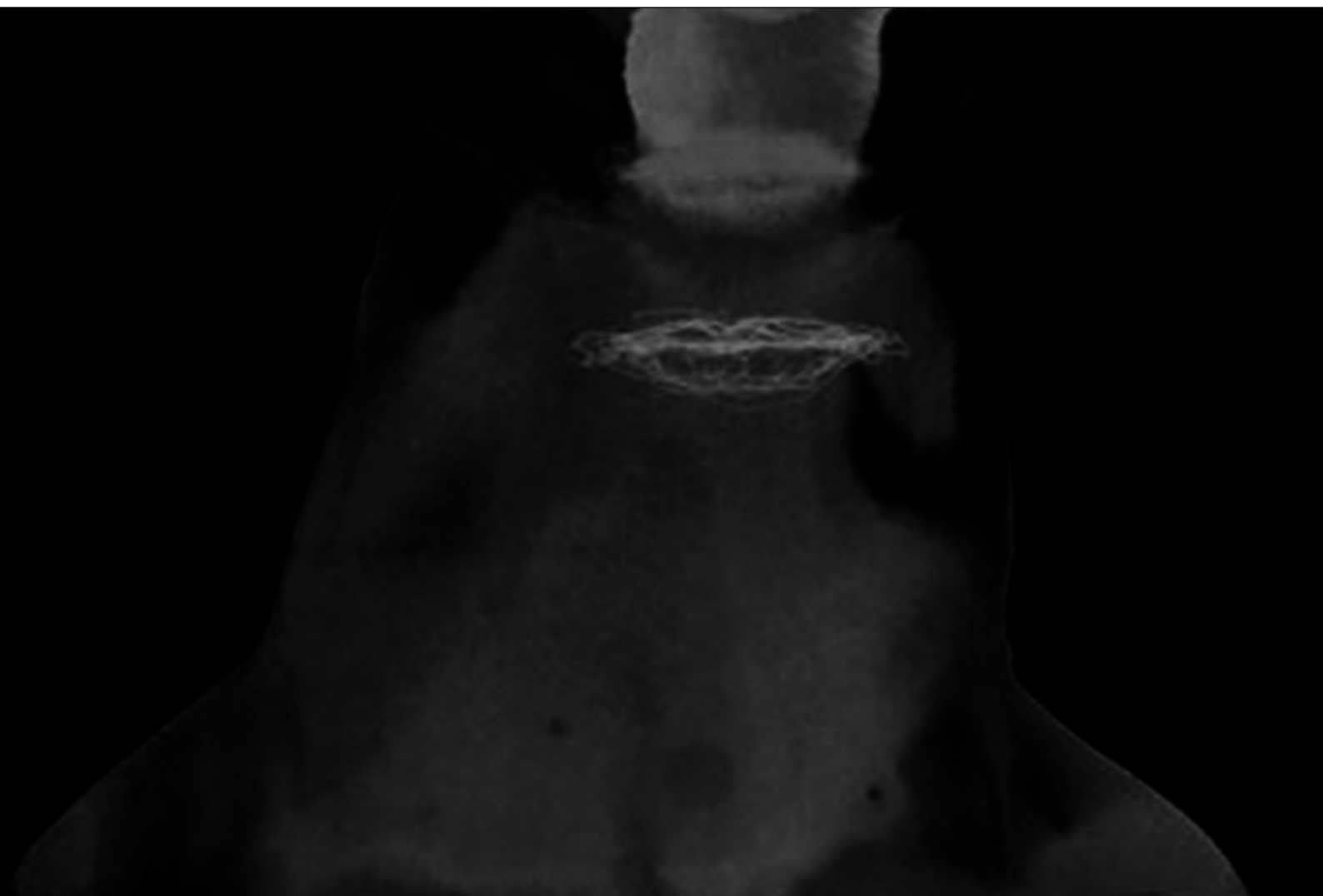
AS NOVAS VOZES

nicolau saião





AS NOVAS VOZES





Colección Libros Imposibles

AS NOVAS

VOZES

NICOLAU SAIÃO

Saião, Nicolau, 2025
As novas vozes / Nicolau Saião, --1-- ed
Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.
271 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 62 > <Digital>

Primera Edición, 2025

Colección Libros Imposibles #62

© *As novas vozes*

© Nicolau Saião

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada & ensayo fotográfico:

Florianos Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El Autor



Nicolau Saião e a persistência do surrealismo como insurreição do real

Ao vaguear pelas páginas de *As Novas Vozes*, o leitor não se encontra perante uma mera coletânea de textos, mas diante de uma incursão vívida num território onde a palavra, tal como no manifesto fundacional de André Breton (1924), se faz “exploração do pensamento em ausência de qualquer controlo exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral”. Nicolau Saião, escritor de rara lucidez e densidade poética, inscreve-se na genealogia mais legítima do surrealismo, quer enquanto movimento literário e artístico, quer como atitude ética de insurgência contra os automatismos ideológicos e as prisões da consciência normativa.

Desde os seus vínculos históricos com o *Bureau Surrealista Alentejano* e, mais tarde, com o *Bureau Surrealista de Lisboa*, Saião estabeleceu uma ponte viva com figuras tutelares do surrealismo português, como Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, com quem manteve diálogos criativos, correspondência e cumplicidade estética. Porém, o seu trabalho ultrapassa o mero exercício de continuidade: nele, reencontramos o espírito de Artaud, a violência simbólica de Benjamin Péret, e a imagética transgressora que reconfigura o real, tal como o inconsciente o reconfigura nos sonhos.

A obra reunida neste volume – entre entrevistas, evocações críticas e poemas – dá corpo a essa lógica subterrânea, muitas vezes onírica, onde o tempo histórico é atravessado por vozes fantasmáticas, duplos, restos diurnos e pulsões recalçadas. Como bem o diagnosticou Freud em *Die Traumdeutung* (1900), o sonho é a via régia para o inconsciente – e é precisamente essa via que Saião percorre com rigor, humor e uma pungente ironia. Os seus textos instalam-se na fenda entre o manifesto e a ficção, entre a lucidez poética e o delírio organizado, numa filiação que Lacan (1966) veria como “o real enquanto impossível”.

Não será despropositado afirmar que Nicolau Saião contribui, com esta obra, para um dos grandes desígnios do surrealismo: o reencantamento do mundo através da palavra poética, da imagem insólita, da liberdade simbólica. Como o próprio escreveu em “NS, um voo sobre o surrealismo”, trata-se de “erguer-se contra a história” e de “emitir sinais para além do convencional”. Essa resistência ativa ao apagamento do imaginário faz da sua escrita

um gesto clínico – no sentido freudiano do termo – onde a linguagem não é sintoma de uma doença social, mas operação simbólica de libertação.

Num tempo em que os automatismos do consumo e da ideologia diluem o sujeito na linguagem publicitária, Nicolau Saião insiste em manter acesa a faísca do desejo. O seu surrealismo não é apenas memória de um movimento, mas a emergência intempestiva de um pensamento do fora – do exílio, do anacrônico, da heterodoxia. Com *As Novas Vozes*, o surrealismo português reencontra uma das suas vozes maiores, firmemente inscrita na cena internacional, mas também ferozmente enraizada numa topografia afetiva e ética que é, em última instância, aquela da poesia enquanto experiência radical do inconsciente.

LUÍS BARREIROS



PEDAGOGIA DEMOCRÁTICA

1. DETRÁS DA CORTINA – *A Contra Informação, Subsídios para um conhecimento*

A contra-informação consiste na arte de fazer do preto branco e do branco preto... e vice-versa.

JACQUES BERGIER

Uma imaginação muito viva reduz tudo a uma brincadeira de crianças.

Sir CHARLES BELFRAGE

Introdução

Winston Churchill disse um dia, no decorrer dum debate parlamentar, que a política era *a arte de através de conceitos acertados fazer previsões adequadas e, depois, conseguir explicar bem porque é que tudo falhou...*

Pois bem. Em traços largos, a contra-informação é a “*técnica artística*” de justificar, explicar, esbater, transformar e melhorar os factos desse falhanço, levando a população, ou determinados sectores dela, a considerar que os acontecimentos, afinal, traziam dentro deles um confirmável sucesso possibilitado pelas qualidades de quem os pôs a correr, ou seja os seus fautores, em geral governantes ou operadores públicos de topo.

Antes de passarmos a considerar os vários continentes em que se exerce a contra-informação (laica, fideísta, oficial e oficiosa, departamental ou global, etc.) interessa definir os tipos sociais que a configuram: legítima ou ilegítima, governamental e particular (nos diversos ramos societários: científicos, desportivos, artísticos, económicos e industriais – uma vez que a partir dos princípios do século vinte a contra-informação se sofisticou, desenvolveu e plurifacetou, não só devido à expansão dos meios existentes como à criação de outros – jornais de grande tiragem, rádios com apelo nacional, cinema, televisão e, por último, o universo interactivo.

Em suma: os meios que possibilitam a manipulação quase instantânea do *consciente* e do *inconsciente* colectivo, que é o mundo para o qual a contra-informação aponta. Pois a *contra-informação* é antes de mais, nua e cruamente e como diria La Palisse, o contrário de *informação*. *Informação*, naturalmente cabal e exacta.

Importa referir, desde já, que por vezes se confunde (deliberadamente ou não) *contra-informação* com *propaganda* ou, mesmo, com *publicidade*. (Um género específico e peculiar de publicidade, de ideias ou de meios para as atingir). Evidentemente que se em certos aspectos se interpenetram nalgumas franjas, são de índole totalmente diferente. No que respeita ao segundo ítem isso deve-se ao facto de que a cimentação do *marketing* (ponto social de grande relevo) e de todas as técnicas (ou truques) que o acompanham, pode em certos casos servir para operações de fases da contra-informação. Mas isso são detalhes laterais que ao longo desta exposição ficarão, creio, aclarados.

Penso que deverei dizer, ainda, que o mundo da contra-informação – e refiro-me agora e somente à contra-informação *oficial*, classifiquemo-la desta maneira – assim como o da sua análise, do seu estudo, da sua frequência enquanto matéria avaliada e que parte de uma realidade insofismável, é extenso, complexo e até extremamente apelativo.

Deixa-nos, depois de nele entrarmos para escrutiná-lo, uma sensação de que o espelho da existência está doravante mais iluminado, ainda que simultaneamente fique muito mais inquietante: sente-se mesmo, por vezes, uma sensação de *medo*, pois o contacto com os verdadeiros meandros pelos quais se move o poder e os seus áulicos, donos de nós todos porque donos das sociedades organizadas, pode ser assustador e durante alguns segundos pelo menos receia-se *perder o pé*. (Não era por acaso que nos regimes totalitários o cidadão vulgar não podia debruçar-se sobre o universo da contra-informação, sob pena de prisão no mínimo, dado que tais matérias eram *secretas* ou, no melhor dos casos, bastante *reservadas* por razões que será desnecessário salientar. Mesmo nas sociedades democráticas por extenso, ou *tendencialmente democráticas* como a lusitana, tais matérias não são bem-vindas à colação, uma vez que permitem divisar a *abertura do*

jogo em que os dignitários se acobertam, elite que são e das mais privilegiadas).

Por outro lado, hoje é pacífico que nenhuma formação partidária ou de intervenção pública deixa de ter uma *task force* de contra-informação, mesmo pequena e ainda que muitas delas sejam simplesmente amadoras ou dependendo da chamada *prata da casa* com algumas leituras ou contactos, emergindo mais da frequência eventual de acervos aparentemente conhecedores do que dum conhecimento sistematizado.

Finalmente, deverá salientar-se que se a contra-informação oficial fôr tratada pelos seus operadores de forma digna, democrática e cívica, poderá prestar altos serviços às nações onde estes se inserem. Mas infelizmente as classes dominantes com frequência entendem utilizá-la preferencialmente para trasfegarem os seus *jogos de influência*, quantas vezes sórdidos ou pouco transparentes, submetendo os cidadãos a verdadeiras lavagens ao cérebro, tratando-os como mentecaptos ou como primários – o que desenha perfeitamente a efígie com que, no entanto, aqueles tentam posicionar-se para a História.

2. A CONTRA-INFORMAÇÃO NA HISTÓRIA – *Pequeno enquadramento*

Eu nunca minto, a não ser que seja absolutamente necessário.

G.K. CHESTERTON

Quem não conhece a famosa cena da série televisiva “*Missão Impossível*” em que numa gravação é dito por uma voz anónima para o comandante da *task force*, depois da designação das tarefas a efectuar e antes da fita áudio se auto-destruir: “*Se decidir aceitar a missão, Jim, tenha em conta que se algo correr mal o Secretário de Estado negará tudo*”.

Isto é um dado proveniente duma das regras da contra-informação: lançar-se um véu sobre acções programadas, que evidentemente não existem. Cabe aos operacionais, através da escrita ou de outro meio similar, mostrar essa evidência (assim

como, noutro plano menos amável, lhes cabe desmentir eficazmente conluios, actos ilegais, manigâncias e outras amenidades das entidades que devem “*proteger*”, servindo-lhes de anteparo racional).

Esclareço desde já que nenhum mal haveria nestas regras, nestes procedimentos – desde que o que estivesse em causa fosse uma actuação para defender a liberdade democrática e a civilização humanista. O campo da “*struggle under cover*”, ou na expressão lusa “*luta nas sombras*” não é propriamente um relvado desportivo, mas sim um *terreno vago*, muitas vezes mal frequentado, onde se joga frequentemente o futuro de populações ou de conceitos e práticas existenciais.

Haja em vista, por exemplo, o belíssimo trabalho que as equipas de contra-informação desempenharam na luta contra o nazismo e outros totalitarismos, já defuntos ou entretanto emergidos, ou contra o crime organizado. A este propósito veja-se que até a Máfia possuía/possui grupos e palavras de ordem contra-informativas, que estabeleciam *slogans* e conceitos defensivos-manipulatórios de inegável êxito como o célebre “*A Máfia não existe, é uma invenção dos jornais e da polícia*” ou o actual “*Já não actuam através de meios violentos*”...

De uma maneira geral podemos considerar que (apesar de dum modo mais ou menos ingénuo ou titubeante a contra-informação existir há centenas de anos e ser usada por mentores religiosos, entidades reinantes ou chefes guerreiros) modernamente e duma forma consistente oficial e/ou estatal estabeleceu-se com eficácia e boa operacionalidade por volta de 1860 em França com Napoleão III e na Alemanha com o chanceler Bismarck (o criador do depois famoso “*Fundo dos Répteis*”, robusta verba secreta com que estipendiava publicistas venais, o que mais tarde seria norma bem assente em geral, clássica, em qualquer lado).

Até aí, uma vez que a *propaganda* era fundamentalmente de tipo pessoal, festejando em regra as capacidades do monarca ou do chefe (como em relação a Luís XIV ou ao general Boulanger), a contra-informação a ela ligada era apenas de tipo fragmentário, eventual e muitas vezes mais utilizada pelos membros da espionagem que pelos operadores especializados na sua retórica peculiar que em seguida se formariam e iriam ter uma função própria e bem determinada e que afinal só por ligeira osmose têm a

ver com os agentes de “*cloak and dagger*”, ou seja “*de capa e espada*” na gíria do *milieu*.

Em vez de serem grandes possuidores de potentes atributos musculares e alta desenvoltura física, os operacionais da contra-informação dispõem sim de inegáveis qualidades intelectuais e de uma cultura razoável que lhes permita articular as denominadas “*jogadas*”, desta ou daquela índole, possibilitando-lhes dar seguimento eficiente às “*manipulações*” necessárias para determinados fins considerados satisfatórios ou imprescindíveis. Porque, se a contra-informação se norteia por regras e manejos muito próprios, também é fortemente fecundada, quando calha, por “*ideias luminosas*” deste ou aquele profissional (ou amador dotado...) como sucedeu no caso do célebre “*envelope canadiano*” com que um par de advogados ardilosos, operando nas faldas do Partido Republicano pré-nixoniano, num lance bem manobrado deram cabo num ápice duma candidatura dos rivais democráticos.

Eis como se explica que muitos operacionais da contra-informação sejam recrutados nos estabelecimentos de ensino, ou entre cultores e artistas da palavra, etc. Curiosamente, poucos provêm dos meios jornalísticos, sendo que é mais usual a esses especialistas efectuarem habilmente nesses meios as suas “*plantações*” através dos chamados “*tiros ao lado*”, “*fontes localizadas e/ou bem informadas*”, “*observadores fidedignos*” etc.

É voz corrente que autores de qualidade como Somerset Maugham, Ian Fleming, John Le Carré, etc. foram eficazes e competentes membros do sector da contra-informação no seu país natal.

Os exemplos poderiam aliás multiplicar-se vindos de outras nacionalidades.

3. A CONTRA-INFORMAÇÃO nas suas obras vivas

Ninguém precisa dos mortos.

BRYAN FORBES

As acções de contra-informação exercem-se porque existe um público do outro lado que ou está atento aos acontecimentos nas

diversas áreas societárias (políticos, económicos, científicos, fideístas) ou, não o estando ainda, é susceptível de disponibilidade uma vez para eles chamada a sua atenção mesmo que de forma especiosa, forjando-se um movimento de simpatia ou de recuo conforme as acções sejam *activas* ou *reactivas*.

Assim sendo, é necessário analisar-se argutamente esse público, perscrutando as suas *características conformativas*: grau cultural, preconceitos ou tendências, nível de exigência ética ou humana, capacidade de empenhamento, etc.

Em seguida, estudar-se a forma de confeccionar um discurso apelativo, facilmente reconhecível para que haja uma boa adesão, moldável mas nunca integralmente falso ou desbocado (não deve nunca descer às injúrias, como é de uso estar a suceder nos tempos já interactivos modernos em fóruns ou espaços afins, aliás geralmente ineficazes ou sem qualidade), nem arvorar violências verbais desbragadas (que o público em geral não partilha ou de que não gosta). Esse discurso quase credível deve ser conformado ora por pequenas *nuances*, pequenos detalhes habilmente distorcidos mas partindo de bases reais, ora discretamente repetidos (técnica da *lente de aumentar*), ora vindos das razões do adversário, mas modificados e moldados como num reflexo (técnica da *imagem no espelho ou da inversão*).

Em todo este verdadeiro rol de situações específicas, os contra-informadores competentes nunca perdem de vista o contexto em que os factos estão integrados, o seu *timing* e a sua possível eficiência e operacionalidade. Muitas tiradas contra-informativas até usam aparecer em público travestidas de trechos analíticos cinéfilos, desportivos, de sociedade...

Basta lembrarmo-nos do que sucedia nos tempos da segunda guerra mundial, ou nos tempos da guerra fria, ou nos da actual *détante* ocidental vigiada de perto pelo fanatismo islâmico – e ficará feita a constatação.

Em suma: a contra-informação competente, sendo *activa*, cria um ambiente massivo favorável à eventual *propaganda* que se lhe segue, imediata ou mais espaçadamente (por vezes é necessário que certas ideias ou conceitos sedimentem suficientemente, para ficarem melhor incrustados nas cabeças dos *alvos* a manipular com intuitos salvíficos ou maléficos). Sendo *reactiva*, pode conseguir rasurar de forma capaz situações de risco propiciadas por

dirigentes relapsos ou por dificuldades legítimas no mundo da confrontação entre estados.

Como corolário, conclua-se que existem bons e eficazes serviços de contra-informação (não estamos, obviamente, a referir-nos à sua *bondade social*, mas à sua *qualidade operativa*). Os da ICAR são um exemplo positivo, tanto mais que têm a vantagem de ser servidos pelas características e afinidades do seu público mapeável. Outros serviços mais ou menos exemplares: os britânicos, cuja experiência vivificada pela grande confrontação mundial contra os nazis e as forças de leste nunca se viu irrevogavelmente posta em cheque. Em certos campos, legitimamente, também os serviços americanos conseguem bons desempenhos, ainda que nos casos de Rosswell e dos montes Palomar, por exemplo, tenham ficado um bocado *de calças na mão* como sói dizer-se.

No que aos soviéticos respeitava, se em certos campos, principalmente da propaganda *tout court*, conseguiam resultados muito razoáveis, ajudados aliás pelos adeptos das suas doutrinas vivendo no Ocidente, a nível de contra-informação viam-se limitados pela *retórica matraqueante* dessa mesma doutrina, que internamente era algo ineficaz e pouco credível porque confrontada pelas realidades que os cidadãos viviam quotidianamente.

Nos países islâmicos a contra-informação é praticamente inexistente enquanto *disciplina reservada*, tendo sido substituída ou tendo sempre existido sob a feição de discurso intensivo feito a partir das doutrinas religiosas que os enformam.

Em conclusão: a contra-informação sempre foi um dado que explicava muito razoavelmente uma certa sociedade, uma certa maneira de viver, um certo continente existencial se observado com alguma penetração.

Nos nossos dias, o que não deixa de ser, e é mesmo, absolutamente significativo e muito característico duma sociedade que vive sob os signos mediático e interactivo, a contra-informação que conseguimos detectar (uma vez que os sigilos reais e perfeitamente afastados do homem comum controlados pelos condutores da *coisa pública* e da casta de topo são indubitáveis) ela começa a ser a dona e senhora de um certo ambiente, de uma certa quotidianidade, de uma certa existência social.

Um algo inquietante “estado de normalidade”, como muito apropriadamente escreveu no TriploV Maria Estela Guedes?

Franca e sinceramente, eu não levantaria voz nem figura para formular expressão diferente ou para discordar!

4. DETRÁS DA CORTINA (2) – *Pequeno manual de contra-informação*

Ao elaborar este pequeno e resumido manual para uso prático, contendo apenas as linhas gerais, mas que permitem, se necessário, praticar contra-informação com conhecimento de causa e, ao mesmo tempo, ficar-se habilitado a ver claro a do oponente, devo dizer antes de mais que quem quiser entrar e sentar-se nele como um educado cavalheiro, ou educada dama, se continuar a ler é melhor perder as ilusões...

Efectivamente, os leitores – geralmente pequeno número de confrades de confiança ou eventuais futuros membros de task force, ainda que apenas suposta para efeitos de léxico comum – devem perceber que acabaram de entrar como espectadores/visitantes no continente dos golpes baixos, do trabalho sujo, da deliberada simulação operacional.

Em contra-informação a moral não rende nem paga a pena, a não ser que, por hipótese, ela permita afivelar uma maior eficácia. Ou uso democrático, leia-se anti-regime totalitário.

Um manual praticado de contra-informação é a assumpção da fille-d'autre mère bem-sucedida, que deve obviamente creditar-se como a “maior moralidade”, a “maior ética”, o mais justo desempenho. O que conta, nela, é aniquilar o adversário, de preferência ao primeiro golpe. O segundo golpe só é de desejar se, mediante o mesmo, se conseguir destroçar um punhado mais de adversários ou preparar o campo para mais eficazes futuras hecatombes. Em contra-informação os fins justificam os meios, a não ser que esses meios corram o risco de ficar excessivamente expostos.

Como consolação, haja em vista que mediante o estudo prático deste assunto se incrementa a liberdade democrática, que é filha do conhecimento, que os membros do poder usam geralmente, pelo contrário, para destroçar o bem comum.

Tal como no famoso tomo de Machiavelli, aqui ao fim e ao cabo alerta-se o cidadão para as realidades, permitindo-lhe entender as ciladas.

Os operacionais, é claro, não precisam de as ler.

Nunca esquecer que, como disse Salazar (um excelente e talentoso hipócrita), “em política o que parece, é”. Será necessário dizer que em contra-informação é exactamente a mesma coisa?

Não esquecer também que uma contra-informação eficaz pode ajustar-se preferencialmente se apoiada em meios societários favoráveis: sistema judicial parcialmente corrompido ou corruptível dum ponto de vista ético, forças de segurança lábeis ou venais, operadores mídias passíveis de estipêndio, etc...

Os objectivos – bem como as acções seguintes – devem pois trabalhar-se caso a caso e com índices seguros. Nunca contar com as chamadas “expectativas de milagre”.

Isso irá evitar tropeções aos operacionais.

O MANUAL – Primeira parte

1. As Técnicas contra-informativas temporais

São elas: imediatas, a curto, a médio e a longo prazo.

As imediatas visam responder quando o objecto de protecção ou operador de topo fica subitamente exposto, ou quando uma situação emergente é despoletada.

a) o desmentido (deve usar-se com rapidez, haja ou não razões para desmentir). O seu objectivo é, primeiro que tudo, ganhar tempo.

b) A declaração de próxima emissão de comunicado. Permite gerar uma certa expectativa, além de que os factos posteriores podem contorná-la. E só se emitirá o comunicado se esses factos não o tornarem desnecessário por entretanto as condições terem mudado.

c) A remissão de declarações para um outro emissor, de preferência ausente do núcleo duro. Cria confusão nos receptores.

d) A postura frontal. Se for pedido ao protagonista um número, tentando confundi-lo pela incapacidade de o ter à mão, aventar um qualquer que possa parecer minimamente credível, visto haver sempre a possibilidade de rectificar posteriormente ou alegar má-fé na transcrição, além de que o grande público é desatento e mal formado (o que lhe interessa é a aparência palpitante, não a verdade dos factos).

e) A resposta paralela. Exemplificando: “Por agora, o meu comentário é que só falta que me acusem de que também fiz o Benfica perder

em Alvalade ou que afundei o Titanic”. Não diz nada e o povo usa capear-se pela referência a um clube popular ou um caso histórico mediático primário. Como se sabe, a (in)capacidade de apreensão não é muito grande e liga preferencialmente ao acessório espectacular. *(O falar-se por exemplo em robalos, detalhe risível aventado para possibilitar um tom anedótico no meio dum facto grave)*.

A curto prazo:

a) a técnica do porco com óculos ou do primo fino. Declaração, usualmente infirmativa, lida ou prestada por um assecla com boa imagem ou com *autoridade moral* (sic). Nunca ir ao fundo da questão, mas recortar generalidades entremeadas de vagas e dissimuladas ameaças. Permite, nos casos mais eficazes, encolerizar o oponente e fazer-lhe perder tempo a recolocar os dados do assunto em apreço.

b) a técnica dos tenores. Duas ou três personalidades próximas referirem o assunto ou como um absurdo ou como um dado adquirido, conforme os casos, seguindo-se imediatamente declaração corroborando, mas feita como se não tivesse directa ligação.

c) a técnica do bilhete amoroso, comunicado enviado aos jornais, que obviamente só na próxima edição o farão sair e no qual os factos são apresentados como se tudo fosse evidente. Aqui, nunca dar indicativos falsos, mas apontar as falsidades (reais ou presuntivas) do oponente. Assim se lança a dúvida, que posteriormente pode ser aproveitada para tripudiar ou macerar.

d) a técnica do tiro ao lado. Chama-se à colação um detalhe ou caso realçado que desvie as atenções do fundamental. *(Falar-se em eventuais escutas ao próprio eventual alto magistrado, desviando assim as atenções da crítica justificada de haver compadrio ou desleixo em delegações de promotoria)*.

A médio prazo:

a) a técnica do bom gigante. Artigo presumivelmente ou preferentemente da autoria de especialista *respeitável*, mostrando com soma de pormenores a razão que assiste ao objecto exposto. Daí que devam sempre ter-se alguns operadores com notoriedade pré-fabricada (ou vedetas com bom paladar) para dar credibilidade ao tema. O populacho, mesmo aparentemente culto

ou não provinciano, é muito sensível a esses áulicos. (*O defunto EPC foi um dos mais notórios, assinalado pelo professor da Sorbonne e da Univ. de Abidjan André Coyné, ensaísta e companheiro de André Breton, num livro editado por Lima de Freitas*).

b) a técnica do engate ou do sr. prior. Convidar-se um idiota útil do campo neutro ou mesmo contrário e, com o pretexto da democraticidade, conseguir ou um artigo ou uma entrevista em que, sem dizer mal, é capciosamente objecto de uma ou duas perguntas dissimuladas que, depois, permitem estabelecer uma tese no mínimo dubidativa. (*As chamadas personalidades ou famosos do sector artístico ou desportivo são geralmente um campo fértil para o operacional trabalhar.*).

c) a técnica da tourada ou da puta espanhola. Mesa redonda ou debate, onde um idiota útil e um assecla fazem as despesas da defesa e simultaneamente do ataque. Nunca hostilizar e muito menos ofender o adversário, mas sim ajudar o público a reflectir (*pois o público reflecte pouco, ajudado reflecte melhor...*).

d) a técnica do fardo de palha, baseada no ditado de que *todo o burro come palha, o que é preciso é saber-se dar-lha*. Entrevista ou programa género *um dia com* o objecto. Humaniza o dito, possibilita-lhe boa performance, tanto mais que a matéria é editada e tratada. Responde à curiosidade latente no povilêu. (*O actual premier é perito na utilização desta técnica*).

e) a técnica do tio da América ou da herança milionária. Momento presuntivo de apresentação de assuntos efectuada por áulico (de ataque ou de defesa) mas sendo, no entanto, matéria contra-informativa clássica propiciada por um comparsa que simula interrogar, mas apenas serve de introdutor. (*O notório MRS é um dos mais capazes neste género de manipulação, a que chamam análise ou comentarismo. As suas intervenções são caracterizadas por um efficacíssimo cinismo*).

A longo prazo:

a) técnica do bom irmão. Livro ou opúsculo com boa soma de informações sobre as razões do objecto. Visa em geral ser um *detalhe* de propaganda.

b) técnica do santo venerável. Geralmente biografia, em livro ou opúsculo, apontando para as qualidades com esbatimento de

defeitos, do objecto. (Exemplos: “Sócrates, o menino de ouro do PS”, “Força, força, companheiro Vasco”, título a partir duma canção militante. As hagiografias da ICAR, geralmente controladas ou revistas por operacionais competentes da hierarquia ou agentes da Sodalitium Piano, serviços secretos da dita entidade).

NOTA

Foi pouco depois de ter sido publicado num órgão de informação este texto que o autor viu o seu sistema informático ser inteiramente escaqueirado – por razões puramente, naturalmente, naturais (lembremo-nos que foi por essa época que o planeta Nibiru, ao que consta dos manuais dos conhecedores, profetas e outra parafernália proto-botânica, passou ou teria passado perto da Terra... (risos)

Também começou a ouvir no seu aparelhómetro de comunicação, vulgo telemóvel ou, mais popularmente, telelé, estranhas vozes semi-difusas (umas de contralto outras de tenores) a seu ver oriundas de sacerdotes maias que teriam escapado à voragem dos séculos...

Seja como for e porque, apesar de agnóstico, tem um imenso respeitinho pelas entidades sacrais, não concluiu o pequeno estudo a que, modesta e inocentemente, se entregara.

É que por vezes o Nibiru pode tecê-las...

Bibliografia de base:

A escola dos ditadores – Ignazio Silone

A informação – Fernand Terrou

A caçada sem fim – Bryan Forbes

O terceiro Reich visto por dentro – Albert Speer

A propaganda política – Jean-Marie Domenach

El medio media – Lorenzo Gomis

Ofício de espião – Allen Dulles

Eu não sou uma lenda – Jacques Bergier

História da minha vida – Sir Winston Churchill

A DOCE SOLIDÃO DO ARTISTA ANTES DO CARNAVAL

O Arantes telefonou-me ainda não era meio-dia. Chovia de mansinho. Ele estava alegre, como sempre (vodka “Kamikaze”). “*Congemino de que irás logo tu mascarado!*”, disse-me mostrando saber como iria ser no baile das Saavedras. “*Aposto que vais de urso!*”, atirou gargalhando em *stacato*. Não lhe disse que sim nem que não. E ele, lampeiro: “*Adeus, meu malandro! Daqui a bocado passo aí por casa para que me emprestes o sobretudo que a nena te ofereceu*”.

Estava nisto quando tocaram à campainha. Claro, era o Avelino. “*Tou cá a pensar...*”, afirmou antes que eu respirasse fundo “*Logo no baile das Reboredos... Sou capaz de jurar que vais de guarda-republicano!*”. Foi direito à garrafeira e, todo lampeiro, abalou-me com o “Queen Margot”! Ainda não se extinguiu o estrépito na escada e já me repenicava o telelé. Naturalmente, era o Simões, o gorducho com o seu pigarro enervante. “*Olha lá, parceiro do teu parceiro! Já pensei que logo irás de bispo à funçanata das Castro Henriques...*”, pespegou-me com vivacidade. “*É ou não é, meu chapa?*” E antes de me deixar reagir já me cravara a promessa firme de 50 euros sem carço... Despediu-se velozmente e quem vejo aparecer no e-mail do meu portátil como sempre ligado? Evidentemente, o Belisário. “*Meu ganhão*”, li na janela do sinistro aparelhómetro “*Já cá se sabe que ao baile das Avintes tu irás de bombeiro. Faz-te de novas... E não te esqueças de me devolver aquela primeira edição que me surripiaste do Fernando Arrabal*”.

Suspirando, fui até à secretária. Nem tinha tido tempo de ler o correio do dia anterior. Uma carta. Hum, hum... Da fôfa, a Leopoldina. “*Matulão, calculo que logo ao baile da Filarmónica não te sustenhas de ir de criada-para-todo-o-serviço. Sempre gostaste de meias pretas, eh...*”. E dava-me logo o recado: “*Não te esqueças de me levar a tua pulseira de ouro que eu depois devolvo-ta...*”.

A chuva parara. Olhei pela janela, com certa melancolia, as árvores que, muito quietas, estavam como sempre no enfiamento das ruas onde se cruzavam transeuntes com um ar algo abatido. Sentia-me meio patusco.

Respirei fundo.

Despi-me nas calmas. Pausadamente. Com prazer, com decisão. Pus-me mesmo sem cuecas, fui até à porta da entrada, fechei-a à

chave e, voltando para o quarto, atirei-a lá para a gaveta de baixo do armário por uma fenda entreaberta que, depois, cerrei com esmero.

Desatei a rir de mansinho. Num estilo muito meu. Abri o ar condicionado, coloquei-o no quentinho, apanhei um exemplar do Boris Vian e estendi-me confortavelmente na doce cama.

Eles nunca tinham pensado que neste Carnaval eu iria ficar no leito mascarado de nudista...

A PROPÓSITO DE TELEVISÃO

Desde há cerca de trinta anos que a denominada *sociedade ocidental* participa numa mutação tecnológica acelerada a que, por vezes, não consegue dar resposta adequada no campo espiritual. O nosso mundo conceptual transfigurou-se duma maneira brusca e tal facto tem condicionado o nosso universo de relação. Há factores exógenos e outros endógenos, nem sempre bem meditados ou enfrentados com perspicácia ou capacidade para bem gerir a vida colectiva. E não falamos agora, é claro, nas tentativas deliberadas de orientar a realidade em direcções que só acarretam prejuízos às populações.

Ora, a televisão, como meio privilegiado e totalizador a nível de comunicação de massas, reflecte com enorme relevo esse panorama inquietante.

Numa obra saída há já algum tempo, o pensador Alexander Himmelweit diz-nos a dado passo que *“a visão do mundo apresentada pela televisão afecta o comportamento real dos telespectadores em função das tendências que se têm e que através dela são pois reforçadas. Verifica-se assim que a televisão orienta comportamentos pré-dispostos.”* O problema é que, como referia noutro estudo o sociólogo Alain Dickinson, *“apanhada num fluxo turbulento de mudança, além de intelectualmente confusa, a pessoa sente-se desorientada no plano dos valores pessoais; à medida que o ritmo se acelera, à confusão juntam-se a dúvida acerca de si mesma, podendo comparecer a ansiedade e o medo. À medida que o tempo decorre, a pessoa torna-se tensa e chega a cansar-se com facilidade, ficando mais permeável à doença. Com o aumento implacável das pressões habilmente induzidas, a tensão transforma-se em irritabilidade e, por vezes, em cólera e até violência – que, por outros meios socialmente directos, o poder canaliza então em direcções que lhe interessam. Ninharias desencadeiam grandes reacções; grandes acontecimentos, reacções insignificantes”*.

Ou seja, *é-se objecto de arteira manipulação*.

Antes de passarmos adiante gostaria de referir que recentemente, num dos laboratórios de ponta duma famosa universidade europeia, foi levada a efeito uma experiência com pessoas de várias etnias e de diversos níveis etários. E concluiu-se

que a música – principalmente certo tipo de música – *actua nos mesmos centros cerebrais onde actuam as drogas*.

E, a talho de foice, pergunto: será por isso que nos últimos tempos, principalmente nos meios radiofónicos – aliás caracterizados por uma enorme mediocridade – são incessantemente emitidos programas musicais e, mesmo, maioritariamente entrevistados ou epigrafados protagonistas desse mundo (além, é claro, das consabidas rubricas sobre política partidária e futebol)?

De há uns tempos até agora, tem-se voltado a falar com intensidade na questão da violência veiculada pela televisão. Determinados próceres da política à portuguesa, com aprumo jesuítico têm vindo a lume com pezinhos de lá sugerindo diversas formas de controle (*de censura*, que é o que lhe subjaz) contra a violência que se exprime através de películas com tiros a granel e pancadaria de criar bicho. No entanto, com a sua efígie mesureira e hipócrita no limite, geralmente deixam de fora – claro! – *outras formas* graves de violência, mais disfarçada e insidiosa que, quando muito, tocam pela rama: o espectáculo da lagrimeta, do sentimentalismo bacoco e do humorismo que não passa de propaganda partidária/governamental mal-disfarçada, o apelo à contemplação do mexerico e da bisbilhotice, os trechos elementares ou boçais geralmente protagonizados por luminárias da frivolidade básica ou embandeirada do *jet set*. As rubricas *de opinião* ou *de comentário* que não passam de ideologia torcida, os *talk shows* pretensamente modernações que se apoiam, notoriamente, num certo erotismo para primários que não é mais que pornografia manhosa e sem subtileza.

E não devemos esquecer que a pornografia, como o denotou Sarane Alexandrian e tantos outros, com a sua carga “comercialista” evidente, é um dos sinais típicos do recalçamento injectado pelo fideísmo eclesial ou partidário, essa suma violência dos espíritos *em que se exprime a monomania*.

Aproveitando-se dos traumas e dos preconceitos duma sociedade bloqueada ou disfuncional no plano afectivo, estas formas disfarçadas de violência, mas não menos mistificadora e perigosa, têm como objectivo criar audiências teledependentes, uma vez que estas são o suporte da publicidade, que é uma das faces do império dos negócios. E, quando digo *império*, quero

significar o economicismo sem pudor e sem freio, não a legítima troca ou compra-e-venda que subjaz e conforma uma fase característica de existência societária.

O que, evidentemente, a manipulação televisiva tenta estabelecer, é a criação de seres supranumerários, em quem a docilidade é adquirida de maneira progressiva e *serena*, predispondo o grande público para a passividade, a ausência de calor humano, de solidariedade e a dispersão/banalização dos sentimentos, ligando-se a ideias colectivas sob a batuta de gurus e de *condottieris* cheios de lábia que, de forma suave e afectuosa, estabelecem o primado do justamente descrito como “*ur-fascismo doce*”, que um dos líderes do sinistro “Grupo Bilderberg” estabeleceu como sendo o efeito de “*em vez de seres levado à matraca, és conduzido com jeitinho e ternura*”...

A televisão, que podia ser um meio qualificado de comunicabilidade humanizada – e nos melhores casos (sem a velhacaria dos que com ou sem máscaras desprezam o cidadão e o ser humano por extenso) é de facto um veículo de qualidade (lembremo-nos por exemplo de notáveis documentários da BBC, dos concertos austríacos, das peças de teatro francesas e de alguns especialistas espanhóis e lusos) – tem sido levada por maus caminhos por esses émulo de *pequenos goebbels* que usualmente a conseguiram colonizar por obra e graça do *politicamente correcto* e do *descaramento estatal* que, nos casos mais sintomáticos e impudicos, tentam fazer de nós todos *idiotas úteis*...

A TRISTEZA DO JAGODES

Começara a choviscar. Uma daquelas chuvinhas desagradáveis de Inverno extremenho e de pequena trovoadá típica.

A noitinha de Badajoz, timidamente, agarrava-se à sombra dos prédios, ao reluzir da avenida a esvaziar-se de pessoal e onde os automóveis, com agilidade castelhana, passavam vertiginosamente.

Eu, como grande parte dos intelectuais da nossa terra que por vezes lá encontramos, tinha ido “*visitar o museu de arte contemporânea da linda localidade extremenha*” (ou seja, tinha ido comprar charutos, que ficam mais baratos, ao “Corte Inglês” e conservas asturianas ao “Carrefour”). E àquela hora bendita senti um certo apetite.

Na rua silenciosa, ao pé da Calle don Pedro, abria-se uma porta de tasquinha convidativa. Entrei, relanceei o mostrador de vidro limpo, as substâncias comestíveis, a face rubicunda e afável do *tasquero*. As *tapas* pareciam ser de boa qualidade, os comensais ao balcão tinham um ar civilizado (nem sequer estavam a falar no Coronavírus nem no Serviço Nacional de Saúde – provavelmente por nunca terem ouvido falar destas duas realidades paralelamente lusitanas e internacionais) e eu resolvia-me a encomendar um pratito de presunto *pata negra* quando uma voz varonil, poderosa e bem timbrada, se fez ouvir vinda da penumbra de uma mesa do canto:

Fala à malta e guarda a massa, caramba... Ou estás-te a armar em deputado?

Surpreendido – pois reconhecera o timbre daquela voz célebre – virei-me de supetão:

Jagodes! Pois és tu? Mas que fazes meu maroto em Badajoz?, disse efectivamente perplexo. Se tivesse recebido a notícia de que o Dr. Centeno se tinha demitido da sua reconfortante vilegiatura estrangeira não ficaria tão surpreso.

Vim por aqui por estas alegres espanhas a espairecer, Nicolau! retorquiu-me o célebre pensador: *Arejar a alma e a tristeza!*

Fitei-o embasbacado! O Jagodes triste, ele que tem a fama de ser um dos intelectuais portugueses mais bem-dispostos, um dos romancistas mais esfuziantes? E ao ver o meu ar de perplexidade, ele explicou com benevolência e fecundidade:

Então tu não sabes que, segundo as últimas estatísticas da Agência Internacional para o Desenvolvimento, os portugueses são os membros mais tristes da Europa? Que só são, no primeiro/terceiro mundo, ultrapassados pelos venezuelanos (se calhar por causa das últimas cenas políticas que lá tem havido)? Eu, como bom patriota, podia sentir-me de outra maneira?

Ri um pouco, com alguma fraternal ironia. E atirei-lhe: *Ora ora, Jagodes, não brinques comigo! Que tu és um excelso patriota, quase tão notório como o dr. Alegre, isso ninguém duvida. Mas estares assim em baixo só por isso... Desculpa mas parece-me exagero!*

O Jagodes escorripichou a caña, levantou o dedo a pedir outra e confidenciou sensatamente: *Só por isso, com efeito, não será. Também me andam a entristecer alguns factozinhos enervantes. Por exemplo, o código do trabalho, que na sua ratice autoritária e discriminatória é uma bela vergonha; os aumentos sucessivos do custo de vida enquanto no areópago nacional se exhibe a demagogia, a insensatez e a falta de sentido de Estado que propicia que num assunto de alta responsabilidade, como a eutanásia, se vote velozmente como que nas costas do povo soberano. E a questão de altos magistrados juizes que afinal se descobre que andaram alegadamente a cometer burlas e corrupções em tribunal supremo! E repara nesta frase, difundida por todos os mídias, duma senhora cujo nome de momento não me lembra: 'O discurso não bate certo com a realidade e o que se espera de alguém com a responsabilidade de doutor Costa é que avise, alerte e prepare todo um país para o estado em que está e para aquilo que aí vem'. Aquilo que aí vem... Ai meu deus!*

Mas o que mais me entristece é o caso daquele coronel que de repente perdeu a memória, bem como o assunto peculiar daquele homem bom, que tanto tem ajudado a família com generosidade e carinho, e que continua a ser nas redes sociais marotamente acusado de nepotismo açoriano...! Estou triste a valer e...

Interrompi-o com um gesto peremptório da minha mão espalmada. Peremptório e desvalido. Retorcidamente contraído.

E o grande Jagodes, arvorando um ar compassivo, compreendeu o meu começo de grande amargura. E mandou vir, sem timidez e de uma só vez, três cañas para mim, para me animar.

É que, inteligente como é, talvez mesmo mais sagaz que o conhecido mangueiras político que disse sem corar que os

portugueses são maioritariamente calaceiros (os que lhe pagam o ordenado de *pai da pátria!*) notou que sobre a minha face tombara, pesado e reconhecível, absoluto e irresistível – um ricto de uma profundíssima tristeza...

COM OU SEM PICASSO

Fez há dias 40 anos que o homem chegou à Lua.

Eu estava na Guiné entregue a uns momentos de folga entre incursões pelo mato que por vezes davam em combates (ginástica para mancebos aguerridos testarem a boa-sorte).

Como ouvira a notícia num breve *flash* radiofónico, pus-me a olhar para o nosso satélite.

Estava nisto quando um acúmulo de nuvens veio e tapou o astro. Escuro sinal...

Era o destino a querer contrariar-me... estilo piadinha negra?

Não sei.

Se era isso, não me lixou por aí além. Com efeito, 30 anos exactos depois estava eu muito lampeiro em Paris, tendo até a dita de protagonizar a situação que se descreve no textinho anexo e que, hoje mesmo – quando a ida à Lua acaba de perfazer 40 anos... – um súbito pedido de colaboração do Edson Cruz (para o publicar numa revista da editora “Escrituras”) me deu ensejo de o recordar e epigrafar em letra de forma.

O destino, pelos vistos, se é que foi ele que se meteu na coisa, não tem sido muito mau para mim. Será talvez um pouco gozão, mas nada mais. O que obviamente me deixa consolado e até um pouco tranquilo.

LIVROS, ALFARRÁBIOS

Há um par de anos em Paris, numa bela manhã de sol, passando em frente da “Maison Georges Brassens” – pequeno centro cultural erguido em celebração da memória do grande cantautor – ofereci-me o prazer de durante uns bons minutos deambular pelo jardim próximo que é meio mercado de livros meio entreposto de curiosidades, cifrado nalgumas dezenas de padiolas onde se encontram resmas de fólhos do quilate e género mais diversos, desde edições vulgares, ainda que interessantes, até relativas raridades.

A certa altura, compreensivelmente surpreso, extraí de entre muitos outros um tomo que relanceei excitado: tratava-se de facto do célebre “Dessins” de Picasso, na exemplar edição de Albert Skira, impressa em Lausanne/1967 para a colecção por ele-mesmo estabelecida e dirigida, “Le goût de notre temps”. Com texto introdutório de Jean Leymarie, ostenta na capa encadernada em linho branco-mate um belo desenho a caneta, de linha clara, de uma mulher deitada no pleno ar livre de uma praia sugerida apenas por dois traços horizontais.

Nunca fiquei indiferente ao seu método de renovação da visão, a essa sua realidade por detrás do aparente, essa que nele existe em todas as direcções. O que nele sobretudo distingo é que a imaginação se apoia no real quotidiano. Nesse que contudo é movediço e cuja face brilha sob mil luas diferentes.

Nesta conformidade, um pouco trémulo preparei-me para esportular se necessário uma continha calada. Congeminei mesmo pedir o socorro da sua bolsa ao confrade que me acompanhava, caso o meu erário não fosse suficientemente poderoso... Mas tinha de ter aquele livro!

É que, bastantes anos atrás, eu escrevera num suplemento da capital lusa um textozinho precisamente assinalando a saída, de que tivera menção e notícia, desse mesmo livro que tinha nas mãos. Escrevera eu:

A pintura, neste caso a pintura do mestre malaguenho, mais que antecipar-se ao tempo tenta a todo o custo ser um salvo-conduto para a grande viagem que não nos vincula às contradições da sociedade.

E se as técnicas da pintura não devem interessar, a não ser para percebermos o como, também é evidente que muita coisa parte delas: uma leve inflexão faz-nos sentir o apelo do mar e da floresta, este violeta ou aquele amarelo deslocam-se com maior ou menor velocidade nas ruas de todas as pessoas, este traço convulso é o sinal de que num quarto dois seres se entregam ao amor que lhes é próprio, este anil ou este lilás são a presença de uma tarde soturna ou de uma manhã de sol ou dum campo ao anoitecer.

E o claro-escuro proverbial do desenho, sob que égide deveremos colocá-lo?

Mas, vejamos, o jogo em Picasso é verdadeiramente sério. Como uma questão de alegria. De um riso desatado. Sim, o que se busca é o interior da beleza dessa natureza que jamais se entrega por fora, que nunca se revela inteiramente faça-se o que se fizer.

Não o sabíamos todos nós já?

Então é preciso deformar, manchar e modificar, como a mão dum amante que tritura a carne com as carícias que fazem aparecer aqui o cinzento, acolá o branco, o escarlate, o azul. O comovido verde-rosa das visões e das amarguras transfiguradas.

Digo que este pintor, liberto do fardo da arbitrária semelhança, soube traçar insuperavelmente, sob o céu muitas vezes enegrecido do mundo, o perfil de algumas fogueiras estremecendo na frieza e na hostilidade da noite.

Com alguma tímida esperança aproximei-me da vendedora, uma bela moça claramente chegada do Senegal ou doutra ex-colónia francófona. Inquiri do preço e, com a alma a cantar, fui informado de que custava... 15 francos!

Paguei sem regatear.

Há pedaço, estive a folheá-lo pela enésima vez.

De tempos a tempos, volto a ele: não só as reproduções a tinta-china e a cores são belíssimas (fazem parte da Suite Vollard), como o prefácio é exemplar.

Nisto de convívio com os alfarrábios tenho tido, tempo fora, grandes desditas e fortes alegrias.

Esta, que aqui partilho convosco, foi uma das melhores e mais saborosas!

DAS LETRAS, DAS ARTES & DOUTRAS COISAS

Com bola branca... bola preta

Alguns confrades, através dos tempos, têm-me perguntado se conto escrever um livro, maior ou menor, de memórias – em vista da vida razoavelmente preenchida que os meus anos me ofertaram.

Tenho respondido que, por ser algo preguiçoso nisso de pôr em tomo encorpado o meu percurso, não tenho pachorra para tal desiderato. Além de que dou, assim o digo sinceramente, bastante apego à minha privacidade.

O que tenho feito, isso sim, é referir-me aqui e acolá a lembranças diversas, ao acaso do que acontece e vem à colação.

O que podeis ler a seguir é um exemplo do que afirmo. Boas lembranças, lembranças positivas... E algumas amarguras...

Aqui as deixo pois, caros leitores & amigos.

Para além do José do Carmo Francisco, do Cesariny e do António Luís Moita, mais chegados por razões de contacto e afectividade, outros confrades houve que se sentiram tocados pelas minhas coisas e que, mesmo, me ajudaram (com a simples simpatia ou o apreço expresso... com uma atitude de estima que desaguou em apoio para sair aqui e acolá... com a tentativa praticada de palavras públicas): Maria Estela Guedes, sensível, interventiva e fraternal, com o seu notabilíssimo TriploV; Floriano Martins, irmão de diferentes e múltiplos talentos, que me permitiu ir ao Brasil onde, com outros confrades, participei na Feira do Livro de Fortaleza e que sempre me deu lugar em sua *Agulha Revista de Cultura* que com tanto aprumo dirige; Mário Castrim, que me publicou abundantemente no canónico suplemento *Juvenil* do *Diário de Lisboa* e que fez as primeiras análises críticas que recebi ao que eu escrevia; João Rui de Souza, que efectuou a Introdução ao “Os olhares perdidos” (os jornais ou folhas literárias “*au point*” nem se lhe referiram ou, quando muito, puseram uma ou duas frasezinhas a respeito); Álvaro Guerra, que me publicou frequentemente nos suplementos do “República”, onde trabalhava; António Osório, que me carteava e me ofereceu todos os seus livros e que – estas coisas não se esquecem – chegou a ir ver-me, aquando do meu internamento por ter sido operado a um rim c/pedra, ao hospital de Carnaxide; José Bento, que me exprimiu variadas vezes o seu

apreço p'las minhas coisas e veio assistir propositadamente, com Abel Teixeira, José Carlos Breia e A.L.Moita, à minha conferencia sobre Cézanne proferida na Esc. Sup. de Educação de Portalegre (os três estiveram também comigo quando, no Solar do Vinho do Porto, em Lisboa, houve a sessão doada aos autores do Prémio Revelação desse ano) e fez comigo uma emissão do “Mapa de viagens”(Título: “Portugal e Espanha em verso”); Diniz Machado, que publicou material meu na LER e aceitou participar nesse programa de rádio que eu então realizava em Portalegre (Título da emissão: “O olho e a lupa – sobre a Literatura Policial”); José Manuel Capêlo, que me recebeu várias vezes na sua casa em Lisboa e fez com que eu entrasse – contra a vontade dos editores/poetas nortenhos, que achavam a minha poesia muito *heterodoxa...* – no livro colectivo *Sete poetas portugueses contemporâneos* e pagou do seu bolso a minha parte da edição; Orlando Neves, poeta de vulto e portalegrense que nunca se esqueceu da terra onde nascera e que em andanças e colaborações diversas me publicou muitas vezes nas revistas “Sílex” e “Sol XXI”; Emídio Santana, que deu a lume no seu “A Batalha” vários artigos de minha lavra, bem como o seu correligionário Francisco Quintal no jornal que dirigia; Manuel da Fonseca que, com Francisco Dias da Costa, me incluiu na antologia “Poetas alentejanos do século vinte” e me visitou na minha casa de Portalegre; Valter Hugo Mãe, que por várias vezes me publicou nas revistas que orientava; Matilde Rosa Araújo, sempre cordial, participativa e que esteve comigo em diversas iniciativas culturais; José Manuel Anes, hermetista de valor, em sessões e andanças de variado teor; Henrique Madeira, que me deu guarida no seu “Jornal de Poetas & Trovadores”; o arquitecto Mário de Oliveira, que na altura dirigia a Galeria O País, onde me apresentei como pintor pela primeira vez na capital e sempre “torceu” por mim; Manuel Inácio Pestana, que até falecer foi o director de “Callípole”, depois orientada pelo nosso conviva sempre atento Joaquim Saial, na qual colaborei adrede; directores do Boletim da Casa José Régio sita em Vila do Conde (Eugénio Lisboa/Isabel Cadete Novais), que me publicaram o texto onde arrolava lembranças sobre a minha relação com o Centro de Estudos da Casa-Museu de Portalegre e, por mão de Isabel Cadete, me foram oferecidos os exemplares que me faltavam daquela revista; António Miranda, confrade brasileiro, que me publicou com pormenor na sua página pessoal; Eduarda Dionísio,

que além de me publicar na sua revista “Abril em Maio”, me suscitou a efectuar uma palestra durante a Semana Cultural promovida pela sua Associação; depois de um período de involuntário apagamento, José Luís Peixoto, que me convidou a publicar na revista 365 que editava em conjunto com Fernando Alvim; Tiago Gomes, da revista “Bíblia” – que além de me publicar participou comigo em sessão efectuada na Biblioteca portalegrense, sem que lhe tenham pago a despesa a que se tinham obrigado, com o intuito de me ferirem (pagaram um ano mais tarde, devido à minha insistência); o Prof. Agostinho da Silva, com quem muito me carteei e visitei várias vezes na sua casa do Abarracamento de Peniche onde mantivemos largas e frutuosas conversas e que, aquando da sua vinda a Portalegre para uma sua sessão na Escola Fradesso da Silveira, veio à minha casa do Atalaião para me abraçar e suscitar a participar no evento (tive ocasião de o evocar e a essas relações, com um texto comovido, na Sessão de Homenagem levada a efeito pela Camara Municipal de Sesimbra em conjunto com o Círculo de Estudos Agostinho da Silva; Amadeu Baptista, além do director, que me publicou na “Saudade” e no seu *blog* pessoal; Antonio Sáez Delgado, pelo interesse de quem saí na “Espacio/Espaço escrito” espanhola de Badajoz e proferi palestras nessa cidade; António Salvado, que além de ser estupendo confrade me deu a lume onde tem podido, tal como seu filho Pedro; António Ventura, historiador, que na sua “A Cidade” me deu espaço e, sendo director do Centro de Estudos, sempre me favoreceu como o responsável e o amigo; C.Ronald, alto poeta da sulista brasileira Santa Catarina, recentemente falecido, confrade epistolar de muitos anos que me ofereceu todas as suas obras e chegou a dedicar-me um livro de antologia; Levi Condinho, que buscou sem sucesso fazer sair uma crítica adequada sobre o meu primeiro livro; Joaquim Montezuma de Carvalho, que vindo em visita à “Velha Casa” com seu cunhado, o estimado médico portalegrense dr. Ascensão, me publicou n’O Primeiro de Janeiro onde tinha um suplemento cultural e incluiu na antologia “A um Amigo” dedicada a Eugénio de Andrade; Palácios da Silva, escultor e pintor prematuramente falecido, que sempre me acompanhou nas exposições feitas na galeria que Carlos Martins teve no Baixo Alentejo, bem como noutros lugares do país onde expusemos; Francisco José Viegas, que expressamente me pediu um texto

sobre Régio visto pelos olhos de quem era nessa altura o responsável (contra a vontade de alguns *malandrecos* portalegrenses...)

no Centro de Estudos José Régio e que noticiou no seu programa de TV o meu “Os olhares perdidos...”; José Carlos Pires Antunes, companheiro de vários talentos, que deu à estampa crónicas minhas nos jornais da Grande Lisboa a que estava ligado; Alfredo Pérez Alencart, por acção de quem fui o poeta luso convidado nos “Encontros Ibéricos” promovidos pela Univ. de Salamanca e tendo como homenageado Miguel de Unamuno; Nuno Rebocho, que apesar do seu assumido “*mau feitio*”(sic dele), com cordialidade me deu espaço em órgãos a que esteve ligado e nunca me discriminou ou esqueceu o companheirismo dos tempos do suplemento juvenil do “Diário de Lisboa”; Fernando Guerreiro, que tudo fez para que eu visse incluída, com toda a liberdade, na Black Sun Editores a minha versão de poemas de Lovecraft; Cristino Cortes, que me incluiu em antologias por ele efectivadas; José Carlos Marques, que me abriu as portas da sua exemplar “DiVersos – revista de poesia e tradução”; Edson Cruz, autor do Novo Mundo, que me deu a lume nos seus Cronópios e Musa Rara e me arrolou nas antologias “Musa Fugidia” e “O que é Poesia”; Pedro Sevylla de Juana, de Valdepero e cidadão do mundo, que traduziu poemas meus em espanhol; sustentadores de *blogs*, de que cito “Tempo Dual” e “Quartzo, Feldspato & Mica”; Vítor Silva Tavares, que no seu &Etc do “Jornal do Fundão” publicou o que pôde de minha autoria; Soares Feitosa e Renato Suttana, que no Brasil me publicaram nas páginas interactivas que dirigiam; devo ainda epigrafar o engenheiro José Alberto Reis Pereira, sobrinho de Régio, que após ter sabido que eu fôra destacado na “Casa-Museu” do Poeta (com apreço e estima, pelo então presidente do município portalegrense João Transmontano) se congratulou com o facto e me elogiou publicamente por diversas vezes, além de outras atenções que não esqueço; Cruzeiro Seixas, que me ofereceu publicações sobre a sua Obra, me visitou várias vezes no “Centro de Estudos” da Casa-Museu quando vinha em trabalho à Fábrica de Tapeçarias local e que, junto de confrades, sempre deixou uma palavra fraternal a meu respeito; Nuno Oliveira, que enquanto foi presidente da Rádio Portalegre me solicitou realizasse o programa “Mapa de Viagens”(pago sempre a tempo) e

possibilitou que nunca ali fôsse ostracizado como depois passou a suceder depois que ele cessou funções; Amílcar Santos, que esteve presidente do município portalegrense, possibilitou a saída de dois livros meus e me deu ensejo de ir lançar a Paris e Bruxelas, em 1999, o meu “Flauta de Pan” e, no mesmo ano, participar no Canadá na Semana Cultural de Toronto, na qual fiz uma palestra e me foi dedicado um sarau de poesia, minha e de poetas por mim declamados; Jules Morot, que além de outras gentilezas amigas fez o prefácio do meu *Escrita e o seu contrário*, a sair em breve na Amazon pela mão do nosso Floriano Martins; Feliciano Falcão, médico analista e homem de cultura, que aquando do meu “saneamento” (de chefe-de-redacção do semanário “A Rabeca”, que ele dirigia) pelos totalitários que o haviam capturado 2 meses após o golpe de Abril, pois me rebelara contra a censura que eles queriam fosse habitual, me pagou do seu bolso (sem disso fazer alarde e sem o publicitar) o ordenado que eu ali ganhava, ficando eu a *ajudar* nas suas funções específicas o seu genro Manuel Elias; o Bispo da diocese de Portalegre, D. Augusto César, que sabendo perfeitamente não ser eu nem crente nem praticante, nunca me hostilizou, como certos beneméritos queriam, antes pelo contrário sempre me tratou com urbanidade e estima (escrevi livremente no “O Distrito de Portalegre” sem constrangimentos) e fez questão, quando o município me galardoou com a medalha de mérito cívico e cultural, em ser ele a entregar-me na sessão pública respectiva; António Cândido Franco, que na sua revista *A IDEIA* me tem interpelado, arrolado e entrevistado com aprumo e largueza; Lino Mendes, folclorista, interventor em colectividades de cultura e recreio e publicista, por acção do qual participei em Montargil em diversos eventos por si organizados; Rui Sousa, que me entrevistou, mediante um largo inquérito, numa acção por si efectivada; José Pascoal, que na sua *Gazeta* me tem publicado com cordial apreço; e, por último, o prof. João Ribeirinho Leal que, furando o ostracismo a que desde certa altura fui votado por certos sectores da cidade e do publicismo, continua a dar notícias a meu respeito no programa da rádio local que realiza nos sábados de manhã há vários anos.

(Quanto à marginalização a que sempre fui submetido por responsáveis de órgãos de comunicação “de referência”, isso deve-se tanto quanto percebo ao seguinte: 1. *Clara incultura e incapacidade*

de ler os que não sejam vedetas evidentes ou por aí; 2. Necessidade de irem em frente com sua razão muito própria: as estantes da literatura e da escrita serem o que eles determinam; assim sendo, este não pode cá entrar (como é que explicariam então o rosto do acervo que sem cessar montam ou desmontam para efeitos de comércio mental ou mesmo social?); 3. Intolerância/ repúdio pelos que não fazem parte da equipa (política, social, de confraria, etc.) e eu não faço de facto parte: não andei com eles na Faculdade, não alinho no/s seu/s partido/s, sempre fui dotado de uma certa vitalidade de maneiras... (Em Portugal a vida das literaturas também é muito física... E eu, como fui em moço pugilista e esgrimista, tive sempre a segurança suficiente para dizer na cara de certos fulanos o que de facto pensava deles sem temer levar uma sova... Contra mim falo: não tenho nem nunca tive, digamos, feitio para beijar a mão a putas e putos literatos... ou gente “atravessada” – e isso é mortal entre nós, apesar de ser um indivíduo pacífico que quase nunca utilizou os músculos distribuídos por oitenta e tal quilos... Não me admiro, nem tenho qualquer amargura por isso. Só me indigno porque isso dá sinal da cafilagem que vigora entre nós (nesta democracia apenas tendencial) e mediante a qual enganam as pessoas (e isso é um dado político-sociológico que importa reter).

Post Scriptum – Pese à sua modéstia, não posso deixar de me referir com relevo a um confrade, a princípio contacto literário mas, depois, amigo pessoal sempre presente, sem o qual outros acontecimentos não poderiam ter tido lugar, nomeadamente o meu blog “Casa do Atalaião”, dada a minha ineficiência internáutica...

Refiro-me a Joaquim Simões, mano que pela sua fraternidade, mesclada com o seu bom-humor de pessoa de bem, tem sido para mim, através do tempo, um gosto e um refrigério sem jaça.

COMO O OUTRO QUE DIZ

Ao Mário Cesariny

I

O que os meus olhos seguem nesta vida
tem mais perversidade do que manha.
Não está sempre perdida
não é sequer estranha.
É um pescoço
rodando lentamente para o lado da sombra
para o lado da barca dos primos de Cacilda
franja por franja correndo o espaço morto
tão depressa coitados como se fossem de mota
ou sobre o rio
sem margens
sem o batuque doido extremamente caligráfico
da água interior
dos nomes.

E os cabelosos cabelos do mundo
estão sobretudo aqui
nesta cadeira branca simulando o silencio
a quinhentos quilómetros a oeste do mar
equidistantegélidasubmissa
detendo-se de súbito na sua própria agonia
muito pertodemasiado perto
do jardim diurno dos réprobos cuja candura
acende
e se dissolve
se dissolve sem mágoa
uma e outra veze ainda uma outra vez
no colo amarelíssimo de Rosáiris.

Escuta por favor
escuta
não os enganemos nunca
A voz que me sopra junto ao tímpano
vem de muito longevem de muito longe

tão morta como viva
e em vez de dizer *arcano* diz *madrugada*
e em vez de dizer *o mundo* diz *fogo-fátuo*
virgem montanha almofada
diz os catorze nomes que é proibido ouvir
diz o dia e a hora de todos os demónios
e um corpo que se agita por baixo das arcadas
no Alentejo da Europa dos automóveis por dentro
buscando a clareira imprecisa dos cemitérios
em Sintrana Ericeiras nas ruas de Lisboa
nos locais onde canta a raparigata úde
imersa em claridade
em cuspo
em chuva.

No entanto, no entanto
é preciso sim senhor desesperar
digam lá por favor que é preciso
andar de novo ao longo da estrada de tijolo
adormecer cantando nos túneis que maçada
e defecar do alto duma árvore
para cima da moleira de Adonai
depois olhar as estrelas que surgem dessa vasa
e recuar para o sítio onde o barco dissimula
a sua rama suja do Oceano
esperando a tardinha o vento morno
a negra Primavera e o rei do bosque maldito
com barbas adejando como um estandarte louco
no seu retrato igual ao rosto do emparedado
na selva da distancia
que ninguém
nem mesmo nós
conhecemos.

II

Todavia o homem-mosca bate que bate
a a mulher-gafanhoto sopra que sopra
e o senhor-fantasma rema que rema
entraram já na casa inconquistável
e nada deixaram de pé
e eis que de repente há alguém que se interrompe
perto do braço-bandeira a oriente da aurora
e tudo fica escuro, serenamente
como colunas raras de cimento
na cauda sexual do elefante por fora
cujas presas bem limpas desfizeram o dia
levemente atmosférico
sobre a areia do universono país onde o choro
é só até ao estômago
e alguém esperatremendoque o fresco sangue de Alceste
o outro sangue
seja a calamidade e a angústia
que não vão de avião para nenhum deserto
nenhum glaciar horripilado
nenhuma cama especiosa nenhum comboio sem lágrimas
nenhuma taberna de Alcântara onde o sarro dos anos
se descobre no salto da pantera
que galga o passeio de azeitona na boca
de axilas escurecidas
cujo suor excessivamente espesso
é bem o resultado fiel do habitante da cubata
com um diamante escondido numa ferida
o filho infiel da oração dos marinheiros de outrora
a rua do mundo que desemboca numa laje circular
em frente do lago pútrido
aguardando sem minutos desaproveitados
os que gemem os que se cobrem de negrume
os que nada querem imenso
e só sabem sonhar em termos de ave ou de horizonte
de rato semimorto encontrado num jardim
de árvore
de meio-homem de Epaminondas os sustos
duma Lisboa sem língua

de janela de um país efémero
de constelação trepa que trepa, enfim
de mancebo de pouco futuro desaparecido
de todos os barulhos da Terra.

Mas convém, ó meus amigos de infinito
que tudo seja aquilo que sabemos
e fazemos
o perfil ardente sorvendo o rio trovejante do mundo
a garganta trémula dos lobos ao longo dos carris
sob os tectos
da cidade repleta de ferrugem
e cal tocando o horizonte
ferido como o braço rasgado arrastando sangrentos
embrulhos para a campina solitária
para a babugem da praia na linha de água do mar
onde os peixes ficaram nessas pedras nesses recantos
tão conhecidos por Ahab, o capitão louco
e o seu tubarão vermelho.

Entretanto o poeta cabisbaixo os bantus e as aves
lá vão ao longo das avenidas
nesses táxis que usávamos sob um trémulo firmamento
na Praça do Intendente onde numa noite de repente
as palavras mais simples se velaram nos nossos lábios
como os de Bulgakov, como se fossem de Margarita.

E uma luz assombrada
abominável aos solavancos
crescia em todos os pontos cardeais
em todas as coisas que se divisavam
ao vicejar da treva
entre os degraus dum largo sem nome e sem lugar
na mão tremeluzente, na chave de novo achada
para trespassar todos os símbolos
quando o homem de cinzento erguia no seu chapéu
entontecido e prestes a partir
uma agonia lírica, clássica, regionalista

para todos os rostos destroçados.

ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS ou a travessia do deserto

1. Introdução

É preciso ver a poesia e a pintura muito ao longe. Ou antes: é necessário, por vezes, vê-las como se estivéssemos muito longe, do lado de cá dos montes com desertos misteriosos pelo meio. Muito longe do poeta/pintor, das suas palavras, das suas razões ou desrazões, muito distantes da sua figura, dos seus secretos motivos, dos seus motivos quotidianos e reais – das suas quimeras ou das realidades que lhe crestam a face, dos segredos todavia muito próprios, dos seus pavores e dos seus encantamentos. Como se, magoadamente, serenamente, o encarássemos como o aventureiro legítimo, cuja imaginação clara e concreta nos vai talvez salvar, nos vai talvez fornecer a pista inquestionável para a viagem mais rara. Para a viagem que iremos fazer, cruzando as lonjuras que frente aos nossos olhos se patenteiam.

Mas será isto possível? Será mesmo efectivável, por maioria de razão se com ele convivemos durante décadas, se lhe conhecemos muitos dos mitos e dos quotidianos em que se envolveu ou se deixou envolver, dos sonhos que lhe permeiam o espírito, daquilo que viu e que o suscita para que se permita escrever e pintar sem desdouro e sem desfalecimento? Se o estimamos, se vemos nele um companheiro de jornada, um confrade na rota que é própria de quem vive, que é única mas também nos seduziu?

Pode, pelo menos, tentar-se. Efectuar essa distanciação que é como uma boa regra vital, que é assim como que um olhar lançado na direcção de algo que já vimos mas não esgotámos, como acontece nos grandes passeios que não planeamos ao pormenor mas que ficam em nós para sempre tal qual as memórias de ritmos imarcescíveis.

E, afinal, não pode esquecer-se que há no artista, como em qualquer outra pessoa, sempre uma parte velada, uma espécie de continente desconhecido que nunca chegaremos a descriptar perfeitamente.

Perene regra que deverá ser observada, mesmo escutada quando iniciamos uma demanda. Para além dos horizontes, em pleno território da escrita e da pintura que doravante não nos será alheia.

2. O sabor africano dos dias

Mesmo estando em Lisboa, no continente divisado seja em Loulé, Caminha ou Alpalhão, ou no Norte onde ele agora vive, há qualquer coisa na poesia de Cruzeiro Seixas – incontente, inventiva e com um perceptível halo de mistério (não de exotismo!) – que me comunica um cheiro, um sabor, uma ambiência que me faz sentir a presença da África onde residiu e viveu durante anos que, se foram decerto de encantamento, também foram de inquietação e mesmo de amargura devido a condições muito próprias.

Creio que qualquer um que ali tenha vivido ou excursionado por um considerável lapso de tempo sente esta sensação ao defrontar-se com o acervo de poemas de sua lavra. Com efeito, se o seu percurso nos mostra um autor absolutamente lusitano e surrealista de várias tēperas, não é menos verdade que, tal como me sucede por exemplo na leitura de Leal de Zêzere, sinto o poderoso apelo de África disseminado no que escreve, ora aqui ora ali, expressa ou impressamente: o cheiro da terra e o sabor dos frutos e dos produtos de quitanda, o ritmo das emoções e dos pensamentos que rodeiam os que, estando em África, tendo conhecido nela como num encantamento jornadas e vilegiaturas, acabam por se ligar a esse continente da forma muito pessoal e peculiar que cifra o seu discurso *literário e artístico*.

E, com efeito, Cruzeiro Seixas põe em equação, diria em confrontação, figuras originárias – mitológicas umas, intensamente realistas ou fazendo parte dum imaginário retintamente europeu outras – do continente “*lugar de partida*” como lhe chamava G.A.Henty e onde cristalizaram muitos ritmos que depois se iriam difundir, mercê dos fados da História, pelas terras de Mashona, ou de Chiqwelembo, de Shaka ou de Barotse... Ou dos plainos desérticos de Namanga.

Ou seja: por todos os locais onde se cimentou a imagem que, com alguma dose de magoada ironia, Aimé Césaire, Frantz Fanon ou Fred Blanchod qualificaram de “*negritude greco-latina*”.

O apelo da terra, europeia ou africana, é contudo certificado pelo apelo da escrita: dono de uma límpida erudição a que prefiro chamar conhecimento, cultura viva e profundamente humanizada, Artur do Cruzeiro Seixas faz reflectir nos seus poemas uma

qualidade de discurso poético absolutamente salubre, cortada por um humor e agilidade de estilo que só aos zoilos aparecerá como agilidade extrínseca. Discretamente dramática, quando não mesmo trágica, na sua poesia percebe-se uma fundura de pensamento que toca os grandes temas universais e a forma que eles tomam ao organizarem-se num determinado espírito, num determinado autor.

Numa determinada demanda, de cariz muito próprio, complexo mas conseguido e inteiramente fundacional.

Colho, de um espaço interactivo, estas palavras: *De acordo com Isabel Meyrelles acerca da poesia, Seixas encontrou em África “o espaço que, ‘homem esponja’, sonhava, estando sempre pronto a absorver o que o cerca, e a transformá-lo”. Já Alfredo Margarido considera que “[a] África foi um continente que nunca nos deu sistemas filosóficos e nunca conheceu as peias de um cartesianismo mal-entendido. Daí que sintamos estar Cruzeiro Seixas no continente que é realmente o seu, com uma imaginação elástica e lançando cabos em direcção a todos os seres e todas as coisas”.*

E é, foi e continua a ser em África – como noutros lugares “primitivos do mundo – que um dado (que a pintura deste pesquisador de Universos, tão visionado (de vidente) na sua pintura que se plasma em figurações quase reconhecíveis mas que vivem noutra dimensão) se consubstancia: refiro-me à máscara, às máscaras, que os seus personagens incorporam.

Escrevi eu algures: *“Sendo uma clara face de substituição, mesmo de transfiguração como ficou sugerido, a máscara é igualmente uma projecção dos nossos continentes submersos, das partes demasiado sugestivas e reveladoras do duplo que se acoita nos nossos compartimentos mais recônditos e que através dela é acordado para as actuações que doutra forma não teriam ensejo de se manifestar. Através da máscara que nos vela e nos esconde, paradoxalmente mostramos então a parte oculta da nossa Lua pessoal. Ao mesmo tempo que nos disfarça, a máscara revela/desvela: o que somos intimamente ou, dizendo doutro modo, o que sem máscara nunca patentearíamos à realidade circundante e colectiva”.* E é precisamente mediante esses corpos contorcidos de manequins, de mascarados compósitos que apontam para uma humanidade sofrendo as agruras de algo que as deforma, que a pintura e os desenhos de Cruzeiro Seixas constroem um mundo que grita o seu desespero mas que, contudo, aponta para um desejado permanecer de

esperança e de redenção, não mística mas realizável num continente, em continentes, deste lado da vida.

Dum lado a África, doutro lado o mundo, todos os mundos que o pintor-poeta percorreu, cifrando-se finalmente no país que foi o do seu começo, esse início que, presumimo-lo, será o do final da sua viagem bem real e concreta de homem entre os homens.

3. *O reflexo do absoluto*

Cruzeiro Seixas-pintor, dobrado de poeta, é um organismo mais que vivo. Criador, mas que cria a partir do “*objecto obscuro dos philosophos*”, do elemento primordial desorganizado e portanto que carece de um trabalho de limpeza, de decantação, de desconstrução das matérias desordenadas que só nos são oferecidas porque necessitam, para brilharem, que a mão – mesmo inábil ou *gauche* – as projecte, se projecte, num cenário de contínuo esforço ao longo do tempo. Contra os monstros, mas também contra as seduções de um reino aparentemente acolhedor e luminoso que, no entanto, traz em si os *alçapões* da falsa tranquilidade para nos amordaçar, para nos retirar de nós mesmos com os pretextos de uma razão que não é mais que estreiteza de vistas e de tentar exaurir o conhecimento transgressor contra fábulas velhacas.

A arte, antes de ser um conceito é sempre um impulso. Nenhum artista de qualidade faz arte reflectindo simplesmente sobre o que a arte é. Isso sucede *a posteriori*. Só os pintores medíocres – como se lhes chama na gíria do meio, *pintamonos* – é que para se darem ares ou porque são de facto mentecaptos afivelam um certo ar empafado e bolsam por vezes frases empoladas sobre a intenção, o trabalho, como dizia Borges “*el acto de hacer*”. O verdadeiro artista é mais modesto e, por isso, faz *arte para aprender sobre o mistério da existência e do mundo*. Assim sendo, a arte (seja ela qual for) é sempre uma negação da morte, do vazio, do desaparecimento. Só os filisteus, os de duvidosa mentalidade, propõem a arte como *uma coisa bela*, algo que serve para tornar os dias e as horas do vulgo ou dos poderosos um pouco mais suportável ou luxuosa.

Pelo contrário, a arte autêntica é sempre desinquietante, transtorna e só depois é que nos apazigua.

Antes de transmitir, mediante as suas realizações materiais, algo ao público, o verdadeiro artista procura esclarecer-se a si mesmo. Se um artista tentar fazer arte para transmitir uma mensagem ou um conteúdo, provavelmente não é um artista mas um propagandista. (Há propagandistas, em geral ligados a partidos políticos ou áreas “religiosas”, que sem pudor se atribuem – ou deixam que lhes atribuem – o nome de artistas. Mas são apenas falsários, como muito bem disse André Gide, por muita habilidade técnica que tenham. Podem enganar pessoas ignorantes ou tão desonestas como eles, mas não enganam o tempo, que é como se sabe *o maior dos críticos*). Indo agora à verdadeira questão, o artista *propõe* – para empregar a expressão de André Malraux – ao público as suas concepções e sonhos particulares. No caso da pintura, através dos quadros. O que ele deseja é *partilhar* com os outros as suas descobertas, uma vez que como o referiu João Garçon num ensaio sobre a estrutura da arte, esta é *a respiração da mente*.

4. A acção sempre revolucionária

Dizia Péret, com a autoridade moral que lhe assistia por ter sido, nos sítios onde deu o corpo ao manifesto, um dos protagonistas do bom combate: *“O poeta luta contra toda a espécie de opressão: em primeiro lugar a do homem pelo homem e a opressão do seu pensamento pelos dogmas religiosos, filosóficos ou sociais. Ele luta para que o homem atinja definitivamente um conhecimento perfectível de si próprio e do Universo. Não se conclua disto que o poeta deseja pôr a sua poesia ao serviço de uma acção política, mesmo revolucionária. Mas a sua qualidade de poeta faz dele um revolucionário que deve combater em todos os terrenos: no da poesia pelos meios que a esta são idóneos e no terreno da acção social sem jamais confundir os dois campos de acção, sob pena de estabelecer a confusão que importa dissipar e, por conseguinte, de deixar de ser poeta, isto é, revolucionário”*.

Nesta conformidade, é necessário que – sem nos deixarmos intimidar pelos que tentam utilizar o Surrealismo como excipiente para engolirmos melhor a pílula do totalitarismo – seja na Europa das pátrias, no oriente ou nas américas, do norte, do sul ou da central, e que hoje compreendem e apoiam, impressa ou expressamente, delinquentes políticos como Lula, Maduro,

turiferários cubanos ou chineses tal como dantes o faziam com os fidéis, os maos ou os stalins – é necessário, dizia, que os mostremos como de facto são: “*surrealistas de aviário*”, entes apostados em nos jungirem ao domínio espúrio de partidões ou, mais ainda, de comités centrais *que todo lo mandam*, sem ética e sem vergonha e que, cúmulo dos cúmulos, chegam a *entender* capciosamente as alegadas *razões* de grupos islâmicos criminais.

É preciso, pois, erguermos-nos com dignidade surreal e libertária ante essa gente e dizermos sem medo e sem sombreados que não existe “*marxismo libertário*”, assim como não há tigres vegetarianos...

A vida de Cruzeiro Seixas, tal como a de Mário Cesariny ou de António Maria Lisboa, antecessores de outros que continuam a viver o surrealismo com a sua aura mágica e libertadora, foi a afirmação sincera e criadora de que a *liberdade é da cor do Homem*, como um dia afirmou Breton já despojado de falsas virtualidades que durante certo tempo o feriram, pois se não podemos esquecer a altura em que ele punha a Poesia com tudo o que lhe era inerente, não podemos pôr de lado, por conveniência ou cinismo, as fases em que se deixou enredar pelo aparente brilho da *estrela falsa* a que os alquimistas bem aludiram!

Finalmente, é imprescindível referir que, hoje como ontem, certas gentes deliberadamente orientadas – por incapacidade, cegeira ou mesmo imbecilidade ideológica, tentam fazer crer ao geral das gentes e ao particular de escritores sem grandes rasgos que o surrealismo *já foi*, apesar das muitas dezenas que continuam a vivenciá-lo e frequentemente com grande qualidade. Como exemplo mínimo, verifiquei na Net que um mestre-escola de más mestranças (e num trabalho destinado a alunos!) caracterizava Cruzeiro Seixas como “o ultimo surrealista”. Isto sem a face lhe corar, por pudor mínimo ou vergonha intelectual... Não, o poeta-pintor que vai em breve cumprir 100 anos não é o *último surrealista*. Será o último duma dada geração, pois nem se acantonava em grupos. Mas o Surrealismo existiu sempre (tendo sido posto a correr duma forma acentuada – na Europa e, a seguir ou paralelamente, no resto do mundo – dando de barato que o instinto surreal claramente se manifestara nos tempos imediatamente anteriores em povos *primitivos* ou desenquadrados

da chamada *civilização*) e sempre existirá – enquanto no Homem permanecer o desejo infrene e imparável de mais luz.

Em 2018 Cruzeiro Seixas enviou-me duas cartas.

Uma delas agradecendo com fraternal pormenor o envio que lhe fizera de livros meus. A outra, que carregava a oferta de um seu catálogo-livro, era mais extensa e nela se alongava em reflexões de índole pessoal norteadas por uma comovente humildade de verdadeiro *fabro*, de *hacedor* sem jaça, sem prosápia (como a que enroupa certos cavaleiros de mão romba que se crêem irmãos de predestinados pelas deusas da paleta) – ele que é indiscutivelmente entre nós um dos melhores desenhadores deste tempo, senhor de uma imaginação transbordante e fecunda que lhe permitiu navegar, como diria Péret, “*sem norte e sem estrela através das tempestades, rumo aos areais rumorejantes de ágatas onde brilha o olhar provocante das opalas*”.

Elas trouxeram-me de pronto à recordação uma certa tarde, cerca de 50 anos antes, em que o conheci, nos conhecêmos, numa galeria de pintura, no decorrer da inauguração de uma mostra de um autor que já não lembro quem teria sido. O que não esqueci, ao ser-me apresentado por um colega de veraneio, foi a sua figura de fino recorte: um senhor esbelto de indumentária em cinzento claro, camisa azul marinho, cabelo grisalho acentuando uma delicadeza bem espalhada nuns olhos perscrutadores e abertos numa espécie de sonhadora atenção.

Conversámos seu bocado e, sem me lembrar de muitos pormenores, apenas guardei que faláramos de surrealismo, de pintura e de como e porque razão me encontrava eu ali.

E estivêmos algumas décadas sem contactarmos de novo. Embora eu fôsse tendo, como ele decerto em relação a mim, notícias do seu trajecto, da sua demanda, ele que com Mário Cesariny e António Maria Lisboa – Pedro Oom era de uma outra dimensão, ainda que paralela – constituíam a trilogia que, no surrealismo em português, sentia que estava mais perto da minha própria caminhada.

Notícias essas dadas ora por um filho meu, ora por um comum amigo, ora pelos periódicos que até mim chegavam.

Ora bem: tempos atrás escrevi eu que o Surrealismo tem, nos últimos anos, estado a ser objecto de uma nova e forte atenção de ensaístas, de críticos e investigadores da escrita e da arte em geral. Isso é claramente perceptível e, diga-se mesmo, perfeitamente entendível, uma vez que ele nunca se propôs – fosse nos seus reais praticantes fosse nas suas obras vivas – ser um elemento passageiro ou um modo particular dependente de características momentâneas de moda ou de enfoque.

Cruzeiro Seixas e Isabel Meyrelles, dois dos primeiros cultores do surrealismo entre nós e felizmente ainda vivos, são duas figuras fundamentais dele e nele presentes.

Eu colocaria em Cruzeiro Seixas, assim e aqui, a sua limpidez como num espelho policromo e encantado: dum lado a magnificente pintura, do outro a poesia suscitadora, ática e muito rica a um tempo, deste poeta, autor que pela escrita forma e dá imagem em réplica, a seu modo, ao universo de criação originalíssima que é o do pintor que sempre soube excursionar de maneira muito pessoal pelo mito, altamente legítimo e inteiramente salubre.

No que lhe diz parte, a sua viagem pessoal dentro do surrealismo tem sempre sido uma heterodoxa maneira de encarar o mundo e os seus prestígios ou apoquentações dum ponto de vista filho da curiosidade, da indagação visando as possíveis descobertas, da ligação aos segredos da existência a que podemos ter algum acesso se mantivermos a mente aberta e atenta ao que se vai passando e que vem a seguir ao que se passou em anos de que a nossa vida esteve repleta – não só os factos da história social, quotidiana, mas tudo o que se pôde imaginar de fecundo ou mesmo possível: a magia que parte da escrita ou a ela conduz, a pintura no mundo próprio ou alheio – e tudo o resto que nestas duas se consubstanciam.

As cartas de Cruzeiro Seixas

1.

Amigo Nicolau Saião

Não são nada satisfatórias as notícias daqui.

O que vai sendo noticiado não é de forma alguma o que verdadeiramente tem a ver comigo e com o Surrealismo.

Vivemos em sociedade e nela, quer queiramos quer não, uma enormíssima parte de nós está integrada. Gritamos liberdade, liberdade, liberdade do fundo de uma prisão. Além disso tenho 97 anos e a minha vista não me permite que leia uma linha. Os seus livros deram-me enorme satisfação mas tenho que esperar por alguém disposto a ler-me algumas páginas.

Mesmo nestas circunstâncias é sempre um prazer encontrar um velho amigo como o é o Nicolau Saião. Destes últimos acontecimentos envio-lhe um catálogo onde pode ler alguns desaforismos da minha autoria.

Felicitando-me pela receção dos seus livros, felicito-o pela constância da sua visão.

Infelizmente já não me vai ser possível, naturalmente, voltar a Portalegre, à casa do Régio e às manufacturas de tapeçarias, mas no entanto espero ainda o rever.

Por hoje fica a gratidão comovida, o velho abraço e os melhores votos, do

“Com a admiração e a amizade do Cruzeiro Seixas”

Artur (escrito pelo seu punho)

28 Março 2018

2.

Amigo Saião

Não é para mim nem para si satisfatória a resposta que posso dar a uma longa carta. Os meus 97 anos tornam o dia-a-dia muito difícil... É uma série infinita de impossibilidades, como a de ler e desenhar.

Passei despercebido mas fui “amado” por gente como o Cesariny, o Herberto Helder; e sobre o que fiz, escreveram críticos, como Edouard Jaguer, José Pierre, Franklin Rosemont, etc.

Meus pais não tinham meios para me possibilitar a frequência de um curso e assim, durante toda a minha vida, vivi em empregos desenhando dentro da gaveta da minha secretária, isto desde 1948.

Evidentemente que nunca tive um “atelier”... Essas gavetas e a minha homossexualidade foram a grande família da minha liberdade.

Envio-lhe fotocópias de um texto de Cesariny e outro de Ernesto Sampaio.

Hoje estou numa instituição que dá pelo nome de “Casa do Artista”, onde falta espaço, alimentação, etc. etc.

A “minha obra” parece-me a mim ter sido mais em quantidade do que em qualidade.

A maior parte dos artistas que conheço são grandes comerciantes; eu, pelo contrário, dei, perdi, deixei roubar a maior parte daquilo que fiz.

Disso me envaideço imenso. E tudo isto me dá um acréscimo de consciência e responsabilidade, que muito prezo.

Acresce a estas dificuldades, que são jovens que fazem o grande favor de escrever estas cartas e ler uma página aqui e ali dos livros que recebo.

O seu nome é uma garantia de honestidade intelectual e é uma das companhias possíveis neste acanhado espaço geográfico.

Comovidamente lhe agradeço que se tenha lembrado de mim.

O abraço forte e os melhores votos do...

Artur 17/06/2018

(O papel destas duas cartas tem, ao cimo, impresso um desenho – uma espécie de ex-libris – constituído por um cavalo cuja cabeça é uma mão empunhando uma caneta de aparo, das que se usavam na escola)

DO HORROR COMO UMA DAS BELAS-ARTES

Sim, meus filhos, o vampiro é real.

JOHN POLIDORI

Às vezes faz sentido convocarmos o conhecimento das trevas. Temos assim possibilidade de compreender os secretos mecanismos do horror, aquele que antes de matar, de destroçar o interior e o exterior do Homem, lhe coloca na cara uma sombra amaldiçoada que chega a disfarçar-se de luz.

Num periódico que não referirei, e que apanhei num *zapping* fortuito, encontro um texto vampírico: os portugueses, instados pelo chamado governo ou seus asseclas, são incitados a crer numa coisa chamada Portugal Positivo para estimular a sua auto-estima. Mas alguns publicistas que também raciocinam aparentemente sobre o que os rodeia, agarram ao passar o mote contrário: o povilêu teria até excesso de auto-estima! Se não, veja-se o comportamento de alguns membros dessa torpe classe que foram a concursos de rádio, que falaram em não sei que tourada televisiva: aquele à-vontade alvar é sintomático dum povo que só serve, quando muito, para alombar com os nossos pertences. Para nos ajudar a subir para o cavaleiro que, quando vamos de jornada.

E estes pequenos escrevedores, sem que o rosto lhes core de vergonha, tendo na bagagem como obra alguns nacos que o Tempo depressa destroçará e muita empáfia como motivação, tomam o todo de um povo – que sofre e que tem sido abusado – por meia dúzia de sujeitos televisivamente epígrafados!

Percebe-se bem que é um pretexto para mostrarem o seu desprezo, quicá o seu ódio de elites de trazer por casa ao que de melhor ainda por cá há: o povinho anónimo e sofredor que lá vai singrando entre penas e dificuldades e que de facto só tem um defeito – não ter ainda cravado, com decisão, uma estaca de madeira no coração do vampiro.

É ASSIM QUE SE FAZ A ESTÓRIA

Três cartas (inéditas) e um relato

Palavras prévias

Estas cartas que aqui se dão a lume fazem luz sobre circunstâncias que aconteciam aquando da Exposição Internacional surrealista “O fantástico e o maravilhoso”, realizada em 1984 no Teatro Ibérico e seguidamente, pela mão do crítico Rui Mário Gonçalves, posta na SNBA.

Na NOTA FINAL se dão mais elementos que, cremos, se necessário iluminarão o que nelas é abordado.

O relato, à guisa de “reportagem”, que na parte final do bloco se insere, descreve como é notório um certo ambiente que por essa época envolvia a panorâmica lusitana, mormente nas suas relações com os escritores e pintores surrealistas e outros autores independentes, não contaminados pelo realismo orgânico.

1. De Mário Cesariny a Francisco (Nicolau Saião)

A Francisco da Gália (*) envia Mário Ibericus
Saúde.

A morada da Maria Helena é 34, R. l'Abbé Carton, Paris 14 ème. Deves enviar – istové – o nome que é de pores no sobrescrito, é VIEIRA e SZÈNES. Vale.

Cá veio a tua carta com a tua tradução do Rosemont(1) que é a beleza, nenhum cheiro a tradução, e o teu poema de O Livro das Cidades e respectas duas colagens. Tudo do fino. Segue nesta o que a isso se junta para a Voz Anarquista (2).

De minha parte vão e estão:

o LUNÁRIO DO SURREALISMO PARA 1990. É uma secção a ser continuada e cujas características apanharás à primeira leitura. E é um presente bom que faço aos teus e nossos amigos porque título assim não vem todos os dias e eu tinha-o de lado para a edição de um livro grande gizado nos mesmos moldes. Aliás, não desisto de fazer tal livro (que está quase feito, aliás outra vez).

um NOTÍCIAS DA CULTURA que espero te regozijará bastante e servirá de aviso grave aos e às OKAPIS (3) de Lisboa e Horizontes.

uma PEQUENA CONTRIBUIÇÃO AO PROGRESSO DO MITO “DEUS-PÁTRIA-FAMÍLIA”, que já conheces de vista.

um ENSAIO DE SIMULAÇÃO DA DISLEXIA PROFUNDA, do Miguel de Castro Henriques.

um FERNANDO PESSOA POETA, que é a minha comunicação para a base naval de Portland. (*Congresso sobre pensamento libertário – Universidade de Portland-Oregon*)

Penso que este material sublime, junto ao teu do Livro das Cidades e a tradução do Rosemont, dará darão as duas páginas requeridas e mesmo alguns sobres para continuados noutras páginas. E julgo ser importante que saia junto, por ficarem tocados os vários pontos-estrêlas gerais. A menos que ainda possa ser pouco e se lhes possa dar mais. Acrescentarias das tuas lavras. Caso contrário, e sendo absolutamente exigido “diminuir”, proponho que a “vítima” seja o Rosemont e se lhe diminua o texto. (...)

As comunicações eu Botas (4) parecem-me comprometidas outra vez. Assim que te a ti mando, para que por tua vez sejas tu a mandar, como no princípio. Por fim, achava preferível que a esta página ou páginas se não apuzesse nenhum título especial. Apareceriam no que são como são. “Voz Anarquista” já é mais do que bom. Mas como há textos que não saem assinados (aqui vão três) poder-se-ia pôr, num cantinho, “página” (ou páginas) coordenada(s) por Fulano e Fulano”.

Como vão as tuas endoenças? Eu mantenho algumas. E as bodas do Ceia (5) quando são? Recita-lhe durante a cerimónia “O Casamento do Céu e do Inferno” do William Blake!

Abraços para ti, para a Flora, e para o nubente

Mário (manuscrito)

Enfim, diz que recebeste, e o que achas do recebido.

Abril 7 (manuscrito)

Magníficos, os “exemplares especiais” que fizeste das nossas comunicações Portland!! (6) (manuscrito)

NOTAS

(*) Refere-se a NS, cujo nome civil é Francisco.

1. Refere-se ao ensaísta americano Franklin Rosemont.

2. Jornal que se dispusera a publicar um suplemento orientado por MC e NS. No entanto, posteriormente explicaram que tinham necessidade do espaço para a inserção de textos difundindo a mensagem anarquista, pelo que deixaram cair a intenção.

3. Referência irônica à ensaísta sul-americana Maria Lucia Lepecki, que na altura dispunha na praça lusa de bastante notoriedade.
4. Refere-se ao pintor e poeta Mário Botas, nessa altura bastante doente.
5. Refere-se ao confrade que escrevia textos sobre música moderna com o pseudónimo de A.J.Silverberg.
6. Refere-se ao Congresso organizado pela Univ. de Portland (Lewis & Clark College), em que ambos apresentaram comunicações – MC sobre Fernando Pessoa, NS sobre Religiões Reveladas.

2. De Mário Cesariny a NS (manuscrito)

Out. 84

Meu Caro Francisco Nicolau

Depois de muitos picos e oxalá não venham ainda outros mais agudos, o Catálogo da Exposição ficou ontem entregue e agora eles que dêem ao dedo atrasado. Se puder abrir no meio de Novembro já seria muito bom.

Concordo firme com o que na tua última carta dizes do “anarquismo” do e dos Rosemont e o que eu gostava bem é que lho dissesses a ele directamente. Apreciei tanto a tua carta que pensei publicá-la no catálogo, mas parei, porque: teria de ser revista, com vista à publicação; b) levava os textos inseridos para um terreno de que, no geral, estão alheios.

Assim, do que lá vem, e como “responsabilidade” minha no ter posto, penso que será bastante publicar, juntamente com o texto do Rosemont “Para o II Incêndio de Chicago” (que é quanto a mim um belo texto de furor poético) o texto do John Lyle de que fiz um Bureau (chata palavra esta) Surrealista ainda este ano, texto que é contradita formal aos apelos ó Marx ó Freud ó Trotsky ou Lenine; e ainda o texto do Jean-Jacques Dauben/Timoty R. Johnson, que é ultrapassagem serena da questão.

Repito-te que era muito bom (sobretudo para ele) que, e agora que v/ estão em contacto directo, lhe escrevesse dizendo. Mas teria de ser em inglês ou francês porque lá o português não se ouve. Julgo que em espanhol também poderia ser. Ou chinês.

O quadro do Mourato **tem que vir**. O mesmo problema há em relação às esculturas da Silvia Westphalen e do Pedro Fazenda, que são material pesado e estão em Lagos.

O Carlos Martins tem sido um amigo e um colaborador admirável, e não ponho um pêlo de dúvida de que se esta Exposição se faz ou fez muito mais de metade da força necessária a tal loucura é dele. Mas é também um emotivo, uma emoção a andar, como de criança. Boa, que é a diferença entre ele e o Cruzeiro Seixas, que sempre fez, ou gostou de fazer, de criancinha má.

O que dizes dos “amigos” de aí, quanto a ajudas (transporte do quadro do Mourato), está um pouco contrabalançado pelo que a mesma gente tem feito aqui para desembaraçar obstáculos inenarráveis e seculares. Assuntos alfandegários **medonhos** e outros medos mais.

Hoje o Teatro Ibérico estreia a Celestina. Vou ver.

O Nicolas Calas refere-se a *montras* no texto que traduziste. E ainda que isso esteja enterrado lá no 1940, eu ainda me lembro de ter visto, pelo menos duas delas.

Velho, ã?

O Arpad Szenes caiu não sei como e está com um osso para pegar. Com a idade dele isso é pior do que mau. Escrevi-lhe e enviei-lhe o poema que lhe dedicas e vai sair no catálogo.

A ideia é incitar o osso.

Escreve ao Rosemont, mesmo em chinês. Ou encontra aí quem te verta em inglês ou francês. Eu, a ele, já disse o que tinha a dizer há pares de anos.

Parece que o Robert Green, a Debra Taub, o John Graham, o Ludwig Zeller, a Susana Wald e o Granell vêm cá ver a Exposição. E há um Australiano muito muito bom que diz que já não pode com tantos cangurus e quer vir para a Europa. Arranjas-lhe *vida de artista* aí em Portalegre?

O Mourato *deve vir ver* a Exposição! Trá-lo contigo.

Grande abraço

Mário

3. De NS a MC (a carta a que este se refere na sua)

26 Set. 84

Mário:

Apresso-me a escrever-te para te dizer que, com efeito, o *papel* do Rosemont é de facto de mais. É, pelo menos, um bom serviço prestado aos KGB e companhia, sob a sua capa anarcaqueirante.

Não alinho nisso; seria bom compreender-se que, também eu, não concordo com a sua inclusão no Catálogo; o fantástico e o maravilhoso, sendo a inteligência e a poesia em funcionamento prático, não se compadecem com a vizinhança de pistolinhas de Chicago. Aquilo não é revolucionarismo, é politiquice às três matracadas.

Creio que é urgente mandares dizer a Rosemont que a Exposição nada tem a ver com anarquistas federados ou só de chapelinho; para que tudo não se complique e comece a ficar macacal. E dê merda.

Por outro lado, importa dizer de uma vez por todas: eu não sou anarquista, explicando: *sou libertário porque surrealista*. A minha estadia junto dos anarquistas *ibéricos* foi um equívoco provocado pelo facto de eu julgar que as pessoas que se dizem livres têm poesia na cabeça e no corpo; trocando: que são a própria poesia.

Quem são a própria poesia são os poetas: tu, eu, o Martins, assim. Os outros podem sê-lo eventualmente, mas não se tem notado nada. São anarquistas de aviário ou “pistoleiros” puros e simples. A Anarquia, para mim, teria de ser a poesia em movimento. Mas aqui (ou em todo o lado? Espero que não) é só a politiquice duma dada extrema. Que vão para a porra, definitivamente. O único anarquista verdadeiro é o homem criativo, o Poeta, que não se curva a cores e traquitanas. E disse, caraças!

Concordo pois contigo e Carlos que importa levar a Rosemont as “actas de Niceia” (passe a piada!). O texto dele parece-me menos surrealista que exaltado. E a exaltação assim é meia-mantenção de um outro conformismo. Prefiro *os índios e os esquimós*, mais que os americanos em (pseudo?) rebeldia. *Tenho a ver com os Dogons (assim como com Basile Valentim) nada tenho a ver com Marx e Lenine*. E pronto, caneco!

Cago tanto na LSD como nos manifestos eleitoralistas. Tanto me urino nas bombas de compra ou de fabrico próprio como nos artefactos dos cabrões dos militares e estados-maiores. E acabei.

Amanhã te mandarei o resto da tradução do Calas. Acredito no valor do livro dele se o dizes. Aliás estes textos dele não são maus,

são só horrivelmente ingénuos (embora necessários, e além disso a *intelligentsia orgânica* de cá é tão estúpida que não irá dar por nada). Depois, um dia, falaremos disso.

Os meus textos que apontas não estão publicados em nada a não ser as cópias fotocopiadas que te mandei – com excepção do Picasso.

Agrada-me que tenhas colocado esses para publicação no catálogo.

Talvez dentro deste tempo eu tenha dinheiro para editar um livro (que dizes a “Objectos inquietantes” ou outro? *) Fala disto. Procura por favor uma tipografia que faça BARATO, PÁ. Davas capinha? Então vê lá isto. Estou um bocado melhor, com as alergias de verão a desvanecer-se, depois falaremos de viva voz.

E viva a Poesia, a revolta e a beleza sem amarras nenhuma.

E vejamos lá isso sobre o Rosemont. Se não, qualquer dia estão a fabricar bombas atómicas de bolso. O que é tão mau como o resto.

Abraço grande do

Francisco (*nome civil de NS, também manuscrito*)

(*) O dactiloscrito do livro aludido recebeu mais tarde o prémio “Revelação Poesia” 1990 e foi dado a lume na Editorial Caminho.

NOTA FINAL

Coincidindo com os prolegómenos da Exposição “O fantástico e o maravilhoso”, o diretor do quinzenário *Voz anarquista* (Francisco Quintal) aceitara a minha sugestão de ali ser dada a lume uma “página surrealista” organizada por nós (eu e Mário); assim sendo, juntámos colaboração de surrealistas nacionais e estrangeiros; Franklin Rosemont (EUA), para além de um bom texto sobre o surrealismo destinado ao Livro-Catálogo da Exposição mandava um outro destinado eventualmente à dita *página* no qual, visto o anarquismo – *conforme à tradição...* – *ser de esquerda*, se debruçava com extrema “militância esquerdista” sobre o momento português – manifestamente devido ao desconhecimento do que de facto sucedia em Portugal, onde os surrealistas eram marginalizados e fortemente hostilizados (bem como muita outra gente) pelo partido político que ali representava o império soviético social-fascista e liderava as operações de conquista do poder em conformidade.

O RELATO – Reportagem: Pela porta do cavalo

No decorrer da turbulenta sessão surrealista aqui referida e durante a qual se esboçaram entre alguns assistentes amoráveis pequenas cenas de pugilato e outras danças a carácter propiciadas por espectadores fãs dos situacionistas de Leste, além de um poema (já publicado em diversos órgãos e espaços informativos) Mário Botas – que ali nos fora acompanhar como espectador – teve a gentileza de me oferecer um desenho aguarelado de excelente feitura. Perdido sem apelo nem agravo entre os eflúvios da zaragata ficou ele, creio que capturado por um desembaraçado anónimo admirador do pintor – o que a ninguém dói mais que a mim, seu feliz proprietário durante o melhor de aí uns vinte minutos... ou duas horas.

Sei, por tradição escrita e oral, que há uns senhores (ensaístas ou biógrafos, lhes chamam) que têm por mester traçar a vida e os cometimentos dos que em esta vida pintaram ou poetaram com algum destaque. Dedicado a esses bons espíritos, poupando-lhes assim trabalho moroso de investigação, é que segue este resquício de texto, enviesado porque os tempos não dão para mais.

Ora foi que no passado dia 1 de Novembro dei comigo, de juntura com o Mário Cesariny, num salão de Alcântara a falar de surrealismo. A sessão *foi algo picaresca*. No meio de gente atenta e interessada houve (e ainda bem, ou mal) uns fulanos que não aguentaram o Artaud, os negros Nauba em livro que lhes dei a ver, os poemas do Mário e os meus próprios. No meio da conversa *deram de si*, o que foi curioso de contemplar. Já toda a gente sabe que no Movimento político luso (digamos assim por comodidade) há, discreta e séria, uma doce corrente meio fascista/meio estalinista, expressa ou camuflada. Tão camuflada que por vezes nem os próprios dela se reconhecem. Bem certo é que o estampido das suas cabeças por dentro lhes dificulta às vezes o conhecimento intrínseco de si mesmos, mas o que não está bonito é que deixemos os vindouros sem isto lhes assinalarmos.

A palestra sucedeu no âmbito da Semana de Presença Libertária. Antes de nós tinha actuado o Grupo Mandrágora com uma peça em um acto de Jorge de Lima Alves, “Jau”, que está a preparar-se para enfrentar o público. Bons moços, os de “Jau” precisam, fundamentalmente, de dinheiro. Como não lhes sairá,

seguramente, a Taluda por estes meses mais chegados, talvez outra entidade abone.

Depois de eu ter apresentado uma breve resenha dos prolegómenos dadaístas e surrealistas, Mário Cesariny “*para lançar uma ponte entre todos e que permitisse intervenções e perguntas*”, começou a ler umas linhas de Artaud, do seu livro “Viagem à terra dos Tarahumaras”. Foi quase a seguir que começou a *bagunça* (peço desculpa aos futuros biógrafos mas não posso utilizar outro termo menos vernáculo): um senhor de barbas, atingido pela voz do autor de “A cidade queimada” e pelos ecos de Artaud, increpou logo o leitor, perguntando-lhe com laivos que pensou irónicos se “*aquilo era uma lição de antropologia*”. O que ele queria, viu-se depois, era que os surrealistas dissessem ao que vinham, como os pajens de antanho. Qual era o seu presente e, eventualmente, o seu futuro. Antes de lhe responder, o que fiz seguidamente com algum desenfado, uma senhora do sector interessado desfechou-lhe com vivacidade o que ele estava a pedir: “*que aquilo não era um comício e, se não estava interessado na voz dos poetas, podia sair e arejar o ambiente*”. O rapaz de barbas, que devia ser um tímido, calou-se prudentemente.

Depois de Cesariny lhe ter dito que, ao contrário dele, não acreditava no progresso ocidental, que era o que repassava a sua intervenção, pouco na história e ainda menos no futuro da “literatura”, afirmei-lhe por minha vez que me parecia que Artaud, pondo de parte o interesse evidente do seu relato, todo percorrido por uma aragem de paixão e imaginação, não estava morto. “*Neófito, não há morte*”, como dizia o Fernando Pessoa. Além disso, era de nos interrogarmos se não estariam mais mortos os laboriosos mentores da cultura cristã inventora da corrida em frente (para o abismo). Quanto ao surrealismo, vai indo relativamente bem e de saúde: a poesia sob todas as formas é o que interessa aos operativos, os totalitarismos o que não lhe quadra. Disse alguns textos do Cesariny e meus, espalhando revoada de diabos. Recompostas as coisas, tracei um panorama do que se pode entender por acção poética: prospecção do humor negro, da imaginação descomprometida e da alta Aventura, da ligação ao não-autoritarismo, à Beleza e ao repúdio do que por detrás dela se esconde como um rinoceronte: o horrível do Belo, exemplificado entre nós por sarcófagos altifalantes como José Augusto França, E. Prado Coelho, universitários cabotinos e outra gente de fraque.

Expliquei mais ou menos em tempo porque é que aderimos à chamada Utopia dos Grandes Transparentes, porque negamos a religião clerical e o Poder, seja ele de Estado ou de sector. Foi a seguir, quando coloquei o Dada retardado Vaneigen no lugar que lhe compete (estraga-albardas mascarado de sacristão, exemplificado pela repugnante frase “*A Esperança é a trela da submissão*”) que alguns rapazes ficaram um pouco ourados. Após dar a minha opinião sobre o que eles pretendem destruindo a Poesia e a Arte (a arte lúcida e viva) e que é simplesmente destruir a forma mais eficaz de criatividade, dei a altura e a água ao Mário que mostrou sem margem para confusão a razão de serem os adeptos de Vaneigen iguaizinhos aos moços de Brejnev: adesão a um comportamento rígido e totalizador, sequelas sexuais não resolvidas, ódio à Vida no mais alto grau, adesão a esquemas maniqueístas. Depois de me referir ao exemplo que Bradbury equacionou no seu magnífico “Fahrenheit 451”, uma sociedade crestadora dos livros, das pinturas, mergulhada na masturbação, no comer-dormir-trabalhar e na delação, foi aí que tive oportunidade de ver saltar do canto um indivíduo espumando de fúria que, parecendo conhecer-me, achou *que tinha de acabar-se com a Arte e os artistas*. Retorqui-lhe que só havia um meio para isso – prender em campos de concentração os ditos, queimar os quadros e instaurar a polícia total do pensamento e do corpo. Pelo que me dizia respeito garantia-lhe que, mesmo numa cela, mesmo retalhado, continuaria a fazer versos, se não escritos pelo menos pensados. O indivíduo em causa, persistindo, afirmou-me que o que lhe interessava era “*destruir o surrealismo*”, programa aliás digo eu já no mapa de certos sujeitos como Hitler, Mussolini e Salazar. O que o indivíduo queria significar era sem dúvida “destruir a poesia” que para ele ao que percebi é apenas alibi e truque.

Censurado por alguns assistentes, com quem chegou a envolver-se em disputa física logo apartada por outros, a pessoa exprimiu desejar continuar comigo a *conversa lá fora*, referiu corajosamente não sem antes me tentar aplacar dizendo-se magoado por eu o ter comparado ao Brejnev. Para não o frustrar e porque ficara com aprumos de efectuar uma contradança a caracter, sugeri-lhe (enquanto o Mário ria feito maroto) que fossemos então já para a rua trocar umas amáveis congeminações para não ficar muito tarde. Depois de meditar uns momentos, o

moço para minha surpresa declinou a simpática oferta, o que algumas vozes mais brejeiras não deixaram de comentar com virtuoso sarcasmo... para seu encabulado posicionamento.

E de facto comparei-o mal: parecia-se mais com um jovem e desaparecido membro da “Jugendgroup” que vi num filme sobre a Segunda Guerra Mundial.

A sessão, ao que percebi, iria acabar como nos bailes de província relatados pelo Antunes da Silva se um interveniente não tivesse vindo pôr termo ao potencial *espectáculo* (passe a ironia) falando na hora tardia.

E foi só.

Resta-me garantir aos jovens assistentes interessados que continuarei a poetar. Isto serve também para os não interessados. Agradeço também a atenção expressa pelos outros assistentes: mulheres e homens. E até sempre...

NOTA

Este bloco foi destinado à página cultural do semanário alentejano “A Rabeca”, órgão de informação portalegrense.

EM LOUVOR DE LEWIS CARROLL

Nascido na pitoresca vila de Daresbury em 1832, o autor de “Alice no País das Maravilhas” congeminou esta obra famosa em 1862 durante um passeio de barco através dos bosques cursados pelo Tamisa.

Cento e dez anos depois, “Alice do Outro lado do Espelho” era divulgado em Portugal pela editora “Estampa” na sua conceituada colecção de capa negra “Livro B”.

Em 1985, por sugestão de Mário Cesariny dei a lume, sob a égide do “Bureau Surrealista Alentejano”, uma folha-volante com o texto que a seguir se apresenta, numa edição/distribuição de 50 exemplares ilustrados e assinados pelo signatário:

LEWIS CARROLL NUM POSITIVO FOTOGRÁFICO

Pelas ruas de Daresbury, de Guilford e de Oxford e pelas sombras do campo inglês um homem passa. O rosto entre o pensativo e o taciturno a que se sobrepõe por momentos uma inconcreta expressão de fina alegria, de interrogação difusa, é familiar aos transeuntes.

Em todo o homem há uma parte negra ou mal iluminada que, provavelmente, é a sua parte mais luminosa. Acham estranho, acham contraditório? Pode lá ser... Ruas escusas, parques gradeados com ruínas frequências, casas isoladas onde soam gemidos, choros, risos inqualificáveis – e onde por vezes se percebem, vindas lá de que estranhos reinos, algumas luzes inquietantes que não têm razão de ser? Sim, tudo isso.

O poeta concentra em si todas as beberagens e os maus odores. É muitas vezes um filho maldito do seu tempo, ama por excesso o que não deve, fotografa o passado e o futuro em animais e em crianças, tem um desejo de absoluto que, suspeita, nunca lhe será concedido. As matemáticas do mundo encarnam numa inocente inclinação que o fazem contrair o rosto numa expressão de ternura cordial, de fantasia entre o medo e a esperança. E os jogos malabares da imaginação permitem-lhe seguir viagem.

O que frequentemente o preocupa é que há silêncios que gritam, a sua busca tropeçou noutros dramas, noutros pontos limite. Humpty-Dumpty desvela-se de súbito num muro de uma

das ruas do universo. Porque as ruas modificam-se, como se modificam os rostos da Duquesa ou da Rainha. Também elas têm a sua geografia própria, o seu semblante nostálgico ou alegre. As ruas estão para além do lugar-comum, consoante os momentos, a disposição de quem por elas transita, consoante até as mudanças cifradas no passar dos anos. E no fim de algumas, ao entrar no bosque, abrem-se túneis de esquisito recorte na ramaria por onde passam as imagens virtuais de coelhos, de chapeleiros e de quartos e salas que ora crescem ora diminuem como se alguém as concebesse num sono peculiar.

E assim o poeta, nas suas horas, recria o mundo quotidiano e confere-lhe outra dimensão. Admirável e necessária operação: levado por uma onda palpitante que tanto pode vir do mar dos sonhos como da realidade mais elementar, dá-nos a transfiguração dos dias e das noites com tudo o que nelas vive: bichos que são gente, os ritmos secretos das horas e das Estações, lugares que amou ou o impressionaram, a face tangível de pessoas, coisas e memórias transfiguradas onde habita para sempre o seu ser profundo, o da criança primordial.

E se o mundo dos minutos penosos, insustentáveis ou cruéis tenta cercar o melhor da sua demanda, há que abrir a porta – ainda que pequena – com a chave inventada pelo Desejo e para além da qual residem as maravilhas, esse território semeado de sinais reveladores onde, finalmente, se acham, mediante a capacidade de sentir e de criar, o conhecimento conquistado e a possível sabedoria.

ENTREVISTA A JOSÉ JAGODES

“SÓ SEI QUE NADA SEI!” – Declarou à nossa repórter o Doutor José Jagodes, com a sua proverbial modéstia, durante o diálogo que manteve com Lina Carvalhosa(LC) e, adicionalmente, com o fotógrafo Benjamim Vistagrossa(BV) aquando da entrevista perpetrada na sua mansão de Linda-a-Velha.

O encontro, digamo-lo desde já, teve momentos de alguma críspação, mormente quando foi abordado o lançamento, sucedido recentemente, do seu livro “Congeminações teóricas na Baixa Idade Média”, profundo estudo em que o notável pensador se debruça sobre o tema das teorias conspirativas entre os pré-godos peninsulares e que foi valorizado pelo prefácio do Professor Vasquez Ferrabraz, hoje por hoje um dos maiores – se não o maior – especialistas nessa interessante matéria.

Saliente-se que logo de início, o que traz elementos iluminantes para melhor entendimento da controvérsia entre Benjamim e o Doutor Jagodes, se registaram fricções que... Mas os leitores verão pelo que a seguir se lerá.

Lina Carvalhosa (LC) – É com muito gosto, Doutor Jagodes, que aqui estou imbuída desta missão de o trazer de novo ao contacto com os nossos leitores. Há um certo tempo que se mantinha num relativo afastamento... Isso deveu-se a...

José Jagodes (JJ) – Apenas ao facto de eu ter estado, nos últimos tempos, a reger uma cadeira de Mística Conjectural e Matemática Pró-Activa na Universidade de Westford-on-Tyne, onde como talvez saibas sou professor convidado depois de ter terminado o meu contrato na Sourbonne onde durante mais de 6 anos tive a meu cargo a cadeira de caracteriologia e em que dei a lume o meu já quase clássico “A Vociferação nos Tempos Arcaicos e pós-Modernos”. Mas antes de passarmos à acção, e para começarmos bem, convido-vos a degustarem comigo um calicezinho de Vat 47, a meu ver a melhor bebida do mundo e arredores!

LC – Aceito, Doutor, já que é tão simpático...

BV – O Doutor, se me permite, não terá por aí uma Vodka? É a bebida que melhor me quadra. E devo dizer, com sua licença e escusando-me desde já, que acho ser a vodka muito melhor que o Vat 47... Essa sim que é a melhor bebida do mundo!

JJ – Achas que sim? É a tua opinião, que eu respeito mas não concordo. O Vat 47, esse uísque dos bons gastrónomos, até tem um efeito que beneficia o coração... Abre as artérias e dá alegria aos taciturnos!

BV – Talvez... Mas além do mais há o aspecto sócio-moral...

JJ – Sócio-moral?! Não te estou a perceber, moço...!

BV – Não? Mas eu explico já: o Vat 47 é um produto fabricado no universo económico do neo-liberalismo! É a bebida típica dos argentários... Dos que só se interessam pelo financismo, que tanto mal tem causado ao planeta! A vodka, para além do saboroso paladar que a recomenda, é um produto do universo progressista, e lembre-se por exemplo que há cem anos, precisamente, ela vem ajudando os povos a caminhar com alegria nos caminhos justos e de...

JJ – Alto lá! Queres tu dizer na tua que há bebidas progressistas e outras reacionárias? É isso?

BV – Exactamente, Doutor! Não esqueça a frase famosa, dum grande conhecedor, que disse que *nós somos o que comemos*. Naturalmente também o que bebemos... E embora não se dê conta, ao engorlipar esse tal uísque de que parece gostar tanto o Doutor está a fazer de si um manipulado pelas prestações anti-populares... da alta burguesia e derivados...

JJ – Eu acho é que tu estás é a ser politicamente correcto, o que me deixa com farnicoques. Mas pronto, não queres o Vat 47 não bebas. Ficas a secas, porque aqui, além do uísque, só tenho um conhaque Napoleão!

BV – Ou seja, material claramente oriundo das mesas e instâncias monárquicas. E devo acrescentar, já agora...

LC – Meus senhores, detesto interromper mas acho que nos estamos a desviar do assunto nuclear que aqui nos trouxe! Passemos adiante e vou já questioná-lo Doutor: consta que o senhor tem estado a atravessar uma fase de nostalgia. É isto verdade?

JJ – Talvez... Mas isso deve ser por razões vindas a lume recentemente... Então e agora, que foi revelado que o homem afinal não é engenheiro, como é que os seus causídicos, com aquela voz profunda e bem timbrada que principalmente um deles usava, vão tratar o Temístocles quando estiver a contas com membros da comunicação social??! E eu que gostava tanto de ouvir, principalmente o causídico gordo, a referir: *o senhor engenheiro acha que, o senhor engenheiro entende assim e assado...* Fico um bocado macambúzio, confesso!

LC – São coisas da época, Doutor... Coisas da vida felizmente em democracia, não concorda? Mas já que estamos a falar em democracia, o senhor não acha que relativamente se tem estado a atravessar um período ligeiramente... controverso? É que as coisas parecem algo contraditórias, no que respeita à tradição das forças políticas: os que usualmente protestavam andam calados e tranquilos, os que pelo contrário torciam pela calma nas ruas é que expandem protestos e até...

JJ – Nunca ouviste dizer que *mudam-se os tempos mudam-se as vontades*? Hein? E já que abordaste esse tema, vou-te citar uma frase dum colega antiquinho do nosso ex-premier, curiosamente também de nome grego, um tal Aristóteles: *“Quando a democracia se desgasta e se debilita é suplantada pela oligarquia”*. E queres melhor exemplo de oligarquia do que aquilo que agora temos? Só que é uma oligarquia de novo tipo, bem disfarçadinha mas inegável e onde, se protestas, te cai logo em cima uma chusma de imprecizações nas redes sociais que até ficas escanifrado! Ou seja, o preâmbulo a coisas menos amáveis, que é para aprenderes a não incomodar...

BV – O doutor desculpe a interrupção, mas eu acho que quem manda manda bem! Além disso são a expressão do querer popular, dos desejos populares que são quem mais ordena!

JJ – Ai sim?! Mas o querer popular, se bem me recordo, disse precisamente o contrário, moço. O resto foi arranjinho habilidoso mas que serviu principalmente para safar a carreira dum mangas que, doutra forma...

BV – No meu entender, tudo o que se fizer pelo zé povinho é justificado!

JJ – Mesmo contra as regras éticas?

BV – A ética, já o disse um grande pensador que foi também um extraordinário dirigente que visava os *amanhãs que cantam*, deve estar ao serviço dos fins magníficos que se perfilam no horizonte! O resto é conversa anti-popular.

JJ – Ou seja e trocado por miúdos, o que tu queres dizer é que como reza a frase canónica *não faz mal mentir desde que isso beneficie o interesse do proletariado*, o que significa realmente o interesse do Comité Central, não é?

LC – E lá estão os dois de novo a fugir ao tema! Vamos mas é prosseguir, Doutor... Creio que o senhor também se sente muito magoado com o que sucedeu recentemente, não é verdade?

JJ – Referes-te à famosa polémica com os *mails* do Benfica?

LC – Não, Doutor, refiro-me à desgraça dos fogos!

JJ – Claro, moça, que me sinto magoado, pois então! Mas contra as condições adversas do clima pouco se pode fazer...

LC – Mas parece que não foi só o clima... as altas temperaturas pós-estivais. Parece que o Estado andou às aranhas, que tudo ficou meio empanado... numa confusão calamitosa...

JJ – Talvez... Mas são azares e, como disse aquele homem público cujo nome não recordo de momento, *agora que tudo estava a correr tão bem é que aparece isto dos fogos...*!

Palavras sensatas, que mostram que até no meio da confusão há sempre alguém que mantém o sentido do essencial, ou seja dos interesses da classe dirigente, que é para dirigir que ela serve, sem se deixar estorvar por *aproveitamentos políticos* de crítica.

LC – Mas não acha que a crítica, mormente nos quadros que a Constituição garante, é um bem e não um mal?

JJ – Claro, eu estava só a reinar um bocado contigo, a fazer espírito para aligeirar o ambiente!

LC – Ah, bom! Agora, Doutor, uma questão menos triste: segundo julgo saber, o lançamento do seu livro “*A Vociferação nos Tempos Arcaicos e Pós-Modernos*”, que teve lugar num salão dum dos mais conhecidos hotéis da Capital, parece que foi um êxito de público e de vendas...

JJ – Tens razão. Foi de facto algo que até me comoveu.

BV – O Doutor permite-me um aparte? Não sei se sabe que circularam boatos de que muitos dos seus numerosos amigos teriam comparecido apenas com o intuito de comprarem livros às dúzias e meias-dúzias para elevarem a obra no *ranking* da especialidade...

JJ – E lá vens tu outra vez com disparates...! Pensas que sou algum escrevente sem carácter, capaz de uma coisa dessas? Um tipo que procedesse assim só mostraria o seu baixo estofo, a sua falta de vergonha e eu prezo-me de as minhas obras singrarem sem truques desse cariz. A “*Vociferação, etc*” é um volume que se impõe pela justeza de tom, sem arlequinadas de baixo calibre, e tal como o anterior, onde são descriptadas as parlapatices das teorias da conspiração antigas e provavelmente modernas, vale pelo seu intrínseco articulado que...

BV –... Mas da fama não se livra, Doutor!!!

JJ – Ou queres sugerir que neste momento o que importa é um mangueiras qualquer vir com conversas que mais parecem paranoias, com licença da mesa... ?

LC – Meus senhores, então?

JJ – É que aqui o Benjamim dá-me comichões...

LC – As discussões a mim incomodam-se. Até parecia que estávamos no Areópago Nacional... em dia de plenário...

JJ – Pronto, eu modero o tom de voz. Queres perguntar algo mais?

LC – Quero referir-me a assuntos momentosos da circunstância nacional...

JJ – Queres referir-te àquelas coisitas acontecidas com o Tony Carretas? Digo-te já que de certezinha não houve copianços, quando muito só teria havido, sei lá, influencias ou mesmo sugestões... para acentuar os romantismos...

LC – Não, não, referia-me era ao que tem circulado em certas fontes bem informadas, de luzes estranhas de noite, que até se supõe serem oriundas de objectos esvoaçantes não identificados... sobre o logradouro-perímetro de Retrancos...

JJ – Não me digas que também acreditas na tese de que o Sol dançou... Lá naquela vez...!

LC – Não sei, Doutor, mas lá que os alienígenas parece que são capazes de tudo... para tentar lixar os trabalhos da Geringócia... é uma grande possibilidade!

BV – Claro! E se calhar esses tais alienígenas estão ao serviço do Trompas. Só para lixarem uma solução governativa que tem sido a admiração do Mundo! Que o estrangeiro olha com inveja e mesmo vendo nela uma lição!

JJ – Tu hoje estás mesmo de todo, ó Benjamim. Daqui a nada se calhar até me vais falar nos argumentos empregues por quem de Direito para justificar as berlaitadas aplicadas com uma moca de pregos a uma alegada adúltera...

LC – Não, eu acho que o Benjamim não irá tão longe...

JJ – Que nisso de argumentos invocando os conselhos da Bíblia... É de não irmos por essa via, valha-nos deus!

BV – Mas que são conselhos sensatos, são. E até noutros calhamaços sagrados isso é contemplado. Veja-se por exemplo o Corano!

JJ – Coisas do sector ideológico religioso não, moços! Recuso-me a ir por aí, isso é matéria em que devemos manter um certo recato – que isso até me mete medo. E eu, como dizia o Outro, só *sei que nada sei!*

LC – Também digo, Doutor. Bom, para terminarmos gostava de ir por outro caminho, consensual e legitimamente alegre.

JJ – Sim, vamos mas é terminar com uma coisita que até nos causa uma justificada comoção – o quinto prémio futebolístico mundial atribuído ao nosso grande Arnaldo! Isso é que é algo de transcendente, até as chatices que envolvem a Pátria ficam irrelevantes!

LC – Melhor que isso só a perspectiva do nosso Sport verdinho ir ganhar este ano o Campeonato!

BV – E o caso da nossa talentosa Madorna ter escolhido Lisboa para morar. Isso é que nos diz e demonstra que a Nação vai por bom caminho, com o nosso Costavich ao leme tudo se resolverá a contento!

LC – É bem verdade, Benjamim. Não acha, Doutor?

JJ – Longe de mim querer desiludir a vossa, hum, esperança no futuro. E faço votos para que no Inverno que se aproxima não venham para aí umas marotas inundações que deitem água na fervura... Que a Proteção Civil nos defenda, como costuma dizer-se. Não é?

LC – Também digo, Doutor Jagodes. Resta-me dirigir-lhe um muito e muito obrigado por esta agradável conversa e... até sempre!

(Nós também, penhorados, agradecemos a Lina Carvalhosa o ter-nos permitido transcrever em primeira mão o presente trabalho, valorizado pelas fotos do singular Benjamim Vistagrossa, artista fotógrafo de muito valor).

FALAR SEMPRE ALTO E CLARO

Entrevista a Nicolau Saião

Por Manuel Beirão, Joaquim Simões e Luís Miguel Barreiros

MANUEL BEIRÃO – *Escrita e o seu contrário, o título do seu livro mais recente. Por que este título, Nicolau?*

NICOLAU SAIÃO (NS) – Porque, e isto creio que se dá com todos os autores, por cada poema que se faz, que nos chega, há outros que não se fazem, que como disse numa frase feliz Jules Morot, são só pensamento. Que esboçamos ou se iniciam ao correr dos minutos, dos fragmentos de tempo em que nos fixamos, mas que deixamos e, com frequência, nunca mais se encontram.

Os que se escrevem são, de facto, só uma pequena parte do universo em que vivemos mergulhados.

MANUEL BEIRÃO – *Onde e como se posicionou o seu reconhecimento do surrealismo. E qual o grau de permanência dele, no mundo actual?*

(NS) – Foi decerto na minha segunda infância, na casa situada perto daquela que agora habito tantos anos depois. Tanto quanto me lembro tive sempre a noção de que as coisas tinham uma aparência peculiar, uma surrealidade ínsita se assim me explico. Nunca modifiquei nada nas minhas concepções, nunca adaptei o meu pensamento a algo que de repente me apareceu. Diria com chiste, ou com verdade: ou se nasce surrealista ou não. E parece-me que isto será comum a todos os que vivem desta forma, que tenho por encantada. Por isso é que sei, sei intimamente, que os que dizem por exemplo “Agora vou-lhe mostrar algo da minha fase surrealista” não são mais que equivocados ou burlões deliberados. (Há mais desta gente do que aquilo que se pensa... o país e o mundo por extenso está repleto de pseudo surrealistas, em geral operadores oportunistas e pantomineiros que pensam poder enganar – ou enganam mesmo!) os incautos que pululam numa nação que vive nos antípodas da verdadeira cultura, pois Portugal, ao contrário por exemplo da Inglaterra ou da França, está-se rentando para a escrita e a poesia, pois vive na simulação e na mentira cultural: essas são, neles, apenas uma espécie de servas da

ideologia e da propaganda com que tentam colonizar-nos. Ressalvo as pessoas e operadores sérios, que se veem em geral defenestrados pelos gandulos e vivem entravados ou com as dificuldades que se sentem. Mas devemos ainda referir, sem nos deixarmos intimidar: em certos lugares o surrealismo dá para tudo – gente que se apresenta como adepta do mundo surreal e, em simultâneo, se enreda no ultra-comunismo ou na beatice fideísta-marianista mais expressa e carola, ou que se enrola com o islamismo extremista. Ou que cobrem o seu cinismo egoísta com a capa do abjeccionismo para se permitirem as vivências mais nefandas em que enleiam as suas pessoínhas oportunistas e claramente sociais-fascistas e adeptas dos seus métodos proverbiais – a calúnia, a censura a quem não alinhe nas suas propensões totalitárias, a intriga suja ou mesmo a difamação canalha.

MANUEL BEIRÃO – *Liberdade e realidade. Dois conceitos que se ligam?*

(NS) – Sim, ligam-se intimamente, em corpo e em alma como se usa dizer. Veja-se, no caso da escrita – a que se deu o nome de Literatura – ou da pintura, os grandes autores, os autores nobres por excelência, desde os mestres do passado até aos contemporâneos (de Virgílio a Vítor Hugo, de Rembrandt a Masson, de Radovan Ivsic a Octavio Paz, de Cervantes a Bulgakov), que elas são irmãs mágicas, magníficas. Hoje, os que não perderam a lucidez e a honra de viver, sabem que uma implica a outra e que quando uma falta a outra está em vias de também se perder.

MANUEL BEIRÃO – *Passado e presente. Como situá-los e distingui-los?*

(NS) – Começo por lembrar ou relembrar a frase de António Maria Lisboa, “Ao caminharmos para o futuro é o passado que conquistamos”. Desta formulação solta-se de imediato a noção mais clara de que ambos estão inextricavelmente ligados. Dito isto, importa referir que o nosso tempo, mediante operadores de mente aberta e sem preconceitos – o que as igrejas tentam mais uma vez e

como sempre obscurecer e anular – tem colocado em equação muitas descobertas que não podemos deixar de levar em conta, pese aos que a soldo dessas mesmas entidades, ou por fideísmo burlão pessoal, procuram que não se investigue, em vista de poderem continuar a perpetrar a mentira e a simulação em que se configuram há séculos. Investigadores como Giorgio Tsoukalos, Erich von Daniken, Robert Charroux e Mauro Biglino, entre outros operadores sérios e intemeratos, não podem desconhecer-se por quem está frente aos tempos a vir, mais livres e mais dignos de tempos verdadeiramente reais (surreais). Sem “abjeccionistas” cuja ética andava pelas sargetas, a celebrarem a leitura de dois dos mais nefandos e repelentes periódicos do social-fascismo cunhalista e estalinista, os tristemente célebres “O Diário” (onde perorava o adepto Miguel Urbano Rodrigues) e o “Avante”, folha irmã da outra e dependente do sinistro e totalitário PC a que muitos “surrealistas” se orgulhavam de pertencer! O reacionarismo liberticida desta gente que com o mais reverente descaramento se disfarça com os cravos vermelhos com que tentam burlar os ingênuos e os idiotas úteis.

JOAQUIM SIMÕES – *O termo “surrealismo”, provém do “sur-réalisme” francês que, à letra, seria traduzível como “sobre- realismo”. Notemos, porém, que o termo procura definir, segundo André Breton, uma atitude perante a realidade que ultrapasse o espartilho deformador do conhecimento do estrito racionalismo. Daí o diálogo com Freud, sobre o que de ignorado ou escondido subjaz à razão e que nos leva, em simultâneo, para aquém e para além dela, numa busca pela totalidade do horizonte humano. Assim, não seria preferível falarmos em “superrealismo”, no sentido de superação de um realismo primário e opressor?*

(NS) – Percebo o que quer dizer. Mas a expressão proverbial ficou assim configurada nos tempos, até por razões de facilidade de expressão. Eu diria que o que importa verdadeiramente, use-se esta ou a que sugere, é que o espírito seja esse e se ultrapasse o “realismo primário e opressor” como muito bem diz.

Como já deixei expresso, o surrealismo vive hoje – a exemplo aliás do que sempre sucedeu, em que fideístas e sociais-fascistas o tentaram macular ou agregar aos seus propósitos confusionistas, para sujar a Liberdade e a Poesia no mundo – sobre uma arrancada

refalsa, em que meros intelectuais de pequena estatura e muita insídia o buscam maquilhar das mais infames maneiras. Repare-se o que, entre nós e em certos círculos, buscam fazer por exemplo a Cesariny (e falo neste porque é a seu propósito que a coisa é mais patente) tentando servir-se da sua figura (e até da sua poesia) para ocultarem que ele sempre foi um autor adversário de todos os totalitarismos e que o deixou expresso no que disse e fez. Ele teve sempre os olhos postos no futuro, em todo o futuro e também no futuro do surrealismo, que se encarna em seres e em autores no século – e esses simuladores buscam que ele seja apenas uma figura histórica, parado e inerte. O que eles visam, é evidente, é impedir a voz surreal de continuar a sua rota, ainda que finjam, sordidamente, que lhe têm amor e a festejem. Esses adeptos fingidos do Surrealismo são gente que devemos desmascarar com destemor e doa a quem doer!

JOAQUIM SIMÕES – *Ainda na mesma linha de raciocínio, não se poderia dizer que esse superrealismo corresponde, afinal, à conduta verdadeiramente científica, uma vez que propõe uma constante investigação sobre os fundamentos de si própria e, concomitantemente, do real?*

(NS) – Claro que sim, concordo absolutamente com o que deixa adivinhar. A conduta verdadeiramente científica, para o citar, que por exemplo um Gaston Bachelard ou um Einstein, para referir apenas estes entre muitos mais, certificaram. Essa Ciência, tesouro do Homem e dos seus poderes mais lídimos, que alguns “anarquistas” que muito se comprazem em se irmanar com trotskistas (grupos que juntam entre nós, pouco estranhamente, adeptos estruturais em conjunto de Estaline e de Lenine) ou com sequazes de um grupo chamado Livre, um verdadeiro esfregão das “ideias” político-partidárias) por deficiente formação confundem com “utilização capciosa de resultantes”, no seu afã de analfabetizarem o ser humano e o limitarem. Não esqueçamos, aqui, a frase, o postulado duma declaração pretérita de surrealistas portugueses, que num comunicado escreveram com sageza “A Ciência é uma das moradas do cadáver-esquisito”.

Essa Ciência que, no seu ser mais exemplar e profundo como em Isaac Newton, corrobora e se irmana com a “Ars Aurea”, que é

a de todos que sabem que a visão prometaica é própria do Homem liberto e criador.

JOAQUIM SIMÕES – *Pelo que ficou referido antes, poderemos ainda afirmar que o surrealismo (ou superrealismo) é extensivo a todas as formas do conhecimento, sejam elas artísticas ou outras, enquanto base de toda a inovação e progresso, inclusive do próprio “realismo”?*

(NS) – Sim! Subscrovo palavra por palavra a sua afirmação. Desiludam-se os que tentam estabelecer o surrealismo como mera excrescência do seu limitado “pensamento” e das suas acções. Por muito atravancadores que eles sejam, por mais que tentem sufocar as vozes, incómodas para a sua protéria porque desmascaradoras, como sucede entre nós, o próprio realismo (na verdade um realismo total, logo surrealista) será cada vez mais luminoso e efectivo. Com efeito, o mundo futuro ou será surrealista ou perecerá. Surrealista ou seja: que repele a bizzarria, que é verdadeiramente justo nos seus postulados e verdadeiramente racional, o racionalismo aberto da viagem em todas as direcções. E que sabe reconhecer, e reconhece, tanto a Razão autêntica dos “operadores p’lo fogo” como a dos povos, ditos “primitivos”, por aqueles que os escravizaram no passar dos séculos.

JOAQUIM SIMÕES – *Por fim: entender o surrealismo como um movimento artístico, histórica e culturalmente datado, que privilegia e choca pelo bizzarro, não constitui indício de menoridade intelectual com disfarçadas aspirações políticas? Não será o combate à mediocridade de quaisquer formas políticas totalitárias a tarefa maior do surrealismo?*

(NS) – Evidentemente que sim. É isso exactamente. Menoridade intelectual, mental, de carácter. E combater essas formas políticas totalitárias, nomeadamente a mais manipuladora, mentirosa e mesmo criminosa (a que se camufla no marxismo cultural, pretexto apenas para mais ardilosamente tentarem estabelecer a fórmula mais acabada do reaccionarismo fingidamente “progressista” é a tarefa primacial do surrealismo. Essa gente que a tudo recorre, mesmo agregar-se aos pervertidos da ICAR ou doutra “religião” qualquer como ultimamente acontece, em que próceres “comunistas” se unem (como sucedeu

pouco tempo atrás, em que uma delegação comunista – onde estava o peculiar marxiano-surrealista Michel Lowy – foi acordar com o sinistramente consabido papa Bergóglio, com shake-hands mútuos à mistura, a colaboração de uns com a outra)! Espectáculo deprimente – mas inteiramente de esperar!

Digamos decididamente: o “surrealismo” que se cobre com a substância marxiana a pouco e pouco irá desaparecendo e os seus próceres irão sendo cifrados como aquilo que realmente são: mero rebotinho “artístico”, sem poder verdadeiramente criador, simples fórmula artificial e burlona para baralhar as gentes. O verdadeiro surrealismo – libertário, desempoeirado e original, é o do tempo a vir! Permanecerá, irmanado ao futuro, que outros tanto desejaram solapar.

LUÍS BARREIROS – *Considerando a sua premiada obra surrealista que tanto tem enriquecido o panorama literário português, como vê a intersecção entre os ideais surrealistas de liberdade, amor e subversão e o cenário atual da política portuguesa, notavelmente marcado por escândalos de corrupção? De que maneira acredita que o surrealismo pode contribuir para uma reflexão crítica ou mesmo para a denúncia dessas dinâmicas corruptas no seio da política nacional?*

(NS) – Começo por dizer, caro amigo, que a sua frase inicial é gentileza que deve agradecer-se. Na verdade, a minha obra não interessa nem desperta emoções intelectuais no geral da nação aparentemente culta ou que deveria sê-lo. Como aliás muito do que se vai fazendo, forjando de válido, num país que só pela rama é “civilizado” (da verdadeira civilização, não da que permitiu aos impérios que escravizassem e roubassem uma grande fatia do mundo). E a *intelligentsia* actual, que em grande parte é controlada pelas universidades – que é, de facto, um dos lugares onde mais se exerce o conformismo e a grandeza da reacção, ultimamente tomada pelo politicamente correcto e pelo wokismo, corrobora o facto, com as ligeiras excepções que sempre conseguem ir existindo...

Dito isto, atente-se no facto de que Portugal, pátria infeliz sobre quase todas as outras, ou melhor, povo infelicitado pela protéria pseudo-progressista que ostenta cravos para melhor nos burlar com os sucessivos Precs em que se mergulha o geral dos

partidos que nos têm anquilosado, é claramente uma nação onde as suas estranhas elites políticas são constituídas por um ror de ladrões, de cleptocratas que qualificam como “fascistas” todos e quaisquer que os desmascarem. E os seus apaniguados, na realidade tão velhacos como os do topo, marginalizam, perseguem com dichotes obscenos e calúnias ou mesmo com difamações não sancionadas por um sistema judicial que lhes faz o jogo infame, todos os que se rebelam contra este ambiente pútrido. Ou censuram os que não se curvam ante a sua falta de hombridade, de decência ou de simples vergonha na cara. Dou como exemplo o que se passou comigo, censurado vilmente por me indignar com os que, dizendo-se ou fingindo-se democratas, afinal fazem o mesmo que se fazia nos tempos salazaristas ou, mais brutalmente, nos tempos estalinistas e derivados. Servindo-se de sequazes do mais baixo cariz, verdadeiros trapos da acção civil em que se repoltreiam e espanejam.

De momento não vejo que o surrealismo esteja muito votado para essa tarefa higienizante e demopédica, uma vez que entre nós está quase absolutamente colonizado pelo marxismo cultural ou por adeptos dos grupos que o transformaram num “surrealismo aparente”, de facto uma actividade só marginalmente libertária, onde só vozes sem grande poder falam alto e claro, solapadas que estão geralmente pelos donos do sistema “cultural”.

A meu ver, só o desenrolar dos anos, se os canalhas que dominam não continuarem a mandar excrementalmente, trarão outro ambiente, mais limpo e mais liberto, de novo verdadeiramente criativo. Agora, entretanto, estamos ainda no tempo em que vigoram os sem ética mensurável, os que, como disse um dia Cesariny numa frase altamente justa e definidora “confundiram sempre a Operação do Sol com um broche em Setúbal”.

LUÍS BARREIROS – *A psicanálise, e mais recentemente a neuropsicanálise, têm desempenhado papéis fundamentais no entendimento do subconsciente. A psicanálise teve o seu impacto nas origens do movimento surrealista. Na sua perspectiva, de que forma a incorporação destas disciplinas na prática surrealista contemporânea pode enriquecer a criação literária e artística, fomentando uma maior introspecção e exploração dos recantos mais profundos da mente humana?*

(NS) – Enriquece na medida em que o conhecimento, antecâmara da possível sabedoria, é sempre transformador e benéfico, na procura de mais luz e mais exactidão. Ponhamos um exemplo prático: como é que pode arrogar-se da prática surreal um indivíduo que seja, de facto, um manietado pela beatice, pela superstição fideísta ou pelas filosofias dum, digamos, jdanovista conceptual?

O que ali deixa perguntado foi o que sempre tentaram fazer os surrealistas autênticos, que buscaram as paragens onde se exercia o humor – negro ou azul... – a procura de novos continentes interiores, as praias desconhecidas a que Péret aludiu num texto daquele tempo. Ou seja, com distanciamento do já visto, do já feito por antigos cultores, cultivando sem *parts pris* uma originalidade, uma espontaneidade fundacional e sem peias redutoras.

LUÍS BARREIROS – *O surrealismo tem, historicamente, flertado com o esotérico e o extraordinário, estabelecendo pontes entre o real e o imaginário. Neste contexto, como interpreta a relação entre o surrealismo enquanto expressão literária e fenómenos marginais como a fenomenologia OVNI, especialmente à luz de uma era global marcada por tensões geopolíticas crescentes e o espectro de uma terceira guerra mundial? Considera que o apocalipse, tema recorrente na literatura bíblica, pode encontrar um novo significado ou representação dentro do surrealismo contemporâneo, oferecendo uma lente através da qual possamos refletir sobre os nossos temores e esperanças coletivas?*

(NS) – O que dantes, por desconhecimento do vulgo e ocultação dos mandantes era do espaço marginal, hoje é já do campo onde a investigação séria se exerce. Assim, por exemplo, não mais é possível considerar a fenomenologia OVNI como simples má observação, confusa ou atrabiliária, de gentes ou de entidades. Os próprios governantes dos países avançados, tecnológica ou cientificamente, já não conseguem tapar o sol com a peneira das suas simulações. A própria ICAR, que sempre viveu de mentiras, de falsas interpolações e de repressões, já não sabe nem pode continuar a pôr-se fora da cena geral. As observações consistentes são já tantas e de tal pertinência que mesmo os mentirosos consumados têm de se retirar prudentemente, sob

pena de se verem totalmente infirmados e contrariados com sucesso.

No que respeita ao Apocalipse, uma Terceira Guerra Mundial que seria a hecatombe definitiva, tenho-a como inevitável se duas acções não se cumprirem: se verdadeiros bandidos políticos, como o tristemente célebre Putin e seus fantoches não se neutralizarem definitivamente. E se os radicais islâmicos, que perseguem aturadamente a aquisição da força nuclear, não forem impedidos de aceder a ela. Esse é o duplo e verdadeiro perigo que o mundo corre. O caso do Ocidente ser incapaz de justeza, é apenas, devido a conjuntura muito própria, apenas obra da contra-propaganda dos sectores fanaticamente “comunistas”, que vivem imersos na deformação ideológica que existiu na URSS e no Leste crapuloso e que, por incapacidade ou deformação pessoal de carácter, não conseguem digerir.

O que certos grupos de adeptos esotéricos referem, com razoável informação, não o abordaremos aqui, pois é algo que nos escapa ou sobre os quais projectaremos um véu de sigilo, não de nossa lavra mas de liminar e simples sensatez proveitosa.

IN MEMORIAM

No falecimento de Carlos Garcia de Castro

Faleceu hoje dia 13 de Novembro, cerca das sete horas da manhã, no Hospital de Portalegre onde se encontrava internado há um par de dias, o Poeta Carlos Garcia de Castro.

Nascido em Portalegre, em 1934, licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas, foi professor dos Liceus, de onde, na área das Ciências da Educação, ingressou no quadro da Escola do Magistério Primário de que foi director de 1976 a 1989. Transitou para o quadro da Escola Superior de Educação como director do Centro de Recursos e Animação Pedagógica. Leccionou cursos de especialização; aposentou-se dessa Escola na categoria de professor adjunto. Foi sócio-fundador da CERCIPORTALEGRE (Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas). Estatuiu o Ensino Pré-Escolar oficial em Portalegre.

Publicou *Cio* (1955); *Terceiro Verso do Tempo* (1963); *Portus Alacer* (1987); *Os Lagóias e os Estrangeiros* (1992); *Rato do Campo* (1998) e, recentemente, a antologia *Fora de Portas* na Editorial Escrituras, de São Paulo (Brasil). Deu ainda à estampa o volume de prosa, de recorte memorialista, “Loja, contra-loja e armazém”, sob a égide da sua forte ligação à figura de seu pai, respeitado comerciante portalegrense e ao seu estabelecimento que se tornaria um dos ícones da Cidade.

Colaborou em várias revistas literárias e culturais, de que se destacam *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian; *Sol XXI*, da Associação com o mesmo nome; e outras da sua região como *Ibn Maruán* e o suplemento cultural *Fanal* (Jornal “O Distrito de Portalegre”). Participou nos cadernos *Alfa*, do grupo de universitários Amicitia. Nos Açores, produziu e apresentou o programa «*Pensamento e Poesia*» no Rádio Clube de Angra do Heroísmo (1959/60), e tem colaborado na revista *Atlântida*, do Instituto Açoriano de Cultura. Antologias: representado em *Poesia/70*, org. de Egito Gonçalves e Manuel Alberto Valente (Editorial Inova, Porto, 1971); *Poetas Alentejanos do Século XX*, org. de

Francisco Dias da Costa, 1984; *Cancioneiro/80*, do Jornal de Letras, Porto, 1990-91...

Eis, a seguir, o prefácio que escrevi para o seu “Fora de Portas”, em boa hora dado a lume na “Editorial Escrituras” sob cuidados de Floriano Martins; e, ainda, uma pequena selecção de poemas do Autor que agora nos deixou.

A POESIA PARA ALÉM DOS MONTES

Algumas palavras a propósito de *Fora de portas*, de Carlos Garcia de Castro

INTRODUÇÃO

Fui-me deitar. E levei toda a noite a sonhar com o deserto, diamantes e animais ferozes e com o desafortunado aventureiro morto de fome nas vertentes geladas dos montes Suliman.

H. RIDDER HAGGARD, *As minas do rei Salomão*

É preciso ver a poesia muito ao longe. Ou antes: é necessário, por vezes, ver a poesia como se estivéssemos muito longe, do lado de cá dos montes com desertos misteriosos pelo meio. Muito longe do poeta, das suas palavras, das suas razões ou desrazões, muito distantes da sua figura, dos seus secretos motivos, dos seus motivos quotidianos e reais – das suas quimeras ou das realidades que lhe cretam a face, dos segredos todavia muito próprios, dos seus pavores e dos seus encantamentos. Como se, magoadamente, serenamente, o encarássemos como o aventureiro legítimo, cuja imaginação clara e concreta nos vai talvez salvar, nos vai talvez fornecer a pista inquestionável para a viagem mais rara. Para a viagem que iremos fazer, cruzando as lonjuras que frente aos nossos olhos se patenteiam.

Mas será isto possível? Será mesmo efectivável, por maioria de razão se com ele convivemos durante décadas, se lhe conhecemos muitos dos mitos e dos quotidianos em que se envolveu ou se deixou envolver, dos sonhos que lhe permeiam o espírito, daquilo que viu e que o suscita para que se permita escrever sem desdouro e sem desfalecimento? Se o estimamos, se vemos nele um

companheiro de jornada, um confrade na rota que é própria de quem vive, que é única mas também nos seduziu?

Pode, pelo menos, tentar-se. Efectuar essa distanciação que é como uma boa regra vital, que é assim como que um olhar lançado na direcção de algo que já vimos mas não esgotámos, como acontece nos grandes passeios que não planeamos ao pormenor mas que ficam em nós para sempre tal qual as memórias de ritmos imarcescíveis.

E, afinal, não pode esquecer-se que há no poeta, como em qualquer outra pessoa, sempre uma parte velada, uma espécie de continente desconhecido que nunca chegaremos a descriptar perfeitamente.

Perene regra que deverá ser observada, mesmo *escutada* quando iniciamos uma demanda. Para além dos horizontes, em pleno território da escrita que doravante não nos será alheia.

LINHAS DE FORÇA

*A lua, que começa a mostrar-se, ilumina
os ramos mais altos das árvores”*

EMÍLIO SALGARI, *A montanha de luz*

O mapa da vida

Ao entrarmos na poesia de Carlos Garcia de Castro deparamos de imediato com aquilo que é, a meu ver, uma marcada característica dos seus versos: a celebração dum certo real muito terra a terra, daquilo a que se usa chamar os movimentos inscritos num quotidiano mensurável, tudo o que afinal está disperso nas horas exteriores e interiores – o corpo, os utensílios recorrentes, os ritmos de uma existência em família ou em comunidade, os amigos que passam ou que o poeta frequenta e frequentou, os lugares domésticos ou de passeio que viu, tudo isso que nos enrola em nostalgia se mais tarde recordamos ou, então, que nos permite confirmar nos mapas da nossa existência os minutos que por nós passaram e, perdendo-se embora, passam a viver em nós para sempre.

Em suma, as presenças de gente e de momentos que nos dão notícias disso que é o mundo, do que vai pelo mundo ou o poeta

intui que exista (e nós com ele) nesse universo de complexidade a que é costume chamar “os outros”. Muitas vezes isso que se envolve em pequenas inflexões, *“as frágeis miudezas e chatices/ pequenas nicas úteis, dispensáveis/ que ao dia-a-dia dão sustentação”*.

No entanto, não nos deixemos enganar: esse mundo de notações é apenas o invólucro em que CGC condiciona um outro universo que se projecta noutro espaço, mesmo noutro tempo, esse verdadeiro núcleo duro do que constitui de facto a sua poesia, *“tudo o que há na Cidade e fora da cidade – principalmente do que há dentro deles”*. Por detrás desse quotidiano de gentes aparentemente sem recantos sombrios com que o poeta vai vivendo em Portalegre – cidade amada mas também claramente divisada enquanto lugar onde, eivada de pequenos sevandijas e suaves infâmias, a *“virtude é ter esperteza, um desenlace/ “deitar à frente quando a cama é estreita”*(3) – há um outro cenário que muitos não querem nem podem ver e que outros, os mais espertos e perigosos, muito bem vêem mas buscam ocultar ao geral dos cidadãos que habitam naquela que é uma das mais belas, mas também uma das mais corruptas eticamente, cidades do Alentejo e do país.

Daí que na poesia de CGC se sinta um intenso travo de humor negro, tanto mais negro quanto mais sofrido, uma ironia magoada que o autor deixa que a percorra *“assim como quem não quer a coisa”*, uma vez que, sendo um cidadão reconhecível (5) não pode no entanto abstrair-se das correntes de ar frio e ameaçador que lhe passam à volta, uma vez que *“nós não choramos só por nossa conta/ mas é por nossa conta que choramos”*.

A nascente no meio das areias

Não dissimulemos, nem mesmo para sermos simpáticos para com os que eventualmente nos lerem com maviosa ingenuidade: o poeta, ainda que tenha de se tapar um pouco enquanto cidadão de *“cloak and dagger”* (que o é e de que maneira!), não é de facto um cavalheiro amável. Nele se agitam todos os fulgores e as negridões dos tempos e, se ele for simplesmente honesto para com a espécie (leia-se: se for tão simplesmente um tipo à altura da sua própria figura) não terá mais do que não rasurar o mundo que vai descobrindo, que vai inventando à medida que capta o som das palavras, o sabor da letra de forma.

Na poesia de Garcia de Castro sente-se passar uma forte brisa que corre por vezes o risco de escandalizar os ditos “homens de bem”, ou seja, os figurantes duma sociedade que na “*provincia magna*” depende muito de instituições sociais, políticas e religiosas cujo peso – apesar de estarmos já para além da meia-dúzia de anos do século vinte e um – é tão marcado como nos tempos do salazarismo que muitos apenas travestiram para usos de pós-democracia, mas que são da mesma talha e do mesmo traço grosso. Aqui *dentro de portas*, onde os pequenos ritmos das conveniências são firmemente acalentados por uma burguesia tão relapsa como nos anos cinquenta, mas donde vão extravasando escândalos e farândolas que todos conhecem na perfeição, a poética de CGC é percorrida por um erotismo que como se dissimula em discretas tiradas cujo poder apelativo se multiplica precisamente por isso. Sensual e amante dos prazeres da vida, apreciador assumido dos “frutos terrenos” assim como dos espirituais que os antecedem ou se lhes seguem, o autor de “Rato do Campo” acolhe salubrementemente nos seus poemas esses ritmos que certificam o homem como um ser equilibrado e mesmo verdadeiramente civilizado. Nada tendo a ver com preconceitos ou beatices, tem contudo nele a pessoa para além do simplesmente material. Sendo um epicurista, é-o porque essa é também uma das faces do sagrado, um sagrado re-ligado mas não passa-culpas ou mesureiro.

A subida da montanha

Na poesia de CGC assume-se plenamente a nostalgia, a tristeza da “vida breve”, o que nos é dado em marcações e em ritmos mediante as frases por vezes sincopadas que tomam o leitor como interlocutor inteligente, familiar – como se fosse um amigo ou um vizinho – no fundo um cúmplice ou pelo menos um confidente privilegiado das deambulações do autor, esse autor que vai passeando connosco por uma rua conhecida ou, abancados a uma mesa de café ou de restaurante, vai degustando connosco uma agradável ou retemperadora bebida enquanto nos conta estórias, nos desfia reflexões, mementos, pensamentos apenas advertidos de iluminações fortuitas que apanhou enquanto a vida transcorria. Sinto em muitos trechos de Castro, por debaixo de níveis diferentes de leitura propiciados pelo quebrar do discurso, pelo jeito de mão nas frases dispostas como numa sinfonia peculiar, um

quente halo de alegria, de maravilhamento por esta coisa surpreendente que é viver, ter podido viver com tudo o que foi por vezes amargura mas também poderoso contentamento e, ainda por cima, ter podido comunicá-lo aos seus pares de caminhada e aos seus semelhantes, mesmo que muitos estivessem distantes ou distraídos.

Tenho visto neste poeta, enquanto pessoa na *polis* e na existência, um ser participativo, empenhado na clarificação do mundo e das suas criaturas, essas que o habitam sem que o tivessem pedido e que frequentemente não acham em si armas miraculosas para a rota adequada. A sua escrita, que por vezes conscientemente incursiona por versos que só em aparência são uma pura sequência do realismo caldeado por outras experiências, nomeadamente o senso de humor surrealista e do lirismo da melhor cepa lusitana, perpassa-se da certeza de que, se é duro e complexo viver, mesmo com o auxílio da religiosidade que não rejeita porque vivencialmente salubre, há sempre razões para não desistir de, após a subida da montanha onde se sentiram as fomes, os frios e os calores devastadores dos sertões e do deserto, se encontrar o rincão onde correm as fontes e a luz é seguro penhor dos melhores momentos que nos esperaram no país encontrado.

IRENE, JOLMAR & COMPANHIA

Têm-se tornado quase gente do meu lidar estes e outros que, decerto pelos melhores motivos, procuram nobremente beneficiar-me das mais diversas maneiras...

Neste tempo de movimentos caracoleantes na “cold season” de inundações que nos perturbam ou empolgam e de outras amenidades semelhantes, os nomes que cito – e que chegam até mim interactivamente pela Net em e-mails não solicitados – divertem-me e até me confortam, pois sou pessoa muito agradecida a este acervo de gente que, não me conhecendo, busca, contudo, fazer de mim um homem de quotidiano feliz e, presumo, de mais agradável perfil social.

Este Jolmar, que é certamente um médico prodigioso, mediante sucessivas mensagens alerta-me para o facto de que posso aumentar a tonelagem de certo órgão de que disponho para diferentes utilizações anatómico-fisiológicas, qual delas a mais agradável ou aliviante. E isto sem me ter observado *in loco*, o que diz bem da sua competência profissional, maior no entanto que o seu grau de previsão e conhecimento. Propõe-se também fornecer-me, por um preço muito em conta, pequenos utensílios muito úteis em épocas de superpovoamento. De passagem, caso não esteja interessado nesse funcional produto, negociará comigo, em moldes extremamente vantajosos, fotos de mui gratificante recorte confeccionadas nos entrepostos adequados do multirracial Brasil.

Irene – por seu turno – que deve ser uma jovem sincera e ternurenta a atender ao que reza na sua espevitada publicidade – propõe-se ajudar-me a passar noites produtivas dum certo ponto de vista em Copacabana e, se necessário, em Belo Horizonte – e sem sequer precisar de sair do quarto e sem ter de estar a jogar primeiro à bisca ou ao dominó.

Não é isto dum desvelo perfeitamente comovedor?

E que dizer dos potenciais fornecedores de automóveis topo de gama ao preço da uva mijona, dos agentes de fenomenais casinos onde tudo é possível, dos especialistas honrados que me tratarão da contabilidade ou da potencial calvície com toda a competência

e mansuetude? E que até me vão ensinar, se eu quiser, judo-savate ou karaté com maviosas aplicações?

E das experts de antigos países de Leste (a atender aos nomes característicos) que poderão fazer de mim um felicíssimo cavalheiro por toda a santa vida, caso eu aceda em dar-lhes o sim num qualquer cartório notarial? E o excelente gentleman que me propõe a aquisição de alguns portentos de raça cavalar? E o vendedor de vinhos de boa casta? E o das pulseiras e colares? E aquela que... Mas basta de publicidade gratuita, por ora!

Obrigado Irene, obrigado Jolmar! Obrigado a todos quantos se preocupam assim com a minha estabilidade terrena, com o meu equilíbrio psicológico e com o bem-estar do meu agregado biológico!

Há só um pequeno senão. Que lhes estraga desde logo o(s) interessante(s) negócio(s).

É que, por questões de cepticismo incontrolável, sou um péssimo utilizador de gestos samaritanos de tão poderoso quilate.

E, ainda por cima, o que é bem pior – que raiva e que desgosto! – o meu erário pessoal é mais ou menos tão pouco portentoso como o do nosso bíblico velho amigo Job...

MAROTEIRAS

Não me “debruço”, com um sim ou com um não, sobre as marotices, parece que platónicas porque mais não conseguia, do emérito Boaventura Sousa Santos. Isso ficará, se houver coragem ou razão, para as entidades jurídicas ou outras, apropriadas. Apenas quero referir que no capítulo estudos sociais e pseudo científicos já há razoável período de tempo este cavalheiro foi desmascarado, de forma arrasadora e definitiva, pelo Professor António Manuel Baptista, esse sim um verdadeiro cientista, que nos seus livros “O discurso pós-moderno contra a Ciência” e “Crítica da razão ausente” efectuou competentemente um escalpar memorável do personagem que, o que não espanta, com habilidades maneirinhas sempre se esquivou a um frente-a-frente directo com aquele mestre da Física e justo crítico dos seus desarrincanços.

BS Santos, nessa circunstância, teve o apoio – e o contrário é que seria de espantar – do colectivo ultra-esquerdista ou boa-boca de cavalheiros da corda, entre os quais se destacava o célebre Eduardo Prado Coelho, o mesmo que José Martins Garcia desmascarou sem hesitações durante o famoso caso do jornal República.

Não é pois de estranhar que, encabuladas/os agora ante o vendaval de acontecimentos grotescos bem típicos desta “sociedade criminal”, certos *boys and girls* esganiçados ou com fala de galo-capão se calem prudentemente ou, com alguma discrição, venham tentar justificar o velho guru das esquerdas totalitárias e autor de versos medíocres ou decididamente míseros para quem tenha um mínimo de sentido crítico ou de decência intelectual.

Digamo-lo sem subterfúgios: não é BSS quem sai mais malferido desta torpe arlequinada. São, sim, os que durante anos e anos babujaram esta figura e lhe sublinharam a “filosofia”, o “cientismo”, ou mesmo lhe transcreveram com unção de “velhas beatas” os textos ideológicos propagandísticos em que se transbordava e repoltreava visando instaurar um mundo em que Estaline e demais canalhas políticos se reconheceriam.

O caso em que BSS está metido vem, à puridade, desvelar perfeitamente uma prática que tem tentado colocar a canga esquerdóide a todos nós, sejamos de esquerda, de centro ou de direita mas com honradez e bom-senso e, o que é mais grave e significativo do mau trabalho dos “governantes” que lhe davam e ainda dão cavalaria, usando de forma (in)conveniente o dinheirinho de todos nós!

UM VOO SOBRE O SURREALISMO

“*Poesia, amor, liberdade – a tríade essencial do Surrealismo*”: a presença do surrealismo e de toda a carga fundacional que ele arrasta continuará a emitir sinais para além do convencional/convecional, da retórica “metafísica” em uso por *poetinhas* que se servem duma mística hipócrita e *delicadinha* para arrebanhar notoriedade, pelos *arrebentas* da ideologia e da propaganda, em suma – por todos os que procuram alapardar-se à mesa dos *marketings* onde a mediocridade militantona e o cinismo são astuciosamente erigidos em talento e qualidade.

O surrealismo continua a ser o contrário de um objecto histórico e a prática “*cerrada e obstinada*” de algo que se ergue contra a história que, com intuitos ora academizantes ora de mumificação, os que o contrariam e mesmo alguns que julgam enfatizá-lo colocam nos locais expressos da cidade (jornais, revistas, rádios e tevês).

Durante o antigo regime o estalinismo e seus derivados não podiam agir com todo o à-vontade que visavam; neste em que agora estamos eles podem actuar conforme lhes apraz, uma vez que os órgãos de comunicação estão na quase totalidade sob o seu domínio, pois têm sido seguidas com esmero as indicações gramscianas e politicamente correctas...

Mas as próprias condições económicas do país e de quem nele se move torna frequentemente muito difícil a prática do surrealismo como agente actuante. Dou como exemplo o que recentemente se passou explicitado num texto, por ocasião da inauguração, numa povoação do Norte, do museu do Surrealismo.

Aqui fica ele, tanto mais que aborda um detalhe que tem sido glosado em escritos ou ditos por outra gente em outros lugares.

O SURREALISMO EM JEITO DE VAUDEVILLE... ESTATAL

Conforme se pôde ler no diário *Observador*, foi há um par de dias inaugurado, em Famalicão, o denominado “Museu do Surrealismo”, na dependência e por maneio – dizem-me que lizado e competentemente afeiçoado – da Fundação Cupertino de Miranda, entidade que já terá, como é voz corrente, articulado outras andanças que ao surrealismo dizem parte.

A sessão, além de dois protagonistas da pintura surreal, teve a presença do mais alentado magistrado da Nação, que artilhou palavras como é de seu uso e seu jeito nas sessões em que, esforçada e maciçamente, comparece para maior proveito – calcula-se – abrangente das diversificadas “modalidades” em relevo na pátria.

Diz-nos, sem incorrecta intenção o mesmo *Observador* que, a dada altura (e citamos cabalmente), “No rodopio de discursos, ainda houve tempo para o ministro da Cultura fazer uma pequena reflexão do surrealismo português, que “aparece de uma forma diferente do francês”:

Por um lado, é menos terrorista, por outro lado, é mais empenhado politicamente, apesar de não haver uma estética de compromisso com ideologias. O surrealismo é uma ideia de emancipação total, de liberdade.

E é precisamente baseados nessa noção de liberdade que o surrealismo, ontem, hoje e sempre é **de facto**, que – apesar de vivermos numa mera partidocracia, que não democracia, o que sãmente nos expõe a eventuais velhacarias do Estado e da sua parceira de casal “geringonça” – vimos dizer ao excelentíssimo (digamos desta forma) – governante, cujas qualidades, muitas ou poucas, já foram magnificamente caracterizadas num esclarecedor texto transacto de Alberto Gonçalves:

– o seu conhecimento interior do surrealismo e da liberdade e emancipação que lhe assiste será, cremos, meramente superficial, eventualmente fútil e necessariamente confuso, *a atender ao verdadeiro insulto* consignado nesta sua pequena jaculatória. Classificar de terrorista as actividades vitais e conceptuais dos nossos companheiros franceses é simples expressão que, se estivéssemos numa democracia real não poderíamos deixar de qualificar como acintosa e caluniosa.

(Não sendo eventualmente produto de um espírito ou cândido ou ardiloso).

E o resto do seu raciocínio que, em frase quase caricatural, a seguir expande, vem na sequência dessa confusão, dessa superficialidade e dessa futilidade que se deixam adivinhar.

Nesta conformidade, e em jeito queirosiano, solicita-se a Vexa. que retire a sua alentada figura de dentro do surrealismo, que está e estará sempre pelo que se percebe nos antípodas de tudo o que Vexa. é ou se pensa, eventualmente, ser.

E, já agora, ajude igualmente outro qualquer elemento estatal ou de representatividade político-oficial a retirar-se também de dentro desse continente, avesso como ele é a entidades estatais, ministeriais ou, até, de uso para galhardetes ou “selfies”...

*Nicolau Saião – Participante do Movimento Surrealista Internacional.
Criador, com Mário Cesariny, do Bureau Surrealista Alentejo-Lisboa*

Procuremos verificar até que ponto, ou como, o surrealismo e seus cultivadores se posicionam num mundo onde, por exemplo, 600 espécies estão prestes a desaparecer seguindo-se a outras já definitivamente extintas.

Muito do que se passa e passa por surrealismo mais não é que tagarelice ou actividade propiciada por cavalheiros e cavalheiras que não percebem que agir surrealmente não é debitar uma prosódia arrebitada ou absurda mas sim aplicar e praticar uma crítica lúcida e operar em real liberdade e originalidade, aberta por exemplo aos conhecimentos e à ciência de ponta para que a descoisificação do mundo seja uma via terrena e estelar.

O surrealismo, nos seus anos vividos, teve relacionamentos os mais diversos, frequentes vezes com resultados nada famosos.

Numa fase última, houve a noção, explícita, que a colaboração com os sectores libertários, ou anarquistas, poderia propiciar virtualidades mutuamente proveitosas...

Neste país, logo depois do 25 de Abril houve aproximações, mas o sector anarquista, provavelmente pela longa ausência de cena e de actuação provocada pelo período salazarista, como que se quedara num tipo de formatação que eu chamaria de “neo-realista”, não conseguia ver que a prática surrealista era na

verdade uma prática libertária por si mesma, sem necessitar de utilizar a ideologia. A prática e a vivência surrealistas mais apuradas determinam-se por factores sempre nele presentes: a noção de que a liberdade, o amor, a abertura à imaginação, ao mistério e à pesquisa de novos rumos originais são o caminho que se trilha com mais amplas possibilidades de navegar com sabedoria e aprazimento, para sempre e sempre se chegar a bom porto.



O CRIME E A SOCIEDADE

Esboço de uma teoria

- *A questão está em saber – referiu Alice – se tu podes fazer com que as palavras tenham o significado que tu desejas que tenham.*
- *A questão está em saber quem é que manda – retorquiu Humpty Dumpty.*

in Alice no outro lado do espelho

Introdução

Neste pequeno estudo abordaremos o problema do crime e os seus reflexos na Literatura Policial. Consideraremos o crime como uma “*série grupal*”, na asserção que lhe é dada por Meininger, que postula: “*Constitui série grupal tudo aquilo que depende de condições que pretendem passar por conjunto de causas*”. Assim, referir-nos-emos à cultura da responsabilização como um dado que é contrariado por actos dimanados da entidade que propicia o seu estabelecimento devido à intrínseca perversidade (*cultura da desresponsabilização*) que é o invólucro estatal ao mais alto nível dos seus próceres. Explicaremos o mistério do crime como um acto de *ocultação qualificada* assente no *fulcro hipócrita* que é a este nível o cerne do relacionamento societário na civilização ocidental *capitalista democrática*, de bases judaico-cristãs; bem assim como o *esbatimento individual* levado a efeito nas ditaduras capitalistas de Estado (usualmente denominadas comunistas por razões de propaganda). Far-se-á prova da existência de *sociedades criminosas* e *sociedades criminais*, dando-se conta da dependência do sistema judicial e do seu *uso específico* em relação às segundas.

Finalmente, ligar-se-á o tema do policiamento ao tema dos direitos individuais dos cidadãos, que se encaminham em certos casos para o nadir.

1. *Do crime como série grupal*

Os cidadãos roubam. Os cidadãos matam. Os cidadãos burlam e entregam-se a depredações as mais diversas. Leia-se, um sector do todo – que é indiscernível. Este é um facto que se verifica em todos

os países do mundo, em todos os tempos e em todas as sociedades. Contudo, importa descriptar *como* tal se dá e, por último, *porque* se dá, levando em conta que a assunção da cidadania (que configuraria as chamadas *sociedades de Direito*) é um facto relativamente recente em termos modernos, sendo de notar que o crime não recebia nem recebe o mesmo enquadramento sob o ponto de vista filosófico e operativo e, nos países periféricos ou terciários, é flutuante.

Deixemos por ora o ponto de vista *operativo* e detenhamo-nos um pouco sobre o ponto de vista *filosófico*.

Assim, na opinião de uns autores existe crime devido às causas primeiras, ou seja: o Homem, imperfeito, estaria naturalmente votado às más inclinações, sendo missão da Moral morigerá-lo ou enquadrá-lo adequadamente. Outros são da opinião que o crime depende de condições sociais bem determinadas. Outros, ainda, interrogando-se sobre o que é o *crime*, põem a tónica na opinião que se tem em relação a actos característicos, defendendo a teoria de que tudo depende do enfoque que se lhe dê (exemplificando: “roubar é corrigir efeitos sociais”, como escrevia Roland Castroville em “O espírito das leis e seus efeitos”). A nosso ver, o crime é uma resultante de tudo isso. Efectivamente, o que poderemos classificar de *más inclinações*? E ainda: o que é *moral* ou *não moral*?

Na América do Norte, em toda a civilização *plain* o roubo intertribos diferentes era encarado não só com naturalidade mas também consideração, havendo escalas gradativas: roubar cavalos era socialmente mais meritório que roubar um arco ou uma lança, considerados artefactos indispensáveis ao guerreiro ainda que inimigo. (Um exemplo, para ilustrar comparativamente, da nossa sociedade: num *derby* futebolístico meter golos é muito recomendável; mas qual o jogador que seria aplaudido por roubar uma ou mais bolas?!). Por seu turno, era altamente desprestigiante, passível de flagelação (mas quem se lembraria dum acto assim, excepto debaixo da influencia do álcool fornecido pelos brancos?), urinar na fogueira do acampamento ou nos caminhos que levassem à fonte de abastecimento de água. A defecação dentro do perímetro do acampamento e logradouros adjacentes era permitida, mas só se fosse feita em terreno ervoso ou fora dos trilhos. Mostrar as partes sexuais a uma anciã era considerado um insulto grave, mas mostrar o traseiro era tido como delito menor,

quando não picardia sem importância ou filha de exaltação fortuita.

Repare-se que o crime praticamente não existia no interior das tribos estudadas (e nos *sílvias* o panorama era semelhante). Eram muitíssimo raros os crimes de sangue, bem como o furto ou o roubo. Evidentemente que a relação inter-nações (Lakotas versus Pawnees, Arikaras versus Comanches, Apsarokas versus Kiowas) explica o facto: as tais “más inclinações”, na asserção ocidental induzida e controlada pelos “operadores do sector moral” (igrejas) ou, como nós preferimos dizer, os *instintos* dinâmicos e vitais de combate e rapina esbatiam-se no confronto decorrente, sempre vivaz e vigoroso mas não cruel socialmente.

Sem irmos a outros exemplos históricos, por redundantes e para além do nosso âmbito de enfoque (remetemos os interessados para a consulta de *experts* da romanidade e do mundo grego), podemos concluir:

1. Crime é tudo o que, tendo efeitos desestabilizadores, não é consentido por lei expressa ou consuetudinária;
2. Crime é tudo o que recebe legislação específica como tal;
3. Crime é tudo o que interessa a uma sociedade que assim se classifique.

(Exemplifiquemos um pouco: se alguém, nos tempos romanos, dissesse em altos brados na rua que Júpiter era um canalha, ladrão e *gay* desbocado, seria imediatamente preso e possivelmente executado. Mas quem, actualmente, prenderia um cidadão por essas imprecações?).

Haverá, no entanto e a nosso ver, que efectuar uma necessária correcção para adequar: deverá substituir-se *sociedade* por *classe dominante* nas “sociedades criminais”, porque é esta efectivamente quem determina os ritmos sociais aceitáveis. O sistema judicial, em qualquer país moderno ocidental secundário (pese aos ingénuos ou iludidos que acalentam a ficção da existência de “sociedades de Direito”) está dependente dos *interesses definidos* por aquele sector social, bem assim como a acção das polícias. (Toda a chamada *gente comum* conhece a realidade existente v.g. em Portugal). O conceito “sociedade de Direito” só é aceitável se pretender significar “sociedade onde o Direito escrito e a Lei

definem o ritmo social”, nunca sociedades onde este ritmo seja definido pelo “equilíbrio positivo” que as determinações do Direito conformam. Tal não se verifica, *nunca se verificou* e é uma perigosa ilusão – para quem deseje ver claro – tal concepção que assenta, digamo-lo decididamente, numa atitude autoritária dos dirigentes sociais. (As pessoas não se interrogam em geral por medo).

Com efeito, ao forçarem-nos, mesmo intelectualmente, a conceber através da ameaça impressa (ou mesmo expressa) que o Direito pauta o ritmo social das chamadas democracias, efectuam nada mais que uma impostura (que lhes é necessária e intrínseca). Efectivamente, é pacífico que quem *manda neste país*, por exemplo, não são as Leis (que o Estado desrespeita a seu bel-prazer) nem sequer a emanção maior do sistema político (o Sr. Presidente da República) garantido pela denominada Assembleia da mesma e muito menos a emanção executiva (o Sr. Primeiro Ministro, um mero “mordomo” ou efectivador de tarefas alto-administrativas), mas sim o complexo industrial-comercial e a alta finança de que aqueles são simples delegados no jogo político apelativo.

(Deixo à consabida inteligência dos leitores a não necessidade de exemplificar. Mas não resisto a refrescar algumas memórias menos ágeis: quem não se lembra do célebre caso dum argentário luso que, depois de convocado pela tal “Assembleia”, apareceu nos entrepostos da mesma quando bem quis, com o ar assumidamente de mandante característico e, efectivamente, natural que lhe assiste?).

Não será inteiramente necessário assinalar, mediante menções de relevo, o que se afirmou naqueles três pontos acima. Apenas epigrafaremos um ítem: assim, por exemplo, é facto que não sofre contestação que o *assassinio* é considerado o pecado maior social-civilizacional, de acordo com o geralmente legislado (sendo ficcionalmente o dado mais apelativo e motivador). No entanto, na sociedade dependente *em grau primário* do complexo industrial-comercial, isso não é pacífico. Efectivamente, como pode definir-se assassinio? Conceptualmente, a eliminação *propositada e nefanda* de um ser ou um grupo de seres com o intuito de se atingir uma determinada conclusão racional e gratificante para o homicida. O móbil pode ser a vingança pessoal ou social, o lucro – qualquer espécie de lucro, físico, material ou espiritual – havendo gradações específicas relativamente irrelevantes, aliás, mas inscritas para

entravar a descriptação *in situ*. O que importa estabelecer é que, para uns, o assassinio atinge os direitos vitais inscritos na espécie (eliminação da vida, que é pessoal mas depende de acto fundacional do Criador), ao passo que para outros coarta de maneira formidanda e decisiva a coesão social a um elevado grau de insalubridade; outros, ainda, consideram que é um atentado, sim, contra o adquirido “legítimo individual”, uma vez que elimina de forma definitiva o direito à permanência distribuído pelos anos possíveis.

Adicionalmente, pode perguntar-se: o assassinio depende do tempo de execução? Pergunta pertinente, uma vez que se um indivíduo atingir um outro, que entrementes leve um fragmento considerável de tempo a morrer (há uma célebre estória policial que aborda precisamente este facto) já poderá ficar enquadrado noutro estatuto (a nosso ver, melífluo). E depende do instrumento que se utilizar? Assim, que pensar dos industriais (companhias) que deliberadamente extinguem determinados valores ecológicos ou vivenciais, determinando a morte a médio ou longo prazo para sectores da população ou etnias? Ou mesmo de nações que o fazem não inconscientemente?

Em suma e concluindo: o assassinio inscreve, isso sim, a perturbação mais intensa e comovente no seio dum agregado maior ou menor. E é essa *perturbação* que importa qualificar. O assassinio é punido e é alvo de sanção *apenas na medida* em que conflitua com a normalidade legal existente em código. E nada mais. Existem inúmeros assassinos que jamais foram punidos, tudo dependendo até da agilidade processual da polícia ou dos magistrados (há assassinos provados que são soltos pelos juízes porque se verificaram, a seu ver, ineficácias legais de pormenor...). Pelo que, se conclui: o que faria realmente mal, *dum ponto de vista de Sírius*, seria a “ausência de censura”, inscrita em lei – e não da punição efectiva. O que se pretende, ao censurar ou cominar o assassinio, não é deter os seus resultados penosos (assassinios existirão sempre... o curso do mundo não depende da maior ou menor quantidade de assassinios que haja) mas *desencorajar o seu curso marcado operativo mental*. E qual a razão? Creio que pode conceber-se o seguinte: porque a *assumpção da naturalidade do assassinio* precarizaria, desestabilizaria os processos sociais das classes – nomeadamente daquela que é a efectiva desfrutadora da

protecção do sistema judicial – obrigando-as a existir de uma forma não reconhecível no quotidiano. Ou seja, a cominação sobre o assassinio existe como um repto à fragilização dos ritmos sociais dominantes que este põe em causa.

No entanto, sempre que é necessário a classe dominante recorre ao assassinio (quer selectivo, normalmente através de agentes secretos com estatuto autónomo inscrito em lei) ou, caso seja preciso, de massas (através de “forças de segurança” militarizadas ou militares *in loco* cobertas pela legalidade formal) sendo muito normal ainda, nas *sociedades criminais*, a desculpabilização dos próceres de qualidade.

A Literatura Policial tem dado conta destes factos, através não só do romance de enigma (*whodunit*) como do “hardboiled” ou do “social thriller”. Repare-se que o acento tónico, no que respeita ao assassinio, é posto sobre a *responsabilidade individual e de consciência* do seu executor. A não ser assim não haveria distinção sofrível e justificável entre assassinio e homicídio involuntário (uma morte é sempre uma morte, como por exemplo na civilização tradicional hebraica). Daí que nas *sociedades criminais* o homicídio involuntário ou negligente seja punido com penas extremamente leves, pois neste tipo de sociedade não se respeita a vida humana mas sim os seus *sinais formais de utilidade*. O que permite esta conclusão inquietante mas real: as *sociedades criminais* são sempre pré-fascistas (em linguagem técnica: *liberais cripto-fascistas*) pois nelas os cidadãos são efectivamente supra-numerários sem que os dirigentes tenham consciência da sua perversão, recordemos a célebre (e sem má-consciência) frase dum dos seus protagonistas locais – “É a vida...!”). A mentira sistemática, de timbre governamental e desviada por formalidades, assume-se pois como uma normalidade.

Em conclusão deste capítulo, temos então que *é crime tudo o que conflitue com os interesses sociais da classe dominante*, mesmo que por arrastamento ou inevitabilidade isso possa aproveitar a franjas da população. No entanto, nas sociedades criminais – de que este país (Portugal) tem sido um exemplo consistente – existe sempre um *manejo de desresponsabilização*, muitas vezes conseguido mediante um acto simples e bem conhecido (as incríveis *demoras processuais*, que não são fortuitas ou infelizes mas sim *propositadas*,

inerentes ao sistema ou as *inflexões processuais* protagonizadas pelos próceres ao mais alto nível, que com elas eliminam a responsabilização). Tal não parte de uma perversão da dita Justiça ou dos magistrados (que são sem ironia em geral pessoas de bem), mas sim porque é uma característica conformativa “genética” desta estruturação social. Para esses próceres são actos deliberativos naturais, geralmente inscritos em normas específicas.

2. *Sociedades criminosas e sociedades criminais*

a. O crime é um barómetro, podendo ser um conteúdo específico duma determinada civilização. Assim, por exemplo, a sociedade romana assentava os seus princípios *formais e civilizacionais* no roubo e na rapina, a que geralmente se dá o nome de conquista. Em vista disso era uma sociedade escravagista. Possuidora e incrementadora de postulados e códigos de Direito, este pautava os seus ritmos sociais mas de forma muito peculiar, uma vez que era uma sociedade de castas e classes bem definidas. Curioso é verificarmos que o crime mais insuportável para um romano *era a prática do fellatio com um escravo*, não o homicídio ou mesmo o parricídio. Era, portanto, uma *sociedade criminal*, pois são “sociedades criminais” aquelas onde os postulados do Direito estão ao serviço não da generalidade dos cidadãos, ainda que por propaganda o sustentem, mas sim das classes altas ou castas sedimentadas.

Os Estados Unidos da América do Norte, por seu turno, foram construídos mediante o pioneirismo, protagonizado por gente de todas as classes e, a princípio, por gente que na Europa tinha sido relativa ou realmente despossuída.

Esse pioneirismo assentou, a princípio, na iniciativa individual caldeada pelo relacionamento dentro de comunidades, muitas vezes com a mesma origem nacional. A pouco e pouco, contudo, vazou-se no *roubo e no extermínio* de terras e dos autóctones e na famosa mediaticamente *lei do mais forte*, o chamado “livre empreendimento” – no qual o promotor comercial ou industrial utiliza golpes adequados para estorvar, inibir ou ultrapassar os concorrentes. E que é alvo, no caso de falhanço, descaimento ou prevaricação acentuada ou grosseira, de duras sanções. Uma vez que não havia propriamente ou realmente uma classe dominante estratificada, cimentada e consolidada, havia que preservar a “livre

concorrência” que assim ia forjando a pátria ultramarina e é um dos seus apelos fundacionais mais queridos e respeitados.

Esta nação, com todas as vantagens e desvantagens duma *sociedade aberta*, é pois uma “sociedade criminosa”, ou seja: verifica-se crime nela, mas este é duramente atingido uma vez que o interesse da livre concorrência assim o exige e determina.

No entanto, durante os consulados de Georges Bush – seguindo-se aos prolegómenos de Lyndon Johnson, cuja subida ao poder resultou do assassinato de Kennedy por *apparatchikis* cobertos por sectores dos serviços secretos que camuflaram a acção mediante a utilização dum pobre-diabo (*a pansy*, na gíria do milieú), Richard Nixon, cuja administração teve claros ressaibos de tipo cripto-fascista, e Georges W. Bush, por razões de carácter – tentaram-se claros manejos buscando modificar o país, criando sectores típicos de “*sociedade criminal*”.

Nas sociedades criminosas existe, por exemplo, corrupção – nomeadamente em sectores das forças de segurança – mas, uma vez descoberta por operadores específicos, o jogo livre determina consequentes condenações. Toda a gente sabe, é claro, que um Presidente prevaricador (Nixon) foi destituído e presos vários dos seus ajudantes. Numa sociedade criminal nunca, repito **nunca**, tal coisa sucederá. Uma vez que as eventuais corrupção ou prevaricação são consideradas naturais, tacitamente consentidas por consabidas, quando não camufladas ou abafadas com o pretexto de que *é a vida*. Na verdade, é um facto estrutural como se referiu atrás, não uma perversão sectorial ou pessoal. Ou seja, não por intrínseca maldade mas porque o jogo social, nas *sociedades criminais*, assenta na manipulação e no arbítrio expandidos através dos anos.

Quem não conhece os casos, mais do que relevantes, de políticos ou operadores endinheirados medíocres, onzeneiros e com suficientes provas dadas da sua incapacidade formal, que se mantêm anos e anos nos canapés do poder, ora sendo isto, ora aquilo – com o maior relevo e proveito, apesar de já não despertarem qualquer excitação no imaginário societário do homem comum (e cuja opinião, segundo eles, justifica a sua democrática vilegiatura)?

Numa *sociedade criminosa* tal não é possível, porque há que refrescar o sistema, há que dar lugar a outros protagonistas, há que

livrar os cadeirões para que outros eventuais *parvenus* talentosos os usem e ocupem com consistência e imaginação (ainda que oportunista e muitas vezes velhaca). É por isso que nessas sociedades, a que se chama *abertas*, um que tombe não mais se aguenta no alazão – é afastado naturalmente (fica *reformado*...).

Nesta conformidade já se entende porque é que a Literatura Policial é epigonal ou imitativa nas *sociedades criminais*. Não é realista e autônoma – para que tal existisse era necessário que, como referiu adequadamente Louix Vax, “*a regra fosse sensível*”. Ou seja, que o jogo “acumulação/posse” assentasse na *assumpção* do risco. Em países onde tal não se verifique, os criminosos de alto coturno não têm necessidade de efectuar angustiantes manobras de ejeção, o sistema mantido pelos seus pares políticos ou judiciais encarrega-se de o camuflar racionalmente (*excepto se interessa “liquidar” o fulano, que agiu com ingenuidade – ou que se tornou indefensável por ter “dado nas vistas” excessivamente – ou, não tendo de facto prevaricado, ser útil como bode expiatório para entregar aos “paisanos”*).

Assim sendo, eis porque em Portugal a única “literatura policial” que tem existido com propriedade e consistência tem sido o género ou subgénero a partir do “hardboiled” e do “whodunit”, mas claramente *à maneira de*. Não existe o “social-thriller” nem o “thriller político” (a não ser como encenação inconsistente, como as rosas de Malherbe). Como podia encenar-se uma novela, ou mesmo um filme – como na sociedade aberta se faz a cada passo – em que por exemplo um juiz fosse um assassino? Ou um antístene um torturador sádico? Ou um banqueiro um matador de crianças? Isso não existe, esses esteios sociais são todos gente de bem! O país é pequeno, somos todos primos e primas e todos sabemos que não há cá perversos desses! Ainda que até só na literatura de mistério...

b. Existe, todavia, osmose – diríamos que por intrínseca capilaridade – no vector “*sociedades criminosas*” e “*sociedades criminais*”. Como as *sociedades criminosas* são filhas, tal como a Literatura Policial, do chamado capitalismo privado e da civilização industrial progressiva ou de ponta (ou seja, avançada ou tecnologicamente interessada), tem capacidades de seduzir, com as modificações sociais que o tempo forja, outras sociedades. As sociedades criminais podem tornar-se sectorialmente (senão de

todo) sociedades criminosas e vice-versa, seja por evolução ou involução. Veja-se o caso da Espanha, tornada sociedade criminal durante a maior parte do consulado de Franco (os casos protagonizados pelos irmãos do *caudillo*, por alguns notáveis civis ou do meio castrense, etc.). Também Portugal, paulatinamente e ao invés, devido a sua adesão à união europeia e ao capitalismo mundial de ponta já tem laivos da outra sociedade, ainda que muito tenuemente. Mas o reaccionarismo, o fechamento incrementado pelas associações confessionais (igrejas e seitas) e a mentalidade tacanha dos dirigentes faz desta nação um muito desagradável “*melting pot*”, onde campeia a injustiça descarada, a exacção e o arbítrio que já tem um claro sinal cripto-fascista que custará a erradicar pelos mais “progressivos”. Ou seja: o crime emana dos próprios esteios do Estado, quer por defeito quer por excesso. Será necessário recordar os consabidos actos escandalosos, mas não de tostões ou jantares da bola, em que se têm distinguido respeitabilíssimas altas personalidades? (Tudo segredo pelas esquinas...).

Em suma: há *sociedades criminais* quando se verifica corporativismo tácito e efectivo, ainda que dissimulado ou resguardado; cimentação dos foros mentais mediante a acção muito marcada de uma entidade administradora de ritmos espirituais; existência de um capitalismo fraco ou incipiente, normalmente periférico ou integrado por valetes; laxismo nos actos decorrentes de leis ainda que “justas”, mas que os próceres sufocam.

Há *estados criminosos* quando existe corporativismo oficializado e/ou doutrina de Estado imperativa e leis visando apenas a permanência do regime político (ao passo que nas primeiras se visa a permanência do regime social).

Há *sociedades criminosas* quando existe jogo democrático e mistura de classes, capitalismo forte e utilização das leis na dirimção dos conflitos (comerciais, industriais, pessoais daí decorrentes).

3. Do crime como ocultação qualificada

Pelo que atrás ficou articulado, pode e é lícito deduzir-se que: a) Não existe Literatura Policial consistente nos “estados

criminosos”, porquanto o crime é uma entidade flutuante e verdadeiramente do foro da política. A aparente LP que se dá a lume nesses estados é propaganda involucreada de literatura policial, muitas vezes bem articulada mas na realidade fantasista – encenando uma sociedade de facto não existente ou habilmente distorcida. b). Existe forte Literatura Policial, que reflecte os traumas societários e os ritmos daí decorrentes, nas “sociedades criminosas”. c). É epigonal ou imitativa a eventual LP existente nas “sociedades criminais”. Dos subgéneros, só são possíveis/credíveis o “thriller psicológico”, geralmente de ordem passional e o “thriller de acção”, pondo em cena detectives filiados no *hardboiled* e criminosos crapulosos. Numa fase intermédia, o que sucede agora em Portugal, de passagem lenta e paulatina para “sociedade criminosa”, existirá o “social thriller” e, numa fase posterior, se não acontecer nenhum golpe autoritário, o “thriller político”. Devido a essa fase, existente aliás “au contraire” nas sociedades em processo involutivo intermitente, apareceu há um par de anos o chamado “thriller metafísico”, abordando com grande dose, aliás, de colorido fantasista e algum eficaz oportunismo os aspectos subterrâneos e “mal contados” (ou decididamente falsos) que cifraram pelos anos o perfil de esteios religiosos, culturais, referenciais... (Ex.: Código da Vinci, Equação Dante, Lápide Templária, entre muitos mais).

Vejamos agora a questão fulcral do “crime”, nomeadamente o mais tenebroso deles ou, pelo menos, o que assume um carácter mais assustador ou penoso: o assassinato.

Este usa ser, nas *sociedades criminosas*, fortemente penalizado porque – como atrás ficou dito – introduz uma perturbação extrema no livre jogo da concorrência (vital, social, comercial/industrial). O que subjaz a um mistério policiário não depende do *crime em si*, que apenas introduz a inquietação ou a dúvida, mas sim da sua *ocultação qualificada*. Ou seja, numa novela policial o cerne da questão é não o crime mas sim a sua descrição. Dito de outro modo: o que importa na LP não é que tenha havido um crime (só assim podia ser LP...) mas que haja progressão narrativa visando saber-se o *como*, e o *porquê* adicional ou subsidiário, que são a antecâmara, em geral, do *quem*. É isso que explica que uma estória policial “invertida” – os inquéritos do

tenente Columbo ou o célebre “A casa da flecha” de A.E.Mason – desperte interesse mesmo conhecendo-se de antemão o assassino.

A *ocultação qualificada* assenta na existência do “fulcro hipócrita”, serve dizer: a verdade, logo a realidade, é camuflada em detrimento dum “facto suposto” que é apresentado como tendo sucedido. (Ex.: o suspeito “não estava” no local do crime; ou “não tinha razões para o fazer”, portanto não foi ele). O “fulcro hipócrita” é pois determinante, tanto na vida quotidiana relapsa como nos relatos policiais – por razões muito diferentes, claro. E uma vez que os factos, dum ponto de vista filosófico, são reversíveis, temos pois que a hipocrisia incha toda a *sociedade criminal* sendo a sua característica fundamental, enquanto na sociedade criminosa a característica é o *acto ilícito*. Ou seja: é problemática, mas passível de tratamento, uma sociedade onde o crime e a violência prévia ou envolvente recebe sanção adequada ou apaziguadora; vive mergulhada em angústia sufocada, desequilíbrio camuflado e bloqueio (o tristemente célebre *fechamento* da sociedade portuguesa) a população das sociedades criminais. Por outras palavras: nas sociedades criminosas há riscos, mas também há as justas expectativas de punição dos ofensores, o que permite a gestação de comunidades criativas; nas sociedades criminais vive-se num ambiente social penoso, desencorajador, “podre”, uma vez que os instintos dinâmicos se atrofiaram devido à problematização do “fulcro hipócrita”, que assim passa de possivelmente momentâneo para o todo social (nos tempos salazaristas tinha-se medo da “própria sombra”, por mor do “safanão a tempo”). Se por acção de uma modificação súbita (como sucedeu em Portugal após o golpe de Abril), a caixa de Pandora se abre, permanecendo os entraves sociais (desqualificação e corrupção ética do sistema judicial, acção espúria da classe política) a potencial violência cresce a pouco e pouco, sendo as populações mal protegidas que sofrem os mais rudes embates. Crescem também as depressões e os suicídios, uma vez que não é normalmente canalizada a pulsão sádica existente em qualquer ser. E, como um abutre sinistro, vai-se adensando sobre a sociedade a sombra devastadora do cripto-fascismo e da vertigem autoritária. Enfeitada, enquanto não chegam os tempos, pela violência crapulosa (assaltos a bancos, violação de crianças, abuso policial, impune existência de discolos

que os corrompidos ou incompetentes próceres tentam referir como incontroláveis, etc).

Como qualquer observador sério e consciente verifica, é isso que hoje está a suceder na sociedade lusitana. Assim como nas outras sociedades criminais.

Teme-se, assim, que não seja preciso que os islâmicos nos destruam. Nós próprios, por desvergonha de políticos e outros operadores de topo, colocaremos teimosa e sordidamente a corda no pescoço. Não esqueçamos, como dizia Vítor Hugo, que “*cada povo tem aquilo que merece*”... ou não teve o talento e a dignidade de evitar.

O DESEJO DANÇA NA POEIRA DO TEMPO

Opereta

(Sobre uma ideia de Almeida e Sousa)

Jehan Rictus disait: rêvons toujours, ça coute rien. C'est faux : ça coute bien dur.

MARCEL DELPACH

PRIMEIRO ACTO

(Música. Solo de flauta)

Um espaço degradado.

Há lixo com altura suficiente para se esconderem algumas personagens. Numa banheira está um homem, Thiagus. Parece adormecido e a sua mão segura uma garrafa. Haverá ainda alguns sacos espalhados pelo chão.

Um som de voz ecoa na sala. Indistinta. Depois perceptível. (A música cessa)

Voz – Como um coice de luz partem.

A terra espera o mar ao longe
a noite aproxima-se como um corpo nu
contempla
a poeira do tempo.

Deleita-nos
palavra a palavra.
O caminho é penoso
palavra a palavra
palavra
a palavra
palavra a palavra.

Saem, do lixo, três personagens. Movimentam-se pelo espaço. Agarram os sacos e carregam-nos às costas – vão colocá-los noutra ponta para que outra figura os possa agarrar (movimentos repetitivos; depois imobilizam-se).

Thiagus leva a garrafa à boca, bebe e espreguiça-se com os ruídos habituais de arfar, roncar, pigarrear...

Thiagus – Apenas imagens
de portas
de chaves
que abrem outras imagens com
praias e
um carnaval distante.
Portas abertas a paisagens geladas.

O fumo que se ergue do chão anuncia a chegada da bela Estephania – a sacerdotisa empregada de balcão que, num ritual próximo dum bailado tântrico, nos narra com determinação:

Estephania – Direi um poema sintonizando
rítmos aventuras pouco ortodoxas e
talvez
tudo seja já a obscuridade. E
entredentes
devagarinho
conto-te histórias de bruxas loiras ruivas morenas que sussurram
e inundam de penumbra os sonhos dos poetas, dos bilheteiros
das estações de comboio, dos que comem duma lata a sua merenda
às quatro da tarde
dos que nada têm a perder e nada tiveram a ganhar
os que andam

os que navegam
os que voam
os que param e olham em volta.

(O solo de violino, a que se juntam as flautas)

A cidade
é invadida por pombas brancas e
eu busco o horizonte na fuga sublime, nostálgica
de um pesadelo
De imagens
obscenas
sinistras
belas
com as cores de dentro e de fora
com o norte e o ocidente misturados
com o sul e o oriente entre os meus olhos
para cima
para baixo
como uma criança brincando numa sala deserta.

(Param as flautas. Entram os tambores, em *piano*)

Thiagus – (*bocejando ruidosamente e espreguiçando-se*) No limiar da
construção...

Estephania – (*como que absorta*) Um gesto instantâneo
provoca a paixão.
Vivamos um acto pessoal e único. Um acto...

(*Chegam um junto do outro. Abraçam-se. Depois, lentamente, rolam sobre o
solo. Thiagus ergue-se de súbito.*)

(Os tambores cessam)

Thiagus – Que se passa? Perguntavas tu
há pouco tempo
por entre retratos de santos amestrados e diabos sonolentos.
O bulício da cidade onde te passeavas provocante

apaixonada
com os cabelos esvoaçando na manhã
por entre edifícios velhos casas em ruínas ferros torcidos
correntes
engrenagens
rodas dentadas
de transmissão do pensamento.
Vendo-te assim
desatei a rir e
apesar das muitas palavras que se soltavam ainda disse
A mudez dá prazer
O gaguejar alegria a mente e
o pensamento só ou acompanhado
lhe dará o sentido

Estephania – (*explicativa*) E eu
desatei a rir e a chorar
porque de vez em quando vislumbro
deslumbrado sorriso
desse que não está em nenhum lugar
O dia
a noite simulada
um grande espaço em branco onde coloco muitas coisas diferentes.

Thiagus – (*soltando uma sonora risada*)
Foi por ali ou
talvez também por aqui
que a tua figura começou a ver-se melhor. Já reparaste?
A madrugada vai chegando até nós
com as suas estranhezas e o seu perfume: cães que passam rente às
paredes
homens de grandes mãos adejando como borboletas
mãos que agarram pacotes, mãos que empurram carroças, mãos
que limpam o ranho do nariz ou coçam o entrepernas
mãos que dão estalinhos com os dedos e levam chávenas de café à
boca
enfim
mãos para todos os usos e costumes mãos que são gordas
como cogumelos

e são magras como ramos de larício ou de pinheiro
mãos
mãozinhas
mãozecas
Ó mãos, como dizia o outro, vós que tudo podeis ser excepto:
ser pés
ser olhos
ser orelhas
e muitas mais coisas é claro é natural é mesmo muito provável.

As três figuras que carregavam os sacos puxam agora cordas num grande esforço. Em resultado deste movimento, entra um pequeno carro (sobrado e quatro rodas) em cima do qual está Brunus. As figuras ficam paradas, pois doravante são o Coro). (Começa a ouvir-se uma trompete. Um espectador sai da assistência, entra nos bastidores e o som da trompete cessa, ouvindo-se durante uns segundos o ruído indistinto duma discussão).

Brunus – Fico mudo
a masturbação torna as pessoas surdas
disse-me um dia
o padeiro.
O cura
olhou-me e suspirou baixinho. Meu filho, repara
pensar
leva ao inferno a não ser
que ponhas esta medalhinha por cima do coração. Leva a duvidar,
disse o padeiro
de novo
enquanto metia no saco de linho meia-dúzia de carcassas. Mas o
pior,
disse o cura, ao
mesmo tempo que tirava dum prato em cima do balcão um bolo de
creme
é que deixas de conhecer pai e mãe, gato e cão, sardinha e carapau.
E desataram
os dois a rir, e nessa altura apareceu-me uma navalha na mão
e despertei coberto de suor.

Estephania – (indicando coisas imaginárias no chão) Vês? Este aqui é um cavalinho de brincar. Isto é um apito. E este aqui é o teu tamborzinho azul e amarelo. Lembras-te quando te levavam à Feira todo vestido de novo e penteadinho como um anjo?

(ri docemente)

No jogo da vida e da morte
é bonito usar os acidentes quando a natureza os oferece e
disse cá para comigo
o meu leito está cheio de gente e
quando tudo faz sentido
vale muito mais que um chavo. *(torna-se nostálgica)*
Ali era a salinha modesta
onde as tias costuravam debruçadas sobre tecidos de muitas cores.
(baixa a cabeça, como que vencida e destroçada)
Coro das 3 figuras – Só muito mais tarde
é que iria estar frio
apesar do corpo quente dela.

Brunus – Não havia aquecimento.
Então eu...

Coro – *(num tom de cantochão)* Os curas
são contagiosos
Os padeiros são maviosos
Os bolos são deliciosos.
O céu cheira a rosas mesmo se nos peidamos.

Brunus – *(dirigindo-se ao público num tom coloquial)* Estava frio
compreendem? Eu tinha ido ao cinema nesse dia, um dramalhão de
cortar à faca e foi nessa altura que comecei a pensar: se dois e
dois são quatro, porquê impedir-me de sonhar com praias
repletas de mortos? Estão a ver? *(num tom brejeiro)*. Amandei-lhe
um olhar de derreter pedras, mas... a menina fazeu-se esquiva, tás
a ver? Olha lá ó minha nossa senhora do não-me-toques (era eu a
jogar ó duro) afinal vamos ó na vamos, atão mas ist'é como na
tropa?
(formal, com uma voz educada e culta) Lembrei-me dos meus vinte e
cinco anos.

A baixela com um lindo desenho de barra azul com florzinhas
amarelas
A toalha a que o primo costumava limpar os dedinhos manchados
de chocolate
O meu tio suspirando como um fole de ferreiro
de carpinteiro
de ladrilhador (*com grande intimidade, fazendo um gesto cúmplice*)
E foi então que
eu e ela resistindo
encolhíamos e
quando tudo ia fazer sentido
veio a guerra e puf
nicles batatóides
nada de nada
niente
não há cá rien de rien
Então uma grande nuvem escureceu por cima
e um anjo com uma espada de fogo apareceu à esquina.

Coro – (*tom de música de missa*) E se for entendível. E se for
perceptível. E se for razoáááável.

Brunus – É outra coisa
diferente
Se entendo
é outra coisa
estou a ficar mudo e
ali é o continente misterioso
disse cá para comigo
com esta
fiquei siderado
Sim
entendo perfeitamente
ainda não estava acabado
ela deixou-me sobre um muro
como um craveiro florido, um bichinho de conta, um guardanapo.

Coro – (*como que explicando*) Na cama, com o frio, os pensamentos
afluem mais facilmente

Brunus – (*com tristeza*) Pensei muitas vezes em viajar. Ir a Londres, Paris, Viena. Mas qual quê... A camioneta parava sempre no mesmo larguinho – estão a ver, aquele com uma porta de taberna com uma placa por cima que dizia que ali se vendiam selos de correio... De modo que pensei cá para comigo: e se eu transformasse isto tudo numa reflexão que nos servisse a todos de emenda? Ou de soneto, porque tudo vai e vem quando menos se espera. E de repente...

Estephania – E de repente...

Thiagus – Nos hipódromos as coisas começaram a correr mal. Os cavalos paravam de súbito, com os olhos no ar, como se procurassem qualquer coisa. E os jóqueis começavam a chorar, como se por fim tivessem compreendido tudo...

Brunus – À entrada de um café, dois indivíduos mutuamente desconhecidos desataram à chapada.

Estephania – Mas o mais engraçado de tudo foi que num salão nobre durante uma cerimónia oficial o presidente da Câmara borrou-se nas calças ante o horror e o espanto das entidades oficiais!

Coro – Aquilo é que foram uns tempos! Duas freiras, num jardim público, começaram a ler Shakespeare com mútuo proveito.

Brunus – E um general comprou um giz branco num estaminé e riscou o uniforme de alto a baixo. Não sei se estão a ver: riscadinho, como um quadro-negro ou a face dum guerreiro apache!

Coro – (*cantando com ternura*) Chove
cai a águinha
a águinha do céu
do céu dos pardais
e nas ruas dlin dlon
as pessoas passam

atarefadas
nos seus jogos
sérios e melancólicos
e uma brisa vinda
dum poema
muito poema
muito homenzinho
transforma-se num pequeno
animalzinho peludo
que foge e se esconde
sob uma cadeira.
Dlon dlon, dlem dlem
a mosquinha voa bem
Dlem dlem, dlon dlon
esvoaça sobre o som
que faz saber o que é bom
a um povo sempre mudo
sem rei nem roque nem dom
de saber transformar tudo.
No Entrudo!

Estephania - Ai sim, ai sopas, quem vier atrás que feche a porta.
Lembras-te do primeiro dia de escola?

Brunus – Eu disse mais coisas, entre as quais esta: porque é que os políticos, em parte, são ladrões e trapaceiros? E mais: porque é que a natação põe as pessoas mudas e a leitura de jornais provoca doenças de fígado e a ida aos grandes rios que correm pelas florestas sombrias nos deixa na alma uma sensação de desespero?

Thiagus – Foda-se! E ela?

Brunus – Respondeu-me em espanhol: *me cago en tu leche*. Sem tirar nem pôr... E quando lhe peguei na mão olhou-me com infinita tristeza, como se eu lhe tivesse tirado qualquer coisa muito preciosa. Tinha as faces excessivamente rosadas, tal qual como se tivesse tido...

Thiagus – Um pensamento estranho ou um...

Brunus – Sim. E note que trabalhava num laboratório, acho que era qualquer coisa assim como ver se as comidas estavam passáveis... (Música de flauta em surdina)

Thiagus – (*com um ar preocupado, mudando o tom de voz*) Assim não pode ser, senhor Saraiva. Você tem a certeza de que ele destruiu os papéis?

Brunus – Tenho, senhor director. Infelizmente tenho... E dei com os dois, ele e o juiz, numa conversa muito íntima. Quando viram que eu me aproximava, calaram-se. Acha que é caso para comunicarmos superiormente?

Thiagus – Acho que sim... Diria que é mesmo imprescindível! Mas... se a coisa vai aos ouvidos de...

Brunus – É o diabo, senhor director! E não há possibilidade de ser nomeado outro juiz, um que não seja corrupto?

Thiagus – Cale-se, Saraiva, por amor de Deus! Não fale em corrupção, que as paredes têm ouvidos. A possibilidade é apenas conseguirmos chegar ao primeiro-minis...

Brunus – (*interrompendo-o firmemente*) Shiiiiiu lhe digo eu agora, senhor director! Não fale com ninguém... ou estamos fritos! Eles têm assassinos a soldo, homem! Pela saúde dos meus filhos, temos de nos calar bem caladinhos...

Thiagus – Mas não seria má idéia fazermos chegar os papéis que não conseguiram destruir a alguém da Oposição...

Brunus – Não seja ingénuo, por amor de quem lá tem! Vamos mas é calar-nos que nem ratos. Aparentar descontração. E, se possível, metermos a reforma mais cedo... e irmos para o estrangeiro...

Thiagus – A vida é uma porra, Saraiva..

Brunus – A quem o diz, senhor director! A quem o diz! (Entram violinos, por uns segundos)

Estephania – (*muito terna, para o público*) Foi então que eu percebi que por ali não ia a lado nenhum. A questão do cura, a questão do padeiro panasca que um dia lhe quisera abafar o pirilau... creio que me faço entender. No dia seguinte, quando descia a escada, ouvi um grande barulho e dois tipos aos tiros abateram uma vizinha que por azar se metera no meio. Negócios de vigaristas que se tinham desentendido e tudo acabou em mal.

Coro – (*cantando em estilo de zarzuela, a que a música, mudando, dá o arrimo*)
Oscuras e os padeiros
são como vírus
Contagiosos e muito puros
simpáticos
uns companheirões
sempre prontos prá folia
ervas crescem-lhes no lado norte
têm um miradouro no centro
uma fonte perto das escadas
Os curas são pau p'ra toda a obra
São amigos do seu amigo
trazem blusas de linho
cobrindo-lhes os seios
Os padeiros são fenomenais
são bons remadores
rosas os coroam pela tardinha
e dão um porco a quem lhes dá uma sardinha.

Brunus – Bom, bom, deixe lá os detalhes. O que eu queria saber é porque é que o meu amigo não arranjou emprego por exemplo numa empresa de arquitectura, ou meteu ospapéis para o funcionalismo público. (A música cessa)

Coro – (*em voz normal*) Isto é o êxtase
todos procuramos o êxtase e
quando se experimenta uma vez
sempre se procura

a exaltação
essa que te faz levantar
correr sem destino
ser um gato pequenino
e ter o mar na mão

Brunus – Eu disse
o meu leito está cheio de gente
não havia aquecimento
ela perguntou
que te parece
eu ri
porque estava mudo
ela fugiu com o padeiro o cura e dois oficiais de finanças
e eu chorei.
Valeu bem a pena
tinha cá um parzinho de pernas
queria passar à eliminatória seguinte
ainda podia ser campeã
de voleibol basquetebol
mas o destino não quis
e ficou sempre a ver navios
duma pérgola junto à praia
enquanto os aviões sulcavam mansamente o firmamento sobre a
serra
lá onde os fantasmas se acoraram
para melhor verem o paraíso.

Apraz-me pensar que ela fugiu quando o céu
lá fora
caía apodrecido e
eu gritava
gosto do cheiro dos castanheiros disse-lhe eu
e quando o assassino arremeteu contra mim
com o facalhão em riste
perguntei a mim próprio
enquanto lhe metia um balázio na pinha
porque teremos nós de guardar as recordações
fechadas a sete chaves
num pequeno baú escondido debaixo da cama.

Coro – Para os curas isso é muito agradááááável!

Brunus – Chica! Lá vem ele outra vez com a merda dos curas. Será um anticlericalismo primário? Duma vez por todas: eles são animistas, têm uma relação muito forte com a terra e o brilho da Lua. Eles são amáveis e puros como os lobinhos aos dois meses. Eles têm em volta do corpo grandes extensões de pomar com laranjas e maçãs reinetas.

Coro – Eles fazem sexo virtual com as auroras e os dias bissextos. E não me venha com mais histórias desse jaez. Entendeu?

Thiagus – Mas poderia ter dito gosto muito mais de ti que de castanhas. O amor não deve dispensar a fantasia. Quando tudo nos foge sigamos em frente ou na retaguarda como os animais e os condenados pois é essa a nossa força para a imortalidade. O amor o escrever é como um tacho de sopa nem mais um tacho de sopa de grão com os paladares todos no sítio ou então um pulo na direcção da sombra numa tarde de Sábado quando o vento sopra mansamente na Gardunha.

Estephania – (*irónica*) O discurso que improvisei era uma relação com a vida mas podia ser qualquer outra coisa seduz-me pensar com a pele a febre

o cheiro
o sabor
isso tudo
e quando o meu leito está cheio de gente
é que eu vejo como os minutos são como aparas de madeira
pedaços de papel pintado
velhos tecidos amarfanhados. *(para um dos do coro)* Já agora, pá
dás-me aí um cigarrinho?

Thiagus – É uma contadora de histórias efémeras e todavia
actuais!

Brunus – Ora vai cagar. A honradez não te diz nada e então
ultrapassas a questão com
um abismo de incertezas. Em volta, gente passava, infeliz como
sempre,
com um sorriso ameno que
cada vez é mais breve.

Estephania – Acontece antes de dormir quando
faz frio lá fora
quando chove ou faz um calor infernal e então
apraz-me pensar
que afinal, quando passeávamos pela rua era tudo verdade.

(Música: o solo de flauta. Lírica, a seguir agitada. Vai escurecendo)

(Fim do primeiro acto)

SEGUNDO ACTO

*Uma sala vulgar: duas cadeiras, uma mesa de castanho, um espelho redondo
de meio corpo. Brunus sentado à mesa, Thiagus deambulando pela cena. (Os
tambores e a trompete, que executam o seu intermezzo)*

Thiagus – *(como se recitasse uma lição)* Foi tudo utilizado como meio
só como meio

para a libertação do homem
como um abismo de incertezas e porque o infinito
acabou
– é agora outra coisa:
a pobre velha gorda e depois magra que ao fim de tantos anos
desapareceu
e nunca mais haverá outra como ela. O homem que dizia este é o
meu testemunho
gostava que tudo ficasse dentro duma interrogação. Ombro com
ombro
as letras acumulam-se são uma realidade
duas realidades
ou mesmo três realidades. Se me permitem,
meus senhores minhas senhoras
vamos agora fazer um bocadinho de drama. Imaginem uma sala
com algumas floreiras, duas poltronas, três cadeiras
um aparador, uma mesa
e dois homens vestidos de cinzento. Mas o primeiro usa calças
escuras e o segundo
veste camisa azul clara como se vê nos desenhos. (*Ligeira pausa*)

Brunus – Mas tem o meu amigo a certeza de que não havia
ninguém no quarto?
E então como é que o assassino teria entrado? Diz você que ele
tinha a cabeça aberta e
as goelas cortadas?

Thiagus – O senhor inspector vai desculpar-me, mas é mesmo
assim. Aliás, àquela hora da noite o corredor estava inteiramente
deserto. E a senhora estava já recolhida ao leito, no quarto que
ocupava mais à frente. Ouvia-se um ruído como que de um
martelo no sótão, mas vá-se lá saber...

Brunus – O que acho de mais interessante no teu discurso
é a utilização de expressões primitivas.

Thiagus – Mas não tem de que se queixar, afinal também andou
na vida airada...

Brunus – É que sou de uma ilha onde o mar é mais azul
mas
emudece-me pensar assim
sempre me pareceu difícil a austeridade
quando assistindo às investigações eu mergulhava
nesta aparente calma. De aqui
resulta muitas vezes o testemunho irrefutável
da bárbara e pertinaz incultura
Com tantos antecedentes parece que o imprevisível nos leva a um
resultado que não esqueceremos com facilidade
Direi mesmo cá para comigo
agora é que ela se foi
para o caraças
apraz-me pensar que está feliz
então
olho o céu e digo
chove... *(pequena pausa)*
Hum... hum! E quanto a impressões digitais?

Thiagus – Apenas as necessárias. *(olhando em volta, com certo medo)*
O martelo fez um belo trabalho. E o navalhame também não
esteve nada mal. *(elevando a voz)* O senhor inspector deseja visitar
a cave?
(Faz-se escuro a pouco e pouco. Depois, quando a cena se ilumina de novo,
Thiagus reentra sózinho, esfregando as mãos e senta-se à mesa).

Thiagus – *(dirigindo-se ao público em tom coloquial)* No jardim das
traseiras existem canteiros de ervas aveludadas e arbustos jovens
onde vos seria grato passear. Pequenas estátuas de cupidos
bicéfalos e de atletas gregos em poses diversas retratam imagens
carregadas de saber universal. O silêncio pesa e os personagens
imaginados, em movimento, muito lentamente, abandonam o
espaço – dão lugar a um vazio imenso. Sejam astuciosos como
pássaros e cautelosos como crocodilos. O trabalho é o trabalho e
quando é assim não há que hesitar. *(entra Martim).*

Martim – Ao romper o silêncio, a vida corre... corre ao encontro da
morte inevitável.

A luz baixa até ao escuro total. No escuro.

1ª voz – A percepção do centro e da periferia...

2ª voz – A pele, a tua pele sedosa, desmantelava as mais belas resoluções!

1ª voz – Não há pachorra...

2ª voz – Aproximaste-te numa atitude quase doméstica. Adivinhava-te o olhar como uma flecha apontada à figura!...

1ª voz – E cresceu o desejo de sentir a impalpável presença da loucura.

2ª voz – E foi então que ao meter a mão no bolso senti o frio do metal.

A luz acende-se de repente. Um biombo cai, Margarida está de pé no centro.

Margarida – Estamos perante uma pura eficiência expressiva, sem quaisquer complacências...

Martim – Como?

Margarida – Não há prosa de menor duração que a lírica.

Martim – O que dizes é tão intenso... tão humano...

Margarida – (*abraça-o*) Todavia armado com a seriedade de uma sátira.

Martim – Pode ser... Com sete “ameixas” dentro e silenciador...

Pequena pausa.

Martim – Os teus desejos projectam-se na pessoa que eu sou. Os teus desejos aproximam-se como insectos atraídos por uma fonte de luz. Já alguma vez disparaste a curta distância, fazendo pontaria entre os olhos? Onde escondeste os remorsos?

Margarida – E os teus?

Martim – Ainda se encontram do outro lado da porta.

Margarida – Posso abri-la se o quiseres.

Martim – Peço-te. Não o faças. Dá expressão a esse território adormecido nos meus sonhos, esse território onde me sinto cómodo, completo... *(Pequena pausa)*

... Então o sábio Enoque escutou o relato e mandou o velho Matusalém de volta. Matusalém era o portador de uma notícia alarmante – o grande juízo punitivo atingira a Terra e a humanidade. Toda a “carne” iria ser aniquilada, por consabidamente ser suja e perversa.

A cena escurece até à penumbra ao som do canto de um rouxinol.

Coro – Naquele território dominado pela aparente frieza

Martim – *(coloquial)* Não sei como é com vocês, mas eu tenho uma preferência especial pelo Colt 38.

Coro – Desamparadas estâncias sempre vazias emanam ideias de locais desdobrados ocupando o centro

Martim – E se o assunto demorar recorre-se à navalha de Albacete das legítimas, ao amanhecer. Fere-se de baixo para cima, com o dedo sobre a lâmina...

Coro – O mar ao longe como se fôsse o deserto, como um perfil debaixo do arco escurecendo sob o sol de maio

Martim – E para os casos espinhosos o melhor é um golpe de cima para baixo na jugular quando os gajos estão distraídos. É limpinho... *(A cena ilumina-se de novo. Margarida já se foi)*

Coro – Das torneiras pingam vagarosamente fios de água que o desespero parece coagular. Elas –

não as palavras
mas o resto
abraçam-se longamente
enquanto devoram o mel que escorre pela madrugada

Martim – Estão a ver o meu ponto de vista? (*Rapa de um pistolão e abate limpamente um dos membros do coro, que cai de costas desamparado*). Com gente desta todo o cuidado é pouco. Vão por mim: é fogo para cima e alma até Almeida! Se não tosquiássemos uns quantos, qualquer dia faziam-nos crescer orquídeas debaixo dos sovacos... (*Sai de cena com um andar todo airoso, como se fôsse um duro de cinema*).

Entram em cena Estephania – que subiu para o carro – e Brunus. Acariciam-se, enquanto Thiago escreve sentado à mesa.

Thiago – (*lendo o que escreveu*) Em cada semente
que cai no tapete
eu vejo o princípio
de novos céus e nova terra. Medito
em como ganhar-te
como possuir cada parte obscena de ti
cada bocado do teu corpo. (*Vira e revira a folha. Em tom coloquial, para o público*) E anda um homem para aqui a ganhar a vida e a aturar estas bacoradas... Não sei porquê, mas temo que até ao fim desta merda ainda cometa alguma loucura...

Brunus – Até ao gume da mais fria espada do Senhor
os nossos corpos na espessa noite
até ao gume
até ao gume
face a face
os nossos corpos como dois arbustos
no horizonte

Estephania – Até ao princípio
os corpos nus e plenos de desejo
brilham num acto de posse
como no fim

Brunus – Na desordem deste amor

o vento devora as palavras
os pássaros do meio-dia gritam na nossa carne
profundamente

Thiagus – O teu sangue é um
signo que me devora. O teu chapéu, pelo contrário, é um
pedacinho
do paraíso que pode encontrar-se à venda nas melhores casas da
especialidade e se não encontrar encomende para...

Estephania – (*distraidamente*) Tás aqui tás a levar com a malinha na
tromba...

Brunus – Sinto as mãos
que deslizaram suavemente pelos meus ombros nus e
sinto a voz
trémula pelo desejo
A resposta tarda
o espasmo chega mais cedo
e todo o horizonte se iluminou. Resta saber (*coloquial*) se o Criador
fez chegar à criatura o seu intento, porque nestas coisas nunca é
demais
exigir a garantia e se possível por cinco anos não vá o azar acabar
com
as peças sobressalentes

Estephania – Na vertigem da noite
lacerada de gargalhadas o desejo dança

Brunus – Onde se cultiva o riso, por vezes
as coisas têm pesadas consequências. (*pausadamente*). Podia contar-
vos aqui uma ou duas histórias que... não sei, mas em casas que
por vezes nos parecem acima de toda a suspeita... hem, hem! Mas
cala-te boca...

Estephania – No horizonte
vêm-se figuras que pouco a pouco se aproximam. Umas vêm
modestamente, são pequenas e escuras, vestem mal e têm na cara

leves estremecimentos. Outras são mais altas, mais fortes, mais belas, cheiram a estranhas essências, e às vezes um vento cheio de objectos em desordem toca-lhes no rostocarinhoso como muitas palavras de amor.

Thiagus (*deita-se*) Enquanto os outros se desenrascam deixa-me cá ir passando p'las brasas.

Estephania – O teu olhar pode trair os teus intentos, mas o teu coração permanece firme e nem a surpresa de veres que o Céu nos rejeitou te faz tremelicar como um velho baboso assistindo a um concerto num salão de nomeada. Apesar de saberes que sou uma puta, nunca te propuseste levar-me ao altar e agradeço-te por isso. Quando abandonei as minhas moradas, senti que jamais regressaria e, portanto, olhei tudo com uma dor renovada e uma atenção definitiva e letal...

Brunus – E as orações chegavam até nós como sopros de um esquisito vento matinal. Íamo-nos afastando de terra com um aperto no coração. Um de nós – creio que fui eu – ajeitou a pistola para a ter mais à mão.

Estephania – Morrer é uma escolha que não se pode impor. Morrer mata-nos e, por vezes, somos mais que anjos, temos no rosto canções mais chatas que as daquele poeta que também é ministro ou coisa assim.

Thiagus ergue-se num salto.

Thiagus – Perdi o rasto do meu futuro
perdi a esperança de morrer em paz com a minha morte
os meus sonhos trocaram-me
por corpos que se desenham nas paredes
no espírito

Estephania – Numa pincelada rápida e pastosa
desenha-se
um rosto
de olhos profundos

Brunus – Ao longe alvejam igrejas abobadadas
tão antigas como a vertigem. Em volta
um silêncio devastador. *(Saem os três)*

*Entram figuras que desenham com os corpos movimentos pouco ortodoxos.
Sentam-se depois no chão.*

Primeira Figura – Encontrei os olhos
deste olhar que me devora
Tornei-me na máquina infernal em que se acham os medos
E os meus pensamentos morrem aos milhares. Tenho por dentro
muitos países desconhecidos

Segunda Figura – Cabelos de ouro cruzando o ar
bordam as órbitas dos planetas futuros. Outros lugares comuns,
pelo contrário,
cheiram a terra molhada, a sopa de feijão, a animais mortos

Primeira Figura – Há manhãs em que a luz se veste de lavado
como um guarda-nocturno aos domingos. Há mãos que percorrem
manhãs inteiras
escondidas num bolso
e corpos que se comem como se fossem amendoins

Segunda Figura – Sinto-me hoje mais negro
que uma manhã de Verão.
A minha vida está cheia
de pequenas loucuras variáveis
de cheiros e de olhares suspeitos

Primeira Figura – Olha o outro lado
Sente-o e imagina-te
numa torre de paredes revestidas de retratos
ali onde as pedras têm nomes
inscritos pelos amantes
Tal como entraram, vão saindo agora – muito suavemente. *(saem, a
cena fica deserta).*

Estephania – *(entrando cheia de ritmo, vestida de sevilhana e acompanhada pela música de um pasodoble que cessa assim que ela começa a falar com muito siso)*

Vão-me desculpar, mas tenho de desfazer um engano: aquele rapaz que anda por aqui juro-vos que não o conheço de parte nenhuma. Um belo dia apareceu-me à porta do emprego e disse-me sem mais nem menos: não fui eu que o matei, nem sequer o conhecia. Fiquei parva! Nem lhe respondi e o gajo, zás: quando te vi pela primeira vez, senti que a minha vida tinha mudado. E desanda-me sem mais nem menos, ora toma, fiquei p'ráli especada, chiça, o tipinho deve ser mono, ou coisa assim. Nessa altura andava eu com um rapaz da polícia, o Tony, aquele vocês sabem, do bigode, um gajo porreiro, ainda lhe disse: ó Tony, e tal e coisa, chapei-lhe tudo. E o Tony: anda, minha parva, não penses mais nisso, com voz de galo assim pró rouco, grrrrr! Já viram a estrila?

Brunus – *(entrando, vestido de toureiro)* O comportamento das raízes na terra pode ser o diabo! *(dirigindo-se ao público)* Ora vivam lá, seus marotos. *(retomando o fio à meada)* E então fui para casa, acendi a luz da sala e fiquei a olhar para o espelho: abandonaste-me, disse ela censurando-me. Não, respondi eu; tu é que me abandonaste, eu limitei-me a ir-me embora. *(com um gesto cúmplice de mãos)* Tu é que, etc. Tão a ver a coisa, hem?

(mudando de tom e dirigindo-se a Estephania) A senhora não se importava de me aconselhar aqui numa coisa? Ora bem: tá a ver estes dois dedos? Suponha agora que eu os mergulhava... em sangue e lhe fazia... uma cruz na testa, hem?

Estephania – Tudo é solidão

Apenas espero

a confirmação dum beijo pesado e secreto

Em cada gota de sangue

o sangue de todos

contém sementes do meu corpo

um certo sabor

um certo momento tranquilo em redor

de tudo o que corre, esvoaça ou flutua

O escuro faz-se sentir na terra, chovem papéis brancos

com a intensidade possível. Poderíamos, entrementes, ouvir

um som de jazz. Tudo foi concretizado a partir das origens
há uma utilização de suportes imprevisíveis e
agora
por exemplo
a voz torna-se sumida. Pensei amar-te
e afinal era apenas sono tava cá c'uma soneira qu'até as unhas dos
dedos dos pés se m'encarquilhavam, carago Vai-s'a ver e na' se
tem nada no bolso nem no d'reito nem no 'squerdo, foda-se!
(*chega ao pé de Brunus e acaricia-lhe a face*) E o menino dond'ê? Está
aqui há muito tempo? (*A cena vai escurecendo até mergulhar na
escuridão*).

(Fim do Segundo Acto)

TERCEIRO ACTO

*A luz ressurge. No espaço, um enorme caixote de papelão. Margarida entra
arrastando uma cadeira. Na boca segura com dificuldade a asa de uma
pequena cesta de costura. Senta-se, depois de colocar a cadeira a seu modo. Da
cesta retira um arco de bordar. Enfia uma agulha.*

Margarida – (*bordando*) A compulsão simbólica de pictografias
associada à erupção histórica centra definitivamente a cadência do
trabalho ulterior na senda dos campos cromáticos... Será, talvez,
um regresso à figuração?!... (*Ouve-se um despertador*).

– Ho! ho! Ai, ai! Está na hora!...

*Arruma tudo sobre a cadeira. Empunha uma tesoura e dirige-se ao caixote.
Tenta rasgá-lo, sem grande êxito. Do seu interior, entretanto, sai Thiagus.*

Margarida – (*com alegria*) Esperava-te!

Thiagus – ¿Si?

Margarida – Sim.

Thiagus – ¿Verdad?...

Margarida – Há muito tempo. Sabia que virias. As imagens recebidas ajustavam-se perfeitamente à relação entre a personagem extraordinária que tu és e as palavras que tenho vindo a recolher...

Thiagus – ¿Es possible?...

Margarida – Sem dúvida.

Thiagus – ¿Un juego entre el silencio y la palabra? La clave de lo trágico?...

Margarida – O trágico não é, porém, contemplado pela situação.

Thiagus – ¿No?

Margarida – Recorri a um outro olhar que me recordou a tua figura.

Thiagus – Igual que las novelas contemporaneas, as sufrido un cambio importante...

Margarida – De facto... Uma vez disseste-me que no jardim das ervas curiosas, donzelas aveludadas e jovens bicéfalos passeavam-se. Retratavam imagens carregadas de saber universal.

Thiagus – La locura, la nada, lo absurdo, lo grotesco y el mito permanecen en este teatro y... yo me marchó. ¡Adiós!...

Margarida – Nem sequer a ilusão?

Thiagus – ¡No!

Ouve-se um piano, um trovão. Escuro, chuva.

Uma voz feminina: Ai meu senhor... Juro! Esse sémen proveio de ti, de ti proveio a concepção, a plantação do fruto que não é de um forasteiro, nem de um guarda-livros, nem de um fantasma. Tão pouco de um filho do céu...

Faz-se luz. Entra um Homem.

Homem – (*falando com carregado sotaque alentejano, num tom comicamente obscuro*) O horizonte torna-se vítreo
pássaros abandonam as árvores
dois amantes cruzam o céu que entretanto mudou de cor
Rompe-se com estrondo
deixando de lá cair anjos e santos
que se estatelam no chão um de cada vez
com um lindo som de plof
Olarilolé
A minha língua percorre todas as manhãs os teus lábios
numa noite assim os amantes inventam sombras
as palavras adquirem elasticidade e
as conversas criam fábulas cor-de-rosa
os corpos rodopiam ao som duma dança celestial
Coisas da memória
para que os nove planetas maiores se encham de música plena
e silêncios diferentes

Uma voz – (*num tom cheio de timidez*) Os mais perversos
desenham planos agressivos
palácios
balneários
tabuleiros de xadrez, três quatro bilhares
muitos baralhosum ás de paus e damas infinitas
enquanto outros
cantam docemente
é dia de festa
noite de lua cheia
Os amantes inventam já
sombras e flores
uma bailarina desata aos pinotesenlouquecida
e canta emocionada
secretamente apaixonada pelo maestro
vou pelos mares como um veleiro
sou uma jovem dona de casa
e pinto o sete em todas as ruas

*Amado, meu amado, oferece-me um bilhete
de combóio para uma estação do maravilhoso país
onde brilham as estrelas e os grilos entoam em coro
seis ou sete estrofes do Eclesiastes.*

Homem – (*abandonando a cabeça, concordando inteiramente*) No fim
suicida-se.
Entra agora Estephania como louca,
chorando desesperadamente
sobre o corpo do amante
e diz com a voz estrangulada (*designa Estephania,
que entra calmamente, de saia justa ao corpo e mantilha sobre a blusa de seda
generosamente decotada, de meias pretas e saltos altos, muito sexy e muito
bem disposta, fumando de boquilha e cantarolando*)
Trrim tim tim, volto-me para mim
tacteio a luz e viro-me para ti
olho-me nesse espelho e zás
pás catrapás que lindo rapazeu viiiiii!
Dentro das nossas pessoas trrim tim tim
há uma bela noite bem escuriiinhaaaaa
e um belo palácio dando para o rio
onde nos afogamosnos nossos papéis
ó queridas marias ó queridos manéis
vestidinho estás que nua estou eu
nua sou mais corpo quando o corpo teu
é mais tu mais eu
é mais eu mais tu
vai levar no cu
meu belo zangão
mortinho mortão
dlão dlão dlão
que eu nunca encontrei
e que nunca vi
e que por isso estou certa segura que não tem ordenado fixo, porra,
chiça, caraças
és mais do amor que o meu sangue
quando te possuí na noite
ah ah ah
ouve o gemer de alguém que te ama inabalavelmente

como se fora um aviso desfeito no princípio da noite
um sinal ritual
um objecto sensacional
um gesto tridimensionaaaaaaa! (*fica calmamente a fumar*)

Homem – (*explicando esforçadamente como se o público fosse estúpido*)
Também Estephania se suicida, estão a ver?, perceberam o golpe?
E p'ra tudo dar certo, compreendem? bebe veneno, enforca-se e dá
um tiro no peito, que se abre e revela uma grande rosa branca,
enorme, insuportável. O seu lindo rosto fica sem cor, as mamas
descaem-lhe e dá um berro de gelar o sangue nas morcelas.
Acreditem-me, não foi um espectáculo belo de ver. (*Estephania ri
baixinho, com gosto*). Ouve lá ó minha desgraçada, anda um homem a
criar uma filha para isto? O teu rosto, sentada frente ao espelho do
“boudoir” revelava o mais profundo espanto, os soluços agitavam o
teu seio e, finalmente, deixaste pender a fronte sobre as mãos
trémulas. (*rapando, do bolso, um telemóvel que tocara*) Está? Sim, recebi
a tua chamada, sim, compreendi perfeitamente
mas é tarde
demasiado tarde
também eu quero agora abrir as minhas veias
que o nosso sangue se transforme no caudal de um rio de amor.
(*desata a rir, cacarejando e torcendo-se*). Sim, recebi o casaco de peles e
a estola, é tudo muito giro. Pronto, até à próxima, um abraço, vai
dando notícias. (*guardando o telemóvel e falando para o público ainda com
restos de riso*) Ai, ai, as surpresas que... Enfim, o danado do... Ai, ai!
(*sai, ainda rindo intermitentemente*).

Estephania – As sombras, tás a ver
inventam uma secreta esperança de se tornarem estrelas
e o teatro diluiu-se nas chamas
foi um liiiiiiindo
um magnífico
um espantoso espectáculo
e o público correspondeu às expectativas.
Disparam-se pistolas, ouvem-se gritos desesperados
e nós estamos calmos como recém-nascidos
assim, todos esparramados num sofá, de perna aberta
à bambalhona, raios partam tudo isto

e num país distante sobre a mesa de castanho, numa sala onde dois homens conversam uma flor amarela e violeta destaca-se na sua cor especiosa única dolorosamente bela. *(Baixa a cabeça, derreada e aos trancos e vai saindo de cena devagar. A luz apaga-se).*

Quando a luz se acende, estão em cena Thiago e Brunus. Este sentado detrás da mesa, aquele um pouco à direita. Fuma nervosamente)

Brunus – Ora então vamos lá recapitular: diz você que estava em casa, seriam umas nove da noite, quando bateram à porta. Pancadas fracas, raspadelas...

Thiago – Sim... Como já disse ao senhor inspector, seriam umas nove horas e eu tinha chegado do emprego, estava a beber uma cerveja, vou para apanhar o maço de tabaco em cima do sofá e... pumba, oiço uma porrada na porta! Primeiro foi uma porrada, só depois é que as batidas se tornaram mais fracas, alguém a raspar com as unhas. Confesso que fiquei acagaçado, ou antes, assim a modos que admirado, percebe? A casa é um bocado isolada, tem um jardinzinho...

Brunus – E então você...

Thiago – É que veja: tinha acabado de acender a televisão, estava a dar aquele programa com aquela filha-da-puta loira muito estúpida... com'ê qu'ela se chama, a ...

Brunus – Deixe lá isso... Prossiga!

Thiago – E como a gaja grita que se farta não percebi bem, podia ser na rua... E eu...

Brunus – Você tem armas em casa?

Thiago – Uma caçadeira... material italiano dum cano... com cano porta-cartuchos. Leva treze... estilo *shotgun*, uma beleza. Mas não ia

pôr-me a abrir a porta com a canhota em punho, de modo que agarrei num *bat* de baseball e fui abrir a porta!

Brunus – E foi então que...

Thiagus – Sim. Apagaram-se as luzes e eu...

Brunus – O amigo desculpe, mas... já tinha suspeitado de alguma coisa... como dizer, não durante os dias anteriores mas... nos meses em que...

Thiagus – Ó senhor inspector!... Uma pessoa... não tá a ver?... Um tipo não pode andar sempre de pé atrás, doutra forma entra em paranóia, que diabo! Eu quando... enfim... E agora ponha-se o senhor no meu lugar. Como é que eu...

Brunus – De facto... Mas assim tanto sangue... Tanto, como dizer...

Thiagus – Mas o pior não foi isso! (*fuma nervosamente, anda dum lado para o outro*) O pior foi que... O senhor inspector, prontos, sabe que o jardinzinho nas traseiras...

Brunus – (*com ironia, nervosamente*) Pois, o jardim... já cá faltava o jardim... De modo que a ...

Thiagus – Ó senhor inspector! Quando as luzes se acenderam eu, com o cacete nas unhas... . E ao avançar...

Brunus – Fiiiiuuuuu! Sim, confesso que também eu, na mesma situação, na mesmíssima situação...

Thiagus – (*sentando-se em frente de Brunus, de costas para o público*) Não é? É que quando se está de fora... mas quando as situações acontecem...

Brunus – Bom. Agora vai ali ao gabinete ao lado e dita tudo para a senhora que o vai atender. Mas isso com calma, hem? Diga tudo calmamente, sem se enervar. Vá lá então.

Thiagus – (*levantando-se*) Óquei. E sobre a outra... coisa... acha que...

Brunus – Eu acho que sim, por mim não há problemas... Mas você é que sabe. Afinal isso...

Thiagus – Sim, tem razão. Obrigado, senhor inspector. Muito e muito obrigado!

Brunus – De nada, pá. Vá lá p'ra casa. Ao fim e ao cabo você é que... não acha?

Thiagus – Com efeito. Então boa noite. E mais uma vez... obrigado.(*sai, comovido*)

Brunus cantarola entredentes, acompanhando o leve solo de flauta. Levanta-se e fica a olhar para o público, de mãos atrás das costas, como se contemplasse o exterior por uma janela. A cena vai escurecendo paulatinamente, enquanto a música se esvai, até ficar tudo na escuridão. Então ouve-se um grito de fazer gelar o sangue nas veias.

(FIM DO TERCEIRO ACTO) (FIM DA OPERETA)

O SURREALISMO NO REDONDEL

(Entrevista a Nicolau Saião, com perguntas de Joaquim Simões, Manuel Caldeira & Jorge Perestrelo)

Já é proverbial que em pleno tempo transtagano, num certo dia, 3 confrades se reúnam com um outro, numa povoação alto-alentejana, na ambiência de uma casa bem defendida do calor ou do frio com uma mesa entre eles para possibilitar que algumas iguarias a character sejam degustadas de muito salutar maneira... com muito salutar proveito.

Depois, para *rebat*er fazendo apropriadamente a digestão, enquanto bebericam um “Queen Margot” bem-dotado conversam, deambulando entre os temas que lhes suscitam o interesse, a curiosidade e o prazer de falar.

... E depois, um pouco mais formalmente, coloca-se em jeito de entrevista-questionário o corpo geral do que, em artes & literaturas – com memórias pelo meio, se tal acontece – se foi falando ao correr dos minutos.

Assim foi no tempo em que vicejámos no ano transacto. E o resultado da *refrega* agora aqui vos fica neste texto que se dá a lume após normalização.

JOAQUIM SIMÕES (JS) – Em “*Deus lhe Pague*”, o seu texto teatral mais conhecido, Joracy Camargo pôs na boca da personagem principal, o mendigo-filósofo, a frase seguinte: “Comunismo é uma palavra que tende a passar ao dicionário com escala pela polícia”. Eu, por minha vez, pergunto-lhe: o surrealismo é uma palavra que tende a passar ao dicionário com escala pelas múltiplas prisões do realismo até à vitória final?

NICOLAU SAIÃO (NS) – O chamado realismo é, como os próceres da ideologia – que vai do socialismo orgânico ao “anarquismo de aviário” – afirmam sem reboço, apenas *uma arma*. Mas o que não dizem, claro, mas se percebe na perfeição, é que é de facto *uma arma de extermínio moral*, tão-só um objecto de propaganda e das mais rasteiras e cínicas.

Daí que hoje, como anteriormente (quando havia duas censuras, a do salazarismo e a do comunismo, ou seja estalinismo ou, ainda mais adequadamente, fascismo-vermelho como a História provou) promovam poetinhas a grandes poetas, prosadores canhestros a romancistas de vulto ou pinturadores a artistas de qualidade – desde que sigam os ditames que eles usam para submeter as pessoas a totalitarismos da sua preferência ou interesse. Através de intelectuais apaniguados encheram as redacções de propagandistas que só visam ajudá-los a chegar ao poder total. E inçaram os espaços interactivos com indivíduos que, com um discurso nauseabundo, enxovalham todos os que se neguem à vénia aos dos governos que na verdade controlam. Em suma, visam uma verdadeira ditadura de opinião, como existia nos países totalitários.

Nesta perspectiva, é natural que os surrealistas sejam os primeiros a comer por tabela. Sempre marginalizados e obstaculizados (tanto por reaccionários como por estalinistas, tanto por ignorantes pedantes como por “acratas de aviário”, na verdade autoritários *à outrance*). E nalgumas publicações que acaso tenham alguma abertura ao surrealismo, buscam colonizá-las mediante a confusão, as ideias feitas e as burlas artísticas,

servindo-se da boa-fé ou da ingenuidade ética dos que ali residem ou editam.

Infere-se pois que nunca no surrealismo haverá qualquer vitória, será sempre uma prática livre e mágica mas de minorias, enquanto essa tal ideologia tiver na mão o poder que de facto tem – estabelecimentos de ensino onde, com algumas bolsas residuais de seriedade, se promove a mentira e a exclusão da arte livre, órgãos de informação que não passam de altifalantes de colectivos que utilizam a manigância intelectual, de entidades oficiais visando o domínio, até ilegal, que lhes permite continuar a desfrutar do *pote* onde utilizam e mesmo surripiam o erário do povo. A burla serve-se dos meios intelectuais-literários-artísticos como simples antecâmara do domínio social, simplesmente. E já nem sequer disfarçam o que procuram fazer, tão seguros se sentem no gozo da impunidade que os envolve.

(JS) – *“Vamos ver o povo / que lindo que é / Vamos ver o povo / dá cá o pé // Vamos ver o povo / hop-lá / Vamos ver o povo / Já está”*. Este é um poema de Mário Cesariny. Tratar-se-á de um poema alquímico da harmonização entre o surreal e o subreal?

NS – Creio que é – como eu a vejo aqui – do foro, apenas, da lucidez real, ou seja, duma realidade que alguns tentam mascarar, pois esses que tanto falam do povo são aqueles que, em todo o lado onde se apoderaram do poder, enganaram, hostilizaram e massacraram esse povo de que se haviam servido como pretexto. Hoje já se sabe tudo – tudo o que fizeram na URSS, no Camboja e na China, e continuam a fazer na Coreia do Norte e nas américas, pedindo meças aos fascistas e ditadores do outro lado, que chegaram a ultrapassar em brutalidade e cinismo.

(JS) – *Privou bastante com o Mário, com o Cesariny e até com o de Vasconcelos. O que pode dizer acerca de cada um deles?*

NS – O Mário era um homem civil que vivia as dificuldades, as alegrias e tristezas de todos os que evoluem numa sociedade que forja as circunstâncias da chamada vida-vidinha, o quotidiano que nos rodeia a todos e que se rege por conceitos que não perdoam as diferenças, nomeadamente a *diferença* que era a sua. É manifesto e

sabido o que o fizeram sofrer, tanto mais que a sua juventude a viveu num regime que promovia o preconceito, o arbítrio e a violência.

O Cesariny era o ser superior que a sua qualidade de grande poeta lhe facultava, tendo portanto também sofrido os embates provocados por gente invejosa, de carácter tóxico e velhaco enquadrado por ideologias brutalizadoras e hipócritas, de cores aparentemente adversas mas coincidentes na sua essência.

O de Vasconcelos era o que, tendo situado perspicazmente o ambiente relacional lusitano e estrangeiro, o tratava de maneira adequada, com a distância, a análise arguta ou o desprezo que mereciam. Arrastava também com ele o desgosto por ter sentido na pele a maldade de gentes que, por despeito ou falta de carácter, o tinham primeiramente festejado para melhor o dominarem ou arrastarem para os seus baluartes e, de seguida, frustrados os seus tentames, o atacarem e caluniarem com a desfaçatez que lhe permitia um *milieu* envolvente onde vicejavam e ainda vicejam os sevandijas prepotentes e os mediócrs lacaios, ancorados em redacções e em chefias ao serviço da ideologia e da *agit-prop* mais rasteira e ou cínica.

(JS) – *A propósito do Mário: e Luiz Pacheco? Há neste momento um grande interesse em torno dos escritos, do papel e da própria figura dele...*

NS – Frequentemente, isso faz parte da manobra de se tentar tornar legendária a figura de um autor que, para além do inegável talento próprio todavia cortado por leviandades, é para eles o signo de que tudo está bem quando se participa na musculação de um sector totalitário – mas oposto ao autoritarismo que houve, de sinal contrário – cuja existência, para essas pessoas e entidades, cauciona tudo o que se faça aparentemente do outro lado, seja para exhibir uma *exemplaridade* na verdade ilusória, seja para exercer uma acção destrutiva da imaginação e da prática surreal, antepondo-lhes atitudes filhas dum relativismo ético que cobrem com o véu dum pseudo-abjeccionismo, cujas características tentam definir de forma arbitrária, para melhor efectivarem a defenestração dos que não lhes quadram ou os incomodam.

(JS) – Passou uma parte da sua vida em Lisboa, outra em Portalegre. O que as distingue quanto à percepção do surreal – ou do real, como queira entendê-lo?

NS – A minha estada em Lisboa sucedeu principalmente durante uma parte do tempo da tropa, onde vivia surrealmente por dentro numa forma que a vitalidade da juventude, caldeada pela imaginação, permitia ou propiciava. Era pois uma Lisboa surreal nos passeios que dava e nos contactos que fazia ao acaso dos dias, sempre com o ordálio da vida militar às costas, a que me furtava, ou fintava, como podia. Depois, já vivendo em Portalegre e passado a civil, pelas visitas e incursões que fui fazendo nela, mergulhado num encantamento de ordem interior que já ordenava com outra e maior liberdade. Tanto mais que contactava com autores e companheiros que me ajudavam a comprazer-me na aventura de viver e de mergulhar no sonho de olhos abertos...

Ou seja, possuo uma Lisboa muito minha, que não sei se será a Lisboa realista quotidiana dos cidadãos em geral...

Em Portalegre a visão e o sentir surreal proporcionavam-se de outra forma, se levarmos em conta que, socialmente, esta cidade é um colectivo profundamente reaccionário e limitado. Digamos que há uma cidade que me é própria e que nada tem a ver com o meio societário em que se tem de existir. Sempre fui nela, digamos, um corpo estranho e que procurei que não condissesse com o que nos querem frequentemente obrigar a ser, com ritmos que nada nos dizem e no qual não nos achamos frequentadores.

(JS) – Noutros campos que não os da literatura, quem gosta de relembrar entre os que se afirmaram ou afirmam surrealistas?

NS – Pintores como Cesariny, João Rodrigues, António Quadros, Cruzeiro Seixas... Do estrangeiro, Max Ernst, William Baziotes, Enrico Donati, Wilhelm Freddie, Masson...

(JS) – Foi o funcionário responsável da Casa de José Régio, em Portalegre. Que relação manteve e mantém indirectamente com ele?

NS – Sempre o tenho lido, principalmente os seus ensaios e textos ficcionais em prosa, com gosto por ser um autor sério e com

independência de espírito. Na poesia, a forma com que se defrontava com o mistério e o enigma que a arte poética contém, independentemente de não estarmos na mesma via ou caminhada envolvente.

MANUEL CALDEIRA (MC) – *“Vou por aqui por este lado/ a vistoriar o historiado”, versejou infeliz o Mário. O surrealismo em Portugal está bem vistoriado (analisado)?*

NS – De forma alguma! Universitariamente, as análises são escassas e pouco subtis, em geral anquilosadas pelo academismo e a pedantice que por cá é uma constante devido à pequenez que grassa nessas entidades. Dum modo geral, à falta de liquidez mental forjada por décadas de salazarismo onde o provincianismo era rei e senhor. Em suma, é frequentemente encarado dum ponto de vista simplesmente historicista, o que serve excelentemente os *konzerns* reaccionários (estalinistas e derivados) ou de cunho fideísta e pacóvio.

(MC) – *Mas o que justifica esse panorama?*

NS – A necessidade que essas gentes têm de estabelecer o seu domínio retrógrado e que visa crestar a liberdade e a imaginação em todas as direcções que o surrealismo é e que, portanto, está nos antípodas da existência desses príncipes e senadores de ruins manobrismos.

(MC) – *Surrealismo e anarquismo: há proximidades ou coincidências?*

NS – Talvez proximidades, talvez coincidências... Mas o anarquismo moderno, entre nós, vive pelo que tenho visto muito enfeudado à prática duma propaganda ideológica jungida a esquemas e discursos que o afastam da aventura surrealista, que leva em conta os avanços da Ciência, da tecnologia de ponta e do pensamento descomprometido que o fazem existir sem *partis pris* de obrigatoriedade militantona, que aqueles frequentemente praticam exalçando muitas vezes mediocridades só porque são *da corda*...

(MC) – *Posição pessoal tua e de diversas outras personagens. A que leva essa actividade?*

NS – A actividade, a prática surrealista e do surrealismo em si leva a duas vertentes. Uma, termos de estar *de fora*, fortemente críticos da sociedade lusa, ora política ora social, o que arrasta a nossa marginalização *que sabe muito bem*, é muito saborosa para quem reside nas estalagens do mando. A outra, à feitura de percursos que são bem recebidos e bem reconhecidos em lugares mais salubres, no estrangeiro, uma vez que são a concretização de rotas com matéria e substância legítimas e potáveis.

(MC) – *Perspectivas de futuro... Memórias do passado...*

NS – Muito prosaicamente: ter saúde e isso permitir anos de vida com lucidez, para não desmerecermos do que foi um passado de vida que se procurou fosse íntegra e ligada aos grandes ritmos da existência sempre iluminada pelo maravilhamento que, se a soubermos merecer, a Vida pode ser ou é realmente.

Memórias são tantas... E tantas as nostalgias – por amigos que desapareceram, por momentos que se foram e por coisas que não puderam comparecer na nossa jornada... O balanço é positivo, pois até os maus momentos foram postos fora de borda pelas alegrias que conseguimos ou pudemos atingir!

(MC) – *Quais os maiores inimigos da surrealidade? O surrealismo, nacional ou estrangeiro, leva em conta as descobertas de ponta feitas nos campos da linguagem tecnológica e da ciência?*

NS – Os maiores inimigos são a brutalidade de ideologias hipócritas, o cinismo de operadores enfatuados e pedantes que usam colectivos de poder para se enquadrarem falseando a qualidade e projectando os seus produtos com que infantilizam as populações, o fideísmo de todos os quadrantes que buscam dar de novo de forma imperativa o domínio à superstição e ao fanatismo, o *fascismo eterno*, ou ur-fascismo, seja ele de cor cinzenta ou vermelha, o politicamente correcto dos novos inquisidores que tenta de novo extinguir a liberdade humana nas suas diversas vertentes.

(JP) – Livros, de Portugal e de fora, que achas importantes ou significativos ou que consideras de colocar em relevo?

NS – De maneira não sistemática e sem me ater a datas: todos os que procuram ir além da imaginação limitada e das fórmulas caducas ou sem brilho: obras de Bulgakov, de H.P.Lovecraft, de Ray Bradbury, de Hans Carossa, de Maria Judite de Carvalho, de J.B.Priestley, de Gide, de Floriano Martins, de Camus, de Julian Gracq, de Michel Leiris, de Thomas Mann, de Roald Dahl, de C.Ronald, de Karel Kapek, de Graça Pina de Moraes, de Czeslaw Milosz, de Roman Gary, de Bruno Schulz, de Wislawa Szymborska, de Jean Ray, de Buero Vallejo, de Radiguet, de Clifford Simak, de Claude Seignolle... E por aqui me fico!

OS LABIRINTOS DO REAL

Sobre a literatura policial

Nicolau Saião/Carlos Martins

À memória de Dinis Machado, meu amigo saudoso, cultor e apreciador da LP

Introdução

Falar ou escrever sobre a Literatura Policial não é ainda tarefa fácil no nosso país – como em certos outros, de resto... Dizemos *fácil* para não dizermos *insuspeita*.

Com efeito, são profundas as marcas deixadas por dezenas de anos de obscurantismo e mentira erguidas em torno deste género literário em que a imaginação reina como deusa e ao qual o pensamento oficial e académico sempre anatematizou e tentou reduzir ao silêncio, considerando-o e levando assim parte do público a considerá-lo, *a priori*, como um género menor da literatura. Não é por isso invulgar ver ainda hoje alguns dos seus apreciadores funcionarem um pouco como “amantes ocultos”, encobrendo os policiais entre dois ou três volumes de clássicos universais da chamada literatura geral – um Balzac, por exemplo, ou um Dickens, que por sinal também escreveram histórias de mistério...

Esta atitude de ocultação, sendo obviamente provocada pela menoridade cultural da chamada *intelligentsia*, tem também a ver com a insuficiente ou atabalhoada difusão da LP mas, sobretudo, com a falta de textos de apoio estruturados que incentivem a sua descoberta despreconceituosa e informada, a sua leitura desinibida e, porque não, o seu estudo crítico.

Diversos escritores e poetas lusitanos – e, é verdade, também alguns críticos desempoeirados – incluindo Fernando Pessoa, se têm interessado pela literatura policial. Mas, até agora, desconhece-se a existência de qualquer obra especificamente dedicada ao seu estudo mais aprofundado. Os leitores portugueses – e noutros países afins o panorama é semelhante – continuam, aliás, impedidos de dispor das traduções de alguns estudos importantes realizados em França, Estados Unidos e Inglaterra. É o caso dos célebres ensaios de Dorothy L. Sayers, Howard Haycraft, Thomas Narcejac, Roman Gubern e outros que será redundante assinalar. O género policiário, mau grado o esforço editorial e não só de homens como Victor Palla e Roussado Pinto, que foram grandes divulgadores, para citar apenas os mais conhecidos, enfrenta pois aqui uma “estranha maldição” como o personagem de um dos mais famosos romances de Dashiell Hammett. Mais adiante procuraremos caracterizar o porquê deste facto. E, se nos é permitida a ironia, talvez tenha uma faceta positiva este desinteresse dos académicos pela LP, que doutra forma talvez não tivesse um rosto tão popular e inocente, dado que frequentemente os académicos estragam aquilo em que tocam por dever de estatuto, arredando a paixão de leitores intemeratos...

Sendo muito grande – e maior a cada dia que passa – a influência da LP em diversos níveis, do literário e artístico ao científico, é natural que certos editores a tenham colocado sob vigilância... e publicação. Poética da tragédia e da violência, a literatura policial entrança em moldes muito próprios o tecido mágico da arte efabulativa, utilizando desinibidamente a imaginação, o humor negro e o suspense. Forjada a partir dum mundo feroz, competitivo, desapiedado e rude, a LP não é efectivamente um género inferior mas a fotografia a vermelho-sangue duma época contraditória, conturbada e, por desgraça, bem real. Abertamente dramática com Michael Innes, John Connolly ou Hubert Monteilhet, desconcertante com Charles Williams ou Joel Townsley Rogers, jogo sinistro com Dorothy Sayers ou Agatha Christie, penetrante com Georges Simenon, Minette Walters ou Raymond Chandler, ela equaciona de forma assaz apropriada factos penosos inerentes à condição humana, introduzindo-lhes a poesia que o mistério transporta consigo. Como o grego Édipo, o detective da ficção policiária repõe no ambiente fechado em que se move o sentido perfeito da Vida, destruindo o segredo da Esfinge e desfazendo as teias que o cerceavam. Universo febril de correspondências e símbolos, floresta petrificada, o terror na novela policial é transformado em morada aberta e purificada mediante o conhecimento que extirpa a confusão. É esse aliás, no plano mais elevado, o sentido último da aposta humana: apropriação da Realidade além do erro, do dolo, do crime. Nesta medida, a LP é altamente simbólica, reflexo mas também utopia – porque, evidentemente, em geral na sociedade não há detectives como na ficção. Gideon Fell e Poirot, sendo credíveis e consistentes, diríamos possíveis, movem-se num universo que é decididamente talhado no material da Poesia.

Sendo a literatura policial o género literário que melhor representa e marca os anos que vão de 1880 a 1960, porque foi ela tão pouco cultivada em Portugal, apesar de haver uma tão grande quantidade de leitores das novelas oriundas dos países de referência? Basta assinalar que todos os géneros literários foram aqui pouco cultivados, desde sempre (por exemplo, praticamente não o foram os livros de viagens e os memorialísticos). No caso específico da LP isso aconteceu porque: 1º A LP é filha das sociedades capitalistas liberais. 2º Os regimes autoritários e fechados não consentem que se escreva sobre a polícia, os crimes e

os tribunais excepto de forma apologética. 3º O detective do “polar” funciona como *deus-ex-machina*: logo, não seria credível um detective luso ou não seria levado a sério, porque em tal país os polícias, geralmente, não passam de serventuários da expressão política e social, não tendo portanto representatividade poética ou imaginal. 4º Em semelhantes regimes a imagem que se pode dar da polícia é tão-só quimérica (“*com a polícia não se brinca*”). Além disso, a propriedade privada, que no capitalismo liberal é um dado adquirido – e dependendo das flutuações que o mercado engendra – num regime fechado torna-se extremamente difusa, imprecisa, quando não impositiva. 5º Em regimes autoritários o respeito pela vida humana e os direitos do cidadão é secundário, logo um crime é um acontecimento do foro da política e da segurança do Estado. 6º Em regimes autoritários os heróis são forçados pelos interesses da propaganda, não possuem estatuto de autonomia, logo devem ser afastados do contacto com as massas e relegados para um limbo controlado pelos dirigentes.

Assim sendo, a escassa produção policiária nacional era encenada em ambientes claramente estrangeiros, com heróis de vazo estrangeiro, utilizando mesmo os autores pseudónimos desses locais. Quando ambientada em Portugal, facilmente se lhe detectava a incredibilidade, excepto num pequeno período temporal em que o país esteve republicanizado.

A literatura policial nacional, com excepção dos contos de Victor Palla e Francisco Branco (ressalvando-se os casos de Denis MacShade, James A. Marcus, Henry Jackson, Dick Haskins, Philip Barnner, Herbert Gibbons, Marcel Damar... – lusitanísimos mas com nome anglo-saxónico ou francês), é frequentemente epigonal e imitativa e *pour cause*. Contudo, nos últimos anos, acompanhando as transformações dos tempos partidocráticos em que o país tenta vazar-se num capitalismo incipiente, surgiu um punhado de autores que buscam dar à existência relatos significativos, posto que com uma efabulação que em geral não vai além do *whodunit* ou *hardboiled* ainda que sejam bons narradores.

Passemos então adiante.

As fontes e os dados – A lupa

Se há um verdadeiro objecto no género policiário, ele deve encontrar-se na faculdade que o mesmo sempre teve de reflectir com raro vigor, beleza e imaginação o universo violento da existência humana e, portanto, das profundas contradições que a enleiam a nível social e psicológico. Espelho do espírito humano, logo dos seus enigmas, ele permanece igualmente como um testemunho dos tempos, serve dizer: como um registo histórico da evolução tanto da sociedade como das próprias relações entre os homens. Se é verdade que relatos de mistério sempre os houve, fosse na Bíblia ou em autores gregos e árabes, na literatura indiana ou egípcia, a Literatura Policial, nas suas subdivisões principais, *crime story* e *detective novel*, surge numa altura bem determinada e radica-se de imediato. Não é assim por acaso que a LP dá os primeiros passos no momento em que se esboçam as primeiras contradições da sociedade industrial então crescente, com o seu cortejo de injustiças e violências sobre os cidadãos mais desprotegidos. Quem leu “O mistério de Big Bow” (editado entre nós com o título de “Crime impossível”) de Israel Zangwill – aliás conhecido sociólogo – não leu apenas uma das melhores obras do seu género, mas também um consistente esboço histórico-literário que nos descreve um período de acesa luta de classes no berço da Revolução Industrial, a Inglaterra dos possidentes e dos surgentes marginais. Mais especificamente, um período em que o operariado, então ainda adolescente, começava a reconhecer que era na organização própria e autónoma que residia uma das possibilidades de resistir à exploração económica, social e cultural que os estados e as classes dominantes perpetravam em todas as latitudes. Também não é estranho que a LP tenha dado igualmente expressão a um certo sentimento de angústia e desespero que então percorria as camadas médias e da intelectualidade, sentimento que correspondia a um relativo pavor ante uma sociedade dia-a-dia mais mecanizada, automatizada e menos humana, donde a liberdade verdadeira, ou que como tal se tinha, como a verdadeira vida estava ausente. Neste ponto a LP sofre a influência de filósofos que colheram esse sentimento e o expressaram nas suas obras. Kirkegard foi um deles. Alguns dos percursos do género policiário, como Edgar Pöe, Dickens, Vítor Hugo e Dostoievsky, foram também eles expoentes duma paralela filosofia de vida e os seus textos – ainda que não sob a forma de ensaios mas de contos, novelas e romances – reflectiram

igualmente esse estado de espírito turbulento e inquieto. Mas a LP assenta ainda as suas raízes, no estrito plano literário, nos géneros que imediatamente a precederam, ou seja: a novela gótica, as *ghost stories*, os relatos do fantástico e do maravilhoso que brotaram dos sonhos dos grandes escritores dos séculos dezoito e dezanove e no próprio romance de aventuras, hoje algo injustamente esquecido e que passou, digamos, para o cinema e para as histórias de quadrinhos (também dita como banda-desenhada). Muitos dos mais significativos autores de novelas e contos fantásticos do século dezanove viriam a escrever as primeiras histórias policiais. Foi o caso do já citado Pöe, verdadeiramente o primeiro cultor do género, conhecido sobretudo como poeta e pelas suas histórias de horror e especulação científica, quem escreveu aquela que é unanimemente considerada a primeira obra claramente inserida no género policial – “Os crimes da rua Morgue”, datada de 1841. Possibilitada pela chegada e assunção da Razão ao universo da literatura imaginativa, desde então a LP sofreu diversas evoluções e transformações tanto ao nível formal e de construção narrativa como no dos seus temas, decorrentes das modificações sociais e conceptuais.

Antes de irmos mais além, por outras paragens, caracterizemos a corrente dedutiva iniciada com aquele livro, cujo autor criou também o primeiro detective de ficção, Auguste Dupin. Esta corrente, geralmente considerada clássica, tipifica-se pelo seguinte: dá-se um crime, que pode ser um roubo (“O diamante da Lua” de Wilkie Collins) ou um assassinio (ou uma série, como em certos relatos de Christie, van Dine ou Anthony Berkeley). O detective, frequentemente exterior às corporações policiais (Conan Doyle, Carter Dickson, Ellery Queen...) mas agindo em paralelo (ou em cordial despique) com estas, através de interrogatórios subtis, observação de factos, deduções, chega pouco a pouco à descoberta do culpado, que por norma é desmascarado num cenário de grande tensão. Segue-se usualmente a explicação/clarificação de todo o caso pelo detective (“*um verdadeiro farejador humano*”, *sic* Sherlock Holmes), o que por assim dizer representa uma incursão pela economia e a simbologia narrativa – uma vez que os romances dedutivos em geral *começam a escrever-se ou a articular-se pela parte final* na sua arquitectura imaginativa. Serve dizer: o escritor, partindo de uma *ideia luminosa*, elabora o seu discurso literário de acordo

com dados certamente congeminados. A mecânica de uma novela policial dedutiva, que a uma primeira leitura não é evidente, aparece-nos com toda a clareza numa releitura. E é interessantíssimo verificar a, por vezes, quase diabólica habilidade com que o autor joga com as nossas emoções, os nossos medos, os nossos preconceitos mentais, as nossas superstições incógnitas ou que supomos destroçadas pela nossa condição de “modernos” (em John Dickson Carr isso é patente). A LP é um género, com efeito, mas é um género limite. No já citado livro de Israel Zangwill, por exemplo, a estória empolga-nos e intriga-nos até ao fim retumbante por uma razão que se radica no crédito que atribuímos ao Além (ainda que o não confessemos...) e que fica demonstrado *pelo próprio acto de efectuar a leitura*. Apesar de o negar, praticamente toda a gente acredita em fantasmas (ou não tem certezas de imenso porte): uma pessoa *absolutamente racionalista* teria deslindado, nas primeiras páginas, a forma como o crime foi cometido (quem já leu sabe do que falo...)!

A esta corrente – onde as estórias de Sherlock Holmes brilham, digamos, heterodoxamente, pois na verdade as suas aventuras participam (ainda que isto não tenha sido suficientemente assinalado) do sub-género “*detective-opera*”, visto que o senhor de Baker Street e o seu valete Watson se deslocam, lutam, excursionam por diversos cenários deslocalizados, ao contrário por exemplo de Poirot, que só uma vez (em “As quatro potências do mal”) age fora de um *huis-clos* – sucederam-se outras expressões ou correntes com um acento diverso. Assim, da própria corrente dedutiva mas constituindo uma das suas variantes mais ricas, surgiu uma outra cuja principal diferença (se nos reportarmos ao clássico romance de enigma) residia no desenvolvimento do processo narrativo e no tratamento das personagens, em particular do investigador, muito menos “aristocrático” – na verdade, nada aristocrático – do que naquela; e do criminoso, também muito mais “humano” e real. Esta espécie foi denominada mais tarde *psicológica* ou *humanista* e os seus autores, identificados quase sempre com as suas personagens, já não se preocupavam simplesmente em entregar o criminoso à justiça, nem sempre justa como sabemos, mas sobretudo em buscar o verdadeiro sentido e objectivo dos seus actos, ou em determinar o porquê das suas motivações sociais e psicológicas. O mais destacado representante

desta corrente é o belga Georges Simenon, com o célebre comissário Jules Maigret. A LP abandonava os salões ou mesmo os gabinetes fechados de uma certa intelectualidade elitista (como o culto e educadíssimo Philo Vance de S.S. van Dine ou o singularmente fino Lord Peter Wimsey de Dorothy Sayers) e vinha para a rua evoluindo numa temática mais comprometida com a realidade social, por vezes sórdida, dos ambientes populares. Em França, onde a pequena e média burguesia tinha evidente protagonismo, aparecem novelas e romances com um perfume típico, da autoria de Jacques Decrest, Saint-Giles e Fred Kassak, que já participam também do *crime-story*. É também o período do aparecimento, embora marcado por características vincadamente anglo-saxónicas, do chamado “romance negro” ou *hardboiled*, cujos autores mais notáveis – numa primeira e numa segunda fase – seriam escritores do gabarito de um Hammett, um Chandler, Charles Williams, James Cain, Wade Miller, Ross Mac Donald, Chester Himes, Elmore Leonard... O “romance negro”, que criaria alguns dos mais belos e vigorosos livros policiais, veio contudo tornar a LP mais permeável ao aparecimento de uma certa literatura sensacionalista, relativamente espúria, feita principalmente para satisfazer de forma rentável um público em grande parte preparado desde a infância para aceitar a violência gratuita e, por isso, predisposto psicologicamente para a adquirir a qualquer preço, mesmo o da sua alienação. Tal não acontecera com o romance de enigma, para cuja elaboração era exigido muito “ofício” e uma grande dose de conhecimentos variados. Neste aspecto, as famosas “Vinte regras para escrever um romance policial” tiveram evidente pertinência.

A LP sofria o seu primeiro rude golpe, que a alguns menos informados pareceu mortal. De facto, o que estava a morrer era uma determinada sociedade: morrendo de brutalidade política, mercantilismo, repressão, algum isolacionismo. Tal reflectia-se na LP e, assim, pensou-se que esta fôra ultrapassada pelos subprodutos que a sua evolução permitira. Surgiu a fase dos super-heróis e dos super-polícias. A imagem desgastada e frequentemente irregular das instituições policiais, posta a nu nas novelas de Hammett, Chandler, Bart Spicer ou Bill Ballinger, aparecia agora retocada para descanso dos estrategas da informação ocidental. Os diversos Shell Scotts surgidos, mistos de

violência e de sexualidade mal assimilada, aquiescentes autómatos ao serviço dos líderes dos monopólios e, portanto, da sua maneira de ser “ideológica”, apropriavam-se pouco a pouco do lugar antes ocupado pelos émulos de Sam Spade, detective duro mas impermeável à corrupção de teor político e, ainda que leve e subtilmente, denunciador dos ardilosos abusos do Poder.

Estava-se então no período mais aceso da “guerra-fria” e do sistema de blocos e esta modificação era, entre outras, consequência dos choques que a política dali decorrente estava, por seu turno, a sofrer e a causar. Perspicaz à sua maneira, a estratégia oficial arregimentava os literatos mais passíveis de enquadramento. Tal como a banda-desenhada, como o cinema, a LP também era solicitada a participar na contenda.

As fontes e os dados – O cachimbo

Durante certo tempo, junto de determinados sectores de público menos esclarecido, a LP era encarada com alguns preconceitos, porque se supunha que ela fosse uma espécie de discurso policiesco elaborado – uma espécie de apologia das maravilhas policiais – arrastando dessa forma com ela o odioso que as corporações fardadas têm granjeado nos países onde o seu diminuto respeito pela dignidade humana não está à altura, obviamente, das suas pretensões.

Entretanto, hoje em dia o caso está aclarado: a LP tem sim a ver com as realidades de um mundo onde se vive – e cada vez melhor isso se nota – rodeado de criminosos forjados pelos desvigamentos sociais e, notadamente, urbanos; e, conseqüentemente, de corporações policiais, que certos protagonistas sociais dominantes pretendem que funcionem como diques ao serviço não da sociedade mas de sectores privilegiados, um mundo em suma onde o respeito pela lei é a cada passo quebrado por particulares e onde a própria lei é frequentemente emanção dos quereres da classe possidente e burocrática e dos seus ramos intermédios.

Vejamos agora a outra principal divisão da literatura policial que, a exemplo da *detective novel* é geralmente conhecida pela sua denominação anglo-saxónica de *crime story*. Nesta, mais dramática e nobre se assim nos podemos exprimir, que a parenta atrás analisada, é que diversos grandes escritores têm oficiado os deuses

negros da angústia e da tragédia. Caso de Dostoievsky com o seu “Crime e castigo”, de Lionel White com “Obsessão”, de Fred Kassak com “Um domingo esquecido”, de Francis Beeding com “Lotaria trágica”, de Rufus King com “A mulher que matou”, de Ed Lacy com “Um milhão de dólares”, de Mário Lacruz com “O inocente”... Na *crime story* a investigação é relegada para um plano relativamente secundário, estando presente apenas como aguilhão da intriga ou espada de Damôcles suspensa sobre as diferentes peripécias. Como o seu nome faz adivinhar trata-se de um tipo de relato em que o acento tónico recai sobre o crime em si, quer nos seus preparativos quer no seu desenvolvimento ou, ainda, na sua execução com todas as consequências possíveis. Neste tipo de novela atinge-se um clima abertamente trágico. A tragédia da condição humana aparece-nos aqui em toda a sua crueza. No entanto, deve notar-se que as vias pelas quais o autor a ela faz chegar o leitor são frequentemente dadas com extrema subtilidade, envoltas num tom displicente de dureza e até de calão literário – o que aliás confere ao relato um alto poder de choque, um discreto perfume de nostalgia e lamentação. A *crime story*, ao contrário da *detective novel*, pode ter como relator o criminoso, a vítima como tal ou em estado latente e/ou um elemento de início exterior à maquinação mas que, interessado ou não, se vê arrastado para o torvelinho. Estão no primeiro caso as novelas “Espero-te no inferno” de James Brussel e “Pagamento adiado” de C.S. Forrester, no segundo “O hóspede fantasma” de Hillary Waugh e “Diário de uma mulher abatida” de Monteilhet, no último as obras “A mão decepada” de Joel Townsley Rogers e “Atropelamento e fuga” de Richard Deming.

A partir da *crime story*, mas mantendo um cariz específico, aparecem os relatos de suspense, por um lado; e de espionagem, ou intriga internacional. O primeiro, que do romance de enigma viria a conservar o ambiente de mistério característico da novela dedutiva, eliminou no entanto na quase totalidade o processo clássico de investigação. O detective assume por vezes o papel de vítima, de perseguido (caso de “A mulher que viveu duas vezes”, de Pierre Boileu e Thomas Narcejac), tomando o criminoso o lugar, ameaçador em extremo, de razão perseguidora num mundo donde o equilíbrio e a tranquilidade foram provisoriamente banidos. E quando o detective assume o papel de simples comparsa que no

último momento resolve o problema perturbador, há sempre uma personagem que funciona como alvo de algo que a transcende: e aqui é que o suspense, embora ao de leve, toca o fantástico. Tanto num como noutro género há os chamados “heróis-vítimas”; o que os afasta, contudo, é que no suspense a ameaça é sempre do foro do real (ainda que em certos trechos se simule por vezes uma interrogação filha da perplexidade), enquanto no fantástico se está com estupefacção a contas com factos que não podem deixar de ser atribuídos ao sobrenatural. No relato de suspense o herói é por vezes sacrificado frente aos olhos do leitor, para que este sinta nos ossos o arrepio acre do sangue. Neste género tocam-se também as fronteiras do humor negro, o que é bem exemplificado pelos filmes de Alfred Hitchcock, feitos a partir de novelas conhecidas. A inflexão característica do suspense é a tensão contínua e enervante. Como pormenor curioso, veja-se o sucedido com a película de William Castle “Sinfonia macabra”, extraída do belo livro de Theo Durrant “A floresta de mármore”: a companhia produtora do filme estabeleceu um seguro de vida de três mil dólares a conceder aos herdeiros do espectador que porventura viesse a falecer de colapso cardíaco durante a projecção... Golpe publicitário, evidentemente. Mas, publicidade à parte, a verdade é que a novela de Durrant, superiormente concebida, (e presumivelmente a película de Castle) faz com que a angústia nos agarre nas primeiras vinte páginas e não mais nos abandone.

Repare-se que as novelas de suspense têm de ter uma qualidade literária e de intriga convincentes. De contrário, possuidor da chave que caracteriza o género, o leitor diria de si para si: “*Ora! No fim tudo se compõe... Para que estou eu a perder tempo com isto?*”. Tem de haver, e há, sempre um *clou* adicional, que lança o relato na órbita metafísica e existencial mesmas, porque doutra forma seria apenas (como nos maus filmes) uma questão de ir passando folhas até ao golpe de rins final que safasse eventualmente o herói-vítima.

Em suma: no suspense, como é bem exemplificado nas obras do escritor que sob os nomes de William Irish e Cornell Woolrich nos deixou textos surpreendentes, a ameaça latente e oculta está sempre prestes a destruir o precário equilíbrio do mundo entre o místico e o sardónico que se convencionou existir no relato.

O romance de espionagem – geralmente virado para a acção em que se degladiam membros dos serviços de informação de potências rivais – donde o mistério não está ausente embora tenha, digamos, um tom mais operacional, viria a produzir diversas obras igualmente de grande recorte: caso dos clássicos “A máscara de Dimitrios” de Eric Ambler, “O enigma da areia” de Erskine Childers, “Os trinta e nove degraus” de John Buchan. Modernamente, os excelentes *tours de force* de John Le Carré (“O espião saído do frio”, “Chamada para o morto”), “Memorando de Berlim” de Adam Hall, “A ficha Odessa” de Frederick Forsyth, “A areia beber-lhe-á o sangue” de Yves Fougères, “O caso Ipcress” de Len Deighton, “Testamento de um espião” de Henry Maxfield entre outros.

Vejamos agora outra subdivisão – que participa do policial, se mete pelo romance de aventuras, não anda longe do género intriga internacional e chega a ser um parente do suspense: o que por sua vez se subdivide nas espécies “ladrão de casaca” e “génio do crime”. Da primeira são exemplos os famosos textos sobre as peripécias de Arsène Lupin, de Maurice Leblanc, o “Raffles” de E.W.Hornung e o “Santo” de Leslie Charteris; da segunda os não menos famosos “Fântomas” de Pierre Souvestre & Marcel Alain (que fez as delícias dos surrealistas franceses) e o “Dr. Fu-Manchu” de Sax Rohmer. Esta última espécie tem eventualmente ligações com um ramo da ficção-científica que põe em equação poções milagrosas e engenhocas bélicas.

Quanto ao “ladrão de casaca”, é por norma uma personagem plena de recursos imaginativos e físicos, desembaraço pessoal e espírito de iniciativa que em geral utiliza contra os membros da classe francamente abastada. Esta espécie é uma das mais deliberadamente subversivas da LP (tanto Leblanc como Souvestre/Alain vogaram nas correntes libertárias). É o que nos apresenta com maior soma de pormenores a avidez, a falta de humanidade e a decadência das classes altas, com o seu acervo de preconceitos, vilezas e tiques. À maneira do Hermes grego, deus dos rapinantes, ou do Robin dos Bosques saxónico, o ladrão de casaca alivia esses afortunados das suas bolsas confortavelmente recheadas, já que não é possível nem tal se pretende serem aliviados da sua consciência demasiado pesada... A talhe de foice, refira-se que Lupin constava do Índice vaticanista e foi durante certo tempo interdito pelo regime salazarista, não falando da

Alemanha nazi, da Itália mussoliniana e da Rússia fascista vermelha. A literatura policial é, com efeito, filha das sociedades onde o capitalismo liberal teve de consentir as liberdades básicas (para disfrutar de um mais aberto quotidiano mercantil), onde estas são relativamente respeitadas e garantidas – é por assim dizer um dado literário a partir das sociais democracias, com o seu cortejo de leis dissuasoras e protectoras da propriedade privada. O que fica entre umas e outras é que constitui pois o campo onde a LP se exerce. Não é por isso de estranhar que aqui se cite uma espécie que goza de muita popularidade: a novela que em parte decorre nos tribunais e tem a ver com o Direito, de que são exemplos consistentes e mais conhecidos o “Perry Mason” de Erle Stanley Gardner (ele mesmo causídico de renome) e o “Senhor Tutt” do canónico Arthur Train. Nesse tipo de relato o advogado-detective demonstra que as formalidades da lei podem falhar, mas ao deslindar a meada que enleava o seu constituinte, desmascarando ao mesmo tempo o vero culpado, demonstra também que afinal em regime aberto as leis contam positivamente, porque nunca num regime autoritário o advogado poderia subtrair um sujeito dado antecipadamente como prevaricador ao cutelo do juiz: em ditadura (ou partidocracia cripto-autoritária, como a lusitana), o destino individual não conta ou está sujeito aos interesses do Estado ou da clique dominante (isso verifica-se entre nós), tanto faz ter-se um como outro preso no calabouço, ou não ter mesmo nenhum se o díscolo fôr da classe dominante. O que nesses regimes conta é que o aparato social (de que os magistrados são, como eles mesmos sabem e sentem, um dos elementos orientados) não seja posto em causa – e, além disso, em regimes autoritários os procuradores públicos nunca se enganam...

Não devemos esquecer-nos, quando encaramos a literatura policial, da reflexão epigrafada por Louis Vax a propósito das coordenadas que configuram o fantástico, comuns à estrutura da LP: para que haja escândalo racional é necessário que a regra seja sensível. Deste modo, só numa sociedade onde a vida humana – ou o seu apagamento – conte é que é possível achar-se horrendo que um sujeito ou sujeita tenha a goela impunemente cortada...

A existência de uma LP consistente é, assim, um índice seguro de democracia – ainda que imperfeita ou maculada por inanidades.

A idade dos Velhos Mestres

Que escritores viria a LP a revelar, em cada uma das suas divisões ou espécies? Quais os seus melhores representantes? Os que mais longe levaram, com originalidade e vigor raros, os diferentes matizes dessas criações? Temos vindo a citar alguns, mas insistamos neste voo gastronómico.

O relato de enigma puro acharia a sua mais rica expressão em autores como Conan Doyle, Émile Gaboriau, R. Austin Freeman, E.C. Bentley, os contistas Jacques Futrelle (morto prematuramente no naufrágio do Titanic), Ernst Bramah (criador do detective cego Max Carrados), Melville Davisson Post com o seu Tio Abner; os já citados Dorothy Sayers, inventora de Lord Peter Wimsey; S.S. van Dine com o seu Philo Vance, colecionador de arte; John Dickson Carr/Carter Dickson que deu vida a, entre outros, Dr. Gideon Fell (traçado a partir da figura de G.K.Chesterton), Sir Henry Merrivale e Inspector Bencolin; Agatha Christie, mãe de Hercule Poirot, miss Jane Marple, Harley Quin e mr. Satterthwaite e a fogosa dupla Tommy & Tuppence; Ellery Queen, ianque magro e psicólogo criminalista (afinal a condensação dos primos Frederic Danay e Manfred Lee); Anthony Berkeley, que desdobrou a sua excepcional inventiva nas abracadabrantes novelas estreladas por Roger Sheringham; Michael Innes, com a sua especificidade britânica; Freeman Wills Croft, Stanislas-André Steeman, John Rode, Francis Beeding...

Repare-se que os nomes epigrafados são apenas alguns de entre dezenas possíveis. E de primeiríssima água... Desde logo, seria talvez fastidioso referir aqui mais autores, tanto mais que não se trata de ostentar erudição mas de ser – assumidamente – reconhecido a nomes que tanto nos deram e a quem nunca deixaremos de prestar a melhor homenagem, que é a de os reler e os divulgar. E não fazemos nada de mais, uma vez que muitas destas narrativas podem figurar e nalguns casos figuram honradamente ao lado de textos destacados da chamada “literatura geral”. É o caso de “Convite para a morte” de A.Christie que já tem sido analisado, dum ponto de vista estrutural e da construção literária, ao lado de escritos de Tolstoi, Balzac, Gogol ou Baudelaire – no sentido de se perceber como é que um texto progride no seu espaço próprio. O interesse peculiar desta novela reside na notável construção narrativa, na riqueza caracteriológica e no permanente clima de mistério e tensão (uma pesada

ambiência lírico-dramática) em que a estória decorre. Tal facto ilustra por si só o relevo que a LP acabou por granjear junto de públicos cultos e desataviados (mesmo que populares), de críticos lúcidos e não-anquilosados e de ensaístas competentes (e sem fantasmas de cátedra – não como sucedeu no tristemente célebre artigo de Edmund Wilson, que arteiramente pretendeu julgar a LP mediante a frugal análise dum fraco livro de Rex Stout, além de lançar amenidades inteiramente despropositadas, injustas e pequeno-burguesas, sobre o grande e maravilhoso livro de Hammett “O falcão maltês”. Hoje Wilson é encarado na sua real dimensão: um pseudo-aristocrata das letras cujo horizonte não conseguia ir além do razoavelmente rotundo ventrezinho académico que lhe servia de máquina de raciocinar. Enquanto Hammett continuará brilhando através do encantamento de gerações).

A corrente humanista viria a revelar-se em autores como H.C.Bayley, Edmund Crispin ou o poeta e pensador G.K.Chesterton, porventura o mais conhecido representante desta espécie, fascinante em contos como “O martelo divino”, “A maldição do livro” e “O homem invisível” (que nada tem a ver com o romance de H.G.Welles), entre outros. Esta corrente, como já referimos atrás, acompanhou e inspirou mesmo certas preocupações no campo da criminologia, particularmente quanto ao estudo e compreensão das motivações sociais do que usa denominar-se crime. É necessário não esquecer que muitas dessas preocupações não existiam naquele tempo ou eram consideradas muito avançadas ou revolucionárias para a época, sendo o crime encarado independentemente do meio social, isto é, como uma fatalidade terrena a partir duma concepção maniqueísta do Bem e do Mal de raiz caracteristicamente judaico-cristã. A corrente humanista, praticamente desaparecida após esse período, teve um papel decisivo na evolução do romance policial para uma temática mais entrosada na realidade quotidiana, que tentava influenciar para melhor. Ponto intermédio entre o clássico romance de enigma, *whodunit*, e o *hardboiled*, ela exerceu certamente influência neste último, mesmo que de forma indirecta, porque é com o Padre Brown de Chesterton e o Trent de Bentley que a LP afixa a rotura com os gabinetes fechados, os solares e as mansões no nevoeiro e os processos tradicionais de investigação. As pegadas e os fios de cabelo cessam de constituir elementos essenciais na descoberta do

criminoso e consequentemente na economia da estrutura narrativa, uma vez que não podemos esquecer que se voga em plena ficção. No conto de Chesterton primeiramente citado o criminoso nem é expressamente referido como tendo sido entregue aos próceres da justiça, aquela que muitas vezes em determinados lugares encobre de maneira sinistra os poderosos e se vinga nos fracos. Descoberto pela perspicácia do Padre Brown (*alter ego* do humanismo chestertoniano), o “homem invisível” em causa passeia longamente pelas colinas cobertas de neve com o sacerdote-detective, “*á luz das estrelas*”, buscando a comunicação humana com o seu captor – que é um seu semelhante. Mesmo sendo num mundo de ficção (e não podemos esquecer que Chesterton era um católico *sui-generis*, por sensibilidade de coração embora tentasse convencer-se que o era por razões racionais e um poeta benignamente anarquista) convenhamos que isto tem o seu peso. Os representantes da corrente humanista, antes de quaisquer outros, puseram em causa as teias duma sociedade desinteressada dos outros, sem que todavia nos seus relatos se perdesse o alto perfume de imaginação, mistério e poesia efectiva.

Herdeiro destes autores, mas num registo já decididamente contemporâneo e permeabilizado pelo quotidiano em que já apareciam quadrilheiros e assassinos psicopatas imersos num cenário parisiense com as típicas incidências dum ambiente latino, é o belga tornado francês Georges Simenon com o seu pacífico e perspicaz, batido no conhecimento dos vícios e paixões humanas, comissário Maigret. Prolífico, libertário, algo desordenado por vezes nos seus livros dos últimos anos, Simenon foi justamente considerado um dos melhores narradores de língua francesa, literatura geral incluída (lembram-se de “Os sinos de Bicêtre” e de “O homem que via passar os comboios?”). Nos seus *polars* “Condenado à morte”, “A paciência de Maigret” ou “Maigret em Paris”, entre tantos outros da primeira fase, sentimos uma emoção nova enquanto leitores. Toda a sua obra está repleta de referências estilísticas que, de maneira muito própria, o aproximam do *hardboiled* e do melhor realismo americano de autores como Irwin Shaw e o Faulkner de “Gambito de cavalo”. Claude Roy, num saboroso texto que lhe dedicou, inserido no bloco de ensaios intitulado “O homem em questão”, chama-lhe “*tranquilizante e*

humano como um médico de família, que assim que chega, com a sua presença cálida, começa só por isso logo a curar”.

Há um outro veio de escritores que com dificuldade se incluem nas espécies citadas, estando distantes do *hardboiled*. Está neste número Patrícia Highsmith, com várias obras-primas de que citamos “Um homem de talento” (pondo em cena um assassino e ladrão, mr. Ripley, que inquietantemente nos capta para os seus talentosos motivos) e “O desconhecido do norte-expresso” rasando a vertigem, autora que o cinema já visitou várias vezes com suculentos resultados – veja-se como Hitchcock e Wim Wenders a souberam compreender. Outros autores, anglo-saxões e latinos – como Gavin Lyall, Sebastian Japrisot, Piero Chiara, Frédéric Dard, Pierre Signac, Charles Exbrayat, tal como Highsmith representantes dum tipo moderno de *crime story*, fazem jus ao crédito com que os apreciadores continuam a distingui-los.

No que concerne ao romance negro (*hardboiled*), os já citados Hammett e Chandler foram como que a testa de ponte de um pelotão que contava com soldados exímios como Bart Spicer, Henry Slesar, Wade Miller (autor, sob pseudónimo, de “A sede do mal” de onde Orson Welles extraiu o *script* da sua memorável película).

Verdadeiros expoentes do género, a influência destes autores na literatura americana moderna – tal como a de Damon Runyon – foi imensa e ainda hoje se sente. Patenteia-se claramente, mesmo num registo revivalista, extravasando do seu âmbito para se projectar nos domínios da banda-desenhada, da pintura, do cinema e do design. Lembremos, a talhe de foice, as películas que deram fama a Humphrey Bogart e os seus avatares, a iconologia *pop* de grande parte de desenhadores estadunidenses e as histórias em quadradinhos do “Agente X-9” de Lee Falk, além de troncos modernos que vão até ao enfoque sociológico.

A descrição desapaixonada e dura que nos deixaram da realidade societária do seu tempo, coincidente com o crescimento económico que se sucedeu com grande energia e talvez excessiva fogosidade aos momentos penosos da Grande Depressão, mereceu a atenção, as inimizades e até os incómodos perpetrados pelos mordomos da classe dominante. Hammett chegou a ser interrogado pelos asseclas de McCarthy, onde se encontrou durante algum tempo o nosso conhecido Richard Nixon.

Além destes, outros autores vieram assegurar uma descendência de qualidade, como Charles Williams, autor de relatos duros e bem estruturados pondo em cena um meio social típico da média burguesia das *little towns* visto pelos olhos desencantados de heróis solitários; Ross Mac Donald (criador do másculo e amargo Lew Archer); Chester Himes, descrevendo a existência dos negros dos bairros pobres; Brett Hallyday, William Mac Givern, Ed McBain, Richard Stark. Na sequência, outros autores se destacaram, como o italiano Giorgio Scerbanenco, os franceses Albert Simonin, Auguste le Breton, Didier Daeninckx... Não deve esquecer-se também a acção de um autor como Horace McCoy, que ajudou a tornar familiares ambientes característicos onde os duros arriscavam a pele e a sorte; e, ainda, James Hadley Chase com uma dupla de obras-primas (“Não ofereçam flores a miss Blandish” e “A carne da orquídea”). Consideremos, ainda, um autor que mais tarde se afastaria do policial para trabalhar como argumentista na televisão, Bill Ballinger, autor dum dos melhores romances policiais de sempre, o apaixonante “Versão original”, além de dois outros interessantes *crime-stories*, “Caminhos cruzados” e “O dente e a garra”.

Hemingway afirmou um dia modestamente: “*Daria tudo para escrever uma estória como as que escreve Dashiell Hammett...*”. Tinha razão o autor de “Contos de Nick Adams”... pelo menos em parte. Recorde-se, o que dá o nível da qualidade deste homem, que ele escreveu um conto, “Os assassinos”, que ainda continua a ser um dos melhores do género e inspirou um famoso filme protagonizado pelo mítico Burt Lancaster.

Alguns dos representantes do *hardboiled* enfileiram naturalmente ao lado de Faulkner, “o introdutor – como alguém lhe chamou – da tragédia grega no romance policial”, de Erskine Caldwell, de Dos Passos, de Steinbeck, de Norman Mailer, na galeria dos grandes realistas americanos. As suas novelas, contidas e densas, continuam a ser justamente reeditadas e seguem sendo relidas pelos entusiastas, para além de lidas por novas gerações de apreciadores.

Raymond Chandler, talvez não por acaso – certamente não por acaso – foi quem um dia disse: “*Tudo começou talvez pela poesia. E por aí tudo continuará*”. Afirmação justa e lúcida. E significativa, não acham?

Um tiro adiante

A contestação da literatura policial por parte de adversários que, mercê das suas limitações de imaginação e sensibilidade, não lhe souberam perceber as virtualidades e a beleza, teve entretanto algo a ver com o aparecimento de sucedâneos espúrios das novelas *hardboiled*, como atrás se aflorou. Mas já este também fora contestado: alguns críticos e até alguns adeptos da LP esgrimiram vivamente contra ele, porque a seus olhos a *pureza* do romance de enigma estava a ser posta em causa por esses relatos de cigarro ao canto da boca, repassados de bofetões quando calhava, com cheiro a uísque e, mais grave, com algumas descrições (e como isso hoje nos parece ingênuo!) de uma que outra beldade em trajes menores tentando caçar o herói.

Através de livros como “A dama do lago” (Chandler), “A chave de vidro” (Hammet), “Luz sombria” (Spicer), a LP tinha corrosivamente ajustado contas, ajudada por películas de realizadores como Hawks, Houston, Heisler ou Dassin, com o ambiente de repressão e hipocrisia então reinante. Foi uma consequência da contra-informação virem sub-literatos estipendiados ou oportunistas tentar reconstruir, por reflexo sublimado, o universo policiesco sonhado pelas camadas médias, pequeno burguesas e ligas moralistas apertadas entre o duplo receio dos monopólios e da proletarização. Um universo de ordem e autoridade no velho estilo, em que o protagonista loiro e musculado aparece a colaborar dissimuladamente com a repressão explícita. Havia diferença evidente entre um Philip Marlowe, que mantinha sempre a lucidez e a verticalidade, perfumadas com uns *highballs*, e esses ginasticados cavernículas, amantes inesgotáveis que juntavam a sensualidade primária e a brutalidade num coquetel insuportável.

Devido a essas banalidades mistificadoras, contudo, a LP ficou aos olhos de gente decente mas pouco lida associada a algo que lhe é perfeitamente distante.

Saliente-se que toda a literatura, como produto humano que é, tende a ser devorada pelos donos do *status quo* ou, pelo menos, a ser encoberta por uma cortina de fumo. É natural que o mesmo se tenha passado, pelo menos durante algum tempo, com este género

específico. Mas tal não significa que o dito *status quo* consiga sempre os seus intentos na perfeição. A arte é um facto de homens para homens e a LP, felizmente, está de novo a atravessar um período em que os subprodutos se vêm progressivamente afastados. Já se percebeu que determinadas *modas*, que a princípio consistem em movimentos lógicos porque articulados pela progressão do jogo imaginativo, mas a breve trecho são controladas por editores inescrupulosos ou ávidos, não poderão jamais manchar a LP, também porque os hábitos de ler assim o vão facultando. Se é verdade que se foram para sempre, como a nossa adolescência, os tempos da maravilhosa ingenuidade, esses lugares da doce aventura dos dias e se afastou o perfume de magia que lhe conferiram autores como Carr, Chesterton, Wallace, Innes, Beeding, Dennis Wheatley, Robert Barr ou Gaston Leroux e dezenas de outros, ainda existe um vasto campo de futura afirmação. Ai estão os Jean-Patrick Manchette, as Donna León, os Michael Connely, as Elisabeth George, as P.D.James, as Fred Vargas, os Bill Pronzini, os Tonino Benacquista, os Jacques Sadoul, as Anne Perry, os Hank Searls, os John Connolly e muitos mais, transportando o lume sagrado.

Como disse em tempos Dinis Machado, escritor português de valor (o nobre autor de “O que diz Molero”) e também ele grande entusiasta do género, “*Os mistérios da alma humana, a ambição, o egoísmo, tudo isso vai ser atravessado por um novo tipo de tecido textual e vão fazer-se coisas novas, refazendo noutro percurso aquilo que foi o romance negro americano. O romance policial não morre...*”. Para nós, tal percurso poderá vir a ser encontrado – está a ser encontrado! – na fusão entre os elementos característicos da ficção dedutiva e o *élan* conceptual das novas formas de expressão e narração literária que passa por autores tão excitantes, mas tão diferentes, como Le Clézio, Kingsley Amis, Philipe Claudel, Suskind ou Frédéric Richaud. A LP continuará, cremos, a reflectir com vigor e sensibilidade a luta pelo lugar ao sol, o negrume das novas selvas urbanas, as modificações a ocidente e as consequências da implosão a leste, a emergência do islamofascismo e do racismo paralelo e a sedimentação dos blocos regionais, tal como as respostas de cariz individual que atravessarão, mais uma vez, a vida particular e íntima de cidadãos num século permeabilizado pelas presuntivas conquistas das ciências de ponta.

Será, em suma, o que tiver de ser a literatura geral, pois hoje entende-se melhor que o seu futuro está intimamente ligado. No fundo, não há hoje romance que aqui e ali não transpire elementos típicos da LP. O que é sociologicamente compreensível (os novos tempos estão mais tocados pelos ritmos muito impositivos da globalização, que se tem algumas consequências positivas cria também novas dependências não apenas formais), mas não deixa de reflectir um certo fascínio a que esses autores são permeáveis, já que dão por si mergulhados na criação de textos filiados na vizinhança da *crime story* que deve a maior parte da sua existência às virtudes do sonho, do desejo de independência pessoal e do maravilhoso imaginal: o desejo humano de mais luz.

A LP continuará pois a extrair da realidade circundante quer as suas aparências quer os seus enigmas, já que é uma literatura de imaginação e não um relatório policíesco quer de fideístas quer de comunidades civis.

Cai o pano

Sendo a LP uma consequência de dados sócio-históricos bem determinados, como a presença de organismos de controle ou informação, angústia existencial e o aparecimento de franjas marginais, na sociedade moderna e num quadro democrático, de novos ricos e novos pobres, nela estarão sempre minorizados se acaso existem tendo alguma expressão, os autores que apenas foram propagandistas mais ou menos estipendiados e aproveitadores. Embora nunca o estejam os autores consistentes, como um Arthur Morrison, uma Mary Roberts Rinehart, um O. Henry e todos os outros cujo nome espalhámos pelo corpo deste artigo, pois o coração do leitor está destinado às obras de qualidade tenham a idade que tiverem. Haverá sempre algures um adolescente que, escapado às águas muitas vezes pantanosas dos audiovisuais, abrindo um livro de Maurice Leblanc sentirá como uma revelação o arrepio legítimo que as peripécias de Lupin souberam despertar nele. Ou a nostalgia singular que numa tarde mais escura, no espírito de uma jovem senhora ou de um cavalheiro, se soltará de certos trechos de “Um toque de morte” (Williams), ou de “O imenso adeus” (Chandler), quando Marlowe se desloca sob a chuva na noite citadina, perseguido pelo som

insistente e melancólico de um saxofone como havia naquela rua quando ainda não lutava sozinho...

E se a LP fascina mais, sobretudo, devido aos *velhos mestres*, isso é a mostra palpável de que se trata de um género lídimo, que conservou no tempo a poesia difusa que doutra forma, desse tempo, se teria perdido. As relíquias do período dourado, aconchegadas hoje nas prateleiras de um apreciador ou, com mais pó e mais pátina, soterradas nas estantes de alfarrabistas (esses maravilhosos labirintos do conhecimento possível que se vasculham nas cidades que consentem o espaço do sonho) não cessam de ser recuperados para a luz pelos seus eternos amantes, os que não perderam a faculdade de se emocionar e entre os quais se encontra uma certa juventude prenhe de sensibilidade e atenta imaginação.

John Steinbeck disse algures: *“Gosto de ler livros policiais. Mais que um repto à minha imaginação e inteligência, eles exercem sobre mim esse fascínio que vem do pêndulo que oscila entre a vida e a morte”*. Sem dúvida. Além de que, quer queiramos quer não, a vida e a morte continuam a ser um tema a que ninguém pode escapar...

Dedico a publicação deste pequeno estudo a Fernando Savater, filósofo e leitor intemerato que sabe viajar pelos continentes recônditos da escrita – ns

Apêndice

Incontornáveis (detective novel, crime story, thriller & suspense)

Nota prévia

Neste rol, onde apenas é referido um livro de cada autor, a ordem cronológica não é exhaustiva mas simplesmente indicativa.

Foram respeitados os pseudónimos com que certas obras originalmente se editaram. Obras não editadas em língua lusa intitulei-as de acordo com o original.

A carta roubada e outros contos de mistério – Edgar Allan Poe

O caso Lerouge – Emile Gaboriau

O mistério de Edwin Drood – Charles Dickens

O velho no canto – Baronesa de Orczy

A pedra da Lua – Wilkie Collins
Noites da nova Arábia – Robert Louis Stevenson
O cão dos Baskervilles – Arthur Conan Doyle
O mistério do quarto amarelo – Gaston Leroux
O inquilino – Belloc Lowndes
Crime impossível (O mistério de Big Bow) – Israel Zangwill
Raffles – E.W.Hornung
O crime da 5ª avenida – Anna Katharine Green
A pista na neve – Godfrey R. Benson
O mistério do fiacre – Fergus Hume
Os triunfos de Eugène Valmont – Robert Barr
A máquina pensante – Jacques Futrelle
O oitocentos e treze – Maurice Leblanc
A mansão que escuta – Mabel Seeley
O agente secreto – Joseph Conrad
O enigma da areia – Erskine Childers
Cinco minutos fatais – R.A.J.Walling
O assassinato de Abel Webb – R.Austin Freeman
O mistério da escada de caracol – Mary Roberts Rinehart
O quarto cinzento – Eden Philpots
O ladrão delicado – O.Henry
A inocência do padre Brown – G.K.Chesterton
O misterioso Dr. Fu-Manchu – Sax Rohmer
Knock-Out – Sapper
A casa da Flecha – A.E.W.Mason
Silêncio por obséquio – Manning Coles
Noites de Limehouse – Thomas Burke
Os crimes de Praed Street – John Rode
O detective cego – Ernst Bramah
O último caso de Trent – E.C.Bentley
O lobo solitário – Louis-Joseph Vance
Os trinta e nove degraus – John Buchan
O castelo vermelho – H.C.Bayley
Crime no templo – J.S.Fletcher
Homem ao mar – Freeman Wills Croft
Sangue sobre a neve – Hilda Lawrence
Um crime a bordo – Dennis Wheatley
Um alibi de dez minutos – Anthony Armstrong e Herbert Shaw
A máscara de Dimitrios – Eric Ambler
Os contos do tio Abner – Melville Davisson Post

O assassino e a vítima – Hugh Walpole
Convite para a morte – Agatha Christie
O clube dos cachorros sujos – P.C.Wren
Revisão de processo – Dorothy L.Sayers
A torre e a morte – Michael Innes
O círculo vermelho – Edgar Wallace
Um caso de isenção – Josephine Tey
A lima – Philip McDonald
A mão decepada – Joel Townsley Rogers
Ladrões como nós – Edward Anderson
Tutt e o Senhor Tutt – Arthur Train
O livro do assassinato – Frederic Irving Anderson
A comovente loja de brinquedos – Edmund Crispin
O mistério da casa vermelha – A.A.Milne
Noites de Sing-Sing – Harry Stephen Keeler
Fantomas – Pierre Souvestre e Marcel Allain
Atrás da cortina – Earl Derr Biggers
Os doze jurados decidem – Raymond Postgate
Laura – Vera Caspary
O julgamento Bellamy – Frances Noyes Hart
Rito mortal – Anita Blackmon
Sombras na noite – Adèle Seifert
O ministério do medo – Graham Greene
Verde, sinal de perigo – Christianna Brand
Matulões e bonecas – Damon Runyon
Três igual a um – Stanislas-André Steeman
A morte passeia em Eastrepps – Francis Beeding
O insuspeito – Charlotte Armstrong
Versão Original – Bill S.Ballinger
Um homem de talento – Patricia Highsmith
Morto à chegada – Russel Rouse e Clarence Green
A minha vida por um cadáver – Eleazar Lipsky
Um caso a resolver – Edgar Lustgarten
Num lugar solitário – Dorothy B.Hughes
Os crimes do bispo – S.S. van Dine
Pagamento adiado – C.S.Forrester
O agente britânico – W.Somerset Maugham
O assinante da linha U (trilogia) – Claude Aveline
Homicídio no campo – Margery Allingham
O cadáver de argila – Mary Kelly

A areia beber-lhe-á o sangue – Yves Fougères
O mistério dos bombons envenenados – Anthony Berkeley
Suspeita – Francis Iles
O mistério da cruz egípcia – Ellery Queen
A tragédia de Y – Barnaby Ross
O falcão de Malta – Dashiell Hammett
O enigma da cripta – John Dickson Carr
À beira do abismo – Raymond Chandler
Os crimes da viúva vermelha – Carter Dickson
Um toque de morte – Charles Williams
O alvo móvel – Ross McDonald
Seguro de morte – Hubert Montheillet
Condenado à morte – Georges Simenon
A carne da orquídea – James Hadley Chase
Obsessão – Lionel White
Espero-te no inferno – James Brussel
A caixa vermelha – Rex Stout
A parede vazia – Elisabeth Sanxay Holding
Departamento de casos perdidos – Roy Vickers
Caçador de homens – Richard Stark
Tem a palavra o morto – O. Sorensen
Jogo duplo – Lucien Prioly
Acidente ou crime? – James Hilton
Ritual da morte – Ngaio Marsh
O caso das garras de veludo – Erle Stanley Gardner
Um número à escolha – Anders Bodelsen
O assassino dentro de mim – Jim Thompson
Um milhão de dólares – Ed Lacy
Um caso para três detectives – Leo Bruce
Diz adeus ao dia de amanhã – Horace McCoy
Crime no Atlântico – Mignon G. Eberhart
Este homem é perigoso – Peter Cheyney
O mistério do quarto fechado – Frank Gruber
Chantagem mortal – Elmore Leonard
Sem amanhã – William P. McGivern
O carteiro toca sempre duas vezes – James Cain
A floresta de mármore – Theo Durrant
A noiva vestia de negro – Cornel Woolrich
A mulher fantasma – William Irish
Crime no tribunal – Craig Rice

A fera tem de morrer – Nicholas Blake
Seis crimes sem assassino – Pierre Boileau
A mulher que viveu duas vezes – P.Boileau/Thomas Narcejac
Balada da cidade triste – Pierre Siniac
Armadilha para gata borralheira – Sebastien Japrisot
A condessa caridosa e outros contos – Leslie Charteris
Divórcio sangrento – A.A.Fair
O hóspede fantasma – Hillary Waugh
Sílvia – E.W.Cunnigham
O homem oculto – Donald Westlake
O preço do engano – Elisabeth George
O inocente – Mário Lacruz
O prazer de matar – Frederic Brown
Rififi – Auguste le Breton
Não toquem na massa – Albert Simonin
Jogo sem regras – Michael Gilbert
Um caso de espíritos – Peter Lovesey
Fumo sem fogo – Jacques Decrest
Homicídio retardado e outros contos – Henry Slesar
O assassinato de minha tia – Richard Hull
Ódio mortal – Ed McBain
A semana do inspector Gideon – John Creasey
Jennifer 8 – Bruce Robinson
A noite da raposa – Mary Higgins Clark
O espião que saiu do frio – John Le Carré
Memorando de Berlim – Adam Hall
Jogo fatal – David Mamet
Quem me matou? – Oliver Séchan e Igor B.Maslovski
Atropelamento e fuga – Richard Deming
Gambito de cavalo – William Faulkner
O impostor – E.Philips Oppenheim
A morte mora no 14º andar – Pat McGerr
Voltaremos no Natal e outros contos – John Collier
O táxi 9297 – Reynaldo Ferreira
Oito milhões de maneiras de morrer – Lawrence Block
Um domingo esquecido – Fred Kassak
Luz sombria – Bart Spicer
Week-end trágico – Yves Dartois
És tu o veneno – Frederic Dard
Bom dia pesadelo – Pierre Signac

O mar, o amor e a morte – Saint Gilles
O estranho poder do Prof. Lorrain – Simone d'Érigny
O crime de Ludovic – Charles Exbrayat
A morte acompanha-nos na viagem – Thomas Narcejac
Inquérito policial na 4ª dimensão – Ralph Corbedane
A viúva negra – Patrick Quentin
Bullit – Robert L. Pike
O caso Ipccress – Len Deighton
Os seis dias do Condor – James Grady
A gata persa – Alessandro Varaldo
O quarto do bispo – Piero Chiara
Os incendiários da floresta – Hank Searls
O polícia que ri – Maj Sjowall & Per Wahloo
As doze figuras do mundo – Bustos Domecq
O massacre do Maine – Janwillem Van de Wetering
Psico – Robert Bloch
Memórias do crime – Ray Bradbury
O homem da meia-noite – David Anthony
Inquérito privado – William Worley
O perfume do dinheiro – Chester Himes
Tratamento de choque – Winfred van Atta
Crimes sombrios – Roderick Thorp
Extermínio no 31º andar – Per Whaloo
Tatuagem – Manuel Vasquez Montalban
A dália negra – James Ellroy
Neve – John Banville
A derrapagem – Gilles Perrault
O fugitivo – Robert Fish
Meia noite e Um – Gavin Lyall
Crimes para arquivar – Didier Daeninckx
Mortalha para uma enfermeira – P.D. James
A selva do asfalto – W.R. Burnett
Entre o crime e a lei – Walter Hill
A golpada – Robert Weverka
Ao cair da noite – David Goodis
O cabo do medo – John D. MacDonald
Zly, o mau – Leopold Tyrmand
Crime em Amsterdão – Nicolas Freeling
O mistério de Gorky Park – Martin Cruz Smith
O anjo da vingança – Giorgio Scerbanenco

A casa do gelo – Minette Walters
Onde os mortos dançam – Tony Hillermann
O nome da rosa – Umberto Eco
Os rios de púrpura – Jean-Christophe Grangé
Pátria – Robert Harris
Mistérios – Isaac Asimov
O homem demolido – Alfred Bester
A caçada sem fim – Bryan Forbes
O último patriota – Brad Thor
A voz – Arnaldur Indridason
A grande arte – Rubem Fonseca
Perto do anoitecer – Eric Red
Sete minutos depois da meia-noite Walter Winward
O cavalo trágico – John Franklin Bardin
O dossier pelicano – John Grisham
O código da Vinci – Dan Brown
O mestre de esgrima – Arturo Pérez-Reverte
Cidade de ossos – Michael Connely
A lápide templária – Nicholas Wilcox
Um tiro – Lee Child
Postmortem – Patricia Cornwell
Recorda-me ao morrer – Silver Kane
Messias – Boris Starling
O cão de barro – Andrea Camilleri
A maldição do corvo negro – Ann Cleeves
Vai e não voltes tão depressa – Fred Vargas
A caverna das ideias – José Carlos Somoza
O silêncio da chuva – Luis Alfredo Garcia-Roza
Natureza morta – Louise Penny
Águia de sangue – Craig Russell
Sentença de morte – Val McDermid
O mistério do livreiro assassinado – Liliane Korb e Laurence Lefèvre

PEQUENA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O DOUTOR JOSÉ JAGODES

ESTAMOS AQUI PARA AS CURVAS, Ó COVID 19! – declarou varonilmente o grande pensador à nossa repórter Marisuela Ortega

Dado o momento, momentoso e singular, não pudemos deixar de – aproveitando a estadia entre nós da repórter *free lancer* Marisuela Ortega, que se deslocara ao Alentejo para uma reportagem sobre o surpreendente desenvolvimento que se tem estado a verificar na região após a realização do Dia de Portugal – (não estamos a brincar!) – deixar de, dizíamos, enviar a conhecida publicista espanhola (que como é geralmente sabido está imunizada contra o Coronavírus, por razões que a ciência constatou) a Linda-a-Velha, localidade de residência habitual, quando não está por fora, do grande pensador e actual docente da cadeira de Metafísica Histórica Subliminar na Faculdade de Oeiras.

O autor de “A Lenda de Belém”, onde analisa o sistema filosófico posto a correr pelo Prof. Marcelo Reboredo da Silva, acolheu Marisuela com a habitual cordialidade, só não tendo acedido ao costumado par de beijinhos por, e citamos, “*natural precaução estático-híbrida*”, o que aliás foi prontamente aceite. O diálogo, embora restringido por uma questão de prudência táctico-salutar, foi o que segue:

MARISUELA ORTEGA (MO) – Doutor Jagodes, antes de começarmos propriamente, deixe que o felicite por...

DOUTOR JAGODES (DJ) – Não ponhas mais na carta, moça. Referes-te decerto ao êxito do meu último artigo no Diário da Tarde, onde demonstro que os portugueses são os mais asseados habitantes da Europa, o que ficou provado mesmo agora neste período conturbado, em que o papel higiénico praticamente desapareceu das lojas e supermercados, pois até em alturas de pandemia os lusitanos não podem conceber que, a terem o azar de falecer, se apresentem ante o dito Criador de rabo sujo.

(MO) – Não, Doutor. Eu queria felicitá-lo era por ser cidadão dum país em que a coragem nos períodos difíceis vem sempre ao de cima! Veja que no meu país os cidadãos, assim que o surto surgiu, debandaram logo para casa e, a seguir, os bares, discotecas e outros centros culturais onde se pratica a sã convivência entre jovens, foram todos encerrados com um medo que me parece excessivo, o que levou cidades inteiras a ficarem desertas que até mete dó. Pelo contrário, cá...

(DJ) – Sim, os jovens principalmente, o que nos deixa adivinhar que a coragem tradicional da juventude lusitana não se perde mesmo ante ameaças, continuam a confiar na providência e, muito principalmente, nos nossos líderes. Não sei se sabes, mas o nosso grande líder determinou e o vírus vai ter que obedecer, que só pode actuar nos bares depois das 21 horas, altura a que os estabelecimentos desse ramo fecham então. Até essa hora está-lhes vedado, mesmo com os amplos ajuntamentos, que a infecção se propague legalmente!

(MO) – Ah! E quanto a hospitais...

(DJ) – Nos hospitais vive-se um pouco também um ambiente de calma e de coragem ante o perigo eventual. Por exemplo no SNS, que as más línguas dos subversivos de sempre davam como mal preparado, há um ar sereno que dá bem a qualidade de quem nos rege. Tive mesmo agora notícia de que no Santa Maria, no departamento de Puerpério (o que trata de parturientes e recém-nascidos), o pessoal não tem máscaras, nem luvas, nem batas esterilizadas, não por teimosia e temeridade ante o perigo mas, simplesmente, por não haver esse material já há dias, o que previsivelmente causa uma certa alegria nos enfermeiros e médicos. E nas praias, moça, também se nota que tudo corre bem: em vez de encerrarem liminarmente esses suaves lugares de convívio, o que denotaria alarmismo escusado ante os turistas que nos visitam, mantiveram-nas salutarmente abertas. E as pessoas que eventualmente ficarem infectadas ficá-lo-ão em perfeitas condições de higiene lúdica, digamos.

(MO) – E o que pensa o Doutor das conversações existentes neste momento entre o vosso e o nosso vice-rei para se encerrarem as fronteiras?

(DJ) – Acho que é, fundamentalmente, uma boa ocasião de traçarem planos, aproveitando o pretexto da pandemia, para artilharem mais algumas táticas bilaterais para combinarem governar de forma altamente progressista os nossos dois países. O seu é um grande admirador do nosso comandante, pena é, agora que estava tudo a correr tão bem, que viesse isto do surto impedir que a Ibéria, vivendo um rumo de grande estabilidade que a demais Europa nos inveja, continue no caminho dos amanhãs que cantam!

(MO) – Mas não há nada que lhe cause alguma preocupação, Doutor?

(DJ) – Claro que há, moça. Uma delas e não pequena, é o facto de as igrejas terem ficado desertas, o que pode dar ensejo a alguns mal intencionados dizerem que a eventual protecção divina está a descurar os seus efeitos protectores, o que já seria mau. Mas o realmente mau é os cidadãos vulgares poderem inferir que as orações *in loco* pouco adiantam, e como se sabe a Nação é profundamente crente, mesmo os extremos-esquerdistas têm receio de criticar o *status quo* eclesial, provavelmente porque lá no fundo são ultramontanos que não se assumem...

(MO) – Bom, Doutor Jagodes, obrigado por estas breves dissertações neste momentoso assunto. Resta-me desejar, a si e à sua querida pátria, que tudo corra bem e não seja como na minha, em que até futebolistas foram infectados!

(DJ) – Obrigado moça. Eu creio que tudo irá, no final, correr bem, tanto mais que isso já está a suceder por exemplo no Alentejo, onde não se notam infecções. Alguns mais optimistas até sustentam a opinião de que é por ser a região mais salubrememente deserta e atrasada de contactos, mas eu acho que é apenas por ser a região onde faz mais calor provocado pelo sol e, segundo parece, a vitamina E e D propiciadas pelos raios solares atrasa ou quase

elimina a eficácia do vírus. Mas isso a Ciência irá demonstrar nos próximos tempos... se lhe dermos possibilidade existencial!

RELEMBRANDO DINIS MACHADO

Palavras prévias

Uma das consequências – e não pequena – que o 25 de Abril permitiu, foi o aparecimento das rádios regionais.

Passados os meses, ora estranhos ora vacilantes do denominado PREC, com todos os seus ressaibos que se certificaram, frequentemente, em exaltações partidárias e angústias cidadãs, os tempos pós-abrilinos entraram em velocidade de cruzeiro, que o mesmo é dizer estabilizando uma democracia e um regime que, passadas décadas, entrou definitivamente, agora, num circuito partidocrático pouco acolhedor dos mais belos sonhos duma Nação de Direito que se tem visto coroada, *ad contrarii*, por desvigamentos e caquexias as mais diversas.

As rádios regionais, a princípio de maneira incipiente – muitas vezes de forma ingénua e seguramente apaixonada – surgiram tendo a si estreitamente colada a novidade de um meio que até então parecia estar reservada a elites na órbita da governação, mas também, e a breve trecho isso foi notório, o cariz de servir muito bem a propagandas e a inflexões onde não assentava a melhor ética democrática.

Mas, a pouco e pouco, a poeira foi assentando, os percursos cimentaram-se e a aceitação popular foi crescendo.

Em Portalegre, uma das duas rádios pioneiras (Rádio Portalegre) resistiu à erosão dos tempos e segue emitindo regularmente com boa audiência, posto que o seu impacto qualitativo – e o contrário é que seria de estranhar – tenha perdido em boa parte o fulgor dos iniciais *tempos heróicos*.

Naquele tempo – falamos nos anos que vão de 80 a 95 – vários programas ganharam estatuto significativo. Um deles chamou-se “Mapa de viagens” e teve 36 emissões, divididas em duas séries de dezoito com 4 meses de intervalo.

Multifacetado, seguindo um modelo apelativo e apoiado em confrades que o ladeavam (o delegado para contactos em Lisboa,

José do Carmo Francisco, foi uma peça muito importante na sua efectivação) ele atingiu números fortes no *ranking* nacional das rádios regionais (o terceiro mais ouvido no país). Participaram nele nomes significativos da cultura lusa por extenso, nos ramos da literatura, da pintura, da canção, da ciência, do cinema e do teatro, do mundo jurídico e desportivo, etc. De Rui Mário Gonçalves a Francisco Fanhais, de José Manuel Anes a Armando Leandro, de Fernando Vandrell a Matilde Rosa Araújo, de Carlos Pinhão a José Moura Semedo, de Takis Panayotis a Joana Ruas, António Luís Moita, José Bento, Adel Sidarus, António Ventura, Amorim Afonso, Juan Pedro Moro, Fernando Grade etc – trinta e seis convidados ali estiveram comunicando com os ouvintes nos seus ramos de acção.

Dinis Machado foi um deles. O material que a seguir se dá a lume recolhe dos prolegómenos até ao escôpo do programa, que teve a sua efectivação numa bela noite de junho que muitos não esqueceram durante tempos.

Carta de DM a NS (*manuscrita*)

Lx.boa, 16/4/90

Meu caro Nicolau:

Muito obrigado pela sua carta e o seu interesse. Também o José do Carmo Francisco me telefonou por causa do seu trabalho. Em princípio estarei sempre à sua disposição, mas estou com vários assuntos em mãos, a minha mulher bastante doente (e eu queria levá-la comigo a Portalegre) e uma ida ao Norte, já com certo compromisso, próximo dessa data. Pequenos problemas, é certo – mas poderemos fazer o nosso “O olho e a lupa” lá mais para a frente? Talvez Junho? É uma hipótese, embora eu esteja a leste dos seus compromissos. Diga qualquer coisa – e encontraremos uma solução.

Um abraço chandleriano do

Dinis Machado

Nota – A mulher de DM era a cantora lírica Dulce Cabrita, na altura sofrendo de uma constrangedora afecção psicológica (depressão).

Resposta de NS a DM (*dactiloscrita*)

Portalegre, 23 de Abril de 1990

Caríssimo Amigo:

Grato pela sua carta e, naturalmente, pela sua disponibilidade, que espero se traduza, lá para diante – como sugere, mas já iremos a isso – numa viagem e num contacto em que terei muito gosto.

Antes de continuar, espero que sua Mulher esteja melhor. Será com muito gosto que a receberemos, também a ela (o José do Carmo Francisco disse-me, a talho de foice, de quem se tratava – e eu recordei, recordei imediatamente, que uma vez li no “Diário de Lisboa – Juvenil”, onde comecei a publicar os meus poemas, a notícia de que a rapaziada de lá poderia ir ouvi-la cantar numa sessão dedicada aos jovens desse “Juvenil” que foi uma coisa tão curiosa).

Ora bem: passando à data da deslocação (e digo que compreendo os factos que impedem a sua vinda agora): que tal 26 de Maio ou 9 de Junho? Essas alturas estão livres; seria possível? E, desde já, um obrigado forte pela maçada!

(Já agora, um aparte – mas importante para o meu filho Tô: ele, que além de ser guarda-redes do Estrela – e já nos seniores com 17 anos, desculpe este pai babado – é um leitor impetuoso (de há uns meses para cá lê com ganas e com discernimento, o que muito me agrada) quando soube que eu o contactara, que me havia escrito e que lhe iria escrever, disse-me: “Ó pai, diz ao senhor que gostei muito do “Molero”; diz-lhe pai, está bem?”. Prometi que sim, àquele adolescente natural e puro. E aqui lho digo.).

Por ora é tudo. No próximo sábado, cá estará Carlos Pinhão para “O desporto de viver”. Anteontem foi o José do Carmo Francisco e o António Ventura com “O homem na cidade” (que correu bastante bem).

A propósito, no dia 4, na “Barata”, será o lançamento nacional da “Cidade”, revista dirigida pelo António (Ventura) e da qual sou colaborador. Se eventualmente lá puder aparecer, para além do gosto de trocar consigo alguns minutos de conversa, poderemos concretizar melhor a data e a vinda. Se não lhe calhar, pois fico aguardando o que entender dizer-me.

Retribuo o chandleriano abraço. E mando outro, hammetiano, com apreço e estima.

Fica o

NSaião (*manuscrito*)

MAPA DE VIAGENS

um programa sem fronteiras onde o ouvinte tem figura de corpo inteiro

Emissão de 9 de Junho de 1990 (sábado) das 22 às 24 horas

“O Olho e a Lupa”, com Dinis Machado

Palavras introdutórias a seguir ao Indicativo musical:

Falar de literatura policial é falar de segredo e de mistério. E é também, ao mesmo tempo, falar dos dramas insondáveis da alma humana e dos desvrigamentos da sociedade. Com efeito, assente no enigma que provém do crime escondido e propiciado por condições muito próprias, o livro policial traça o perfil do homem e do meio social em que este evolui. Mas há sempre, como na fábula, “o gato escondido com o rabo de fora”. Nesta conformidade, tinha de aparecer alguém que servisse de rectificador de destinos e de acontecimentos: e aí está o detective da ficção, uma das mais típicas personagens da literatura do nosso tempo.

(música)

O detective, seja ele amador esclarecido ou profissional encartado, funciona sempre como um verdadeiro Édipo – é aquele que desvenda o segredo da Esfinge repondo o equilíbrio e a realidade dos factos. Proporciona, no plano psicológico que a escrita permite, uma verdadeira catarse. O leitor de novelas policiais, no fundo propõe a si mesmo uma viagem pelos lugares ensombrados, cuja iluminação simbólica é dada no fim pelo investigador de ficção. E isto porque existe em toda a gente uma apetência de mistério e, simultaneamente, uma apetência de verdade nua e crua. Como muito bem sublinhou o grande cineasta Woody Allen numa das suas obras primas, “Os dias da rádio”, não era por acaso que por essa altura milhões de ouvidos se colavam ao receptor, quando eram emitidas as célebres novelas-radiofónicas baseadas em textos de Maxwell Grant, Conan Doyle e outros. Assim como não o era quando em Paris, nos anos a seguir à

Segunda Guerra Mundial, os jovens artistas da Rive Gauche escreviam nas paredes “Viva Fantômas!”, aludindo ao célebre personagem de Pierre Souvestre e Marcel Allain. E quem não gosta das histórias de Sherlock Holmes, Philip Marlowe ou Poirot – sejam elas dadas nos livros, no cinema ou na televisão?

(música)

Na verdade, o segredo e o mistério são componentes universais. E até entre os dogons do Sudão o grande antropologista Marcel Griaule foi encontrar relatos orais aparentados com aquilo que no Ocidente tomou o nome de literatura policial. Que, ressalte-se, não é um relatório policíesco – mas sim ficção enigmática.

(música)

Hoje, para falar deste tema aliciante, temos entre nós um homem que além de ter escrito diversos textos de que um se pode destacar pela sua brilhante feitura, generosidade e força – refiro-me ao justamente célebre “O que diz Molero”, que é igualmente uma vibrante homenagem à literatura viva – também escreveu textos policiários e que é, além do mais, um apaixonado por este género literário. É pois com muito gosto que aqui recebemos, para dialogar com todos nós – e desde já lhe dou as cordiais boas-vindas – Dinis Machado.

(música)

Seguiu-se um diálogo com o convidado – entremeadado por música a carácter, leitura de poemas adequados e pequenos trechos – havendo um período de 15 minutos em que os ouvintes interagiram com aquele e com o realizador do programa. Foi lido, na ocasião, o poema seguinte de NS, dedicado a Dinis Machado e que teria a sua publicação posterior em livro na colectânea “Os olhares perdidos”:

MARLOWE

Aos deuses, que o sereno céu sustenta
entre Amarillo Road ou Canyon Drive
ou em esquinas de ruas indiscretas
como luzes num bosque além dos montes
ofereço as minhas horas de amargura
e muitas meias-noites em meu rumo.

Acresce que

fui sempre muito pouco metafísico
mau grado a nostalgia que me punge
ao longo de não poucos *boulevards*.

Morenas tive algumas, mas não foram
mais que pistas abertas p'lo destino
como louras que rápido olvidamos
– fios de música correndo pelo tempo
e uns sopapos ao norte da figura.

Fiz de conta que os anos eram flores
numa campa de amigos ou de amores
sonhos que o vento leva quando calha
como folhas das árvores de Los Angeles.

Saber de mais é obra que não chega
P'ra ti, p'ra mim, p'ra todos os que sofrem
em vernáculo ou calão.

Dizer da vida o pouco que nos dá?

Prefiro um *highball* bem fornecido
um disco de *hot jazz* a meio da tarde
(solarenga ou chuvosa)
– até as convenções nos são propícias
se a carne é fraca, posto que perspicaz.

Nos meus arquivos guardo alguma ‘sperança
mesmo que o tempo venhae me devore.”.

Nota final

O “*Mapa de Viagens*” aconteceu durante a gerência do Dr. Nuno Oliveira, que era na altura, e o foi em anos seguintes, director do Instituto Politécnico de Portalegre. Tinha o patrocínio da Empresa “Delta” de Rui Nabeiro, de Campo Maior.

Durante vários anos participei em outras realizações: rubricas noticiosas e informativas, entrevistas e programas de índole cultural, onde era solicitado,

nomeadamente, a dar conta das minhas actividades, que eram razoavelmente menos intensas que posteriormente ou mesmo agora, no país e no estrangeiro.

Entrada outra gerência – e decerto por simples coincidência – os contactos pontuais que me eram solicitados ou propostos cessaram. Não mais me foi dirigida qualquer suscitação/pergunta ou dada qualquer notícia sobre as minhas actividades, com excepção de parabéns aquando dos meus aniversários e pequenas nótulas aliás feitas com apreço, ambos pelo Prof. João Ribeirinho Leal, colaborador da emissora com um espaço de uma hora, aos sábados de manhã – e a quem nesta oportunidade agradeço furar dest’arte uma “barreira de silêncio” que, ao autor portalegrense activo/interventivo que continuo sendo, não deixa de espantar um pouco... bem como a diversas pessoas que se me têm dirigido.

(Nótula – Nuno Oliveira, a quem se faz referência no corpo do bloco, como responsável pela gerência global daquela estação emissora marcou indubitavelmente o ambiente de relação da cidade mediante a sua acção no cargo em que esteve provido. Culto e aberto, de trato cordial e sensato, deu azo a que a colaboração ali havida, tanto profissional como amadora no bom sentido, ganhasse um rosto humanizado e muito ligado ao interesse dos ouvintes.



SOBRE CARLOS MARTINS

Em fins de outubro do ano transacto recebi uma carta de Ana Santos que me dava uma triste notícia.

Ela originou que tivesse logo escrito o texto que vai a seguir publicado no TriploV e no Casa do Atalaião:

Morreu o pintor e ceramista surrealista Carlos Martins

Na quinta-feira da semana passada, dia 28 de Outubro, pelas cinco e um quarto da tarde, faleceu Carlos Martins – pintor, ceramista, colagista, galerista e membro do Movimento Surrealista Internacional.

Participante activo daquela entidade, amigo de muitos anos e colaborador em diversas realizações artísticas vivenciais, foi membro do Bureau Surrealista Alentejano e, a seguir, do Bureau Surrealista de Lisboa, tendo levado a efeito, com Mário Cesariny, a Exposição Internacional de Surrealismo e Arte Fantástica – com o apoio do Movimento PHASES (França) e de diversos autores das secções internacionais daquele Movimento. A mostra esteve patente, de início, nas instalações do Teatro Ibérico, sendo depois transposta para a Sociedade Nacional de Belas Artes.

Comigo e com Hugo Guerreiro, tendo a colaboração de sua mulher, a também ceramista e pintora Ana Santos, organizou a Mostra Internacional de Estremoz, dedicada a Mário Cesariny logo após o falecimento do Poeta.

Participou em sessões culturais e exposições de pintura e Arte Postal (*mail art*), com colagens e poemas-colagens em Portalegre, Cascais, Lisboa, Sacavém, Paris, Chile, México, Bélgica, Canadá, etc. estando representado em colecções particulares de pintura e cerâmica na Alemanha, Estados Unidos, França, Portugal, etc. Mantinha com sua mulher Ana Santos a galeria & loja de artesanato criativo Via Áurea, sediada em Setúbal.

Escreveu em conjunto comigo o livro “Os labirintos do Real – sobre a Literatura Policial”. Em Bissau, aquando da comissão militar por imposição ali cumprida, experimentou trabalhos em cerâmica e tapeçaria com artistas nativos.

Democrata libertário e personalidade interventiva, fez parte de diversas tomadas de posição e comunicados do surrealismo

internacional, em vista do seu relacionamento com membros do universo surreal”.

Durante vários anos convivi com ele, pois foi um dos meus amigos e companheiros mais próximos.

Em resposta a uma pergunta de António Cândido Franco formulada aquando duma entrevista que este me fez, destinada à IDEIA, referi aludindo ao nosso encontro:

Creio que fará sentido ir a uns breves meses antes, para se ter uma noção clara de tudo: uma certa noite, na caserna do quartel de Leiria onde então estacionava na primeira especialidade, conheci Carlos Martins em circunstâncias especiosas: estando já deitado, um grupo de outros militares entrara para se recolher ao leito e um deles, ao subir para o beliche, caiu dele para baixo... Os outros desataram a rir. Eu, algo preocupado e num impulso, dirigi-me ao tombado, perguntei-lhe se se magoara e ajudei-o a levantar. (Teria procedido a libações?...) Repare-se que isto se passou na penumbra... No dia seguinte, pela altura do almoço, alguém se me dirigiu e identificou-se como o caído, agradeceu-me o gesto e referiu-me que já reparara em mim por eu andar geralmente com um livro na mão...

Ficámos amigos desde então, frequentámos a seguir, na Trafaria, a mesma especialidade (serviços cripto, material e segurança) e, depois de mobilizados, fomos com dois meses e picos de intervalo, ele antes de mim, para o quartel-general em Bissau.

O nosso contacto e identificação com a surrealidade em particular e as artes & letras em geral, intensificou-se. Todos os bocados livres que tínhamos usávamo-los para ler e dar grandes passeatas por Bissau, estabelecermos convívio com outros militares interessados e gente da população, em suma: visando preenchermos da melhor forma aquele tempo de exílio... E foi um tempo de descobertas, encantamentos e, simultaneamente, de preocupações (o nosso trabalho militar a isso levava).

Comprámos materiais simples (canetas de feltro, guaches, etc) pintávamos e fazíamos colagens (ele principalmente, na colagem era um mestre) e, arriscando o couro se assim me expribo, compusemos mesmo um livrito na tipografia da Secção da

“secreta” a que estávamos adstritos. Eu dei-lhe como qualificação, com a sua aquiescência, “Edição do bureau surrealista Alentejo/Lisboa”. (Não sei se ele terá conservado algum exemplar, eu tenho apenas fragmentos dessa poemaria).

Ao vir passar as férias intercalares que proverbialmente estavam concedidas aos expedicionários a meio da comissão de serviço, quando regressou levou-me como oferta o livro de Cesariny “A Intervenção Surrealista”. Congeminámos então que quando voltássemos entrariamos em contacto com os surrealistas que conseguíssemos achar (não tínhamos bem a noção de quem eram exactamente nem onde se encontravam.) [in *A IDEIA* 75/76, 2015.]

Sobre a questão das lembranças, da memória por extenso, escrevi eu a dado passo no meu livro “As vozes ausentes”:

A quem servem as evocações? Em certas alturas, a nós mesmos. Talvez a um que outro, recheado de minutos de dúvida sobre a face da sociedade. A gentes projectadas num futuro incerto, possivelmente, viajando entre recordações e utopias. Entre os rochedos da memória provável.

A certas horas, rodamos em torno das recordações como um lobo em volta da presa. É a nossa própria carne que, como num espelho, se faz significado, matéria afastada que pouco a pouco se ilumina. Se para se escrever uma página, como referia Rilke no seu “*Malte Laurids Brigge*”, é preciso a frequência de muitas ruas, muitos rostos, funerais e nascimentos, deambulações ao acaso e a cor quotidiana da vida e da morte nos olhos de nascituros, grávidas, simples seres solares e lunares que subitamente ficam presos à rota que vai do princípio ao fim – é preciso igualmente a decantação da memória para que ao termo, no cadinho que são os nossos olhos brilhando na obscuridade, num quarto vazio, a pouco e pouco as sementes auríferas se separem das escórias e palpitem, ainda que nuas e frágeis, ainda que em solidão singularmente solene. Crê-se que o futuro nos poderá ver como num espelho iluminado, devolvidos à nossa verdadeira imagem; mas a matéria do futuro é incerta, vaga, na sua superfície criam-se como que buracos negros que não é possível preencher: ainda estão e estarão por muitos anos, de pé, as aparelhagens pseudo-sociais,

constrangedoras e inúteis, para desequilibradamente acantonarem neste local, naqueloutro, em outro ainda, as verdadeiras faces dos que, na sua passagem pela Vida, criaram mundos de liberdade que a “realidade societária”, informe e espúria, não quer consentir.

Aparecem-me como em flashes sucessivos, dispersos pelos anos, as imagens dos encontros que durante décadas mantivemos: as andanças por Lisboa e pelo Alentejo profundo, a incursão pelos alfarrabistas lisboetas à cata de “pechinchas” de alfarrábios de qualidade (nomeadamente os policiais que faziam o nosso encanto) as idas ao cinema – pois éramos ambos cinéfilos encartados – a esperança de melhores tempos em que a imaginação e a liberdade se irmanassem, as breves idas a uma Espanha que tínhamos “en el corazón”, a busca, em galerias, de pinturas que nos entremostrassem o ponto supremo... Se assim o digo, resíduos reais da convivência de uma intensa juventude, depois transfigurada em idade madura, antecipando o fim que, para ele, iria chegar demasiado cedo – assim se esforça por me dizer a minha grande saudade.

Num artigo que me enviou em 1993, intitulado “O conhecimento do Caos” e com que apresentava uma sua Mostra, Carlos Martins diz-nos assim:

I – A pintura como interrogação e expressão da vida

Como pedir ao pintor que cale e oculte a sua melancolia e a mágoa de ter dentro de si, rebelando-o, o fogo do desencanto e da abjecção?

O pintor livre situa-se pois num pleno que escapa às arrumações economicistas e materialistas que pretendem reduzir a vida e a complexidade das sociedades humanas a uma mera luta de interesses entre classes ou grupos sociais. Há mais mundos – já escrevia José Régio. O pintor, como poeta da paleta, não pode deixar de reflectir nas suas telas o desmoronamento do mundo que se processa à sua volta.

Entregue à tela como aos braços e ao ventre da mulher e do homem amado, o pintor segue as coordenadas e os caminhos ditados pelo subconsciente, numa busca incessante de realidade para além das aparências e das sombras. Porque aquela não se

apresenta fácil e fiel a todos os olhares, antes se confundindo e insinuando como uma fórmula secreta. E aqui chegados, desde logo relacionamos o pintor como um decodificador de símbolos e segredos cujo empreendimento sabe nunca poder terminar. Daí a sua vida ser um imenso percurso que se realiza sobretudo através dos outros, mais propriamente através do espírito e da palavra dos outros, isto é, para além dos limites da sua própria existência.

O assunto, amante fiel da forma, é o alvo do pintor invadindo-o até às entranhas, ainda que seja conhecido que um e outra se conciliam como no amor. O acto de pintar é para o pintor violentamente orgástico e experiência íntima que sobeje para deixar de fora todos os que dele colhendo a iniciação, somente desejam os seus frutos tentadores, ignorando ou desprezando os caminhos de sacrifício que o mesmo encerra. A Pintura como a Alquimia não é campo de cultivo para assopradores de circunstância ou cultores de catavento que desertam à menor das dificuldades. Ritual de vida e de morte, a pintura implica uma disponibilidade do criador para a aceitação dos obstáculos.

Na tela as cores estão lá todas, absolutamente em tudo. As cores quentes confundindo-se com as mais frias, os vermelhos e os negros do fogo e do sangue relacionando-se com os azuis e os verdes da pureza e da degeneração. Contudo com as cores, levando-as na ponta do pincel, nos dedos ou na espátula, vão também os fantasmas da realidade, as regiões ocultas que só o poeta tem a faculdade de penetrar.

II – A fúria dos elementos

A minha própria experiência de pintor que monta o *atelier* na rua ou nos parques da cidade, sob sol intenso ou recebendo no corpo e na alma a fúria dos ventos, tempestades ou invejas mesquinhas, permitiu-me (e permite ainda) percorrer os labirintos, subterrâneos e infernos da vida contemporânea e sentir o compasso ignóbil por onde se rege a maioria dos homens da sociedade moderna e “civilizada”. Não é obrigatório que outros tenham de o fazer e haverá certamente outros modos de lá chegar. Todavia é uma experiência única (e aterradora) pois coloca o pintor no meio da vaga redutora onde se matam à nascença todos os sinais de inocência e ilusão.

A minha pintura não cessa de reflectir estas viagens de realidade e pesadelo, encontros com a matéria-prima com que se concebem o ódio e a degeneração do espírito humano.

Os meus últimos trabalhos, estes que exponho aos vossos olhos belos e selvagens, ostentam o monstro com o ventre repleto de novos embriões. O retrato do Indizível não está ainda terminado mas já se lhe vê nos olhos a ambição de ficar por largo tempo, tentaculando virgens e homens de mera condição.

Em data que desconhecemos, neste século em que as sombras do racionalismo se fecharam como garras sobre o Mundo, de Bruxelas escreveu Saldanha da Gama para o poeta Mário Cesariny: “*Ou aller pour vivre, ivre, maigre, mais libre?*”. O drama para o poeta do nosso tempo e particularmente dos dias de hoje, é o da sobrevivência espiritual e igualmente física, numa sociedade e num mundo onde a vontade dominante se inclina vertiginosamente para o holocausto e a queda, arrastando nessa tragédia colectiva todos os que não se submetem às suas inclinações destrutivas e antropofágicas.

Farol de poesia e liberdade, a pintura continuará, contra todas as aparências (e apesar de todas as resignações e conformismos) a iluminar as zonas de sombra da realidade. Sem quaisquer vinculações a correntes ou postulados estéticos ou ideológicos, antes agindo como ave de voo largo e universal, o pintor continuará a traçar na tela o agitar frenético de vampiros que invade o rosto do homem e lhe sulca na pele os caminhos da rendição.

É essa a sua condição.

Um dos eventos em que mais se empenhou, juntamente com Cesariny, foi a Exposição Internacional de Arte Fantástica e Surrealista, a ter lugar no átrio do Teatro Ibérico onde ele era então o responsável da Secção Cultural, sendo a sua mulher, Ana Santos, uma das actrizes da companhia. A esse propósito endereçou-me a seguinte carta, que dá elementos para conhecermos os pormenores da mesma e que também evidencia de algum modo os seus interesses culturais, sempre patentes:

[5/7/84]

Querido Nicolau

Junto te envio o livro “Biografia do Diabo” e algumas fotocópias do livro “Tudo começou em Babel” nomeadamente as que se referem às passagens da intervenção sobre a palestra de Heródoto. No entanto e para que possas ficar com este livro na totalidade vou continuar a tirar as fotocópias até ao final do mês e vou enviando conforme possibilidades. Creio que assim é melhor para ambos pois o mesmo também me faz falta pois é uma obra de consulta constante quase mesmo diária.

Quanto ao primeiro peço-te encarecidamente desculpa pelo estado mas também é verdade que o material utilizado (cartão da capa) é do pior que tenho visto. Para os nossos amigos de Espanha, e eu estou de acordo com eles, o que importa sobretudo é a edição em si, quanto ao material depois se vê. Por isso é que eles têm tanta coisa e nós por cá ficamos com aquilo que é “aceitável” para os realistas e neo-realistas que dominam ao nível da edição em Portugal.

A Expo. do Fantástico passou definitivamente para Novembro. Em Outubro vamos ter no T.I.(Teatro Ibérico) o Festival de Teatro Espanhol também durante todo o mês. Vamos ter grupos e pessoas excepcionais tal como Nuria Espert e outros.

Quanto ainda ao Fantástico já estive com o Mário de novo e temos já confirmados mais de sessenta obras incluindo os principais animadores do Movimento Surrealista nos E.U.A. e França (Jaguer do grupo Phases e outros). Já estive com ele a seleccionar os trabalhos mas ainda virão mais. Quanto ao catálogo dependerá sobretudo do dinheiro existente, o IPL (Instituto Português do Livro) já nos concedeu os 150.000\$00 e falta ainda o M.C.(Ministério da Cultura) 200.000\$00 já assinados pelo Ministro. No entanto estamos ambos de acordo que sairá com uma reprodução de cada autor representado ou não sairá com nenhuma (preto e branco por causa do preço) e com uma pequena biografia de cada, um pouco à maneira do velhíssimo Dicionário Abreviado do Surrealismo.

Quanto aos autores portugueses contamos com entre outros (2 obras por cada um com uma ou outra excepção em resultado de obras colectivas ex. cadáver esquisito, etc): Nicolau Saião, Cesariny, Calvet, Perez, Paula Rego, Carlos Martins (2 obras recentes), Cruzeiro Seixas, Ilda David, Eurico, Inácio Matsinhe, Malangatana, Joaquim Antunes, etc.

Dos E.U.A. contamos já com a colaboração amiga e fraterna dos membros do grupo de Columbus(Ohio) Dauben, Tom Burns, etc. e do grupo de Chicago (Franklin Rosemont, Debra Taub), etc. Falta-nos ainda o E.F.Granell e alguns mais, poucos). No entanto, temos já obras suficientes para uma exposição internacional com bom nível quer na qualidade dos trabalhos quer em número de obras apresentadas já (algumas foram já dedicadas especialmente à Expo, outras são propriedade do Cesariny).

O Mário ofereceu-me com muita simpatia algumas coisas que eu não tinha (mais por falta de dinheiro do que pelo interesse que sempre foi bastante).

Há ainda uma grande novidade para ti – os teus poemas foram entregues ao Stefan Baciú que já os apreciou e considera estar-se perante uma grave injustiça os mesmos não terem sido há muito editados em Portugal (opinião do Mário que nada pode fazer mesmo junto da Assírio). Ele tem já coisas nossas para compilação e análise para o livro que está a preparar sobre o Surrealismo em Portugal.

De qualquer forma escreverei mais alongadamente um pouco mais tarde.

Abraços de montanha e muitos beijos de estrela para todos do vosso sempre

Carlos Martins

A pintura de Martins, bem como as suas colagens e objectos, aponta para uma intensa carga poética, resolvida na junção de elementos que, ultrapassando a simples imagética, conferem aos trabalhos um amplo sentido de humor negro, de lirismo sóbrio mas significativo através de notações apelando para a cultura popular e erudita (os pulps e as novelas gráficas populares, Maldoror ou Fantômas, Lautréamont ou a simbologia de Lovecraft e recorrências de romances policiais), todo um universo de memórias do que foi vendo e sentindo mediante o cinema e as publicações que, de alguma maneira, ilustram o quotidiano da sociedade em que viveu.

Como ele um dia me disse, “o pintor seguirá adiante mesmo perante o riso ou o desdém de quem sente que lhe conceberam o retrato a negro e sem memória. Só as vozes livres saberão seguir-lhe o rasto de cometa insubmisso e serão essas vozes que acompanharão o pintor pelos séculos adiante. O pintor continuará incessantemente

a pôr em tela os infernos ou os paraísos que vê distintamente no íntimo dos homens”.

Neste momento em que escrevo este bloco, em que se desenrola no norte da Europa uma guerra de agressão com todos os horrores que tal infausto evento provoca, estas suas palavras singulares não podiam ser mais justas, precisas e adequadas. [Aos 13 de Abril de 2022]

SOBRE CESARINY

(Minha colaboração para, com um texto sobre o Cruzeiro Seixas, a Celebração dos 100 anos do Primeiro Manifesto do Surrealismo, editada pelo Floriano Martins).

Creio que, neste caso, fará sentido começar esta evocação pelo fim. Em jeito de flashback cinematográfico, uma vez que o protagonista – para empregarmos esta expressão adequada ou conveniente, como se preferir – era um esclarecido apreciador de cinema.

Foi pois isto que eu escrevi em fins de Novembro de dois mil e seis e aqui se insere, a abrir, antes de passarmos adiante.

Morrer sim, mas devagar... *No falecimento de Mário Cesariny*

No triste *jet set* das letras (melhor seria dizer trocaletas) da nossa praça, para além daqueles que o estimaram e o souberam ler e ver havia dois grupos de fabianos sempre de goela aberta para melhor devorarem (tentar devorar) o universo conceptual que o norteava, de que se reivindicava e onde se inventava mesmo velho e doente: o surrealismo.

Esses dois grupos, pequenos jogadores das escritas e das pinturações, eram ou são: os que lhe exaltavam a pintura para melhor lhe rebaixarem a poesia e os que lhe elevavam a escrita para mais eficazmente lhe escaqueirarem o mundo plástico. Mas – e o truque nefando consiste nisto – no fundo não era a ele que visavam, tanto mais que a manobra já não colhia por ele lhes ter escapado para outros olímpos mais específicos. O que essa gente tentava e tenta era impedir que companheiros mais novos e com outras soluções de continuidade não ficassem sem voz, tão

submersos como nos tempos da ditadura que ele detestava, como detestou todas as outras.

Essa gente, permitindo-lhe agora existir sem peias depois de durante os princípios da sua vida o buscarem liquidar e emudecer, queriam que ele se tornasse um refém dos que em Portugal põem e dispõem através da mentira cultural que vê a escrita e a literatura como aparelhagens para fazer “fins de meses” ou carreiras que eles mesmos controlam...

Hoje como ontem, num país onde a realidade já está mais que apodrecida, o surrealismo continua a perturbar porque não é um álibi para mercadores de carne assassinada. Por isso o acatitavam, fingindo que o amavam, visando transformá-lo numa espécie de faraó que caucionasse melhor as tentativas de extinção de um pensamento que é existência em todas as direcções e que ele sempre perfilhou.

Durou 83 anos. Fez o que pôde e como pôde para exemplificar que as palavras que de facto contam passam pelos continentes da liberdade, do amor humano e do espírito sem algemas.

E, apesar dos zoilos e dos mediócrs continuarem a tentar queimar o “castelo encantado”, que para eles tem a forma de literatice ou de convenção imagética – seja neste país, seja nos outros onde vivem e actuam muitos companheiros de sonho e de vigília a busca da maravilha continua.

(...) Depois de vir da Guiné, tive contactos durante alguns anos com vários dos autores que haviam feito sair o número único da revista “Grifo”, a seguir apreendida pela polícia política (Pide). O chamado Grupo do Monte Carlo.

No Verão de 77, creio que em junho, aquando duma viagem a Lisboa para que o meu filho mais velho, na altura um miúdo, tivesse consulta num ortopedista, conheci então o Cesariny: depois de termos ido aos alfarrabistas estava com o João ao pé da estação do Rossio esperando o autocarro para a Ajuda e ele pedira-me para ir experimentar as escadas rolantes. Enquanto esperava, ouvi uma voz que me pareceu reconhecer, perguntando à ardina: “*Tem um que traga notícias boas?*”. Olhando em volta, eis que vi o Mário a comprar o jornal ali mesmo ao pé.

Dirigi-me logo a ele, identifiquei-me e ele, com bom humor, disse-me isto de imediato: “*E eu que pensava que como bom alentejano eras baixo e moreno e, afinal, és alto e louro...*” (cabelo castanho claro, na verdade). Na senda do bom humor, respondi-lhe: “*E eu pensava que usavas chapelão e, afinal, usas boné!*”. Espontaneamente demos um abraço, ele fez uma festa na cabeça do João e convidou-nos logo a irmos ao seu “atelier” tomar qualquer coisa e, principalmente, conversar. E enquanto o meu filho, depois de ter comido umas bolachas – nós bebíamos um chá – dormitava num dos sofás e depois dormia a sono solto, conversámos a valer até lá pelas 4 da manhã.

A seguir, num gesto muito usual nele (era um grande utilizador de táxis...) levou-nos até perto da casa dos meus parentes e, ao despedir-se, deu-me dois livros dele e uma “*História do cerco de Lisboa*” para o João.

Durante vários anos contactámos regularmente, nomeadamente efectuando textos para colaborações aqui e lá fora. Por 3 anos seguidos, num trecho das férias, eu e o João ficávamos no “atelier” e, com ele como cicerone em regime de pensão completa (almoçávamos e jantávamos e não nos deixava pagar fosse o que fosse...), passeávamos pela cidade: íamos a museus, à Feira Popular, a ver o rio...

Recordo-me que uma vez o meu filho ficara a olhar encantado para um desses brinquedos que se vendiam na rua: um paraquedista de um palmo ou assim, que o homem embrulhava no pequeno paraquedas de plástico e atirava ao ar e lá vinha ele descendo, descendo... Não se atrevera a pedir que o comprasse. O Mário nada disse mas notei que reparara. Uns dias depois recebemos em Portalegre uma encomenda – e lá dentro vinha o boneco e, para mim, várias folhas de fotocópias (tenho-as aqui) tiradas por ele: “Altaçor ou a Viagem em paraquedas”, do Vicente Huidobro...! O Mário tinha gestos destes, simultaneamente discretos e sensíveis.

Quando eu uns anos depois sofri duma negregada nefrite que me obrigou a ser operado em Santa Cruz, o Mário ia esperar-me a Santa Apolónia, levava-me a almoçar ou a jantar (algumas vezes na sua casa da Basílio Teles), acompanhava-me pacientemente às consultas ou às análises e depois, para me acalantar nas dores frequentemente bastante marcadas, íamos ao cinema, ao teatro,

aos livros de preço simpático na Feira Popular, pelo menos uma vez ao circo... E abancávamos com confrades nos cafés. Eu ia a Lisboa geralmente de 15 em quinze dias, se havia razão para isso semanalmente – nos fins de semana. (...) Alguns dos companheiros recorrentes eram o arqtº Mário de Oliveira, o Edgardo Xavier, o Relógio e, principalmente, o Manuel Hermínio Monteiro, umas vezes levado por mim o José do Carmo Francisco e, na última fase, também o Carlos Martins com quem se organizou a exposição “Surrealismo & Arte Fantástica”(...). Esta surgiu da maneira mais espontânea e informal que possa pensar-se, quase que por acaso: tanto o Mário como o Carlos partilhavam comigo o deslumbramento pelas coisas do Lovecraft, do Georges du Maurier, do “Monk Lewis”, do Bulgakov, dos antigos e modernos cultores do humor negro, do maravilhoso e do fantástico e falávamos muito a seu propósito. Como nessa altura o Carlos e a Ana estavam no Teatro de Xabregas, ela como atriz e ele como encarregado do sector cultural, pensámos em artilhar a mostra. Eu conhecia o Miranda Calha, que estava secretário de Estado do Desporto e ele falou com o Coimbra Martins, ministro da Cultura de então. Ultrapassadas algumas dificuldades que nessa época ocorriam – o Cesariny por seu turno falara com a secretária do Mário Soares – articulou-se a exposição com o apoio do movimento Phases e de autores ingleses, brasileiros, belgas, angolanos, moçambicanos, holandeses, etc.

Conseguimos também, por intervenção do Mário Soares junto de certas embaixadas, a participação de alguns autores do leste...

Os portugueses (Mário Botas, Paula Rego, Eurico, Armanda Andrade, António Quadros, Relógio, Garizo do Carmo, Areal, Júlio Reis Pereira, Escada, Isabel Meyrelles, entre muitos mais) quando vivos eram contactados por conhecimento próprio de uns e de outros ou disponibilizavam-se ao saber da *coisa*. Se falecidos, falava-se com os herdeiros.

A minha contribuição de maior vulto – além de traduzir textos e publicar poemas no catálogo-livro e expor dois quadros – foi descobrir um surrealista ínsito, meu companheiro de adolescência. De sua profissão carpinteiro, meio-surdo e com dificuldades na fala, mas muito atento e inteligente, o Manuel Mourato nos dias em que tivera de ficar em repouso por haver partido uma perna pintara um enorme quadro com as tintas da profissão: *O bosque*

encantado, título de minha lavra e que foi uma das revelações da Mostra. O Mário ficara entusiasmado, era a demonstração de que o surrealismo, no caso em Portugal, para brotar não carecia de cultura livresca ou entonações intelectuais.

Mal recebida pela crítica *au pair* (estava-se em plena época da reação pura e dura aos que não aceitassem os ditames *culturais* dum certo setor, o marxiano) a mostra foi depois levada para a Sociedade Nacional de Belas Artes pela mão competente e esclarecida do crítico democrata Rui Mário Gonçalves.

(...) Vi sempre o Mário como um ser de poesia e singeleza. Certa gente referia ser ele uma pessoa distante ou, por vezes e pelo contrário, agudamente frontal e sem papas na língua, querendo com isso significar provavelmente que não guardava a voz numa gaveta para lhes retorquir com acentuações adversas se necessário. Quanto a este ponto, sim; vi-o sempre como pessoa frontal mas nunca despejada, usava antes uma elegância imaginativa até quando era preciso contrariar ou infirmar o “interlocutor” oponente, digamos assim com suavidade. Era irónico, mas sempre com uma feição imaginativa... Para mim foi sempre cordial, extremamente fraterno e respeitador das minhas opiniões, que por vezes buscava de facto inflectir mas sempre com urbanidade e humor.

E até quando se referia a gente de que não gostava (ou francamente detestava) – como um certo poetarrão e grande intelectual novelista e ensaísta sempre ressentido com a colectividade e com os colegas, que a seu ver o festejariam escassamente; ou outro, um pensador das pechas nacionais mas que a seu ver nunca verdadeiramente acertara uma e quis ensinar Pessoa a pensar (não digo os nomes mas creio que se infere quem eram os cavalheiros) – tinha uma maneira de o fazer que mostrava como se pode ser agudamente crítico sem descer a um nível rasteiro(...).

(...) Muitos confrades estrangeiros, alguns deles ainda meus contactos regulares, chegaram-me por seu intermédio. Nomeadamente da América do Sul, da França e Espanha e da Europa Central.

Um dia fomos a casa de um confrade e amigo que ele me queria apresentar, pois achava que faria sentido eu traduzir-lhe um livro. Chegámos e abriu-nos a porta um senhor com um ar muito

delicado e com umas maneiras de grande navegador dos espaços poéticos. O Mário disse-me o nome para que eu lhe apertasse a mão: Emílio Adolpho Westphalen, o excelente poeta peruano que, nessa altura, era adido cultural da embaixada do país dos Incas...

E traduzi-lhe de facto vários poemas, muito embora por razões diversas não tivesse saído em livro nessa altura. Já não tenho bem presente porquê, mas aconteceu.

Mais tarde, anos depois, as voltas da vida fizeram-nos, principalmente a mim, seguir outro rumo sem que contudo nos perdêssemos de vista”.

Nicolau Saião

COMUNICAÇÃO DE MÁRIO CESARINY

Na conferência internacional “Pelos Direitos Humanos contra os julgamentos de Moscovo”, 1978

(Palavras prévias de Nicolau Saião: Este texto de MC, cuja cópia me foi oferecida por ele em setembro de 78, para além da sua importância como documento revelador duma consciência livre, activa e ética, dá-nos pistas de relevo para entender na sua verdadeira dimensão os ataques que o seu autor sofreu, a partir de determinada altura, por parte de antigos companheiros de rota, nomeadamente Luiz Pacheco, Vergílio Martinho e alguns outros membros colaços inscritos no Partido Comunista luso.

Para além, é claro, do que os poderia separar ao conceberem e praticarem da maneira própria de cada um a vivência quotidiana na efectivação do surrealismo e/ou abjeccionismo e das suas proximidades durante a época salazarista e da que imediatamente lhe sucedeu, o chamado PREC, eivado de contradições e movimentações as mais estranhas e afastadas de uma liberdade autêntica que o golpe do 25 de Abril se propusera levar a efeito, incrementar e permitir consolidar.

Sei, porque eu estava lá e o ouvi por diversas vezes – na “tertúlia” do Café Monte Carlo, onde passei a estacionar durante razoável período de tempo após a minha ida, com Carlos Martins, ao contacto com os surreal-abjecionistas do chamado “Grupo do Grifo” – que as críticas, por vezes muito acerbas, que lhe eram dirigidas assentavam em duas características do nobre autor de “Pena Capital”: ter feito nome na pintura, o que lhe granjeava proventos consideráveis e legítimos e, principalmente, estar

contra as posições afixadas por aquela formação política que jamais esteve liberta do autoritarismo estalinista ou do cunho dependente das directrizes que a URSS estabelecia para a desejada sovietação a seu modo das chamadas democracias ocidentais ou ocidentalizadas. Martinho, pessoa aliás cordata no seu cômputo pessoal de relacionamento, era um ferrenho adepto do cunhalismo, tendo-me uma vez afirmado que considerava Álvaro Cunhal o maior político da Europa.

Quanto a Pacheco, para entendermos o seu ímpeto verrinoso em relação a Cesariny basta conhecermos as peripécias, pouco abonatórias, da sua adesão “militante” e conceptual (aquando da sua inscrição no PC) já no que sucedeu – e insistira expressamente para que sucedesse – na sequência do seu falecimento (caixão coberto pela bandeira deste partido e discurso fúnebre proferido por um importante quadro comunista, a exemplo do que fôra feito na cerimónia de Ary dos Santos). O qual objectivou, sem razão para dúvidas, a rendição absoluta do falecido às posturas que eram o corpus concreto e a feição mais estreme da acção cunhalista na sua caminhada totalitária em Portugal e no mundo.

Cesariny, libertário e surrealista, espírito livre e voz alta e clara, não podia claramente compaginar-se com os vezos de antigos companheiros que nunca tiveram uma frase de crítica para verberar ou infirmar o totalitarismo em que se mergulhavam os próceres comunistas nacionais e internacionais e enlevavam os fautores dos acintes, dos ataques maiores ou menores que lhe eram dirigidos nos “anos da brasa” lusitanos – conforme ao que lá fora, na Europa ou noutro continente, acontecera e acontecia (e ainda acontece) aos surrealistas ou a qualquer um dos que não se curvavam nem curvam ante o “esquerdismo totalitário” a que a vulgata marxista, hoje jungida ao “politicamente correcto”, dá o mote, o tom e a estrutura na figura de espantalhos letrados.

Cremos pois que este texto ilumina de igual modo o porquê de em certos círculos (que se têm caracterizado por epigrafarem e festejarem o denominado “surrealismo de escola” e, de forma algo precipitada e controversa, cozinhareм de maneira peculiar o chamado “abjeccionismo luso”) se buscar envolver numa típica legenda o perfil solenizante de Luiz Pacheco – liofilizado *et pour cause* e seguidamente colocado num certo Olimpo – que a realidade

da História feita com pundonor e verdade objectiva reconduz sem partis pris à sua real dimensão).

Nasceu este ano na URSS um ciclo de heróis

Leio, do escritor Máximo Gorky, estas breves linhas extraídas de um artigo de jornal publicado em Moscovo em Novembro de 1917. Repito: em Novembro de 1917:

Lénin, Trotsky e os que os seguem já estão contaminados pela embriaguez do Poder e é um exemplo disso a sua escandalosa atitude em relação à liberdade de palavra, às liberdades individuais e a tudo aquilo por que a democracia se bateu. Fanáticos delirantes e aventureiros sem escrúpulos lançam-se de olhos cegos numa pseudo “revolução-social” que mais não será do que a estrada da anarquia, da ruína do proletariado e da ruína da revolução.

Empenhados nesta via, Lénin e os seus companheiros de luta permitem-se todos os crimes: uma carnificina nos arredores de Petersburgo, a destruição de Moscovo, a supressão da liberdade de palavra, prisões insensatas, enfim, todos os horrores perpetrados por Plehve e Stolypine. Mas Plehve e Stolypine agiam contra a democracia, empenhados na destruição de tudo o que de honesto e vivo existia na Rússia, enquanto Lénin, pelo menos até agora, é seguido por uma considerável fracção de trabalhadores. Estou, no entanto, em crer que o bom senso da classe trabalhadora, a consciência que ela possui do seu papel histórico, depressa abrirão os olhos do proletariado para o aspecto totalmente quimérico das promessas de Lénin e para a extensão funesta da sua loucura.(...) A classe operária deve saber que não há milagres e que o que a espera é a fome, a indústria totalmente desorganizada, a ruína dos meios de transporte e um longo e sangrento período de anarquia seguido de um sombrio período de reacção não menos sanguinolenta.

Estas palavras de Gorky, que ele sublinhava com o título “À atenção da Democracia”, num jornal que em breve seria proibido de aparecer, em vão as procuraremos nas centenas de edições, mais tarde feitas pelo Estado soviético, das Obras Completas do escritor. Foram expurgadas, como todos os títulos que fez surgir

durante um ano nesse jornal. Quanto aos redactores e colaboradores dele, informa-nos Boris Souvarine que, à excepção de Gorky, pereceram todos nos subterrâneos da GPU. Entre eles Lozovski, primeiro organizador dos sindicatos soviéticos e depois ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, torturado na cadeia até à morte, e Vassily Bazarov, tradutor russo do “Capital” de Marx.

Vê-se, pois, que o “sombrio período de reacção” que Gorky previa não tardou em afirmar-se. Vemos mais, infelizmente: que nunca mais desarmou, de 1917 até hoje. E tal como Gorky acentua, com lucidez que pode parecer-nos comum mas não o era de facto, tratar-se-ia de um reacionarismo conduzido em nome dos trabalhadores, em nome da revolução.

Porque ponho entre nós estas palavras de Gorky, gentil humanista e deficiente escritor que acabou por não resistir ao canto da sereia stalinista, que lhe pagou com as honras de envenenamento pela GPU de Yagoda a ambiguidade da sua adesão?

(1)

Pois porque, em meu fraco entendimento, ouvir-se-á sem dúvida, aqui e lá fora, a sinceridade do nosso protesto pelos julgamentos e encarceramentos fascistas de Yuri Orlov, Anatol Sharansky, Alexandre Ginsburg, Victor Pyatkus, Vladimiro Slepak e José Begun mas de nada ou de pouco nos servirá se a todos nos situarmos no quadro de uma Convenção ou Acordo assinado em Helsínquia sobre Direitos Humanos. Que esse acordo que já se previa desacordado seja uma etapa da maior importância na luta política entre sistemas sociais diversos, estamos aqui para confirmá-lo. Mas aos jogos, às conquistas e às cedências da raposice política havemos de acrescentar uma outra dimensão para que estamos: a observação e denúncia da inflação pavorosa do linguajar que nos enche o ouvido. Que as piores injustiças, os actos mais selvagens, os maiores crimes podem chegar à rua em ondas de consagração, se não de santidade, quando lhes alçam pela carapuça o termo “revolução”, é fenómeno consagrado pelo uso, que já nem vale a pena discutir. Atentemos apenas neste quadro: Revolução nacional, do dr. Salazar. Revolução mundial, do dr. Trotsky. Revolução social nacional, do dr. Stalin. Revolução nacional social, do dr. Hitler. Revolução pronunciamento militar, do general Franco. É óbvio que em todas estas etiquetas de desespero o que há de menos é a Revolução. E ousemos agora e

sempre muito alegrar por este final de século não ter sido brindado, como parecia, por mais um nacional-socialismo, encabeçado pelo luso dr. A. Cunhal.(2)

Este “charivari” de ideias decepadas pelo uso pirata da sua necessidade, estes discursos que mostram o anverso para expelir o reverso e que já só funcionam como metáforas, trazem quiçá consigo a boa nova: a de que nesta época do primado da ideia as ideias estão todas pela hora da morte, elas todas, as ótimas, as boas as péssimas e as talvez. Já não conseguem falar. O que, em certo sentido, é um inestimável bem: talvez depois de meio século e mais de regimes ditatoriais e de Estados totalitários possa começar a descobrir-se, a evidenciar-se, que as ideias só são aquilo que são, parte do homem – como as partes sexuais – não o seu todo; e, em consequência, evidenciar-se que sendo as ideias coisa séria, como as ditas partes, a tentação de pô-las a servir o que não é serviço delas leva à blenorragia intelectual que estamos apontando.

Julgo que é chegado o tempo de uma nova enciclopédia, de poucas mas claras páginas políticas. Há uns três anos, em pleno consulado de Costa Gomes,(3) ouvia-se no Rossio de Lisboa um espontâneo que, vestido à civil, enfileirava no entanto ostensivamente entre militares munidos de G-3 em posição de disparo, e gritava estentórico: “Abaixo a social-democracia!”. Cheguei-me a ele e disse-lhe: “Abaixo a ditadura!”. Pareceu surpreender-se com aquela minha audácia e olhou por cima dos ombros, à direita e à esquerda, como a assegurar-se do apoio dos soldados entre os quais se postara. Para meu eterno descanso, os soldados nem buliram. Apercebendo-se disso, o homem encarou-me e gritou: “Viva a ditadura da maioria!”. Retorquí-lhe: “Não sei o que é!”. O homem não mo explicou.

Ora tem dois géneros, dois pelo menos e ambos tenebrosos, esta “ditadura da maioria”: um deles, velho da idade do Mundo, será pressão exercida, qualquer tipo de pressão em qualquer tipo de sociedade civil, por uma maioria distraída sobre uma minoria atenta – e, neste aspecto, tanto podemos recordar Rimbaud quando assevera que a poesia não ritma a acção, vai à frente dela, como podemos referir-nos ao martírio milenário das comunidades judaicas e à destruição física, ainda nos nossos dias, de expressões e civilizações importantes, e até talvez mais importantes, como a dos índios norte e centro-americanos. Mas não era decerto nesta

desgraça que pensava o espontâneo do Rossio de Costa Gomes. Era numa desgraça ainda maior, mais sofisticada, codificada, filosofada, desvirtuada e propagandeada pela actual retórica materialista histórica e dialéctica do Estado totalitário, também de vários nomes antitéticos: democracia popular, ditadura do proletariado, etc. E dizer-se ou ouvir-se dizer que Karl Marx não é o marxismo, que Descartes não é o cartesianismo, ou que Cristo não é cristão já cai na pilhéria aquela da “*normalidade na anormalidade*”, quando fugiram os presos.⁽⁴⁾ Ou, um pouco mais grave, no projecto de lei fascista contra o fascismo. É a aplicação universalmente descontracta do binómio de Newton: fomos perseguidos por minorias infames e exploradoras? Passemos a perseguidores implacáveis, delegados que somos de maiorias sublimes. Porém, estes delegados do maior não conseguem mais do que aumentar desmesuradamente o número de cárceres. E, no melhor dos casos, numa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas onde não há socialismo nem soviets, um almoço sem carne e raramente com peixe substitui o vinho antigo, que cintilava nas imagens de liberdade.

Vi há pouco um filme de péssima extracção estética e casuística, “As sandálias do Pescador”⁽⁵⁾ em que o dissidente soviético Anthony Quinn, presuto, perseguido e arrecadado bispo de Kirov, é libertado de um Gulag e exilado na Cidade do Vaticano. Esta fita USA tem um final a arrebentar de feliz: Quinn vira Papa e, na cerimónia da coroação, Rei dos Reis, anuncia que venderá ao desbarato todos os bens materiais da Igreja, terras, mosteiros, pedrarias, tapetes, os frescos de Miguel Ângelo, os óleos, os anéis, o ouro dos altares e o de trazer por casa, as acções da Companhia de Jesus, etc, etc, etc, para que enfim se acabe a fome no Mundo. Não vi o nome do realizador mas se acaso é um tonto é um tonto que se excede, porque te põe em frente do nariz a última tentação do marxismo antes de definitivamente desaparecer: a nostalgia de uma Igreja, a necessidade de um sagrado para que nunca apelou porque não lhe achou nome. A catacumba itifálica marxista obrigatoriamente dispensa a respiração indivíduo finito/ universo infinito, para se ater aos Estados-Deus dos romanos. À quantidade imensurável de mártires produzidos não correspondeu uma gesta específica de heróis, porque o herói pertence ao mundo da esperança, alheio à vocação de quantos infelizes continuam a

tender, na modernidade, para a emulação dos cristãos pelo toiro, pelo fogo e pelo leão.

Mas a estes Cristos Ateus, paródia nova (6), e creio eu que última, da catacumba marxista, falta-lhes a imolação pela pomba, segredo que a Católica, ela também em convulsão intestinal, não pode vender a ninguém.

Não quero terminar sem dizer-vos que a única coisa realmente importante que vejo nestas minhas palavras é o acto de as estar pronunciando aqui, entre vós.

Quero ainda chamar a vossa atenção para o importantíssimo conteúdo das palavras pronunciadas por Anatol Sharanski ao despedir-se dos seus depois de condenado. Ele não invocou a Jerusalém celeste nem atirou para a consumação dos séculos o velho sentido hebraico da redenção. Ele disse algo que é transformação formidável, é transformação *qualitativa* na luta do povo russo pela obtenção dos direitos humanos. Disse: “Até para o ano, em Jerusalém!”.

Estas palavras significam que nasceu este ano, na União Soviética, um ciclo de heróis.

Mário Cesariny
(30-7-78)

NOTAS

- (1) Conforme se veio a saber depois da queda do Muro da Vergonha e concomitante abertura de arquivos secretos da URSS, Máximo Gorky morreu após envenenamento perpetrado por agentes da polícia política. Coisa que se suspeitava mas se tinha medo de conferir, embora circulasse à boca pequena nos “mentideros” do regime. Com a sua típica e hábil velhacaria e magnífico cinismo, Stalin mandou no entanto fazer-lhe funerais de Estado.
- (2) Político luso, inteiramente devotado ao comunismo russo, viveu vários anos na URSS e noutros países de Leste, frequentemente sob incógnita para usufruir de maior desenvoltura militante. Autor de várias publicações teóricas tornou proverbial a expressão “amplas liberdades”, que a seu ver caracterizaria a doação ao povo quando o PC chegasse ao Poder. Curiosamente lançou-a em público no período em que o seu

partido mais tentava cercear a liberdade possibilitada pelos militares revoltosos...

- (3) Francisco da Costa Gomes, general depois elevado ao marechalato pelo Governo no fim da sua vida. Crismado com o anexam de “Chico Rolha”, devido à sua capacidade de sobreviver flutuando mediante um oportunismo habilíssimo, foi um aliado forte e objectivo da URSS, nomeadamente como figura cimeira das consabidas associações para a paz, entidades de que este país se servia profundamente ao recheá-las de “idiotas úteis”.
- (4) MC alude a um caso que se tornou célebre durante o PREC (Processo Revolucionário em Curso): a fuga, que teve contornos enigmáticos e ridículos, em vista do que a rodeou, de 89 (!) agentes da PIDE, todos no mesmo dia e à mesma hora, das cadeias em que a cena abrilina os encafuara. A frase que ele cita foi proferida por um prócere governamental... visando justificar o tragicómico sucesso.
- (5) Filme do realizador britânico Michael Anderson, baseado na obra homónima de Morris West, escritor católico especializado em romances girando no universo fideísta. Anderson, que se notabilizara através de bons filmes como “A fuga de Logan” (science-fiction), “O Memorando Quiller” (espionagem) ou “A casa da Flecha” (mistério & suspense), encenou aquela obra (por razões comestíveis?) para a Metro Goldwyn Mayer, que presumivelmente recebera essa encomenda dos meios vaticanistas mais “avançados”.
- (6) Actualmente, o protagonista da paródia aludida é, claramente, o inefável Papa Francisco, figura mediática que conseguiu ultrapassar o dinâmico Woytila e o melífluo Ratzinger na sua piscadela de olho aos credos politicamente correctos “new stile”, ao racionalismo crente “nouvelle vague” e ao “marxismo cultural” de diversos matizes obnóxios – os que acham possível uma espécie de Tratado de Tordesilhas islamo-cristão, com recorrências ora fradescas ora ideológicas... e em que o inimigo a crestar é o ateísmo libertário ou mesmo o agnosticismo de cepa progressista não-marxista.

ADENDA
Cartas a Rui Sousa, de NS

Percebo o que me quer dizer. No que respeita ao abjeccionismo, repare que eu refiro expressamente e tão-só os mangueiras que se servem desse conceito apenas para camuflarem, ou justificarem, os cinismos oportunistas – as esguelhas de carácter – em que se enroscam e que tentam fazer passar por aquele termo. Noutro plano, o que se convencionou – ou convencionaram – firmar como abjeccionismo, nada tem a ver com surrealismo; como o Mário bem disse apenas se encontraram nos cagarrões onde ambos estiveram presos. Para além disso, no que eu pude observar – e conheci-os bem – os abjeccionistas que fui achar no grupo do Monte Carlo eram operativos que andavam nas bordas do surrealismo e que tinham a hombridade de não se dizerem membros dele. Apenas 3 deles (o Forte, o Oom e o Prof. Picó (era assim conhecido com chiste o E.Sampaio), não iludiam essa designação (o Sampaio tinha um curioso surrealismo, digamos; um dia ficou embatucado porque eu, com certa dose de maldade, lhe perguntei como é que ele conciliava a existência do surrealismo com a da KGB que vigorava na URSS. (O Sampaio, que não era trotskista, era um profundo adepto do Leste, onde ele via ou pensava existir um forte leninismo (num dos seus livros, não recordo agora qual, ele sem reboços garante que o comunismo puro e duro ainda irá voltar, mais rebentador e ainda mais de comer criancinhas (cito exactamente o que ele escreveu). Ou seja, o abjeccionismo cá era o de membros do PC que não comiam do neo-realismo e estavam revoltados com a apagada e vil tristeza salazarenta. O Pacheco era um caso específico, ele não era abjeccionista mas a abjecção ela mesma, com a sua total indiferença para com a ética fosse ela qual fosse. (Leia do Mário o “*Jornal do Gato, resposta a um cão*”) e ficará bem esclarecido. Este nem seria comunista (a não ser quando se serviu dele para seus jogos malabares), ele foi sempre e só o Pacheco capaz de uma facada nas costas se isso lhe fosse curial para o seu estatuto de libertino de meio-tostão e “abjeccionismo pandilha”, como eu lhe disse um dia referindo-lhe que tinha acabado de vir dum verdadeiro inferno (a guerra na Guiné) e que portanto não me impressionava com o seu alfacinhismo (e ele percebeu e não insistiu nas suas brincadeiras, porque eu não lhe dava cavalaria).

O seu livro “Do Libertino” é uma obra bem feita, mas o Pacheco que ali aparece é um Pacheco virtual, digamos. O Pacheco real, muito inteligente e com um par de textos giros (mas não mais que isso, ele é apenas um bom escritor de cartas, era um absoluto egoísta, no fundo estava-se cagando para os filhos e demais traquitana) e se a princípio sinceramente apreciava o Cesariny e o Lisboa (que muito exactamente o apelidara de “o editor hipócrita”) sendo capaz de reconhecer o talento ou a grandeza de qualquer operador de merecimento, como poeta era um zero – e ele sabia-o – tendo, como eu pude conferir, uma enorme inveja do Mário (ele tinha a perfeita consciência da genialidade do Poeta de “Nobilíssima Visão” e dos outros buques), o que contrastava absolutamente com a estatura dele. Os seus últimos tempos revelam-no como um dos maiores inimigos do surrealismo cá, e no que respeita ao Mário vivia a ofendê-lo e a amesquinhá-lo quotidianamente. O Mário, porque sempre foi e o reconheci sempre como um ser de lealdade e até como possuidor de uma comovente ingenuidade (o que só lhe ficava bem e não o apouca) custava-lhe muito a atitude do antigo amigo – que no fundo sempre fora, mas a princípio não extravasava, um perfeito sacana. (No último número do “& ETC” do “Jornal do Fundão”, onde foram publicados os poemas da minha colaboração ali, vem lá um texto pachecal onde esplende uma insídia dele a achincalhar o Mário, essa exarada porque, aqui fica o detalhe, o seu autor também invejava profundamente o Pintor por ele ter granjeado forte notoriedade como plástico e, devido a isso, ter uma bolsa bem recheada...!).

Mas bom, caro Rui, esta já vai longa e então por aqui me fico. O abraço do

ENIGMAS DOS MUNDOS PARALELOS

Poemas traduzidos

WISLAWA SZYMBORSKA

Wisława Szymborska (Kórnik, 1923 – Cracóvia, 2012) – Escritora polaca galardoada com o Prémio Nobel em 1996. Poetisa, crítica literária e tradutora, viveu em Cracóvia, onde se formou em Filologia Polaca e Sociologia pela Universidade Jaguellonica.

A CASA DE UM GRANDE HOMEM

Foi escrito no mármore em letras douradas:
aqui um grande homem viveu, trabalhou e morreu.
Ele colocou pessoalmente o cascalho para esses caminhos.
Este banco – não lhe toquem – esculpiu-o ele sozinho
E de pedra o fez.
E – cuidado, três etapas – vamos entrar.
Na hora certa chegou ele ao mundo.
Tudo o que tinha que passar, passou nesta casa.
Não num prédio alto,
não em metros quadrados, mobilado, mas vazio,
entre vizinhos desconhecidos,
nalgum décimo quinto andar,
onde é difícil arrastar excursões escolares.
Nesta sala ponderou,
nesta câmara dormia,
e aqui recebia convidados.
Retratos, uma poltrona, uma escrivaninha, um cachimbo, um
globo, uma flauta,
um tapete surrado, um solário.
A partir daqui, trocou acenos com o seu alfaiate
e o seu sapateiro
que para ele trabalharam sob medida.
Isso não é o mesmo que fotografias em caixas,
canetas secas num copo de plástico
um guarda-roupa e um armário comprados numa loja,
uma janela, de onde se podem ver melhor as nuvens
do que as pessoas.

Feliz? Infeliz?

Isso aqui não é relevante.

Ele confiava ainda nas suas cartas,
sem pensar que seriam abertas nos seus
trajectos.

Ele mantinha ainda um diário detalhado e honesto,
sem receio de o perder durante uma
busca.

A passagem de um cometa preocupava-o mais.
A destruição do mundo estava apenas nas mãos
de Deus.

Ele conseguiu ainda não morrer no hospital,
atrás de uma tela branca, sabe-se lá qual.
Ainda havia alguém com ele que se lembrava
Das suas palavras murmuradas.

Ele participou da vida
como se fosse reutilizável:
enviou os seus livros para que fossem encadernados;
pois não iria riscar os sobrenomes dos mortos
do seu livro de endereços.

E as árvores que plantou no jardim por detrás
da casa

cresceram para ele como a *Juglans Regia*
e a *Quercus Rubra* e a *Ulmus* e a *Larix*
e a *Fraxinus Excelsior*.

UMA NOTA DE AGRADECIMENTO

Há muito que devo
áqueles que eu não amo.
O alívio em aceitar
eles estão mais próximos de outro.
Alegria por não ser
o lobo para suas ovelhas.
A minha paz esteja com eles
pois com eles eu sou livre,
e isso, o amor não pode dar,
nem sei como tirá-lo.
Eu não espero por eles
da janela à porta.
Quase tão paciente
como um mostrador solar,
eu entendo
o que o amor não entende.
Eu perdoo
o que o amor nunca teria perdoado.
Entre encontro e carta
nenhuma eternidade passa,
apenas alguns dias ou semanas.
As minhas viagens com eles dão sempre certo.
Ouvem-se concertos.
As catedrais são visitadas.
As paisagens são distintas.
E quando sete rios e montanhas
fiquem entre nós,
eles são rios e montanhas
bem conhecidos de qualquer mapa.
É graças a eles
que eu vivo em três dimensões,
num espaço não lírico e não retórico,
com um horizonte mutável, portanto real.
Eles nem sabem
quanto carregam nas suas mãos vazias.
'Eu não lhes devo nada',
teria dito o amor
neste tópico aberto.

PROPAGANDA

Eu sou um tranquilizante.
Eu sou eficaz em casa.
Eu trabalho no escritório.
Eu posso fazer exames
no banco das testemunhas.
Eu conserto copos quebrados com cuidado.
Tudo que precisas fazer é levar-me,
deixa-me derreter sob a tua língua,
engole-me apenas
com um copo de água.
Eu sei como lidar com o infortúnio,
como receber más notícias.
Posso minimizar a injustiça,
iluminar a ausência de Deus,
ou escolher o véu da viúva que combine com o seu rosto.
O que tu estás esperando
Que tenha fé na minha paixão química.
Tu ainda és um jovem homem /mulher.
Não é tarde demais para aprender a relaxar.
Quem disse
que tens que me pegar no queixo?
Deixa-me ter o teu abismo.
Vou amortecê-lo com o sono.
Tu vais agradecer-me por te dar
quatro patas para caíres.
Vende-me a tua alma.
Não há outros compradores.
Não mais existe nenhum outro demónio.

ANIVERSÁRIO

Tanto mundo ao mesmo tempo – como ele sussurra e se agita!
Morenas e moreias e pântanos e mexilhões,
A chama, o flamingo, a solha, a pena -
Como alinhá-los todos, como colocá-los juntos?
Todos os bilhetes e grilos e rastejadores e riachos!
As faias e sanguessugas sozinhas podem levar semanas.
Chinchilas, gorilas e salsaparrilhas -
Muito obrigado, mas todo esse excesso de gentileza pode matar-
nos.
Onde está o pote para esta bardana florescente, murmúrio de
riachos,
Briga de torres, fuga de cobras, abundância e problemas?
Como ligar as minas de ouro e localizar a raposa,
Como lidar com o linx, bobolinks, streptococs!
Dióxido de relato: um peso leve, mas poderoso nas acções.
E os octópodes, e as centopeias?
Eu poderia olhar os preços, mas não tenho coragem:
Esses são produtos que simplesmente não posso pagar, não
mereço.
Não é o pôr do sol um pouco demais para dois olhos
Que, quem sabe, não pode abrir para ver o sol nascer?
Estou apenas de passagem, é uma paragem de cinco minutos.
Não vou agarrar o que está distante: o que está perto demais, vou
confundi-lo.
Ao tentar sondar o que é o sentido interno do vazio,
Vou passar por todas essas papoulas e amores-perfeitos.
Que perda quando pensas quanto esforço foi gasto
aperfeiçoando esta pétala, este pistilo, este perfume
para o aparecimento único, que é tudo o que é permitido,
tão indiferentemente preciso e tão fragilmente orgulhoso.

VICENTE ALEIXANDRE

De seu nome completo Vicente Pío Marcelino Cirilo Aleixandre y Merlo (Sevilha, 26 de abril de 1898 — Madrid, 13 de dezembro de 1984) foi um poeta espanhol a quem entregaram o Nobel em 1977. Passou toda a sua infância em Málaga, onde muito conviveu com Emilio Prados. Na adolescência descobre Rubén Darío, Antonio Machado e Juan Ramón Jiménez, e inicia assim uma profunda paixão pela poesia. Navegando nas águas surrealistas e possuindo um mundo de grande veemência verbal, foi autor, entre outros, de “Espadas como lábios” e “A destruição ou o amor”.

A JANELA

Tanta tristeza numa folha de outono,
sempre duvidosa, no último extremo, de se apresentar como
navalha.

Quanta hesitação na cor dos seus olhos
antes que se esfrie como uma gota amarela
Tu tristeza, minutos antes de morreres,
apenas és comparável à lentidão de uma rosa quando finda,
essa sede com espinhos que implora ao que nada pode,
gesto de pescoço, carne doce que treme.

És bela como a dificuldade de respirar numa sala fechada.

Transparente como o nojo de um sol ardente,
quente como esse chão onde ninguém pisou,
lento como o cansaço rendido ao ar parado.

A tua mão, sob a qual as coisas eram vistas,
cristal finíssimo que nunca outra mão acariciou,
flor ou vidro que, jamais desfolhado,
era verde no reflexo de uma lua de ferro.

A tua carne, na qual o sangue parado mal consentia
uma triste bolha quebrando-se entre os dentes,
como a débil palavra que quase redonda é
segurada na língua docemente na noite.

O teu sangue, em que esse lodo onde a luz não entra
é como o beijo falso das poeiras ou do talco,
um rosto em que a morte brilha tenuemente,
beijo doce que dá uma cera gelada.

Oh tu, amoroso poente que te despedes como dois longos braços
quando por uma janela agora aberta a esse frio
uma fresca borboleta penetra,
asas, nome ou mágoa, tristeza contra a vida
que esvoaça como o último raio.

Oh tu, calor, rubi ou pena ardente,
pássaros em chamas que são mensageiros da noite,
plumagem vermelha em forma de coração
que no preto se espalha como duas grandes asas.

Navios distantes, silvo amoroso, velas que não soam,
silêncio como uma mão que acaricia a quietude,
imenso beijo do mundo como uma única boca,
como duas bocas fixas que nunca se separam.

Oh verdade, oh morrer numa noite de outono,
longo corpo que viaja até à luz do fundo,
doce água que sustenta um oferecido corpo,
palidez verde ou fria que vestes um desnudo!

ADOLESCÊNCIA

Virias e te irias docemente,
de um caminho
a outro caminho. Para eu te ver,
e não te ver de novo.
Passar por uma ponte a outra ponte.
O pé acanhado,
vencida a alegre luz.

Garoto que seria eu mirando
as águas em baixo correndo,
e no espelho a tua passagem
fluir e desvanecer-se.

VIVER PARA TI

*É tocar o céu, pôr o dedo
sobre um corpo humano.*

NOVALIS

Quando contemplo o teu corpo estendido
como um rio que não acaba nunca de passar,
como um claro espelho onde cantam as aves,
onde é uma alegria sentir como o dia amanhece.

Quando eu olho os teus olhos, morte profunda ou vida
que me chama,
música de fundo que eu apenas suspeito;

quando vejo as tuas formas, a tua testa serena,
pedra luzente na qual brilham os meus beijos,
como aquelas rochas que refletem um sol que jamais se põe.

Quando acerco os meus lábios àquela música incerta,
a esse murmúrio sempre jovem
do ardor da terra que entre o verde canta,
húmido corpo sempre resvalando
como um amor feliz que foge e volta ...

Eu sinto o mundo rolar sob os meus pés
rolar com leveza com a eterna capacidade de estrela,
com essa alegre generosidade de luzeiro
que nem sequer precisa de um mar para curvar-se.

Tudo é surpresa. O mundo tremeluzindo
sente que o mar de súbito está desnudo, trémulo,
que é esse peito arrebatado e ávido
que apenas quer o brilho da luz do desejo.

A criação cintila. A serena ventura
passa como um prazer que nunca chega ao fim
como essa rápida ascensão do amor
onde o vento se aferra a fronteiras mais cegas.

Olhar para o teu corpo sem mais luz do que a tua,
essa música próxima que os pássaros congrega,
as águas, a floresta, esse palpitar ligado
deste mundo absoluto que sinto agora nos lábios.

LUIS BORJA

Nascido em Ahuachapán em 21 de agosto de 1985, Luis Alfredo Colacho Borja foi membro fundador da oficina de poesia Parque de Ahuachapán em 2006 e membro da oficina de poesia Universo da Universidad de El Salvador Multidisciplinaria de Occidente, onde também estudou Ciências de Língua e Literatura (2006-2010). Dirigiu também a Imprensa Universitária da Faculdade Multidisciplinar. Textos seus foram publicados em diversas revistas de El Salvador e de outros países. Em 2014, ganhou o segundo prêmio

do XXIV Prêmio Internacional de Poesia Jaime Gil de Biedma (Conselho Provincial de Segóvia, Espanha) com a coletânea de poemas El disparo. Em 2019, averbou o prestigiado prêmio internacional Pilar Fernández Labrador, na sua sexta edição, em Salamanca, Espanha, pelo seu livro UMIT, uma das 915 obras apresentadas de todos os países ibero-americanos. Na ocasião, o Consulado Geral de El Salvador em Barcelona e a Huacal, ONG de apoio ao país centro-americano, organizaram um recital com o autor. Faleceu em março de 2021 vitimado pelo coronavírus.

[O SANGUE DA TERRA É NOSSO]

O sangue da terra é nosso
nele estamos a despejar a agonia de todos os ossos
E isso, amigos, o sangue que é derramado
é a palavra que começa a ser fecundada pelas brumas.
Não sabemos mais nada sobre a terra
não sabemos do frescor e da sombra que nos deslumbra
Agora, eu, que teço o fio de sangue
e que junto todos os crânios entre as minhas mãos:
aperto a terra e digo todos os nomes em nome do sangue
em nome dos perdidos e esquecidos
em nome da minha mãe que nutre os campos de milho com os seus
ossos
em nome do meu pai que arrasta as mil condenações da terra na
sua pele atormentada
e cheia de rugas.
Eu, que me lembro dos nomes da terra: pai e mãe ligados nos ossos
lembro-me desta terra desolada em que os nomes do sangue caem
os nomes da carne que o nutre
Esta terra que habito com a angústia de uma criança perdida
Eu falo dela
com toda a voz habitada pelo sangue ...

[EU SOU O PAI DE QUEM TU ESTÁS A FALAR]

Eu sou o pai de quem tu estás a falar.
Hoje eles arrancam-me da terra com unhas a sangrar até ao nada

Eu sou o pai
o velho de ossos que guarda um delírio de sangue
Eu
Eu recuso-me a morrer e a cruzar os braços de tristeza
Eu sou o punho e o choro
porque eu luto dos cantos da pedra
Eu tenho a força no sangue que me ferve como um cavalo perdido
Pausa
e encontro nas minhas mãos os ossos dos meus avós
Pausa
e estou a ameaçar com a amargura dos meus anos
porque eles habitam em mim, todos os anseios da primeira
colheita
da saliva do pai do meu pai
e da mãe da minha mãe
porque todos eles moram em mim como uma cadeia de ossos que
me impede de cair
Por isso
Eu sigo o seu aroma selvagem surpreso com a chuva
Eu aderi à estranha sorte a que o delírio nos convida
Eu não desisto
Eu não caio
Os seus ossos seguram-me
E eu seguro nas minhas mãos o umbigo da minha família
A ternura trançada de todos os meus filhos
Eles não roubam
Nem com o golpe, nem com a mentira
Não com mil papéis que todos os tiranos assinaram
Eles não podem tomar a terra
Eles não podem levar a minha casa
porque a minha casa não é só a minha casa
porque é habitado por todos os nomes com que o sangue nos colhe
e ao perdê-lo, perco todos os laços que me ligam aos anos
Eu perco as carícias desenhadas dos meus filhos
e perco o conselho do meu pai.
A terra não pode ser perdida
porque o sustento e a saliva seriam perdidos
Eu perderia a minha língua e a minha voz
Além do mais, eu perderia o choro do sangue
E então qual é o sentido de resistir?

Eu ficaria sem palavras como uma pedra
Eu seria habitado por todos os vazios
e ninguém me veria abandonar os nomes do sangue
É por isso que resisto ao golpe
Eu resisto agitado pela poeira e as estrelas
e de agora em diante, não consigo encontrar paz.
Eu sou o pai de quem ele fala e eles não me podem tirar a terra
porque tenho isso preso em todas as feridas do meu rosto
porque foram as mãos do pó que me sustentam
e isso, senhores, só é removido com a morte.
Eu sou o pai de quem ele fala e eles não me podem tirar a terra
porque a terra é a carne
porque a terra é o osso
porque a terra é o punho
porque a terra é o sangue

porque eu sou a terra.

PÁSSARO E AREIA

Sei que é muito difícil pensar em ti com as mãos feridas pela
saudade
ainda imagino como as tuas palavras cantam com ternura
A voz alegre e sangrenta com a qual tu imitas os pássaros
As batidas dos teus dedos destruindo a distância
- Acho que nesse arpejo tu resumes toda a tua tristeza -
Às vezes acho que tu és uma palavra melancólica que se perde nas
tardes
Achas estranho pensar assim?
E é que em ti às vezes também é fácil perceber a solidão moderna
com que amaldiçoas as ruas.
O golpe terrível com que quebras os vazios.
Tu podes estar preocupado com a mediação que existe no homem
morto e na arma
E talvez te preocupes com o sorriso caricioso das crianças
perdidas
E podes preocupar-te com a borda delineada empilhada com os
mortos
É por isso que me encontro em ti

Porque é fácil ver nos teus olhos a transbordante ternura de que
falamos
E essa é a única coisa que nos salva da morte.
Eu tenho que terminar contando-te
Que às vezes quando penso em ti
Imagino-te pássaro e areia
E vais ver o quão terno eu me imagino nas tuas mãos.

O BELO LEGADO

Eu sou um país moribundo
O meu filho nasceu para mim entre a pólvora
e eu nasci na trincheira escondida no beijo da morte
O meu filho nasceu no esconderijo
no fio inerte que tecemos como barricadas
As crianças mortas nasceram para mim
E ele caiu
mutilado
Correndo para o abismo que o novo século lhes oferece
Eu nasci em crianças soltas
volátil como o suspiro de um tiro
As crianças desaparecidas nasceram para mim
como o pulso de um batimento cardíaco de um olho só
Como a prática onanística de um país que está a apodrecer
De um país que permanece idiota
com a garganta cortada por tiros
Crianças cegas nasceram para mim
Crianças mudas nasceram para mim
Morrendo
cabisbaixo
auto-consciente
Eu nasci no arrote de um beijo proibido na fronteira dos sonhos
As crianças ao lado dos meus sonhos apodreceram
Os imigrantes nasceram para mim com a oração do sonho
americano
Com a cegueira moribunda de se tornar um lavador de pratos
em construtores
Em pedintes apanhadores de sonhos
Na merda limpa, sem tremer o pulso antes da lesão do ianque

no trem veado escapista
com uma alma nostálgica antes do hino nacional
E ainda assim a oração insiste em convertê-los
em prostitutas na fronteira
na alma do coiote
aquele mesmo coiote que afoga sonhos entre as suas presas
eles dizem que o mar ficou mais violento
eles dizem que o mar está prestes a vomitá-los
Dizem que o mar esconde a palpitação idiota dos seus sonhos
eles dizem, não acredite em mim
nem a este país que deu à luz as crianças desaparecidas
prostituído
sequestrado
deixado no deserto com a testa suada
com a boca muda sem dizer o nome dele
com uma garganta agonizante em busca de sono
com o devido carinho de mães invocando suas angústias
implorando aos santos para intercederem na sua ascensão ao
inferno
as crianças famintas do sonho americano nasceram para mim
Eu nasci analfabeta
caótico
criminosos
Eu nasci como roedores habitantes de uma cidade teimosa
a cidade dominada nasceu para mim transpirando o cheiro dos
esgotos
as ruas e a sua maneira confusa de mostrar a escala da urina
Eu nasci com os bocejos sonolentos de uma criança bem cheirosa
da criança muda habitante absorvida no seu sonho urbano
do adorado menino rei dos esgotos
O meu nariz implorado cheio de coca nasceu
crianças nasceram para mim desenhando os círculos sangrentos
das suas vidas
eles nasceram para mim aspirando a linha inclinada dos anos
os gritos pelo *crack* nasceram para mim galopando
da agonia trêmula de escapar por um tempo
para o sorriso trêmulo perdido
pelo olhar trêmulo que cura as feridas
tremendo também as pernas líquidas de uma garota nas ruas
da garota vendendo-se antes da fria liturgia do sexo

meninas sequestradas nasceram para mim
e a incessante decapitação de seus seios
e a maneira mutilada de abotoar as noites
o labirinto carnal de corpos em construção
o mistério devastado do sexo
Dias cansados no mercado nasceram para mim
a tarde avassaladora em busca de um morto
a enferrujada rotina de me ver nua e sem cinco tostões
Eu nasci com a ilusão hipotecada de uma casa
a dívida externa facturada com o meu nome
a cansada tradição de tecer sonhos juntos numa
Crianças traficantes nasceram para mim
A lavagem de dinheiro nasceu para mim
Eu nasci a carantonha corroída do narco-traficante
O piscar diplomático dos políticos
A história inflamável dos desprezados
A triste canção de um tiro
A versão estóica de sequestrar crianças
A jornada detonada do tráfico com fome
As mãos trémulas do assassino nasceram para mim
no acerto de contas manchando as ruas
A bala perdida
Cai
A bala perdida está a procurar por ti
A bala perdida tem o teu nome
A morte adjectiva das crianças
O destino desenfreado da morte
Gangues nasceram para mim
A morte combinada entre os seus dedos
A cicatriz tatuada de um país sem memória
A cansativa mutilação de dias
Os cemitérios clandestinos
E a agonia de bater nas ruas
As carícias empilhadas de crânios soltos
A careta decapitada dos mortos
As minhas pálpebras nasceram cansadas
Os braços crucificados do silêncio
a agonia de atirar em mim e entrar como um deus nos despojos
que
deixou o período pós-guerra

RADOVAN IVSIC

Nascido em Zagreb em 1921, R. Ivsic viveu em Paris a partir de 1954. A publicação das suas obras foi proibida na Croácia durante a ocupação alemã, mas também sob o regime comunista de Tito. Então, iniciou a tradução de obras de Rousseau, Molière, Apollinaire, mas também de Breton e Eluard (entre outros). Naquele ano, deixou a Croácia para se refugiar na França. Ali, juntou-se aos surrealistas e escreveu poemas, mas também peças (como “Airia”). A editora Gallimard lançou em 2004 uma antologia da sua poesia intitulada “Poèmes”. Ao lermos este autor, somos de imediato tocados pela desconstrução a que procede da sua escrita, libertária e audaciosa dum ponto de vista formal mas igualmente de entrosamento poético, em que se expande com brio imaginativo e enorme domínio dum lirismo que nunca cede a facilidades de estilo. Faleceu em dezembro de 2009, na capital francesa onde sempre morou.

METEOROS

I

Sombria, ela está no vazio. O seu dedo acorda, hesita e depois transforma-se em peixe. Todo o seu corpo se ilumina. É a névoa, pensa ela.

II

Pesada, no redemoinho, ela é só uma ferida. Um grito abre a sua boca entreaberta, mas os dedos dos pés são borboletas que voam. É o raio, pensa ela.

III

Vermelha, ela está maravilhada: não são já escamas que cobrem o seu corpo, mas lábios pequeninos e incontáveis. Está embrulhado num lençol branco. É a neve, pensa ela.

IV

Tremendo, ela avança em direção ao abismo, embora queira afastar-se. Não é um abismo, mas um abutre que corre para a ponta nua do seu seio. Ela começa a rir. É a miragem, pensa ela.

V

Cidadão, tu tens o segredo de abrir as gaiolas. Junto com o primeiro tigre, desce as escadas do metropolitano. Eles estão logo no deserto. As lâmpadas apagam-se, mas no escuro não vai demorar muito para que dois olhos verdes se acendam. É o eclipse, pensa ela.

VI

Ofegante, ela acaba de chegar ao topo do penhasco mais alto. De repente, atrás de uma pedra, vê um olho e depois outro: milhares de pupilas ansiosas estão fixas nela. Rápida, começa a despir-se. Finalmente nua, sobe a encosta íngreme e relvada e desce para a planície, saltando sobre as mãos. É o ciclone, pensa ela.

VII

À noite, no musgo ela descobre as estrelas, os rastros de um cervo e finalmente uma fonte. Um arminho em fuga esconde-se na sua axila. É o cometa, pensa ela.

VIII

Com ciúme, ela vê as costas de um estranho que se contempla no espelho. Pega num machado debaixo do travesseiro e atira-o na superfície fria para aniquilar a sua enganosa profundidade. O estranho vira-se e examina-a para ver talvez a sua nova imagem. Não. É o terremoto, pensa ela.

NARCISSUS

I.

a noite inunda Narciso
com tufos de peixe
os ramos dos sonhos nas pálpebras da floresta
de galho molhado
e vento verde

a noite anda vestida com dedos sonolentos
arrepios nas folhas
e o rápido nascimento das pedras

o uivo da noite ecoado por camaleões
onde o narciso mergulha além dos tufos
de peixes

pedra sobre pedra na noite húmida na pedra
enxame onde a escuridão se separa e se afasta

avanços de Narciso
tira a colcha das sombras
escuta o medo dos escolhidos
enterra o vento
e uma árvore dormente

2.
o silêncio sugere
dentro da linguagem do tempo
de uma criança de outro tempo
o corte na visita das sombras
margem do rio de outro rio
margem de si
um espelho drena para o mar

embarcou no fogo na forma de um segredo
toca os ombros de Narciso

um rosário de medos garante um corpo de vozes antigas
uma cobra cega corre nas suas veias
uma estrela torna-se pedra

Narciso dentro da árvore do esquecimento
os seus pés são as raízes da árvore
imerso no sonho de outra pessoa

hora do funeral sem ossos

3.
na outra margem
voz de pedra primavera e asas perdidas
flutua através do corpo
um sol ferido preso na janela

a janela que está arrancada
revela o segredo do abismo
da nudez do vento e da sua memória líquida
a pele do labirinto no abandono de sonhos
orvalho ao alcance dos olhos
no reflexo a sombra do último sonho
na linguagem da água
nas pontas da carne
na parte de trás do outro lado escurece.

ELA E EU

Estamos sentados na margem de um rio,
ela e eu.
Ela fala comigo,
e o sussurro das suas palavras
transforma-se numa nuvem de cerejas
que cai sobre os meus cílios.
Calmamente respiro
e entro nas imagens
que ela de mim queria esconder.
Ela ri,
e então pega numa montanha

e coloca-a nos meus lábios,
entre os nossos beijos.

DE TUDO

De tudo o que sei
E que eu sei que tu sabes
De tudo o que vejo
De tudo o que ouço
Quando escuto o teu coração
De tudo o que tu me dizes
E que eu tanto amo
De tudo o que acontece
Quando fechas os teus olhos

De todos os sonhos
De todas as estrelas
De todas as nuvens
De tudo isso que sabes
O que me deixa mais feliz ainda?
De tudo isso que me deixa ainda mais feliz
É que eu sei que tu sabes
Porque tu sabes isso e eu também sei

Tu sabes que me amas
E eu sei que te amo também.

POEMA

Ainda que os teus seios sejam flores fugazes
as tuas coxas de erva balançam na minha mão
e os beijos são tão lentos como a claridade
lentos
E eu esqueço o peso e a dor
a tristeza das flores demasiado ao longe
para nos beijarem
e os meus dedos desfolham-se nas tuas espáduas
como se o vento os semeasse e eu morresse de ternura
em toda a parte
e de novo a minha mão corre o teu claro corpo
e os teus seios
que eu acaricio com o meu olho
nu

POEMA

Pouca água
vem e vai nas dobras da areia
ao lado das pegadas molhadas dos pássaros.
E de novo uma onda tudo cobre.
E como se nada tivesse acontecido,
a névoa arrasta-se no musgo,
abre caminho entre as densas samambaias.

Mas ao crepúsculo as palavras estão vivas,
são como um botão que fecha a respiração,
e as palavras nascem sem cessar.
Esmagadas, dobradas, espremidas,
envenenadas, sufocadas, podadas, ridicularizadas
as palavras contudo não morrem.

Talvez se conheçam sob os penhascos,
ou sob nuvens pesadas,
talvez nos desertos mais distantes
ou nos corações perdidos.

AIMÉ CÉSAIRE

Aimé Fernand David Césaire (Basse-Pointe, Martinica, 26 de junho de 1913 — Fort-de-France, 17 de abril de 2008) foi poeta, dramaturgo, ensaísta e político.

Além de ser um dos mais importantes poetas surrealistas da primeira fase do movimento no mundo inteiro, no dizer de Breton, Aimé Césaire foi, tal como o senegalês Léopold Senghor, o ideólogo do conceito de negritude, sendo a sua obra marcada pela defesa das suas raízes africanas. Autor de, entre outros, “Caderno do Regresso ao país natal”, “As armas miraculosas”, “E os cães deixaram de ladrar”, “A tragédia do Rei Cristophe” ... A sua poesia, intensamente dramática, vaza-se igualmente num lirismo de grande transcendência iluminante devido ao entrecabo rico e complexo em que ele a faz existir.

CONQUISTA DO AMANHECER

Morremos as nossas mortes nas florestas de eucaliptos gigantes,
mimando os encalhes de forros estranhos,
no país onde crescer
é uma drosera irrespirável
pastando na boca das luzes sonâmbulas

embriagada

guirlanda muito bêbada roubando de uma forma evidente

as nossas pétalas de som
na chuva campanular de sangue azul,

Nós morremos
com olhares crescendo em amores extáticos em
quartos comidos por vermes, sem uma palavra sufocada nos
nossos bolsos, como uma ilha
que se afunda na explosão enevoadada dos seus pólipos -
a noite.

Nós morremos
entre as substâncias vivas inchadas de forma anedótica com
premeditações
um arborizado que apenas jubila, que apenas rasteja no próprio
coração
dos nossos gritos, que só pestanejam nas vozes das crianças,
que só rastejam pelas pálpebras no degrau perfurado
miriápodes sagrados, lágrimas silenciosas,

Morremos uma morte branca florescendo como a mesquita, seu
esplêndido peito de ausência onde a aranha-pérola saliva sua
ardente melancolia de mim convulsiva
na conversão inevitável do
fim.

Morte maravilhosa de nada.
Um cadeado fornecido para as fontes mais secretas da
árvore do viajante que se alarga nos quadris de uma gazela
desatenta

Morte maravilhosa de nada

Os sorrisos escaparam do laço da complacência
a vender as joias de inestimável valor da sua infância
no auge da feira dos sensíveis no avental do anjo
na temporada da abertura da minha voz
na inclinação suave da minha voz
ruidosamente
a adormecer.

Morte maravilhosa de nada

Ah! a garça depositou o orgulho infantil a ternura divina
aqui nas portas mais polidas que os joelhos da prostituição – o
castelo dos orvalhos – o meu sonho onde adoro a secura dos
corações inúteis
(com excepção do triângulo da orquídea que sangra violentamente
como o
silêncio da planície) a jorrar
numa glória de trombetas grátis com casca escarlate e coração não
cremoso, escondendo da voz ampla precipícios do incêndio
criminoso e tumultos inebriantes da cavalgada.

A MULHER E A CHAMA

Um pouco de luz que desce a nascente de um olhar
sombra gêmea do cílio e do arco-íris num rosto
e ao seu redor
quem lá vai angelicamente
vaguear

Mulher
o clima de agora
e o tempo actual pouco importam para mim
pois a minha vida está sempre à frente de um furacão

Tu és a manhã que desce sobre a lâmpada com uma pedra noturna
entre os dentes
tu és a passagem das aves marinhas e também
és o vento através das junqueiras salgadas da consciência
insinuando-se de outro mundo

Mulher
tu és um dragão cuja cor adorável se dispersa e escurece tanto
como a constituição do canto inevitável das coisas
Estou acostumado a roçar os incêndios
estou acostumado com cinzentos ratos do mato e íbis de bronze
da chama

Mulher
ficheiro do lindo fantasma da trave
capacete de algas de eucalipto
o amanhecer não é
o abandono das fitas
de um muito saboroso nadador.

ENTRE OUTRAS MORTANDADES

Com todas as suas forças, o sol e a lua cintilam
os luzeiros tombam como testemunhos demasiado maduros
como uma ninhada de ratos cinzentos

Não temas, nada antecipa que as suas águas subam
e com elas levem a espelhada ribeira

Salpicaram-me de lama os olhos
e eu vejo, terrivelmente vejo
que de todas as montanhas, de todas as ilhas
apenas restam alguns dentes cariados
da impenitente saliva do mar.

LOUIS SCOUTENAIRE

Louis Scoutenaire (1905-1987) foi um poeta anarquista, surrealista e... funcionário público. Nasceu sob o nome Jean Émile Louis Scutenaire em Ollignies, Bélgica, e morreu em Bruxelas. A sua poética – irónica, apaixonada, toda percorrida por imagens insólitas e, simultaneamente, sóbrias na sua sugestiva arquitectura, marcou o ambiente da escrita imaginativa dos Países Baixos. Era casado com a também surrealista Irène Hamoir.

PLUMAS PERDIDAS

Beethoven não ri nunca.

Os seus cabelos, os seus vestuários
são negros e os seus filhos mal amados.

Beethoven, velho de dois séculos
não abandona a minha bigorna
a minha bigorna de simples poeta.

Os seus olhos velados brilham
como a taíinha nadando na lama.

A ESCRITURA NA FRONTE

Em certo dia alguém juntou
palmeiras e mais palmeiras
ao redor da cabeça
para fazer um jardim.
E depois colocou o jardim
sobre a testa.

E no dia seguinte as palmeiras tombaram.

Escutem: a morte
chega
rufando como um tambor.

AS ESPUMAS DA INOCÊNCIA

A rainha defende os velhos
a face dos charcos antigos
a chuva de que se forjam os alfinetes bicéfalos

E pela tardinha
derrubou todas as árvores que a oprimiam

O chapéu devora-se docemente
no centro da mesa
e as cidades aprumam-se um pouco

fora da quotidiana aventura.

ENTRE NA PAIXÃO

Pernas nuas muito altas
A loucura da grandeza dos olhos
No fundo da garganta esta pequena voz
Para meias pretas quer se queira quer não
Braços desnudados até ao meio das espáduas e das axilas nuas
Na borda dos seios
A mancha de marfim do vestido para o corpo mais alto ou mais
baixo
do que os joelhos e os quadris nus
A saia
Apenas a curva dos joelhos ou os joelhos retos
Dobrados para unir a plenitude das pernas com as coxas alargadas
Na boca, a frescura das coxas e a sua forma
O gosto
O cheiro
As gotas de chuva no casaco e no cabelo
O cabelo
Rugas nos cantos de um lábio destruíram o arrependimento
A curva do sexo da mulher definida pela camisa preta muito clara
Os sapatos extremamente recortados
A saia perfeita além das meias brancas enroladas
A saia
E as pernas nuas muito altas

Esses são os bloqueios do ruído que os olhos vêm fechar.

BENJAMIN PÉRET

Francês e homem do mundo, foi um dos mais constantes companheiros de André Breton. Fez, tal como George Orwell, a Guerra de Espanha integrado nos batalhões do POUM e das brigadas libertárias. Salvou-se por um triz de ser assassinado pelos Serviços Especiais do exército a mando de Stalin. Autor multifacetado e ateu assumido, deu a lume entre outros “A cabra galante” e “Eu não cômoo desse pão”. Foi casado com a pintora surrealista Remédios Varo.

TEMPO DIFERENTE

O sol da minha cabeça é de todas as cores
É ele que ilumina as casas
de palha
onde vivem os senhores saídos das crateras
e as belas mulheres que em cada dia nascem
e em cada tarde morrem
como os mosquitos.
Mosquito de todas as cores
que vens tu fazer aqui?
O soleste solé para cães
e o calor sacode as montanhas
enquanto as montanhas nadam
sobre um mar pleno de luzes
onde o calor e o peso da vida
não existem
– onde eu não meteria nem a ponta do meu pé.

A DOENÇA IMAGINÁRIA

Eu sou o cabelo de chumbo
que viaja de astro em astro
que se tornará em cometa
e num ano e num dia te destruirá.

Mas por enquanto não há dias nem anos
existe apenas uma planta viçosa
de que desejas ser semelhante

Para ser irmão das plantas
é preciso crescer na vida
ser sólido quando na morte
Ora eu sou somente imóvel
e mudo como um planeta
Vou banhando os pés nas nuvens
que como bocas em volta
me condenam a ficar

entre os que parados estão
e que as plantas desesperam

No entanto um dia
os líquidos revoltados
lançarão para as nuvens
armas assassinas
manejadas pelas mulheres azuis
como os olhos das filhas do norte

E esse dia será dentro de um ano e um dia.

PEQUENOS PASSOS

Paragem de cinco minutos.
Viajantes para o céu-da-boca do pássaro papa-moscas
lançam-se sobre flor da acácia
Lá ao fundo, encontrarão uma bicicleta de jato a vapor
que os transportará
por convite de um estalo da língua
ressoando como um suspiro de amor
através dos labirintos de um sistema de dígitos duodecimais
à beira de um lago com rugidos de tigre
cristalino como o primeiro bom-dia da andorinha
pousada no fio telegráfico da chegada
Na margem, devem abandonar a concha vazia das suas
vestimentas
para se cobrirem com a imprudência dos primeiros relógios-de-
cuco
que lhe estendem os braços suplicantes
e carregados com os presentes brilhantes do amanhecer
perante o riso das garotinhas despenteadas
na emoção do jogo
onde uma aumenta a boca da outra
com um ramo de amendoeira em flor
ansiosa por dar os seus frutos
cantando
turbulento como o açúcar de cevada que colocamos entre os lábios
para extrair o murmúrio do jato de água

balançando gatinhos
assustados e miando levemente
como um pião quase imóvel no seu eixo.

JUAN CARLOS GARCIA HOYUELOS

Nasceu a 3 de dezembro de 1968, na localidade biscaia de Basauri, embora se considere natural de Burgos, tendo vivido na cidade de Burgos desde criança. Foi membro fundador da União Castelhana e um dos editores da Tierras Castellanas, revista associada ao nacionalismo castelhano. Em 2004, ingressou na associação de poesia TELIRA (Tertulia Literaria Ribereña y Arandina) e contribuiu para a Revista Activa de la Seguridad Social (Revista de Segurança Social Ativa). É membro das associações linguísticas “Consello d’a Fabla Aragonesa” e “Furmientu”, ambas com sede em Zamora, como demonstração de apoio ao estatuto oficial do aragonês em Aragão e do asturiano-leonês nas Astúrias e no território leonês (País Leonés) da Comunidade Autónoma de Castela e Leão. Em 2007, foi publicado seu primeiro livro de poesia, intitulado Desde mi Otro Lado (Do Meu Outro Lado).

APROXIMA-TE, SEJA COM A VERDADE OU COM A MENTIRA

Diz-me, ainda que seja uma mentira
de amor com sons de certeza.
Hoje, como nunca, necessito
das tuas palavras, tenho de rodear-me
dos teus montes de nevoeiro.

Deixa uma verdade de amor na minha respiração,
um placebo nas minhas dúvidas,
aquelas que, tolo de mim, num dia são ferida
sem cura possível,
e num dia diferente, não muito distante
da ruína evidente, levianas intrigas.

Aproxima-te, ainda que a hena das tuas carícias

leve embebida uma morte súbita,
ama-me como eu te sinto agora,
deixemos feridos os nossos lábios
de tanto provocarem vendavais de lume.

E quando o leito não consiga
distinguir-nos, desfolhemos nós
essa mentira até dar
com o seu oculto pensamento.

PODE SER QUE...

Pode ser que por serem tão iguais,
o fogo se haja extinto em nossos olhos,
pode ser... que as palavras exactas,
as mais necessárias,
antes tão usuais e espontâneas
se hajam quebrado em mil pedaços
por lhes faltar o ar.

Nós nos esforcemos por encontrar
uma razão nos plurais
ou em esperar quem no fim
se apropriará da última palavra;
era um facto mais que evidente
que ambos fômos uns náufragos
aprisionados na mesma ilha.

Nem sequer seria justo
dizer que vivíamos num equívoco;
lembra-te dos beijos que derrubaram
o pulso meticuloso da noite
e dos olhares cúmplices
que não precisavam de outro vocabulário

Embora assegures que o amor
não dura toda uma vida
(começo a pensar que tens razão),
pode ser que ao dividir-se o dia

na lonjura
a escassos metros do seu ponto final
ainda fiquem contudo beijos rebeldes
esperando na retaguarda

Pode ser...

MARJOLAINE DESCHÊNES

Poeta e professora do Departamento de Filosofia e Artes da Universidade do Quebec em Trois-Rivières. É autora de vários livros de poesia: L'Eau d'Enser (Éditions d'art Le Sabord, 2002), Exosphère (Éditions d'art Le Sabord, 2004), L'étreinte ne sera plus fugace (Éditions David, 2007) e Comme autant de haches (Éditions du Noroît, 2013). Ela também publicou o romance Fleurs au fusil (La Peuplade, 2013). Publicou seu primeiro romance pela Éditions La Peuplade no outono de 2013.

[SEUS TRAÇOS E SEUS PASSOS]

Seus traços e seus passos
estampados na memória
ela sente-os e faz de criança
alcança imagens enterradas
cola-as nos nossos templos
como tantos eixos
plantados a direito nas paredes

REDESCOBRINDO A SUA ADOLESCÊNCIA

Redescobrimo a sua adolescência
traçando as curvas
e relançando os segredos do amor
para trás e para frente
a todo o custo revivê-los
com paciência
prossiga
e relance

ela vai fazer isso
Os seus filhos e a sua vida
contra um casamento exótico

[DESAPARECIDO]

Desaparecido
Raptado
voou para longe sem mais ritos
ela não teria querido
a cerimônia do corpo
e não esperava entender
o seu desaparecimento
já cedo começado
o cansaço abraçou-a no cume
os nossos primeiros anos
como pálpebras trêmulas
verbo extinto e orações
A minha morte abalou
sem deixar nenhum espaço

CARLOS ALVAREZ

Carlos Álvarez Cruz – Jerez de la Frontera, dezembro de 1933. De família republicana, o seu pai foi fuzilado durante a guerra civil. Mais tarde, passou alguns anos na prisão pela sua oposição ao franquismo, chegando a conhecer o exílio. Esses eventos marcaram profundamente a sua obra poética. Participou na homenagem ao poeta Antonio Machado em Baeza, em 20 de fevereiro de 1966, organizada, entre outros, por Jesús Vicente Chamorro. Foi finalista do Prêmio Antonio Machado com a obra “Escrito nas paredes”. A tradução dinamarquesa desta obra propiciou-lhe o prêmio bienal Lovemanken para poetas dinamarqueses em 1963. Autor, entre outros, dos poemários “O uivo do lobisomem”, “Os poemas do bardo”, “Papéis encontrados por um preso”... A sua poesia, inventiva e frequentemente experimental, tem também claros indícios de empenhamento social.

POEMA

As árvores contemplam-me; os pirilampos
dissimulam a luz quando caminho
e o murmúrio inocente do regato
exprime-se a meia voz e esconde-me algo.
Os vastos pedregais, o fugitivo
espírito do vento, tudo
transforma o seu tamanho, tudo
se transfigura quando passo
- na mão que me denuncia
na voz que me assinala.
Já o sabem
os que açulam os cães, os que preparam
o meu pescoço para o laço de mil nós.
E na forja o ferreiro põe à prova
contra mim a sua arte... os vagarosos muros...
o poço aonde um ciclope invisível
vigiará os meus gestos encadeados...

Porque no fundo obscuro do espelho
não vi só o meu rosto ao desnudar-se
quando à noite me olhei;
nele não estavam só
o meu golpe de garra e o seu uivo de gozo
a deleitar-se co'a intriga: um olhar de susto
recordo que também ali havia
e uma rápida fuga
que me cobriu de quartzo...

E me cravou esta lápide no peito.

CANÇÃO DO PESCADOR

As redes tenho-as eu cheias
(mas as mãos estão vazias)
Que as redes são do meu amo
e as mãos são minhas.

Que deserto estava o mar
debaixo do anoitecer!
Com o seu suor o enchem
os que no mar vão morrer.

E que escuro estava o campo
hoje pela madrugada!
Com estas mãos chamaremos
toda a luz da alvorada.

Quando terás tu a terra
e o mar por pão?
Tuas as barcas e as redes
firmes na mão?

OS DIAS QUANDO NASCEM SÃO OS MESMOS

Os dias, quando nascem, são os mesmos.
Nenhum presságio anuncia o que se esconde
e espreita pela sua cobertura.
A luz do sol que invade lentamente
os objetos, o sonho,
vai despovoando o túmulo de imagens
Diário
onde um lento cansaço nos avisa
muito pontual e teimoso a cada ciclo
do retorno final ao seu começo,
o sol,
nunca é uma garantia da luz plena,
satisfação alcançada, trabalho preciso,
viagem brilhante.
Porque no final do dia existe a morte,
e, no meio, as palavras antigas
aquela marca como fogo,
que gostam do veneno que nos enevoa ...
e a lua ...
e a lua, meu amor, assalta-me por vezes
vinda do espelho mais inofensivo,
(se houver um espelho que possa ser sem culpa)

e do canto onde dorme uma árvore.
(se houver uma árvore sem um galho balançando).

PARA MIM NÃO HÁ LUGAR

Não há lugar para mim. O homem tem isso
de comum entre os homens, como o lobo
o tem na sua ninhada.
Todos sabem o porquê e o onde
da sua raiz semeada ...
e o canal do seu impulso, e como dar ao vento
a vela desdobrada
dar ao filho um dia distante
a tocha levantada
e gentilmente apoiar a sua cabeça
maculada no seu travesseiro.
Só eu fiquei sem uma resposta
sobre a encruzilhada
onde na luz mais branca da noite
a pegada é notada
de um homem que mata, e de um lobo
de inocente mirada.

GÉRARD CALANDRE

Gérard André Loison Calandre nasceu em 1954, na Bretanha, França. Viveu na Itália, leccionando na cidade de Messina. De formação científica, tem-se mantido afastado do mundo das Letras. Autor do livro “Vestígios”, traduzido por NS e de textos esparsos sobre o seu ramo profissional e, ainda, o tomo work in progress “No Outro Lugar”. Visitou Portugal em 1992 e 1997. Após o falecimento de sua mulher foi viver para o Canadá francófono.

NOTÍCIA

Ao declinar da tarde chego à cabana velha
de muitas gerações. O silêncio deixa-me respirar.
As paredes ainda são as mesmas. Grandes manchas

de humidade, a luz de astros distantes, a presença
de pássaros desconhecidos. Os meus pensamentos que
iniciam a ronda das sombras. Era um dia era uma hora
propícia de repouso, de vozes como antigamente.
Coisas construídas e eu estou aqui
ladrar de cães entre as árvores. Eu vejo
mais do que a luz, as linhas leves dos montes.
Desce neles o perfil divino da terra molhada.
As estações na ombreira da porta Raramente lembramos
os lugares como um livro que se abre Horizonte já
inacessível.
O primo pequeno o calção sujo de terra Fotografias
pacientemente dispostas sobre a mesa de madeira
Sem detença me abandono Veredas perfumadas flores voando
pulsa lento o sangue junto ao esqueleto

Neste chão vos imagino calados como outrora
vida sem desenlace o fogo que se desenrola
amei em vós o fulgor do coaxar das rãs
o alfabeto sensível do que a escuridão me dizia.

Devagar. Deus dá-se por satisfeito espreguiça-se
no sereno entardecer. Devagar digo de mim para mim
Longa criatura arfando na terra nas horas que passam.

Abro a porta, aguardo a quietude abro a saída
uma chuva mais frágil entre duas águas que se reúnem.

A ROTA

Um mapa Encontro um mapa sobre a secretária
um mapa escolar dum colega de meu filho
A secretária A velha mesa de meu tio Vicente
Meu tio Vicente escrevendo nela cartas receitas de mercador
Lia o jornal inclinado para trás arrotava
descobria misterioso mistério da aragem nova
as moscas zumbidoras Vagas résteas de sol a pino
Acrescentava frases num murmúrio inaudível

Tio Vicente escrevinhavaera um santíssimo chato
Um beijo tio Vicente

Um mapa Olho cidades ao longe Vejo rios
que se desdobram ao amanhecer
Vejo florestasluzesrenques de ruas
Regresso a esta sala E em voz baixa
olho a ombreira da porta Tiro o pigarro Prossigo.

UMA SOBRE O AVÔ

Aos que falam em alemão e repõem conceitos
aos que num bar silencioso recordam outras eras
aos que, num dia de sol, sentem o frio das horas
e tremem tremem mesmo quando o calor aperta
Aos que balbuciam e aos que adormecem quando chove
aos que anunciam a morte a vários graus de distância
Aos que medrosos esperam e sabem para onde partem
e brilham noutro lugar e velam subitamente o silêncio

Ele ficava por vezes muito quieto
Arfando confiando nas coisas interrogativo
Comendo dormindo recreando-se habilidosamente
Com os dedos pacientes executava tarefas
exíguas e belas, estranhamente impetuosas
Ele olhava para longe e florescia como o calcário
Quando a música começava tinha por vezes sede

Aos que nunca souberam aos que nunca gravitaram
em suas atmosferas e seus ritos

Ficava com a brancura duma voz que o chamava
O Avô devagarinho ia para outros horizontes.

BARCO

Ando cada vez mais distraído.
Não têm conta as vezes que extravio
a carteira, papéis formais ou informais
quanto a poemas versalhada então nem é bom falar
Chamaríeis a isto velhice? E que dizer
dos nomes que troco, dos equívocos a que dou lugar?
Mas afinal só há pouco passei dos quarentas
O bom cabelo escuro não dá mostras de levantar ferro
então que será?
Verdade se diga
que também me ocorrem muito melhor os trechos
de muita gente que li outrora e alguns bem puxados
olho de mocho olho de foca olho de avejão
Coloco o sobretudo em cima numa cadeira e reparo
as coisas da casa desta e de outras não minhas
parece que estão numa outra luminosidade
olho de galo olho de rena olho de cavalo
a geada passa não tem efeito na paisagem
esqueço-me e talvez que isso seja um bem.

A minha perna começa a deixar-me em paz
ontem li um jornal e nele um deus qualquer adormeceu
olho de vaca olho de cão olho de pássaro
Um meu amigo que escrevia para uma revista está bem pior
ficou como um torso integral depois dum grande tombo
Mas dizem-me não debes chamar o Sebastião
a Jean Sebastian Baché má-criação
denota um à-vontade malcheiroso para com os génios
Mas esqueço-me e digo o Sebastião
se pergunto por um disco dele a um familiar
Como compreender tudo isto? Como desfazê-lo?
Olho de coruja olho de bode olho de galinha

E, não me dirão, como conquistar os tempos?
Como esquecer que a amargura é mesmo assim virtual
olho de mula olho de abutre olho de qualquer coisa

que nunca se teve, não se terá, nem mesmo se inventa.

UM BONECO DESENHADO POR UMA CRIANÇA

Há algures qualquer coisa que nos escapa
Este nariz que se retrai Uma perna que esvoaça
Um algarismo desenhado Não é bem algarismo
É uma pequena estrela
Estrelinha do norte repara bem
este é o braço para muitas idades
a idade do sul e do oeste
as mãos que são plantas nocturnas
Muitos anos mais tarde alguém encontrará
o papel amarrotado numa gaveta perdida
Olha é a cara do primo Florêncio
Florêncio é um velho Sorri
O seu olhar fica saudoso Por um momento
Por um momento tudo fica parado e incólume.

SOBRE UM QUADRO DE VELASQUEZ

Em vida tinhas tudo, menos a morte.
Agora, estás completo. Em figura
em pedaços dispersos nos muitos olhos
que te visitaram já no esquife
ou através dos séculos. Completo
como um risco no céu, ou um canto
que alguém entoia ao amanhecer. Completo
como a tinta o escuro a própria madeira
Toada pouco a pouco desfazendo-se.
O teu quarto, a tua roupa, os gestos
que fizeste durante a pose destinada
vivem no mundo por detrás de ti
no mundo que ora há ora não há por detrás de ti
Desaparecem. E na rua
que o pintor calcorreava todos os dias
existirá ainda a tua memória
uma interrogação, talvez uma dúvida?

A prova é que não falas, ou então tudo dizes
Leve rasto de fumo inscrito nos anos perdidos.

VESTÍGIOS

Na Rua do Touro, ao pé das escadinhas
que antecedem a grande descida da praça do Tribunal
entrei por uns minutos no livreiro-antiquário
Às vezes vejo-me ali como que em séculos passados
Palaciano se calhar aproximo-me com a boca aberta
Restos de sono vontade louca de ler comichão
E diz-me o proprietário nos seus tempos um belo compincha
E ao dizer-me, não vou repeti-lo, mostra-me uma folha de papel
não de árvore verbena teixo das Índias eucalipto
Era um manuscrito de Manzoni
Só deus sabe como lhe teria ido parar às mãos
A letra muito firme as ideias límpidas um ar de quem
lavava as mãos simpaticamente depois de obrar
Tudo se conjuga
Tudo se irmana mesmo em casos particulares
linhas interseccionando-se quebradas abatidas
de rostos de passos que se perderam de motivos
Uma escrita articulada entre si e rigorosa
obedecendo bem a leis exactas e ao eventual aparo

Pouco depois no Café olho algumas folhas onde tracei
afirmações, ou dúvidas, ou restos de música retórica piolhenta
perdão um solfejo de palavras que afinal me dizem muito
letra mal acabada que pena um pouco rasca
emendas riscos agudos e graves e o papel amarfanhado

Por vezes seremos obrigados a escrever dissonâncias
mas faz favor não tenho o jeito dos séculos
o amplexo mesmo a lisura e isso me custa
Neste debate gramatical a que eu mesmo presido.

DESENHO

Eu só escrevo coisas que me acontecem.
Falo dos candeeiros que acendi, das rotações
da Terra. Assim, por exemplo: ergo a mão
aponto na direcção daquela estrela, engano-me

será estrela, planeta, evasão na retina
mancha noturna num sistema provavelmente oculto?
A lembrança dum passeio junto a uma ribeira
Engano-me, era um pássaro voando, voando no céu obscuro
engano-me, era outra recordação, filme olhado de relance
conversa num lugar profanado, impenetrável miragem
Engano-me, era um momento possivelmente perdido
Eu só falo de coisas que jamais sei pertencerem-me

Engano-me, o nosso olhar não está aqui
a verdade conhece-se descobriu-se em si mesma muitas vezes
engano-me agora só existe o dom da obscuridade
Mas engano-me tudo é claro, nada é claro, somente

um nome, como a cinza, cresce e ilumina a manhã.

DUSAN MATIC

Dusan Matic nasceu em Cuprija, Sérvia em 1898. Estudou filosofia em Belgrado. Começou a escrever em 1923. Foi um dos fundadores do Círculo Surrealista de Belgrado e, amigo íntimo de André Breton e Juan Miró, pertencia no sentido espiritual aos surrealistas franceses. Autor, entre outros dos livros Bagdala: poemas, Os dados estão lançados, Noite acordada, Segredos das chamas. A influência de Dusan Matic na poesia sérvia é notável.

AMANHÃ NOVAMENTE

Eu sei o que me espera
Uma carga de terra escavada
Não, não importa, eu nem vou saber
Não vamos falar sobre isso.

Não é amanhã
Este não é o momento que inevitavelmente está a chegar
E cheio de velas e flores leves
Não é a eternidade que é mais rápida que o som e
Mais rápido do que uma estrela: um raio que de repente
Liga todas as lâminas de sangue.

Eu sei o que me espera
Não vamos falar sobre isso.

Não é amanhã
Amanhã é de novo e de novo e de novo
Amanhã é a maré que borbulha de novo
Amanhã o banco estará no parque novamente de qualquer maneira
Acima de um cemitério que ninguém suspeita
Sim, há relva sob o relvado
(A equipe de arqueólogos vai chegar tarde novamente
Só depois de amanhã)
Os nomes do nosso esquecimento foram apagados há muito tempo.

Eu sei o que me espera
Uma carga de terra descartada
Não, não importa, eu nem vou saber
Não é amanhã.
Amanhã a casa é nova
A casa já esta velha
Escada suja
O fedor da sala
Uma casa com uma parede cinzenta-amarelada
Com uma parede cheia de palavrões e nomes.
Amanhã a casa está velha
Com parede caiada
(Canção da manhã)
Com uma parede tão diferente que afinal a parede fica
do outro lado da rua
Tanto que não é tão durável, afinal.

Amanhã é o sol e o desespero
Desespero e o sol.

Eu sei o que me espera
Cinzas a serem levadas pelo vento
Não é amanhã
Não é a hora que inevitavelmente está a chegar.
Amanhã é o mesmo sofrimento e palavras aleatórias
o capitão Nemo que fere

Amanhã é o mesmo mar que o mesmo
Ele repete
Amanhã é uma nova risada e uma nova alegria
Amanhã é vinho hoje

Amanhã o quarto é novo
Alguém está nele a chorar
Amanhã é o quarto dois
Nele, outra criança canta uma velha canção
Para entender de cor, aprende
Amanhã é o quarto três
No espelho acordado e cego
Sonhos de ombro nu
Amanhã é uma rua sem medo
Amanhã é um café com terraço tranquilo
Amanhã é um campo que não tem fim
Amanhã é um momento de frágil chegada.

Amanhã são pessoas que carregam um clima frágil
Amanhã eles estão mortos que supera os mortos amanhã.

Amanhã é desespero e o sol
Desespero e o sol.

Amanhã é um novo sofrimento e palavras acidentais
Eles alimentam-te
Amanhã é um novo mar que está a envelhecer
Repete ele.

Amanhã é a mesma risada
A mesma alegria.

Amanhã é vinho hoje

Eu sei o que me espera
Esquecendo de me absorver sem deixar vestígios
Não, não importa, eu nem vou saber
Não vamos falar sobre isso
Amanhã é a hora inevitável dessa frágil vinda

Amanhã, as pessoas estarão frágeis porque inevitavelmente
carregam o tempo
Amanhã é esquecer o que transcende o esquecimento de amanhã.

O amanhã já está aqui entre nós hoje.

PARA NOMEAR AS SOMBRAS DAS ESTRELAS

Mais
Tu tens

Apenas
Palavras quebradas e mortais

Apenas
Carne frágil e mortal

Toda a vida para defender
Do lavar da morte.

E um cadáver quando o seu
Eles enterram no deserto na areia
Vencedores de amanhã com olhos castos e alegres
E eu sou cruel. Sem sombra.

Sim, as estrelas são planaltos e
Na areia movediça da morte.

Nos espelhos violentos e permeados da morte.

ANTES DA TEMPESTADE

Deixa a noite ser o que tu queres que seja de novo
Eu não sei mais nada
Eu não entendo nada
Até a noite quando chega áspera e resinosa
Noite e noite e noite.

Um lugar de ouro e mal e bem e uma parede de desespero
O que não significa que eu bato com a cabeça a cada hora
Um êxtase sem personagem, uma razão sem choro
Pela longa noite que está a chegar
Olha e pareça ridículo e engraçado para sempre.

Exceto pelo sangue que flui entre a dor de todos e a dor de todos
Não há excedente para medir a sua profundidade.

Esquece a sua memória esquece o seu esquecimento
Como um viajante disperso, estarei numa estação desconhecida
Uma ponte ferida pelas feridas do mundo estende-se por entre
essas ruínas
Sobre aquele horror e lama
Onde o hábito da luz é quebrado numa lágrima não redimida.

Lá na clareira daquele horror sem fundo para assistir e dormir
Frágil no sótão e sozinho
A insolência não me ajuda em nada.

O RIO VAI CORRENDO

Deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os vestir o que vestem
eu não estou aqui para vender bocejos para chorar
ilusões perdidas
sobre abismos abertos
Eu não sou uma pessoa que descreve todas
as tarefas de que eu gosto
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os carregar a lama
deixa a rosa da consciência descansar pacificamente sobre a mesa
para esse
tempo
em cada cabelo cada estrela aparecerá tarde
enquanto os pés das crianças se derretem em campos tão largos
como
a primeira neve
e a centopeia agarra as sombras caindo sobre a parede

e a relva cresce acima da tua testa
a relva do esquecimento ou a relva das memórias não importa
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os lavar o sangue
a relva do esquecimento ou a relva das memórias é tudo isso
que ainda resta
deixa os rios fluírem, deixa-os levar amor
deixa os rios sonharem até eu chegar ao fim
deixa-os fluir ao redor da estátua mais belos do que a carne do lilás
mais belos do que o tempero silencioso da lua podre
mais belos do que o sussurro silencioso de uma lua assustadora
deixa a tesoura da dor vaguear sobre aquelas clareiras
ao luar
luz da lua nua luz da lua estéril
é melhor eles vaguearem aqui onde a lua gelada aquece
do que nos quartos onde os amantes recém-adormecidos dormem
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
cheios
de luar
deixa a tesoura da dor e os arquivos da dor vaguearem
para atenuar as palavras afiadas e ásperas que surgem como
cargas dessas camas de fogo e de cabeça para baixo
no paraíso
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os vestir o que vestem
deixa-os sussurrar para os solitários ao longo das bordas
deixa as cidades andarem de mãos dadas
eles cortam a respiração e colocam o pé debaixo dela
e de tudo o que te importa
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os carregar a lama e a dor
quem és tu para levantar a mão atrás do braço da consciência
sobre a mesa
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
quem és tu que gritas melancolicamente e ninguém dá a sua
cabeça
que se virou
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os carregar ouro e dor
quem és tu para tecer armadilhas em torno de castelos

onde morrem os pombos
tu gentil e desconhecido
quem és tu para olhar tanto para a estátua
mais mortal do que o cheiro dos jacintos
todas as agulhas arrancadas da carne dolorida que não existe
e encontrou as suas esperanças na encruzilhada onde
de tarde o vento sopra e onde não há sinal
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
entra na primeira casa, vira à esquerda e segue ao longo do
corredor
e abre bem ali
a primeira porta
deixa as palavras fluírem, deixa as palavras fluírem, deixa as
palavras fluírem
de uma para a outra para a terceira e assim por diante na última
onde a janela está aberta tu encontrarás um gongo
ignora tudo o que puderes
escuta
nada
bate novamente no gongo com toda a força
ouvirás boas risadas que se te destinam
apenas não brinques na janela não brinques
nos bloqueios
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
e não olhes para trás
na janela, não brinques ao esconde-esconde
olha apenas: algo está sonhando ali
quanto dessa morte está escrita e cuja morte está nos cegos
olhos da estátua
não brinques ao esconde-esconde na beira da janela
uma tontura é tão fácil quanto o são as palavras
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa as palavras fluírem, deixa as palavras fluírem, deixa as
palavras fluírem
o que é uma noite numa sala vazia ao lado de um gongo
em que tu bates incessantemente
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
para quem são todas as noites e ela a NOITE
que os abrange a todos

sem sombra sem maquilhagem na copa da manhã vai cantar
o PÁSSARO
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa-os carregar o amor
e o que é uma noite esperando as medidas
ainda mais uma vez a espera é
mais rápida do que o contar
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
que eles levem os céus com eles, que eles levem os seus próprios
tabuleiros
ou seja, nós
tu simplesmente ouve o pássaro e ri desse vermelho e
ouve de repente
os risos dos lábios da estátua que eles perderam
para olhar antes de eles saírem da praça ao redor
da meia-noite
risadas boas e a ti destinadas
perdeu-se o significado caloroso e simples da palavra que irá
hoje para repetir mecanicamente
um significado caloroso que apenas as crianças terão na frente das
vitrines
começando hoje antes de ir para a escola, sim
eles entendem
deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem, deixa os rios fluírem
deixa as palavras fluírem, deixa as palavras fluírem, deixa as
palavras fluírem
em cada cabelo cada estrela tarde aparecerá

e uma estrela tardia em cada palavra que aparece.

JULES MOROT

Jules Auguste de Minville Morot nasceu em 1973 em Alc-le-Courtnay. Poemas dispersos em jornais e revistas, nomeadamente interactivas, depois agrupados e dados a lume sob o título Le mardi-gras (alguns dos quais saídos em Portugal na DiVersos – revista de poesia e tradução. Em prosa deu a lume La chambre engloutie, relatos e reflexões novelizadas de que extractos saíram na Agulha Revista de Cultura, dirigida por Floriano Martins. Licenciado em biologia marinha, exerceu o professorado. Depois da

morte de seu pai tomou conta do ramo (criação de vinhos) em que sua família fez tradição.

MOZART

Leem-se os gregos
suecos, alemães
ou a doce língua
de não sei quantos
de não sei que imóvel pedaço de página
claves de sol
talvez o latim o alano o islandês
e é sempre a mesma música
sempre como um veio numa flor grossa obscena
Diz um alfinete diz outro
um parafuso
pois sim
uma fina difusa coisinha semimorta
semideitada
semicerrada
uma inteligente coisa muda
maior que um tiro na orelha
pois não
uma espécie de porta
de dor discreta.

Meu bom senhor
Olhai
nos prados nas tabernas
nos ermitérios
nos armários
um rasto de cão

Nos óculos do primeiro violino
tudo desaparece.

Tendes vós sono, desejo
de novas estações? Tendes florins?

Tendes, acaso, em dias
já passados
mãos musicais, sinais
de outras mortes?

O URSO GANIMEDES

Ele levanta-se
coitado dele
e nós sentimos aquele arrepio inquietante
da sexta-feira ligeiramente escura
Cristãos comunistas desportistas consumidores de alcachofras
e mesmo outros de crâneo em silhueta contra a luz da lua
no meio do frio glacial do continente antártico
se bem me entendo financistas agentes de câmbio
comerciantes ruidosos alunos de artes polícias
personagens que fazem navegar os barquinhos nos tanques dos
seus
jardins da infância
Velhos capões
Notamos dizia eu ou melhor notam vocês os que
ainda por aí têm sonhos
a sua poderosa silhueta de comedor de bagas de zimbro
de fruta da época se a conseguia apanhar
de uma perna descarnada de montanhês
nos tempos da grande solidão feliz

O urso que outrora ia de Somner Valley a Livingston pelo meio
das gramíneas das faias das nogueiras até às primeiras encostas
da grande montanha verde e negra

*

O meu urso
suave como um lilás
como um carvalho das Ardenas
sem saber ler sem saber escrever
O de muito perto da terceira subida nas Rochosas
ou mesmo da quinta ou da sétima

lá onde havia entre os abetos seculares um pequeno
lago sonolento
e se dizia que por ali emigrantes antigos tinham rebentado
no inverno coloquial de Wyoming evocado em Toulouse

Aquela senhora conferencista de boa perna dava-me volta ao miolo
Até me fazia sentir câmbrias
de Santa Fé a Colorado Springs
o meu urso meu é claro ainda que de mil transeuntes contentinhos
Aquele que virando a cabeça erecto nos faz recordar o Quaternário
na sua imensa estrutura de velha fera indolente.

O Ganimedes
calmo empregado entre funcionários engravatados
pensa que pelas ruas faria dar gritinhos às raparigotas sem cuecas
a moda mais na moda de agora imaginem vocês
a sua companheira ursa perdida com a barriga ao léu

*

Ganimedes
No Zoo parisiense ele é um senhor cheio de categoria
mau-grado o seu silêncio habitual
chegam a atirar-lhe maçãs muitos lhe lançam
amendoins ou nozes de Agosto
e avelãs e até um maço de cigarros amarfanhado

O meu urso
Primo do meu primo Ribonard e dum grandalhão
mais tosco que a rocha Tarpeia
taberneiro merceeiro em La Jolle onde eu ia com o tio Lenôtre
comprar botas de caçador de perdizes
de cigarrinho mais que malcheiroso sempre ao canto da bocarra
sempre ensopado em branco e aguardente barata.

Ganimedes
sob o luar e os planetas libertos aguarda o momento de estoirar.

COMOÇÃO DE NATAL

Eu sou um espião mais que perfeito
os olhos as mãos a silhueta
tudo o que fui aprendendo tudo o que esqueci
tudo quanto Senhor vi depois da vossa morte
até as colheres de madeira e o prato grosseiro
ao jantar
ao começo da noite
mesmo as peúgas esburacadas do meu primo
mesmo a camisa esfarrapada do meu pai
os alegres e tristes olhos da minha mãe
e quanto compramos sem pagarmos
e sem um deus lhe pague

Tudo isso guardo no meu coração.

Nas noites nos dias da minha adolescência
quando a meditar me sentava
na pedra pintada de branco
no meio da horta da pequena Armandine
que me ofertava castanhas cozidas quando era tempo de Outono
e me limpava o rosto com um lenço de linho
olhando o meu suor de sangue.

Tudo isso é o meu tesouro
caro Senhor para si e para os vossos anjos
para os vossos assistentes na floresta do céu
para os notários de vosso augusto Pai
sem esquecer o garoto que vós fostes
e mesmo o mendigo que vos ajudou
a montar sobre o burrinho
que vos levou até à porta Susa
naquele dia da Páscoa.

Assim, Senhor, perdoai-me
as minhas faltas
as minhas repentinas alegrias
os meus silêncios estranhos
e todos os poemas que foram só pensamento.

A O. HENRY

Fizera-se-lhe luz no espírito
e ele deu a palmada uma maquia de centenas

O seu botão de colete p'ra nada mais lhe servia
na sua cela ele olhou-o atentamente
deu-se a esse trabalho
erguendo-o entre dois dedos o indicador e o gordo polegar

Cosera-lho nos velhos tempos a mulher
numa tarde feliz de bourbon e de beijocas benditas

Ele desconfia desconfia e todavia
muito ficara por resolver
talvez uns diamantes uns relógios umas correntes de ouro
mas nada lhe interessava já tivera necessidade
de madrigais e de algumas moedas sonantes
E tudo foi simplesmente desta bonita maneira

De muito mais coisas necessitamos nós
os seus velhos companheiros de passeatas por vilas barulhentas
de muito mais necessitamos nós
seguramente apenas pelos tempos sem data marcada

Amor amizade flagrantes delitos de mocidade
de muito mais necessitamos nós
e o mundo chega e apenas traz algodão sórdido nos bolsos.

O BESOURO

Soa lá fora
espalha-se pela casa
no calor das árvores que aguardam
o mais curto caminho
humano na direcção do ribeiro
o besouro o seu som de campainha
de sineta
astucioso repicar e logo

lembranças vagas na tarde
pequeno fio de memória nos nossos ouvidos
e é exacto um esvoaçante ser que em rodopios
perpassa
por sobre os roseirais
a sombra hirta dos sentidos.

Um harpejo
de violinos no nosso olhar reflectido
nos vidros
de hoje e amanhã
Agora um gesto um balbuceio
um simples animal de metal furando a tarde
seguro bem seguro
do seu talento da sua carne temporária
lembrança de céus distantes
de anos repassados de poeira
de roteiros felizes.

PARA GAZA

Gaza a bela, Gaza a pobre
deitada nas mãos obscuras do Hamas
como crianças israelenses nas colinas de Haifa
sem braços sem pernas
mutiladas por um foguete ou um morteiro
de homens que simulam amar Alah
enquanto outros na Europa fingem amar a Cristo
de modo que novamente erigem paredes entre a liberdade
e o sabor de um figo na Samaria ou Palestina.

Eu lamento os teus mortos que o fanatismo desejava
oculto como a mentira entre crianças e mulheres
que comeram o pão e trabalharam nas hortas
e brincavam jogavam fora das madrassas
onde se roubam as palavras de ódio
para que eles então percam as suas almas
sob as bombas dos aviões
para o benefício de Allah, os governantes

Gaza tu serás livre um dia
livre como o ar da floresta
e do deserto

Em tua homenagem eu como este figo humilde
um pobre figo de supermercado
e tomo uma taça de bom vinho
como se honrasse um futuro casamento
de um árabe e de uma bela judia.

O LUTO A ALEGRIA

Os amigos que estão
no seu pé de página
como em caixão florido
pelos tempos futuros
têm de nós o gesto mais perfeito –
um sorriso transido mas mesmo assim
verdadeiro
e muitas mãos para afagar lembranças
e muitos dentes luzindo para criar o verão
e muitos olhos em repouso para dizer que é tarde
e muitos gritos para dizer que é cedo
e que é a hora de acordar
e de dormir porventura
e de bailar entre as árvores
e de correr entre as sombras
e a luz que elas provocam
e de sofrer um pouco
um pouco ainda
como crianças sem remorso sem dor sem amargura
de novo em viagem
sem efígie sonhada
e já desaparecida.

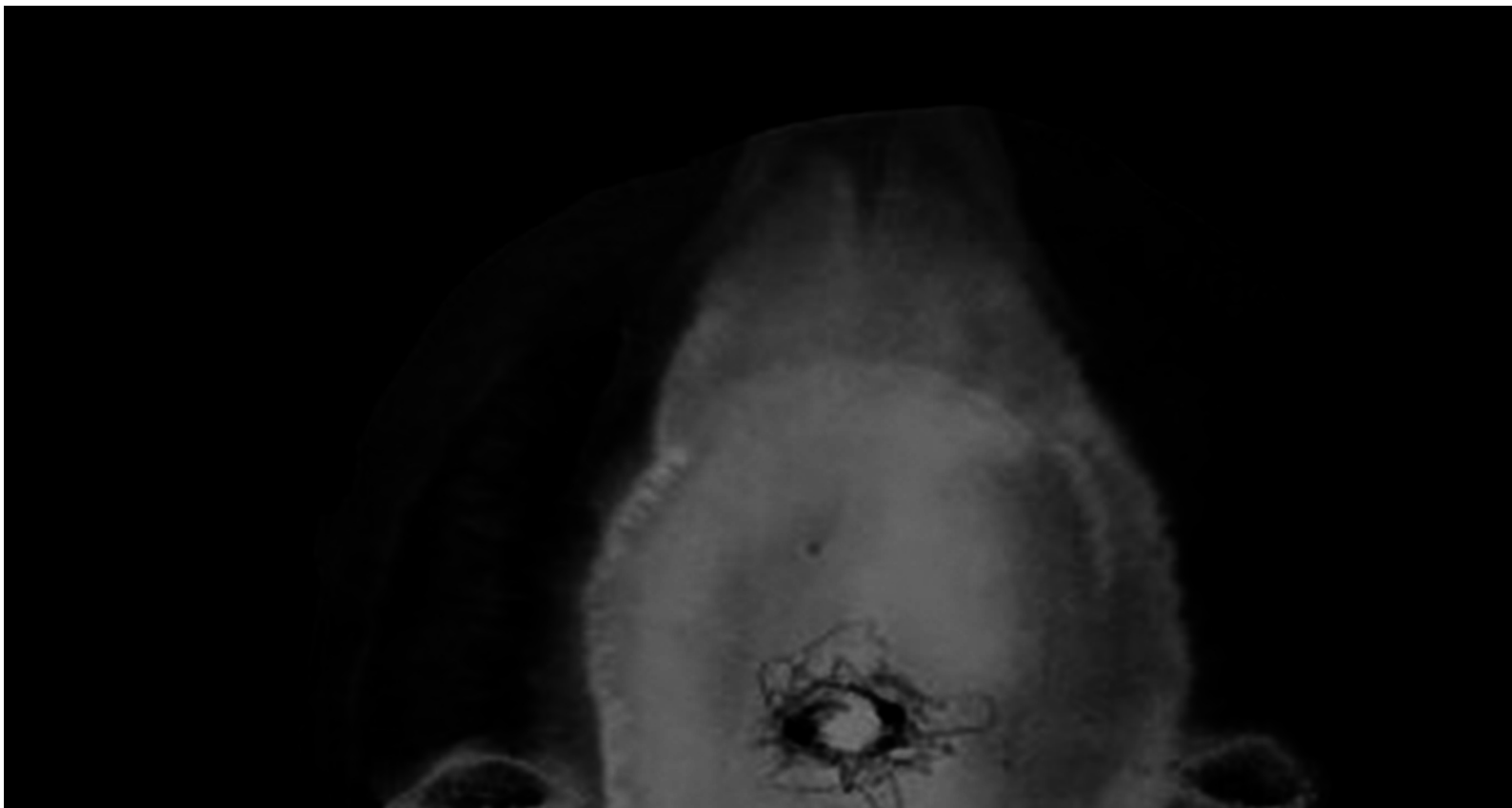


Sobre el autor

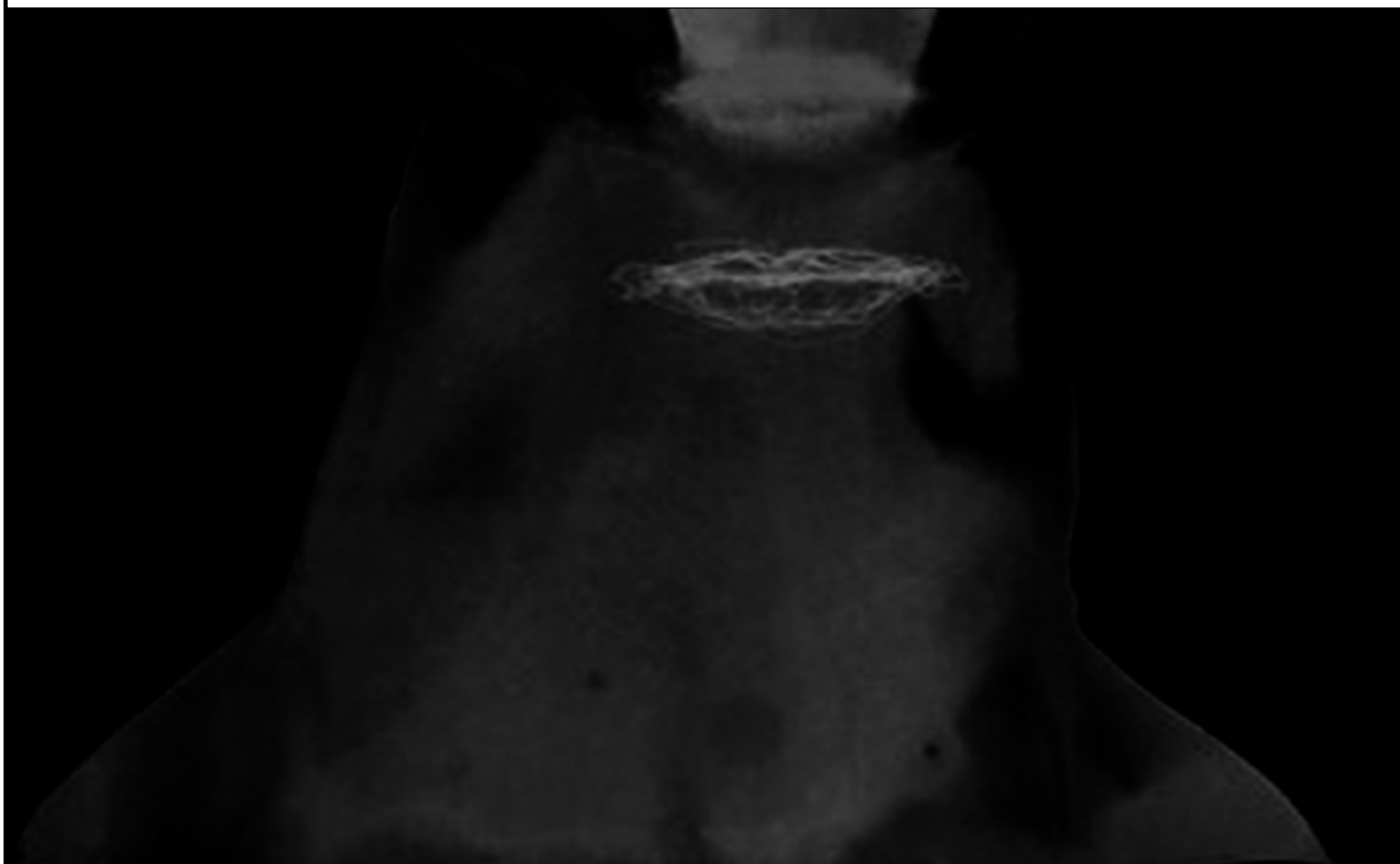



SOBRE O AUTOR

NICOLAU SAIÃO (Pseudónimo de Francisco Ludovino Cleto Garção, Monforte do Alentejo- Portalegre, 1946). Participou em mostras de Arte Postal em países como Espanha, França, Itália, Polónia, Brasil, Canadá, Estados Unidos e Austrália, além de ter exposto individual e colectivamente em lugares como Lisboa, Paris, Porto, Badajoz, Cáceres, Estremoz, Figueira da Foz, Almada, Tíblissi, Sevilha, etc. Em 1990 a Associação Portuguesa de Escritores atribuiu o prémio Revelação/Poesia ao seu livro “Os objectos inquietantes”(1992). Autor ainda de “Assembleia geral” (1990), “Passagem de nível”, teatro (1992), “Flauta de Pan” (1998), “Os olhares perdidos” (2001), “O desejo dança na poeira do tempo”, teatro (2008), “Olhares perdidos”, antologia (2007), “O armário de Mídas”, (2008), “As vozes ausentes” (2011), “Escrita e o seu contrário”(2018). Prefaciou os livros “Mansões abandonadas” de José do Carmo Francisco, “Fora de portas” de Carlos Garcia de Castro, “Estravagários” de Nuno Rebocho, “Chão de Papel” de Maria Estela Guedes e “Vestígios” de Gérard Calandre, que também traduziu. Fez para a “Black Sun Editores” a primeira tradução mundial integral de “Os fungos de Yuggoth” de H.P.Lovecraft (2002), que anotou, prefaciou e ilustrou, o mesmo se dando com o livro do poeta brasileiro Renato Suttana “Bichos” (2005). Organizou, coordenou e prefaciou a antologia internacional “Poetas na surrealidade em Estremoz” (2007) e co-organizou/prefaciou “Na Liberdade – poemas sobre o 25 de Abril”. Com Mário Cesariny e Carlos Martins, colaborou na efectuação da exposição “O Fantástico e o Maravilhoso” (1984) e, com João Garção, levou a efeito a mostra de mail art “O futebol” (1995). Concebeu, realizou e apresentou o programa radiofónico “Mapa de Viagens”, na Rádio Portalegre (36 emissões). O cantor espanhol Miguel Naharro incluiu-o no álbum “Canciones lusitanas”. Tem colaborado em espaços culturais de vários países. Em 1992 o município da sua terra natal atribuiu-lhe o galardão de Cidadão Honorário e, em 2001, a cidade de Portalegre comemorou os seus 30 anos de actividade cívica e cultural outorgando-lhe a medalha de Mérito Municipal.




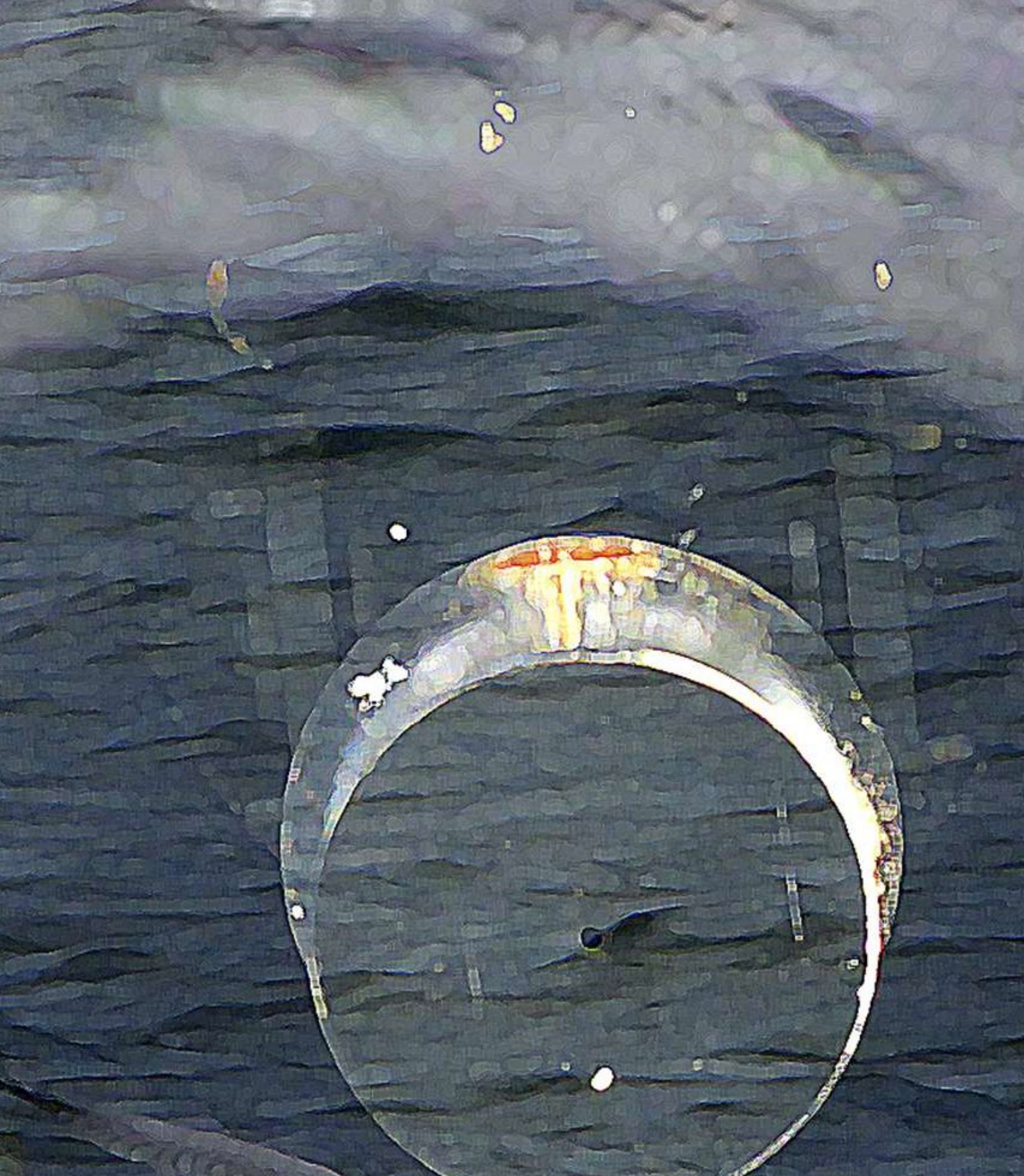
As novas vozes , de Nicolau Saião ,
se terminó de ensamblar en diciembre de 2025. En su composición
se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion Pro, Garamond Premier Pro:
10, 12, 14, 18, 24, 30.





2025





Colección Libros Imposibles

